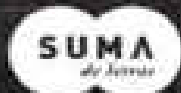


J. A. REDMERSKI

AUTORA DE **ENTRE O AGORA E O NUNCA**

NA COMPANHIA DE ASSASSINOS **LIVRO 2**

O RETORNO
DE *Trabel*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J . A . R E D M E R S K I

NA COMPANHIA DE ASSASSINOS LIVRO 2

O RETORNO
DE *Izabel*

Tradução
Michele Vartuli



Copyright © 2013 by J. A. Redmerski

Todos os direitos reservados, incluindo a reprodução total ou parcial em qualquer forma.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Reviving Izabel

Capa

Marianne Lépine sobre layout original

Imagem de capa

www.ervinusman.co.uk/ Getty Images

Copidesque

Isabela Fraga

Revisão

Pedro Staite

Carolina Rodrigues

Eduardo Carneiro

Editoração eletrônica

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R251r

Redmerski, J. A.

O retorno de Izabel [recurso eletrônico] / J. A. Redmerski; tradução Michele Vartuli. –

1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

recurso digital (Na companhia de assassinos; 2)

Tradução de: *Reviving Izabel*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

227p. ISBN 978-85-8105-297-7

(recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vartuli, Michele. II. Título. III. Série.

15-22507

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

CAPÍTULO UM

Sarai

CAPÍTULO DOIS

Sarai

CAPÍTULO TRÊS

Sarai

CAPÍTULO QUATRO

Sarai

CAPÍTULO CINCO

Sarai

CAPÍTULO SEIS

Sarai

CAPÍTULO SETE

Sarai

CAPÍTULO OITO

Victor

Sarai

CAPÍTULO NOVE

Sarai

CAPÍTULO DEZ

Victor

CAPÍTULO ONZE

Sarai

CAPÍTULO DOZE

Sarai

CAPÍTULO TREZE

Victor

CAPÍTULO CATORZE

Sarai

CAPÍTULO QUINZE

Victor

Sarai

CAPÍTULO DEZESSEIS

Sarai

CAPÍTULO DEZESSETE

Victor

CAPÍTULO DEZOITO

Sarai

CAPÍTULO DEZENOVE

Sarai

CAPÍTULO VINTE

Sarai

Fredrik

Sarai

CAPÍTULO VINTE E UM

Sarai

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Sarai

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Victor

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Victor

Sarai

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Sarai

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Victor

Sarai

CAPÍTULO VINTE E SETE

Sarai

Victor

CAPÍTULO VINTE E OITO

Sarai

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Izabel

CAPÍTULO TRINTA

Izabel

CAPÍTULO UM

Sarai

Já faz oito meses que fugi da fortaleza no México onde fui mantida contra minha vontade por nove anos. Estou livre. Levo uma vida “normal”, fazendo coisas normais com gente normal. Não fui mais atacada, ameaçada nem seguida por ninguém que ainda queira me matar. Tenho uma “melhor amiga”, Dahlia. Tenho a coisa mais parecida com uma mãe que já conheci, Dina Gregory. O que mais eu poderia querer? Parece egoísmo desejar qualquer outra coisa. Mas, apesar de tudo o que tenho, algo não mudou: continuo vivendo uma mentira.

Deixei amigos na Califórnia: Charlie, Lea, Alex e... Bri... Não, espera, quero dizer Brandi. Meu ex-namorado, Matt, era abusivo, por isso voltei para o Arizona. Ele me perseguiu por muito tempo depois que terminamos. Consegui uma ordem judicial para mantê-lo afastado, mas não funcionou. Ele atirou em mim há oito meses, mas não posso provar porque não cheguei a vê-lo. E tenho muito medo de denunciá-lo à polícia.

Claro que tudo isso é mentira.

São os pedaços da minha vida que acobertam o que *realmente* aconteceu comigo. Os pretextos para eu ter desaparecido aos 14 anos e ter ido parar em um hospital da Califórnia com um ferimento a bala. Jamais vou poder contar a Dina, Dahlia ou ao meu namorado, Eric, o que aconteceu de verdade: que fui levada para o México pela péssima versão de mãe que eu tinha, para morar com um chefe do tráfico. Jamais vou poder contar que fugi daquele lugar depois de nove anos e matei o homem que me manteve prisioneira por toda a minha adolescência. Quer dizer, claro que eu *poderia* contar a alguém, mas, se fizesse isso, só estaria pondo Victor em perigo.

Victor.

Não, nunca vou poder contar que um assassino me ajudou a fugir, ou que testemunhei Victor matando várias pessoas, inclusive a esposa de um empresário famoso e importante de Los Angeles. Nunca vou poder contar que, depois de tudo pelo que passei, depois de tudo o que vi, o que mais quero é fazer as malas e *voltar* para aquela vida perigosa. A vida com Victor.

Até hoje, falar o nome dele me acalma. Às vezes, quando estou acordada na cama à noite, murmuro seu nome só para ouvi-lo, porque *preciso*. Preciso *dele*. Não consigo tirá-lo da cabeça. Já tentei. Porra, e como tentei. Mas, não importa o que eu faça, continuo vivendo cada dia da minha vida pensando nele. Se está me vigiando. Se pensa em mim tanto quanto penso nele. Se ainda está vivo.

Pressiono o travesseiro contra a cabeça e fecho os olhos, imaginando Victor. Às vezes, é só assim que consigo gozar.

Eric aperta minhas coxas com as mãos e me imobiliza na cama, com o rosto enfiado no meio das minhas pernas.

Arqueio o quadril contra ele, roçando de leve contra sua língua frenética, até que ele faça meu corpo todo enrijecer e minhas coxas tremerem ao redor da sua cabeça.

— Meu Deus... — Estremeço enquanto gozo, então deixo os braços caírem entre as pernas, afundando os dedos no cabelo preto de Eric. — Caramba...

Sinto os lábios de Eric tocando minha barriga um pouco acima da pélvis.

Olho para o teto como sempre faço depois de um orgasmo, pois a culpa que sinto me deixa com vergonha de olhar para Eric. Ele é um cara superlegal. Meu namorado sexy de 27 anos, cabelo preto e olhos azuis, gentil, encantador, engraçado e perfeito. Perfeito para mim se eu nunca tivesse conhecido Victor Faust.

Estou arruinada pelo resto da vida.

Enxugo as gotas de suor da testa e Eric sobe pela cama, deitando-se ao meu lado.

— Você sempre faz isso — diz ele, brincando, enquanto cutuca minhas costelas com os nós dos dedos.

Como sinto muitas cócegas, eu me encolho e me viro para encará-lo. Sorrio com ternura e passo um dedo por seu cabelo.

— O que eu sempre faço?

— Esse negócio de ficar em silêncio. — Eric segura meu queixo entre o polegar e o indicador. — Eu faço você gozar e você fica bem quieta durante um tempão.

Eu sei e sinto muito, mas preciso apagar o rosto de Victor da minha cabeça antes de conseguir olhar você nos olhos. Sou uma pessoa horrível.

Eric me dá um beijo na testa.

— Isso se chama recuperação — brinco, beijando os dedos dele. — É totalmente inofensivo. Mas você deveria interpretar como um bom sinal. Você sabe o que está fazendo — digo, retribuindo o cutucão nas costelas.

E ele sabe mesmo o que está fazendo. Eric é ótimo na cama. Mas ainda sou emocionalmente muito ligada... viciada... em Victor, e tenho a sensação de que sempre serei.

Só consegui seguir a vida e me abrir a outros relacionamentos cinco meses depois que Victor foi embora. Conheci Eric no trabalho, na loja de conveniência. Ele comprou um saco de biscoitos e um energético. Depois disso, ele aparecia na loja duas, às vezes três vezes por semana. Eu não queria nada com ele. Queria Victor. Mas comecei a perder a esperança de que Victor um dia fosse voltar para mim.

Eric tenta passar um braço ao redor do meu corpo, mas me levanto casualmente e visto a calcinha. Ele não desconfia de nada, o que é bom. Não sinto vontade de ficar abraçadinha, mas a última coisa que quero é magoá-lo. Ele ergue os braços e entrelaça os dedos atrás da cabeça. Olha para mim, do outro lado do quarto, com um sorriso sedutor. Sempre faz isso quando não estou completamente vestida.

— Sarai.

— Oi. — Visto a camiseta e ajeito o rabo de cavalo.

— Eu sei que está em cima da hora — diz Eric —, mas queria ir com você e Dahlia para a Califórnia amanhã.

Merda.

— Mas você não disse que não ia conseguir folga no trabalho? — pergunto, vestindo o short e calçando os chinelos.

— Quando você perguntou se eu queria ir, não ia dar mesmo. Mas contrataram um funcionário novo, e meu chefe decidiu me dar folga.

Isso é uma péssima notícia. Não porque eu não o queira por perto — gosto de Eric, apesar da minha incapacidade de esquecer Victor Faust —, mas minha viagem de “férias” à Califórnia amanhã não é para fazer turismo, curtir a noite nem fazer compras na Rodeo Drive.

Estou indo até lá para matar um homem. Ou melhor, *tentar* matar um homem.

Já é ruim que Dahlia vá também, e já vai ser difícil guardar segredo de uma pessoa. Imagine duas.

— Você... não parece animada — comenta Eric, seu sorriso morrendo aos poucos.

Abro um sorriso largo e balanço a cabeça, voltando para perto dele e me sentando na beira da cama.

— Não, não, eu *estou* animada. É que você me pegou de surpresa. A gente vai sair às seis da manhã. É daqui a menos de oito horas. Você já fez as malas?

Eric dá uma risada e se estica na minha cama, me puxando para si. Eu me sento perto de sua cintura, apoiando um braço no colchão do outro lado dele, com os pés para fora da cama.

— Bom, eu só fiquei sabendo hoje à tarde, antes de sair do trabalho — explica ele. — Eu sei, está em cima da hora, mas só preciso enfiar umas coisas na mala e estou pronto.

Ele estende a mão e afasta do meu rosto os fios de cabelo que escaparam do rabo de cavalo.

— Ótimo! — minto, com um sorriso igualmente falso. — Então acho que está combinado.

Dina acorda antes de mim, às quatro da manhã. O cheiro de bacon é o que me desperta. Levanto da cama e entro debaixo do chuveiro antes de me sentar à mesa da cozinha. Um prato vazio já está à minha espera.

— Gostaria que você tivesse escolhido algum outro lugar para passar sua folga, Sarai — afirma Dina.

Ela se senta do outro lado da mesa e começa a encher seu prato. Pego alguns pedaços de bacon do monte e ponho no meu.

— Eu sei — digo —, mas, como falei para você, não vou deixar que meu ex me impeça de ver meus amigos.

Ela balança a cabeça cada vez mais grisalha e suspira.

Passei do limite em algum momento com meu amontoado de mentiras. Quando Victor levou Dina para o hospital em Los Angeles, depois que o irmão dele, Niklas, atirou em mim, ela não fazia ideia do que tinha acontecido. Só sabia que eu tinha levado um tiro. Demorei alguns meses até me sentir segura o suficiente para falar com ela sobre isso. Quer dizer, depois de bolar a história que eu ia contar. Foi aí que inventei o lance do ex-namorado violento. Eu deveria ter dito que fui assaltada. Por um desconhecido. A mentira seria muito mais fácil de manter. Agora que ela sabe que vou voltar para Los Angeles, está morrendo de preocupação, e já faz uns dois meses. Eu nem deveria ter contado que ia voltar lá.

Termino de comer o bacon e um pouco de ovos mexidos, junto com um copo de leite.

Dahlia e Eric chegam juntos assim que termino de escovar os dentes.

— Vamos logo, a gente precisa pegar a estrada — chama Dahlia, me apressando da porta. Seu cabelo castanho-claro está preso no alto da cabeça em um coque desalinhado de quem acabou de acordar.

Eu me despeço de Dina com um abraço.

— Eu vou ficar bem — digo a ela. — Prometo. Não vou nem chegar perto de onde ele mora.

Desta vez, chego até a imaginar um rosto masculino ao falar de alguém que não existe. Acho que já interpreto esse papel há tanto tempo que “Matt” e todos esses meus “amigos” de Los Angeles, de quem falo para todo mundo como se fossem reais, se *tornaram* reais no meu subconsciente.

Dina força um sorriso em seu rosto preocupado, e suas mãos soltam meus cotovelos.

— Você liga assim que chegar?

— Assim que eu entrar no quarto do hotel, ligo — respondo, assentindo.

Ela sorri e eu a abraço mais uma vez, antes de segui-los até o carro de Dahlia, que está esperando. Eric guarda minha mala no bagageiro, junto com as deles, e se senta no banco de trás.

— Hollywood, aí vamos nós! — exclama Dahlia.

Finjo metade da empolgação dela. Ainda bem que está muito cedo, senão Dahlia poderia intuir o verdadeiro motivo da minha falta de entusiasmo. Estico os braços para trás e bocejo, apoiando a cabeça no banco do carro. Sinto a mão de Eric no meu pescoço quando ele começa a massagear meus músculos.

— Não sei por que você quer ir a Los Angeles de *carro* — diz Dahlia. — Se a gente fosse de avião, não ia precisar acordar tão cedo. E você não estaria tão cansada e rabugenta.

Minha cabeça cai para a esquerda.

— Não estou rabugenta. Ainda mal falei com você.

Ela dá um sorrisinho.

— Exatamente. Sarai sem falar significa Sarai rabugenta.

— E se recuperando — acrescenta Eric.

Meu rosto fica vermelho e eu estico a mão atrás da cabeça, dando um tapinha de brincadeira na dele, que está fazendo maravilhas no meu pescoço. Fecho os olhos e vejo Victor.

Não de propósito.

Chegamos a Los Angeles depois de quatro horas na estrada. Eu não podia ir de avião porque não conseguiria levar minhas armas. É claro que Dahlia não pode saber disso. Ela acha apenas que quero apreciar a paisagem.

Tenho sete dias para fazer o que vim fazer. Isto é, se eu conseguir. Pensei no meu plano durante meses, em como vou fazer isso. Sei que é impossível entrar na mansão Hamburg. Para isso, eu precisaria ter um convite e socializar em público com o próprio Arthur Hamburg e seus convidados. Ele viu meu rosto. Bem, tecnicamente, viu mais do que meu rosto. Mas sinto que os acontecimentos daquela noite, quando Victor e eu enganamos Hamburg para

que ele nos convidasse para ir ao seu quarto e conseguíssemos matar sua esposa, são algo que ele jamais vai esquecer, nem os mínimos detalhes.

Se tudo der certo, uma peruca loura platinada de cabelo curto e maquiagem escura e pesada vão esconder aquela identidade de cabelo longo e castanho que Hamburg reconheceria assim que eu aparecesse.

CAPÍTULO DOIS

Sarai

Passo o dia todo com Eric e Dahlia, fingindo me divertir para passar o tempo. Saímos para almoçar e para fazer um tour por Hollywood com um guia e visitar um museu antes de voltarmos para o hotel, exaustos. Quer dizer, finjo estar exausta o suficiente para querer dar o dia por encerrado. Na verdade, o que preciso é me preparar para ir ao restaurante de Hamburg ainda hoje.

Dahlia já acha que tem algo errado comigo.

— Você está ficando doente? — pergunta ela, estendendo a mão entre nossas espreguiçadeiras à beira da piscina e sentindo a temperatura da minha testa.

— Estou ótima — respondo. — Só cansada porque levantei muito cedo. E quando foi a última vez que andei tanto assim em um dia só?

Dahlia volta a se recostar em sua espreguiçadeira e ajeita os óculos de sol grandes e redondos no rosto.

— Bom, espero que não esteja cansada amanhã — diz Eric, do outro lado. — Tem tantas coisas que eu quero fazer. Não venho para Los Angeles desde que meus pais se divorciaram.

— Pois é. É a minha primeira vez aqui em dois anos — afirma Dahlia.

Um adolescente pula na piscina e a água respinga em nós. Ergo as costas da espreguiçadeira e agito a revista que estava lendo para tirar as gotas. Ponho os óculos escuros no alto da cabeça. Jogo as pernas para o lado e fico de pé.

— Acho que vou voltar para o quarto e tirar uma soneca — anuncio, pegando minha bolsa do chão.

Eric se ergue também e tira os óculos escuros.

— Se quiser, vou com você — oferece ele.

Agito a mão para ele, pedindo que não se levante.

— Não, fica aí e faz companhia para a Dahlia — sugiro, ajeitando a bolsa no ombro. Abaixo os óculos escuros de novo para que ele não perceba minha mentira.

— Tem certeza de que você está bem? — pergunta Dahlia. — Sarai, você está de férias, lembra? Veio para cá se divertir, não para cochilar.

— Acho que vou estar cem por cento amanhã. Só preciso de um banho quente e demorado e de uma boa noite de sono.

— Ok, vou acreditar — diz Dahlia. — Mas nem vem com doença para o meu lado. — Ela aponta o dedo para mim, com ar severo.

Eric fecha os dedos em torno do meu pulso e me puxa para perto.

— Tem certeza de que não quer que eu vá? — Ele me beija e eu correspondo antes de me levantar de vez.

— Tenho — respondo, baixinho, e saio na direção do elevador.

Assim que entro no quarto, tranco a porta com a corrente para que Eric e Dahlia não entrem de surpresa, jogo a bolsa no chão e abro meu laptop, digitando a senha. Enquanto o laptop inicia, olho pela janela e vejo meus amigos, figuras pequenas daquela distância, ainda à beira da piscina. Eu me sento diante da tela e, provavelmente pela centésima vez, olho cada página do site do restaurante de Hamburg, verificando de novo o horário de funcionamento e passando os olhos pelas fotos profissionais do lugar, dentro e fora. Na verdade, nada disso me ajuda muito com o que pretendo fazer, mas olho tudo de novo todo dia, de qualquer maneira.

Derrotada, bato a palma da mão com força no tampo da mesa.

— Droga! — exclamo, desabando na poltrona enquanto passo as mãos pelo cabelo.

Ainda não sei como vou conseguir ficar a sós com Hamburg sem ser vista. Sei que estou dando um passo maior do que a perna. Sei disso desde que tive essa ideia maluca, mas também sei que, se ficar apenas pensando a respeito, nunca vou passar dessa fase.

Vim para cá com um plano: entrar disfarçada no restaurante e agir como qualquer outro cliente. Sondar o lugar por uma noite. Saber onde ficam as saídas. As entradas para outras partes do prédio. Os banheiros. Minha prioridade número um, contudo, é encontrar a sala de onde Hamburg observa

do alto seus clientes e ouve a conversa deles pelo minúsculo microfone escondido no arranjo de cada mesa. Então pretendo me enfiar na sala e cortar a garganta daquele porco.

Contudo, agora que estou aqui, a menos de seis quadras do restaurante, e agora que o tempo está passando tão depressa, estou menos confiante. Isso não é um filme. Sou uma idiota por achar que posso adentrar um lugar desses sem ser vista, tirar a vida de um homem sem chamar atenção e fugir sem ser capturada.

Apenas Victor conseguiria fazer algo assim.

Bato no tampo da mesa de novo, mais de leve desta vez, fecho o laptop e me levanto. Ando de um lado para outro no carpete vermelho e verde. E bem quando resolvo seguir pelo corredor para o quarto separado que reservei sem Dahlia e Eric saberem, a porta se abre um pouco, mas é travada pela corrente.

— Sarai? — chama Dahlia do outro lado. — Vai deixar a gente entrar?

Suspiro fundo e destranco a porta.

— Por que a corrente? — pergunta Eric, entrando atrás de Dahlia.

— Força do hábito.

Eu me jogo na ponta da cama king-size.

Os dois deixam suas coisas no chão. Dahlia se senta à mesa, ao lado da janela, e Eric se deita atravessado na cama ao meu lado, cruzando as pernas na altura dos calcanhares.

— Pensei que você ia tirar uma soneca — diz Dahlia.

Ela passa os dedos com cuidado pelo cabelo úmido, fazendo caretas quando se depara com alguma mecha mais embaraçada.

— Dahlia — digo, olhando para os dois. — Eu subi agora há pouco. Pensei que vocês iam ficar na piscina mais um tempo.

Espero ter conseguido disfarçar o aborrecimento na minha voz por eles terem vindo me encontrar tão cedo. Não consigo evitar: estou estressada demais, além de preocupada com a simples presença dos dois aqui comigo. Não quero que eles se machuquem nem que se envolvam de forma alguma com meu motivo para estar aqui.

— A gente pode sair e deixar você sozinha, se quiser — sugere Eric, baixinho, atrás de mim.

Eu me arrependo na mesma hora do que disse, porque é óbvio que não disfarcei o aborrecimento tão bem quanto esperava.

Inclino a cabeça para trás e suspiro, esticando o braço para tocar o tornozelo dele.

— Desculpa — digo, sorrindo para Dahlia. — Sabe, eu... — Então, de repente, uma desculpa perfeitamente plausível para o modo como tenho agido surge na minha cabeça, e a torneira das mentiras se abre. — Eu só fico meio nervosa por estar de volta a Los Angeles.

Dahlia faz cara de “ah, entendi”, empurra os pés de Eric para o lado e se senta perto de mim. Ela passa o braço por cima dos meus ombros e segura meu antebraço.

— Imaginei que o problema fosse esse.

Percebo que ela olha de relance para Eric e tenho a impressão de que foi sobre isso que os dois falaram enquanto ficaram na piscina, depois que fui embora.

Aposto que também foi por isso que decidiram subir tão cedo para me ver.

— A gente queria ver como você estava — acrescenta Eric atrás de mim, confirmando minha suspeita.

Sinto a cama se mexer quando ele se senta.

Eu me levanto antes que ele consiga me abraçar. É nesse exato momento que me dou conta de como tenho feito isso com frequência no último mês. Não sei por quanto tempo mais vou conseguir enganá-lo. Sei que deveria simplesmente contar o que sinto, que não gosto tanto de Eric quanto ele gosta de mim. Mas não consigo dizer a verdade. Eu precisaria inventar mais uma mentira, e estou tão atolada em mentiras que me sinto afogada nelas.

Ao mesmo tempo, deixei nossa relação durar tanto porque eu queria de verdade sentir por ele algo tão profundo quanto o que ele parece sentir por mim. Queria seguir em frente, esquecer Victor e ser feliz com a vida que ele me deixou.

Mas não consigo. Não consigo mesmo...

— Ele nem vai saber que você está aqui — diz Eric sobre “Matt”. — Além disso, mesmo que ele descobrisse, eu ia encher o cara de porrada assim que o visse.

Esboço um sorriso para Eric.

— Eu sei que você faria isso — digo, mas me sinto ainda pior, porque os únicos dois amigos que tenho no mundo não fazem nem ideia de quem sou.

Cruzo os braços, vou até a janela e olho para fora.

— Sarai — chama Dahlia. — Não queria dizer isso, mas, se você está tão preocupada com a possibilidade de Matt descobrir que você está em Los Angeles, acho que não é boa ideia visitar seus amigos aqui.

— Eu sei, você tem razão. Sei que eles não contariam para Matt, mas acho que é melhor eu ficar só com vocês dois enquanto estivermos aqui.

Eu me viro para encará-los.

— É um bom plano — diz Eric, com um sorriso radiante.

É um bom plano, com certeza, porque agora não preciso mais inventar outra desculpa para não apresentar os dois aos meus amigos que não existem.

Dahlia se aproxima de mim.

— A gente devia ter ido para a Flórida ou algum lugar assim, hein?

Olho pela janela de novo.

— Não — respondo. — Adoro esta cidade. E sei que vocês queriam muito vir para cá. — Dou um sorriso rápido. — Sugiro que a gente curta ao máximo esta semana.

Ela me empurra com o ombro de brincadeira.

— Essa é a Sarai que eu conheço — diz Dahlia, sorrindo.

É, só que não sou essa pessoa...

Ela vai até Eric e o puxa pelo braço, levantando-o da cama.

— Vamos sair daqui e deixar a mocinha descansar.

Eric se levanta e se aproxima de mim. Então pega meus braços e me vira para encará-lo. Com aqueles olhos azul-bebê, ele faz a melhor expressão amuada que consegue.

— Se precisar de mim para qualquer coisa, pode me chamar que eu venho.

Concordo com a cabeça e lhe ofereço um sorriso sincero. Ele merece, por ser tão legal comigo.

— Pode deixar.

Então eu os empurro porta afora com as duas mãos.

— Eu diria para vocês não se divertirem muito sem mim, mas isso seria pedir demais.

Dahlia ri baixinho ao sair para o corredor.

— Não, não é pedir muito. — Ela levanta dois dedos. — Palavra de escoteiro.

— Acho que não é assim que se faz, Dahl — diz Eric.

Ela faz um gesto para dispensar as palavras dele.

— Trate de dormir — sugere Dahlia. — Porque amanhã você vai precisar estar novinha em folha.

— De acordo — digo, assentindo.

— Tchau, amor — diz Eric antes de eu fechar a porta.

Fico com as costas apoiadas na porta e solto um suspiro longo e profundo.

Fingir é difícil demais. Bem mais difícil do que simplesmente ser eu mesma, por mais anormal e imprudente que eu seja.

— Eu sei o que preciso fazer — digo em voz alta.

Falar sozinha é minha nova mania, porque me ajuda a visualizar e entender melhor as coisas.

Volto para a janela e olho a cidade de Los Angeles, com os braços cruzados.

— Preciso de um disfarce, mas não para me esconder de Hamburg. Só das câmeras e de qualquer outra pessoa. Eu *quero* que Hamburg me veja. Só assim vou conseguir entrar.

CAPÍTULO TRÊS

Sarai

Dahlia e Eric só voltam para o quarto algumas horas mais tarde, depois de escurecer. Eu já tinha tomado banho, vestido short e camiseta e deixado a luz apagada para parecer que estava dormindo. Assim que ouvi o cartão passando pela porta, pulei na cama e me espalhei pelo colchão, como sempre faço quando durmo de verdade. Eric entrou na ponta dos pés, tentando não “me acordar”, mas me virei, soltei um resmungo e abri os olhos para mostrar que acordei. Ele pediu desculpas e perguntou se eu queria ir com ele e Dahlia a uma boate ali perto, insistindo que, se eu não fosse, ele também não iria. Mas logo rejeitei essa ideia. Percebi que ele queria muito ir e não posso culpá-lo: se eu estivesse no lugar dele, não iria querer ficar em um quarto escuro de hotel às oito da noite de uma sexta-feira, em uma das cidades mais animadas dos Estados Unidos.

Eric e Dahlia saírem era exatamente do que eu precisava. Passei aquelas duas horas inteiras tentando inventar uma desculpa para explicar a eles por que eu ia sair, aonde iria e por que eles não poderiam ir junto.

Eles resolveram isso para mim.

Minutos após Eric sair do quarto, espero Dahlia — em seu próprio quarto, ao lado do nosso — tirar o biquíni e se vestir. Pelo olho mágico da minha porta, eu os vejo indo embora pelo corredor. Conto até cem enquanto ando de um lado para outro sem parar. Então pego minha bolsa e vou até a porta. Ando depressa pelo corredor na direção oposta e chego ao quarto secreto, do outro lado do prédio.

Com certa paranoia de ser flagrada, vasculho minha bolsa e encontro tudo, menos a chave do quarto. Enfim consigo senti-la entre os dedos e me apresso para entrar, travando a porta com a corrente. Abro a mala ao pé da cama e tiro minha peruca curta platinada, passando os dedos para ajeitar as mechas

desalinhas, e então a deixo sobre o abajur ao lado para que não perca a forma.

Visto um Dolce & Gabbana curtinho e me maquio com cores escuras e pesadas, o que, depois de passar um tempão praticando em casa, faço bem. Então calço as sandálias de salto alto. Andar de salto é outra coisa que passei muito tempo tentando aprender. Meu alter ego, Izabel Seyfried, saberia andar de salto e o faria bem. Por isso, eu precisava acompanhar.

Em seguida, molho o cabelo e o divido em duas partes atrás. Enrolo cada metade e cruzo uma sobre a outra na nuca. Vários grampos depois, meu longo cabelo castanho está bem preso no couro cabeludo. Visto a touca da peruca e depois a própria peruca, ajustando-a por muito tempo até deixar tudo perfeito.

Por fim, prendo uma bainha de punhal em torno da coxa e a cubro com o tecido do vestido.

Fico de pé diante do espelho de corpo inteiro e me avalio de todos os ângulos possíveis. Estar loura é estranho. Satisfeita, pego a bolsinha preta e a enfio debaixo do braço, com a pequena pistola formando certo volume nela. Estico o braço para girar a maçaneta, mas deixo minha mão cair junto ao corpo.

“Que droga eu estou fazendo?”

O que precisa ser feito.

“E por que eu estou fazendo isso?”

Porque preciso.

Não consigo tirar da cabeça as coisas que aquele homem confessou, as pessoas que matou por causa de um fetiche sexual doentio. Todas as noites desde que Victor me deixou, quando fecho os olhos, vejo o rosto de Hamburg e aquele sorriso de gelar o sangue que ele abriu quando me curvei sobre a mesa, exposta na frente dele. Vejo o rosto de sua esposa, esquelético e combalido, seus olhos fundos turvados pela resignação. Ainda sinto até o fedor da urina que secou em suas roupas e no catre infestado onde ela dormia, naquele quarto escondido.

Meu peito se enche de ar e eu o prendo por vários segundos, antes de soltar um longo suspiro.

Não posso esquecer. A necessidade de matá-lo é como uma coceira no meio das costas. Não posso alcançar naturalmente, mas vou me curvar e torcer os braços até doerem para coçar.

Não posso esquecer...

E talvez... só talvez também acabe chamando a atenção de um certo assassino que não consigo me obrigar a esquecer.

Assim que passo pela porta, deixo Sarai para trás e me torno Izabel por uma noite.

Por não ter pensado de antemão na importância de ao menos alugar um carro chique, salto do táxi a duas quadras do restaurante e ando o resto do caminho. Izabel jamais seria vista andando de táxi.

— Mesa para um? — pergunta o recepcionista assim que entro no restaurante.

Inclino a cabeça e olho para ele com um ar irritado.

— Algum problema? Não posso fazer uma refeição sozinha? Ou você está dando em cima de mim? — Abro um sorrisinho e inclino a cabeça para o outro lado. Ele está ficando nervoso. — Você gostaria de jantar comigo... — olho para o nome bordado no paletó — ... Jeffrey? — Chego mais perto. Ele dá um passo constrangido para trás.

— Há... — Ele hesita. — Peço desculpas, senhora...

Recuo, trincando os dentes.

— Nunca me chame de senhora — digo com rispidez. — Me leve até uma mesa. Para um.

Ele assente e pede que eu o siga. Quando chego à minha mesinha redonda com duas cadeiras, no meio do restaurante, me sento e deixo a bolsa ao lado. Um garçom se aproxima quando o recepcionista se afasta e me apresenta a carta de vinhos. Eu a rejeito com um movimento dos dedos.

— Quero apenas água com uma rodela de limão.

— Pois não, senhora — diz ele, mas deixo passar.

Enquanto o garçom se afasta, começo a examinar o lugar. Há uma placa indicando a saída à minha esquerda, bem longe, perto do corredor. Há outra à

minha direita, próxima à escada que leva para o segundo piso. O restaurante está praticamente igual à primeira vez que vim: escuro, não muito cheio e bastante silencioso, embora desta vez eu ouça jazz baixinho vindo de algum lugar. Ao observar o recinto, paro de repente ao ver a mesa à qual me sentei com Victor quando vim com ele, meses atrás.

Eu me perco na memória, vendo tudo exatamente como aconteceu. Quando olho para as duas pessoas sentadas no outro lado do salão, só consigo me ver com Victor:

— Venha cá — diz ele, em um tom de voz mais delicado.

Deslizo os poucos centímetros que nos separam e me sento encostada a ele.

Seus dedos dançam pela minha nuca quando ele puxa minha cabeça para perto de si. Meu coração bate descompassado quando ele roça os lábios na lateral do meu rosto. De repente, sinto sua outra mão entrando pelo meio das minhas coxas e subindo por baixo do vestido. Minha respiração para. Devo abrir as pernas? Devo ficar imóvel e travá-las? Sei o que quero fazer, mas não sei o que devo fazer, e minha mente está a ponto de desistir.

— Tenho uma surpresa para você esta noite — murmura ele no meu ouvido.

Sua mão se aproxima mais do calor no meio das minhas pernas.

Gemo baixinho, tentando não deixar que ele perceba, embora tenha certeza absoluta de que percebeu.

— Que tipo de surpresa? — pergunto, com a cabeça inclinada para trás, apoiada em sua mão.

— Vai querer algo mais? — Ouço uma voz, e sou arrancada do meu devaneio.

O garçom está segurando o cardápio. Minha água com uma rodela de limão na borda do copo já está diante de mim.

Um pouco confusa de início, apenas assinto, mas faço que não em seguida.

— Ainda não sei — respondo, enfim. — Deixe o cardápio. Talvez eu peça mais tarde.

— Pois não — diz o garçom.

Ele deixa o cardápio na mesa e vai embora.

Olho para a varanda e para as mesas encostadas no balaústre requintado. Onde Hamburg pode estar? Sei que ele está no andar de cima porque Victor disse que ele ficava por lá. Mas onde? Eu me pergunto se ele já me viu, e no mesmo instante meu estômago se embrulha de nervoso.

Não, não posso parecer nervosa.

Endireito as costas na cadeira e tomo um gole da água. Deixo o dedo mindinho levantado, o que me faz parecer muito mais rica, ou apenas mais esnobe. Fico observando os clientes indo e vindo, escuto sua conversa supérflua e me pego imaginando qual dos casais que estão ali poderia acabar na mansão de Hamburg no fim de semana, ganhando muito dinheiro para deixar que ele os veja foder.

Então olho para o arranjo de flores vermelhas em um pequeno vaso de vidro no centro da minha mesa. Pego o celular na bolsa, finjo digitar um número e o coloco perto do ouvido, para que ninguém ache que estou falando sozinha.

— Este recado é para Arthur Hamburg — digo em voz baixa, inclinandome um pouco para a frente a fim de que o microfone escondido no vaso de flores capte minha voz. — Com certeza você se lembra de mim, não é? Izabel Seyfried. Há quanto tempo, não?

Com cuidado, olho para os lados, esperando ver um ou dois homens parrudos de terno se aproximando de mim com armas em punho.

— Não estou sozinha — continuo —, por isso nem pense em fazer alguma idiotice. A gente precisa conversar.

Olhando para a varanda acima de mim, tento descobrir onde ele pode estar, torcendo para que esteja ali. Alguns minutos tensos se passam, e, quando começo a pensar que a noite foi em vão e que eu estava mesmo falando sozinha, noto um movimento no piso superior, logo acima da saída à minha direita. Meu coração bate forte quando vejo a figura alta e escura sair das sombras e descer a escada.

Eu me lembro desse homem de ombros largos, cabelo grisalho e uma covinha no meio do queixo. É o gerente do restaurante, Willem Stephens, que já encontrei aqui uma vez.

Ele se aproxima da minha mesa sem expressar nenhuma emoção, com as mãos enormes cruzadas à frente, as costas retas, o queixo anguloso imóvel.

— Boa noite, srta. Seyfried. — A voz dele é profunda e sinistra. — Posso perguntar onde está seu dono?

Levanto os olhos para encará-lo, dou um sorrisinho, tomo um gole da minha água e devolvo o copo à mesa, sem pressa. Cada fibra do meu ser está gritando, dizendo como fui idiota em vir até aqui. Por mais que eu saiba que é verdade, não importa. Não é o medo que me faz tremer por dentro, é a adrenalina.

— Victor Faust não é meu dono — explico, com calma. — Mas ele está aqui. Em algum lugar. — Um sorriso tênue e dissimulado toca meus lábios.

Os olhos de Stephens percorrem o salão sutilmente e voltam a me encarar.

— Por que está aqui? — pergunta ele, perdendo um pouco o ar de gerente sofisticado.

— Tenho negócios a discutir com Arthur Hamburg — respondo, confiante. — É do maior interesse dele marcar um encontro privado comigo. Aqui. Hoje. De preferência agora.

Tomo outro gole.

Noto que o pomo de adão de Stephens se move quando ele engole em seco, bem como os contornos de seu queixo quando ele cerra os dentes. Ele olha para o lugar de onde veio, no andar de cima, e percebo um aparelhinho preto escondido em seu ouvido esquerdo. Parece que ele está ouvindo alguém falar. Eu chutaria que é Hamburg.

Ele me encara de novo, com os olhos escuros e cheios de ódio, mas mantém o semblante inexpressivo com a mesma perfeição de Victor.

Ele descruza os braços, estende a mão direita para mim e diz:

— Por aqui.

Ele só deixa os braços penderem, relaxados, quando me levanto. Sigo Stephens pelo restaurante e escada acima, para o piso da varanda.

Apenas duas coisas podem acontecer: ou esta será minha primeira noite como assassina ou a última da minha vida.

CAPÍTULO QUATRO

Sarai

— Se encostar em mim — digo para o guarda-costas de terno à porta da sala particular de Hamburg —, enfio suas bolas em um moedor de carne.

As narinas do segurança se dilatam e ele olha para Stephens.

— Você solicitou uma reunião com o sr. Hamburg — diz Stephens atrás de mim. — É claro que vamos revistá-la antes para verificar se está armada.

Droga!

Calma. Fique calma. Faça o que Izabel faria.

Respiro fundo, encarando-os com desprezo e um ar ameaçador. Então jogo minha bolsinha preta no segurança. Ele pega a bolsa quando ela bate em seu peito.

— Acho que está bem claro que eu não conseguiria esconder uma arma em um vestido como este, a menos que a enfiasse na boceta — digo, olhando para Stephens. — Minha arma está na bolsa. Mas nem pense em tocar...

— Deixem a moça entrar — ordena da porta uma voz familiar.

É Hamburg, ainda balofo e grotesco como antes, usando um terno imenso que parece em vias de estourar se ele respirar fundo demais.

Abro um leve sorriso para o segurança, que me encara com olhos assassinos. Conheço esse olhar, até demais. O homem tira a pistola e me devolve a bolsa.

— Sr. Hamburg — diz Stephens —, eu deveria ficar na sala com o senhor.

Hamburg balança a papada, rejeitando a sugestão.

— Não, vá cuidar do restaurante. Se essas pessoas tivessem vindo me matar, não seriam tão óbvias. Eu vou ficar bem.

— Pelo menos deixe Marion à porta — sugere Stephens, olhando para o guarda-costas.

— Sim — concorda Hamburg. — Você fica aqui. Não deixe ninguém interromper nossa... — diz ele, me olhando com frieza — reunião, a menos

que eu peça. Se em algum momento você não ouvir minha voz por mais de um minuto, entre na sala. Como precaução, é claro.

Ele abre um sorrisinho para mim.

— É claro. — Imito Hamburg e sorrio também.

Ele dá um passo para o lado e me convida a entrar.

— Pensei que isso tivesse acabado, srta. Seyfried.

Hamburg fecha a porta.

— Sente-se — pede ele.

A sala é bem grande, com paredes lisas e arredondadas, sem cantos, de um lado a outro. Uma série de grandes quadros retratando o que parece ser cenas bíblicas rodeia uma grande lareira de pedra. Cada imagem é emoldurada em uma caixa de vidro, com luzes na parte de baixo. A sala é pouco iluminada, como o restaurante, e o cheiro é de incenso ou talvez de óleo aromático de almíscar e lavanda. Na parede à minha esquerda, há uma porta aberta que leva a outra sala, onde a luz cinza-azulada de várias telas de TV brilha nas paredes. Chego mais perto para me sentar na poltrona de couro com encosto alto diante da escrivaninha e espio dentro da saleta. É como eu imaginava. As telas mostram várias mesas do restaurante.

Hamburg fecha essa porta também.

— Não, está longe de acabar — respondo, enfim.

Cruzo as pernas e mantenho a postura ereta, o queixo levantado com ar confiante e os olhos em Hamburg, enquanto ele atravessa a sala na minha direção. Puxo a barra do vestido para cobrir completamente o punhal preso na coxa. Minha bolsa está no meu colo.

— Vocês já tiraram minha esposa de mim. — A indignação transparece na voz dele. — Não acham que foi o suficiente?

— Infelizmente, não. — Abro um sorriso malicioso. — Não foi o suficiente para você e sua esposa tirarem *uma* vida? Não, não foi — respondo por ele. — Vocês tiraram *muitas* vidas.

Hamburg morde o interior da bochecha e se senta atrás da escrivaninha, de frente para mim. Ele apoia as mãos gordas sobre o tampo de mogno. Percebo quanto ele quer me matar ali mesmo onde estou. Mas não fará isso porque

acredita que não estou sozinha. Ninguém em sã consciência faria algo assim, vir até aqui sozinha, inexperiente e desprevenida.

Ninguém, a não ser eu.

Preciso garantir que ele continue acreditando que tenho cúmplices até descobrir como vou matá-lo e sair da sala sem ser pega. O pedido de Hamburg para que o guarda-costas entrasse na sala depois de um minuto sem ouvir sua voz pôs mais um obstáculo no plano que, na verdade, nunca tive de fato.

— Bem, devo dizer uma coisa — diz Hamburg, mudando de tom. — Você é deslumbrante com qualquer tipo de peruca. Mas admito que prefiro a morena.

Ele acha que meu cabelo castanho-avermelhado era uma peruca. Ótimo.

— Você é doente. Sabe disso, certo? — Tamborilo com as unhas no braço da poltrona.

Hamburg abre um sorriso medonho. Estremeço por dentro, mas mantenho a compostura.

— Eu não matei aquelas pessoas de propósito. Elas sabiam no que estavam se metendo. Sabiam que, no calor do momento, alguém poderia perder o controle.

— Quantas?

Hamburg estreita os olhos.

— O que importa isso, srta. Seyfried? Uma. Cinco. Oito. Por que não diz logo o motivo da sua visita? Dinheiro? Informação? A chantagem assume muitas formas, e não seria a primeira vez que enfrento uma. Sou um veterano.

— Fale sobre a sua esposa — peço, ganhando tempo e fingindo ainda ser quem dá as cartas. — Antes de “ir direto ao assunto”, quero entender sua relação com ela.

Uma parte de mim quer saber de verdade. E estou incrivelmente nervosa; sinto um enxame zumbindo no meu estômago. Talvez jogar conversa fora ajude a acalmar minha mente.

Hamburg inclina a cabeça para o lado.

— Por quê?

— Apenas responda à pergunta.

— Eu a amava muito — responde ele, relutante. — Ela era a minha vida.

— *Aquilo* é amor? — pergunto, incrédula. — Você manchou a memória dela ao dizer que ela era uma viciada em drogas que se suicidou, só para salvar a própria pele, e chama isso de *amor*?

Noto uma luz se movendo no chão, por baixo da porta da sala de vigilância. Não havia ninguém lá dentro antes, ao menos que eu tivesse visto.

— Como a chantagem, o amor assume muitas formas. — Hamburg apoia as costas na poltrona de couro, que range, cruzando os dedos roliços sobre a enorme barriga. — Mary e eu éramos inseparáveis. Não éramos como outras pessoas, outros casais, mas o fato de sermos tão diferentes não significava que nos amávamos menos do que os outros. — Os olhos dele cruzam os meus por um momento. — Tivemos sorte por encontrar um ao outro.

— Sorte? — pergunto, pasma com o comentário. — Foi sorte duas pessoas doentes se encontrarem e se unirem para fazer coisas doentias com os outros? Não entendo.

Hamburg balança a cabeça como se fosse um velho sábio e eu fosse jovem demais para entender.

— Pessoas diferentes como Mary e eu...

— Doentes e dementes — corrijo. — Não diferentes.

— Chame como quiser — diz ele, com ar de resignação. — Quando você é tão diferente assim da sociedade, do que é *aceitável*, encontrar alguém como você é algo muito raro.

Sem perceber, cerro os dentes. Não porque Hamburg esteja me irritando, mas porque nunca imaginei que esse homem nojento pudesse me dizer qualquer coisa que me fizesse pensar na minha situação com Victor, ou qualquer coisa que eu pudesse entender.

Afasto esse pensamento.

A luz fraca sob a porta da sala de vigilância se move de novo. Finjo não ter notado, sem querer dar a Hamburg qualquer motivo para achar que estou pensando em outra saída.

— Vim aqui saber nomes — digo de repente, sem ter pensado bem a respeito.

— Que nomes?

— Dos seus clientes.

Algo muda nos olhos de Hamburg, ele vai tomar o controle da situação.

— Você quer os nomes dos meus clientes? — pergunta ele, desconfiado.

Que merda...

— Pensei que você e Victor Faust já estivessem de posse da minha lista de clientes.

Continue séria. Não perca a compostura. Merda!

— Sim, estamos, mas me refiro àqueles que você não mantinha nos registros.

Acho que vou vomitar. Parece que minha cabeça está pegando fogo. Prendo a respiração, torcendo para ter me livrado dessa.

Hamburg me examina em silêncio, vasculhando meu rosto e minha postura em busca de qualquer sinal de autoconfiança abalada. Ele coça o queixo gordo e cheio de dobras.

— Por que você acha que existe uma lista fantasma?

Suspiro meio aliviada, mas ainda não estou fora de perigo.

— *Sempre* existe uma lista fantasma — afirmo, embora não faça nem ideia do que estou dizendo. — Quero pelo menos três nomes que não estejam no registro que nós temos.

Sorrio, sentindo que recuperei o controle da situação.

Até ele falar:

— Diga você três nomes da lista que já tem, e eu dou o que você quer.

É oficial: perdi o controle.

Engulo em seco e me controlo antes de parecer “pega no flagra”.

— Você acha que eu carrego a lista na bolsa? — pergunto com sarcasmo, tentando continuar no jogo. — Nada de negociações ou meios-termos, sr. Hamburg. O senhor não está em condições de fazer nenhuma barganha.

— É mesmo? — pergunta ele, sorrindo.

Ele suspeita de mim. Posso sentir. Mas vai garantir que está certo antes de dar o bote.

— Isso não está em discussão. — Eu me levanto da poltrona de couro, enfiando a bolsa debaixo do braço, mais frustrada do que antes por ter que entregar minha arma.

Pressiono os dedos na escrivaninha de mogno, apoiando meu peso neles ao me curvar um pouco na direção de Hamburg.

— Três nomes, ou saio daqui e Victor Faust entra para espalhar os seus miolos naquele belo quadro do menino Jesus atrás de você.

Hamburg ri.

— Esse não é o menino Jesus.

Ele se levanta junto comigo, alto, enorme e ameaçador.

Enquanto vasculho minha mente e tento entender como ele descobriu que sou uma farsante, Hamburg se adianta e anuncia seu raciocínio como um chute na minha boca.

— É engraçado, Izabel, você vir aqui pedir nomes que não aparecem em uma lista que você... — diz, apontando para a minha bolsa — ... nem carrega consigo, porque como você saberia que os nomes que eu daria não estão nela?

Estou muito ferrada.

— Vou dizer o que *eu* acho — continua ele. — Acho que você veio aqui sozinha por causa de alguma vingança contra mim. — Ele balança o indicador. — Porque eu me lembro de cada detalhe da porra daquela noite. Cada merda de detalhe. Especialmente a sua expressão quando percebeu que Victor Faust tinha vindo matar minha esposa em vez de mim. Era a expressão de alguém pega de surpresa, que não fazia ideia de por que estava ali. Era a expressão de alguém que não está familiarizada com o jogo.

Ele tenta sorrir com gentileza, como se quisesse demonstrar alguma espécie de empatia pela minha situação, mas o que leio em seu rosto é cinismo.

— Acho que, se houvesse mais alguém aqui com você, ele já teria aparecido para salvá-la, porque é óbvio que você está ferrada.

A porta do quarto principal se abre, o guarda-costas entra e a tranca. Por uma fração de segundo, tive a esperança de que fosse Victor vindo me salvar na hora certa. Mas foi só um desejo. O guarda-costas me olha com desprezo. Hamburg acena para ele, que começa a tirar o cinto.

Meu coração afunda até o estômago.

— Sabe — diz Hamburg, dando a volta na escrivaninha —, na primeira vez que a gente se viu, lembro que fiz um acordo com Victor Faust. — Ele aponta para mim. — Você se lembra disso, não?

Hamburg sorri e apoia a mão gorda nas costas da poltrona na qual eu estava sentada, virando-a para mim.

Todo o meu corpo está tremendo; parece que o sangue que passa pelas minhas mãos virou ácido. Ele corre pelo meu coração e pela minha cabeça tão rápido que quase desmaio. Começo a tentar alcançar meu punhal, mas eles estão perto demais, aproximando-se pelos dois lados. Não tenho como enfrentar os dois ao mesmo tempo.

— Como assim? — pergunto, tropeçando nas palavras, tentando ganhar um pouco de tempo.

Hamburg revira os olhos.

— Ora, por favor, Izabel. — Ele gira um dedo no ar. — Apesar do que aconteceu naquela noite, fiquei decepcionado de verdade por vocês dois irem embora antes de cumprir o acordo.

— Eu diria que, em vista do que aconteceu, o acordo não vale mais nada.

Ele sorri para mim e se senta na poltrona de couro. Percebo Hamburg espiar de relance o guarda-costas, dando uma ordem só com o olhar.

Antes que eu consiga me virar, o segurança prende minhas duas mãos nas minhas costas.

— Você vai cometer um erro do caralho se fizer isso! — grito, tentando me livrar das garras do segurança.

Ele me leva à força até uma mesa quadrada e me joga sobre ela. Meus reflexos não são rápidos o suficiente e meu queixo bate no mármore duro. O gosto metálico do sangue enche minha boca.

— Me solte! — Tento chutá-lo. — Me solte agora!

Hamburg ri de novo.

— Vire a cabeça dela para esse lado — ordena ele.

Dois segundos depois, meu pescoço é torcido para o outro lado e mantido ali, minha bochecha esquerda pressionada contra o mármore frio.

— Quero ver a cara dela enquanto você a fode. — Hamburg me olha de novo. — Então vamos continuar do ponto onde paramos naquela noite, tudo bem? Você concorda, Izabel?

— Vai se foder!

— Ah, não, não — diz ele, ainda com o riso na voz. — Não sou eu quem vai foder você. Você não faz o meu tipo. — Seus olhos famintos percorrem o corpo do segurança que está me pressionando por trás.

— Eu vou matar você — digo, cuspiendo por entre os dentes. A mão do segurança sobre a minha cabeça impede que eu a mexa. — Vou matar vocês dois! Me estupre! Vamos lá! Mas os dois vão estar mortos antes que eu saia daqui!

— Quem disse que você vai sair daqui? — provoca Hamburg.

O zíper da calça dele está aberto; sua mão direita está parada ao lado da braguilha, como se ele estivesse tentando manter algum autocontrole e não se masturbar ainda.

Então Hamburg acena com dois dedos para o guarda-costas, que me mantém imóvel segurando meus cabelos da nuca.

— Lembre-se disso — diz ele ao segurança. — Ela não vai sair daqui.

Sinto a mão direita do guarda-costas soltar meu cabelo e se mover entre as minhas pernas. Enquanto ele ergue meu vestido, aproveito para alcançar o punhal na minha coxa e tirá-lo da bainha, golpeando atrás em um ângulo desajeitado. O segurança grita de dor e me solta. Puxo o punhal ainda firme na mão, que está coberta de sangue. Ele cambaleia para trás, com a mão na base do pescoço, o sangue jorrando entre seus dedos.

— Sua puta do caralho! — ruge Hamburg, saltando da poltrona e vindo atrás de mim como um elefante descontrolado, a calça caindo de sua cintura flácida.

Corro na direção dele com o punhal levantado e colidimos no meio da sala. Seu peso me joga de bunda no chão e o punhal cai da minha mão, deslizando pelo piso ensanguentado. De pé, Hamburg se abaixa para me segurar, mas me reclino no chão e levanto o pé com toda a força, enfiando o salto da minha sandália na lateral do seu rosto. Ele geme e cambaleia para trás, com a mão na bochecha.

— Eu vou acabar com você! *Put a que pariu!* — berra ele.

Engatinho na direção do punhal, vendo o segurança no chão, em meio a uma poça de sangue. Ele está engasgando com os próprios fluidos; tentando em vão encher os pulmões de ar.

Pego o punhal com firmeza e rolo no chão enquanto Hamburg se aproxima, derrubando a poltrona de couro. Fico de pé e corro até a mesa, empurrando-a na direção dele. Hamburg tenta tirá-la da frente, mas o móvel balança sobre a base e ele acaba tropeçando. Seu corpo desaba no chão de barriga para baixo e a mesa cai quase na sua cabeça. Salto sobre suas costas e monto em seu corpo obeso. Meus joelhos mal tocam o chão. Agarro seu cabelo, puxo a cabeça dele para trás na minha direção e aperto o punhal em sua garganta, imobilizando-o em segundos.

— Pode me matar! Foda-se! Você não vai sair viva daqui mesmo. — A voz de Hamburg é rouca, sua respiração, rápida e ofegante, como se ele tivesse acabado de tentar correr uma maratona. O cheiro de seu suor e de seu medo invade minhas narinas.

Ocupada com a lâmina em sua garganta, me assusto com o som de batidas fortes na porta. A distração me pega desprevenida. Hamburg consegue se erguer debaixo de mim como um touro, rolando de lado e me derrubando no chão. Deixo cair o punhal em algum lugar, mas não tenho tempo para procurá-lo porque Hamburg consegue se levantar e parte para cima de mim. Ouço a voz de Stephens do outro lado da porta, que vibra com seus socos.

Rolo para sair do caminho antes que Hamburg consiga pular em cima de mim, pego o objeto mais próximo — um peso de papel de pedra, bem pesado, que estava na mesa antes de ser derrubada — e golpeio Hamburg com ele. O som do osso de seu rosto quebrando com o impacto faz meu estômago revirar. Hamburg cai para trás, cobrindo a cara com as mãos.

As batidas na porta ficam mais fortes. Numa fração de segundo, levanto a cabeça e vejo a porta sacudindo com violência no batente. Preciso sair daqui. Agora. Meu olhar varre a sala procurando o punhal, mas não há mais tempo.

Corro para a sala de vigilância, contornando os obstáculos.

Graças a Deus, há outra porta lá dentro. Abro a porta e desço correndo a escada de concreto, torcendo para que seja uma saída e eu não encontre mais ninguém no caminho.

CAPÍTULO CINCO

Sarai

Desço a escada de concreto de dois em dois degraus, segurando no corrimão de metal pintado com as mãos ensanguentadas, até chegar ao térreo. Uma placa vermelha com a palavra SAÍDA está à minha frente. Corro pela passagem mal-iluminada, onde uma lâmpada fluorescente pisca acima de mim e torna o lugar ainda mais ameaçador. Empurro com força a barra da porta com as duas mãos e ela se abre para um beco. Um homem de terno está sentado no capô de um carro, fumando, quando saio para a rua.

Eu fico paralisada.

Ele olha para mim.

Eu olho para ele.

Ele nota o sangue nas minhas mãos e olha de relance para a porta, depois para mim.

— Vá — diz ele, acenando para a caçamba de lixo à minha direita.

Sei que não tenho tempo para ficar confusa nem para perguntar por que ele está me deixando ir embora, mas pergunto assim mesmo.

— Por que você está...?

— Apenas *vá!*

Ouçõ passos ecoando na escada atrás da porta.

Lanço um olhar agradecido ao homem e dou a volta na caçamba, desço o beco e me afasto do restaurante. Ouçõ um tiro segundos depois que dobro a esquina e torço para que seja aquele homem fingindo atirar em mim.

Evito espaços abertos e corro por trás de prédios, protegida pela escuridão, tanto quanto minhas sandálias de salto alto permitem. Quando sinto que estou longe o suficiente para parar um pouco, tento me esconder atrás de outra caçamba e tiro as sandálias. Arranco a peruca loura e a joga no lixo.

Não consigo respirar. Estou enjoada.

Meu Deus, estou enjoada...

Encosto na parede de tijolos atrás de mim, arqueando as costas e apoiando as mãos nos joelhos. Vomito com violência no chão, meu corpo rígido, o esôfago ardendo.

Pego as sandálias e saio correndo de novo na direção do hotel, tentando esconder o sangue das mãos e do vestido, mas percebo que não é tão fácil. Recebo alguns olhares desconfiados ao passar depressa pela recepção, mas tento ignorá-los e torço para que ninguém chame a polícia.

Em vez de arriscar ser vista por outras pessoas, subo pela escada até o oitavo andar. Quando chego lá, e depois de tudo o que corri, sinto que minhas pernas vão ceder. Encosto na parede e recupero o fôlego, com os joelhos tremendo descontroladamente. Meu peito dói, como se cada respiração trouxesse poeira, fumaça e cacos microscópicos de vidro para o fundo dos pulmões.

O quarto que divido com Eric está trancado e eu não tenho a chave. Aliás...

— Puta merda...

Jogo a cabeça para trás, fecho os olhos e suspiro, arrasada.

Não estou mais com a minha bolsa. Eu a perdi em algum momento da luta na sala de Hamburg. A chave do meu quarto. Meu celular. Minha arma. Meu punhal. Não tenho mais nada.

Bato na porta, mas Eric não está no quarto. Não esperava que estivesse, na verdade, já que não são nem onze da noite. Só para o caso de estar enganada, no entanto, tento o quarto de Dahlia.

— Dahl! Você está aí? — Bato na porta com pressa, tentando não incomodar os outros hóspedes.

Nenhuma resposta.

Já desistindo, jogo as sandálias no chão e apoio as mãos na parede. Minha cabeça desaba. Mas então ouço um clique baixinho e vejo a porta do quarto de Dahlia se abrindo devagar. Levanto a cabeça e a vejo parada ali.

Sem me demorar para questionar a expressão estranha no rosto dela, entro no quarto só para sair do corredor. Eric está sentado na poltrona perto da janela. Noto que seu cabelo está meio bagunçado. O de Dahlia também.

Meu instinto está tentando chamar minha atenção, mas não me importo. Acabei de apunhalar um homem no pescoço e de tentar matar outro. Quase fui estuprada. Estava correndo pelos becos de Los Angeles para fugir de homens armados que vinham atrás de mim. Nada que esses dois façam pode superar isso.

— Meu Deus, Sarai — diz Dahlia, aproximando-se de mim. — Isso é *sangue?*

A expressão estranha e silenciosa que ela exibia quando entrei no quarto desaparece em um instante quando ela me vê no quarto bem-iluminado. Seus olhos se arregalam, cheios de preocupação.

Eric se levanta da poltrona.

— Você está sangrando. — Ele também me olha de cima a baixo. — O que aconteceu?

Os olhos de Dahlia correm pela minha roupa e pelo meu cabelo preso dentro da touca da peruca.

— Por que... Há, por que você está vestida assim?

Olho para mim mesma. Não sei o que dizer, então não digo nada. Eu me sinto como um cervo diante dos faróis de um carro, mas minha expressão continua firme e sem emoções, talvez um pouco confusa.

— Você encontrou Matt — acusa Dahlia, começando a levantar a voz. — Puta que pariu, Sarai. Você foi se encontrar com ele, *não foi?*

Sinto os dedos dela apertando meu antebraço.

Eu me desvencilho de Dahlia e caminho até o banheiro para tirar a touca do cabelo. Enquanto tiro os grampos, noto uma camisinha boiando na privada.

Eric entra no banheiro atrás de mim. Ele sabe que eu vi.

— Sarai, e-eu... Eu sinto muito — diz ele.

— Não se preocupe — respondo, tirando o último grampo e deixando-o na bancada creme.

Passo por Eric e volto para o quarto. Dahlia está me encarando, com o rosto cheio de vergonha e arrependimento.

— Eu...

Ergo a mão e olho para os dois.

— Não, é sério. Não estou brava.

— Como assim? — pergunta Dahlia.

Eric parece agitado. Ele põe a mão na nuca e passa os dedos pelo cabelo.

— Olhe, sem querer ofender — digo a Eric —, mas tenho fingido tudo com você desde a primeira vez que a gente ficou junto.

Ele arregala os olhos, embora tente não deixar que o choque e a mágoa da minha revelação transpareçam demais. Grande parte de mim se sente bem por dizer a verdade. Não por vingança, mas porque eu precisava tirar isso do peito. Mas admito que, depois de descobrir que os dois têm trepado pelas minhas costas, uma pequena parte de mim também fica feliz em magoá-lo. Acho que a vingança sempre encontra um caminho, mesmo nos gestos mais insignificantes.

— Fingido?

— Não tenho tempo para isso — digo, indo na direção da porta. — Vocês dois podem ficar juntos. Não tenho nada contra. Não estou brava, só não me importo mesmo. Preciso ir.

— Espere... Sarai.

Eu me viro para olhar Dahlia. Ela está muito chocada, mal sabe o que pensar. Depois de alguns segundos de silêncio, fico impaciente e a olho com cara de “vai, desembucha”.

— Para você... tudo bem mesmo?

Uau, não sirvo *mesmo* para o estilo de vida deles. O estilo de vida *normal*. Nem consigo entender essas coisas de namoro, melhores amigas, infidelidade, competição e joguinhos psicológicos. A cara que eles fazem, tão vazia e mesmo assim tão cheia de incredulidade e dúvida, por causa de uma situação que, para mim, não é tão importante... Tenho coisas mais graves com que me preocupar.

Suspiro, aborrecida com as perguntas vagas e confusas dos dois.

— Sim, por mim, tudo bem — digo, e então me viro para Eric, estendendo a mão. — Preciso da chave do nosso quarto.

Relutante, ele enfia a mão no bolso de trás e pega a chave. Tomo da sua mão, saio dali e vou para o quarto ao lado. Eric vem atrás e tenta falar comigo enquanto guardo minhas coisas na mala.

— Sarai, eu nunca quis...

Eu me viro de repente e o encaro.

— Tudo bem, só vou dizer isto uma vez, depois você muda de assunto ou volta para lá e fica com a Dahlia. Não estou nem aí para o que vocês dois fazem, mas, por favor, não apele para esse clichê de novela de que você nunca quis que isso acontecesse, porque... é muito idiota. — Eu rio baixinho, porque acho idiota mesmo. — Só falta você dizer que o problema não é comigo, é com você. Caramba, você faz ideia do que isso parece? É tão difícil assim acreditar quando digo que não me importo e que estou falando sério? Sem joguinhos. É verdade. — Balanço a cabeça, levanto as mãos e digo: — Não. Me. Importo.

Viro para a mala, fecho o zíper, abro a parte lateral e pego a chave do quarto secreto. Ainda bem que eu tinha uma cópia.

— Preciso ir — digo, andando até a porta e passando por Eric.

— Aonde você vai?

— Não posso contar, mas me escute, Eric, por favor. Se alguém aparecer me procurando, finja que não me conhece. Diga o mesmo para Dahlia. Finjam que nunca me viram na vida. Aliás, quero que vocês dois saiam hoje. Vão para qualquer lugar. Só... não fiquem aqui.

— Você vai me dizer o que aconteceu ou por que está toda ensanguentada? Sarai, você está me deixando assustado pra cacete.

— Eu vou ficar bem — digo, atenuando minha expressão. — Mas prometa que você e Dahlia vão fazer exatamente o que falei.

— Você vai me contar um dia?

— Não posso.

O silêncio entre nós fica mais pesado.

Enfim, abro a porta e saio para o corredor.

— Acho que sou eu quem deveria estar pedindo desculpas.

— Por quê?

Eric fica na porta, com os braços caídos ao lado do corpo.

— Por pensar em outra pessoa durante todo esse tempo em que eu estava com você. — Olho para o chão.

Nós nos encaramos por um breve momento e ninguém diz mais nada. Ambos sabemos que estamos errados. E acho que nós dois estamos aliviados

por tudo ter vindo à tona.

Não há mais nada a dizer.

Eu me afasto pelo corredor na direção oposta à do meu quarto secreto e dou a volta por trás, para que Eric não veja aonde estou indo. Quando me tranco no quarto, só consigo desabar na cama. A exaustão, a dor e o choque de tudo o que aconteceu esta noite me atingem em cheio assim que a porta se fecha, e me engolem como uma onda. Eu me jogo de costas no colchão. Minhas panturrilhas doem tanto que duvido conseguir andar sem mancar amanhã.

Fico olhando para o teto escuro até ele desaparecer e eu pegar no sono.

CAPÍTULO SEIS

Sarai

Um *tum!* pesado me acorda, mais tarde naquela noite. Eu me levanto como uma catapulta.

Vejo dois homens no meu quarto: um desconhecido morto no chão e Victor Faust de pé sobre o corpo dele.

— Levante-se.

— *Victor?*

Não acredito que ele está aqui. Devo estar sonhando.

— Levante-se, Sarai. AGORA! — Victor me pega pelo cotovelo, me arranca da cama e me põe de pé.

Não consigo nem pegar minhas coisas, ele já está abrindo a porta e me puxando para o corredor com ele, segurando forte a minha mão.

Disparamos juntos pelo corredor e outro homem aparece virando a esquina, de arma em punho. Victor aponta sua 9mm com silenciador e o derruba antes que o cara consiga atirar. Ele passa pelo corpo me puxando, seus dedos fortes afundando na minha mão enquanto corremos para a escada. Ele abre a porta, me empurra para a frente e nós subimos depressa os degraus de concreto. Um andar. Três. Cinco. Minhas pernas estão me *matando*. Acho que não consigo andar por muito mais tempo. Enfim, no quinto andar, Victor me puxa para outro corredor e rumo a um elevador nos fundos.

Quando as portas do elevador se fecham e estamos só nós dois lá dentro, finalmente tenho a oportunidade de falar.

— Como você sabia que eu estava aqui? — Mal consigo recuperar o fôlego, esgotada pela correria infinita e pela adrenalina, mas acho que sobretudo porque Victor está de pé ao meu lado, segurando minha mão.

Meus olhos começam a arder com as lágrimas.

Engulo o choro.

— O que você estava *pensando*, Sarai?

— Eu...

Victor segura meu rosto com as duas mãos e me empurra contra a parede do elevador, pressionando ferozmente seus lábios nos meus. Sua língua se entrelaça na minha e sua boca tira meu fôlego em um beijo apaixonado que, enfim, faz meus joelhos cederem. Toda a força que eu estava usando para manter o corpo ereto desaparece quando os lábios dele me tocam. Ele me beija com fome, com *raiva*, e eu derreto em seus braços.

Então ele se afasta, as mãos fortes nos meus braços, me segurando contra a parede do elevador. Nós nos encaramos pelo que parece ser uma eternidade, nossos olhos paralisados em uma espécie de contemplação profunda, nossos lábios a centímetros de distância. Só quero prová-los de novo.

Mas ele não deixa.

— Resposta — exige Victor, estreitando seus olhos perigosos em reprovação.

Já esqueci a pergunta.

Ele me sacode.

— Por que você veio aqui? Tem ideia do que você fez?

Balanço a cabeça em um movimento curto e rápido, parte de mim mais preocupada com seu olhar ameaçador do que com o que ele está dizendo.

A porta do elevador se abre no subsolo e eu não tenho tempo para responder, pois Victor mais uma vez pega minha mão e me puxa para que o siga. Serpenteamos por um grande depósito com caixas em pilhas altas encostadas nas paredes e depois por um longo corredor escuro que leva a um estacionamento. Victor enfim solta minha mão e eu o sigo até um carro parado entre dois furgões pretos com o logotipo do hotel nas laterais. Dois bipes ecoam pelo ambiente e os faróis do carro piscam quando nos aproximamos, iluminando a parede de concreto em frente. Sem perder tempo, me sento no banco do passageiro e fecho a porta.

Segundos depois, Victor está dirigindo casualmente pelo estacionamento até a rua.

— Eu queria que ele morresse — respondo, enfim.

Victor não me olha.

— Bom, você fez um excelente trabalho — rebate ele, sarcástico.

Ele vira para a direita no semáforo, e o carro ganha velocidade quando chegamos à rodovia.

Fico magoada por suas palavras, mas sei que ele tem razão, por isso não discuto. Fiz merda. Uma merda muito grande.

Mas não me dou conta do tamanho dela até Victor dizer:

— Os seus amigos podiam ter morrido. *Você* podia ter morrido.

Sinto meus olhos se arregalarem além dos limites e me viro mais um pouco para encará-lo.

— Ah, não... Victor, o quê... Eles estão bem?

Sinto que vou vomitar de novo.

Victor me olha por um instante.

— Estão ótimos. O primeiro quarto que os capangas de Hamburg revistaram estava vazio — diz ele, voltando a olhar para a estrada. — Eu cheguei quando eles estavam saindo. Segui um deles até o quarto onde você estava escondida, deixei que ele destrancasse a porta e então ataquei.

As chaves do quarto. Minhas duas chaves extras estavam na bolsa que perdi no restaurante de Hamburg. E os números dos quartos estavam escritos nas capinhas de papel que as protegiam. Eu estava tão preocupada em esconder minha arma e meu punhal que nem pensei em esconder as chaves.

— Merda! — Também olho para a estrada. — E-eu perdi a bolsa no restaurante. As chaves do meu quarto estavam dentro dela. Deixei um rastro para eles seguirem!

Felizmente, eu não tinha uma chave extra do quarto de Dahlia, senão ela e Eric já poderiam estar mortos.

Onde é que eu estava com a cabeça?!

— Não, você deixou literalmente as chaves do seu quarto com o nome do hotel gravado. Sarai, eu devia ter matado você há muito tempo e poupado toda essa confusão para cima de você e de *mim*.

Eu me viro para encará-lo; a raiva e a mágoa pesando no meu peito.

— Você não está falando sério.

Ele faz uma pausa e me olha. Suspira.

— Não, não estou falando sério.

— Nunca mais me diga isso. Nunca mais me diga uma coisa dessas, ou eu mato você e poupo a *mim* de toda essa confusão — rebato, desviando o olhar.

— Você não está falando sério — diz Victor.

Olho mais uma vez para aqueles olhos ameaçadores verde-azulados que me fizeram tanta falta.

— Não. Mas acho que isso seria o mais sensato.

— Bom, você não foi a campeã da sensatez hoje, então acho que estou seguro ao menos pelas próximas 24 horas.

Escondo o sorriso.

— Senti sua falta — digo de maneira distante, olhando para a estrada.

Victor não responde, mas admito que seria estranho se respondesse. A despeito de sua falta de emoção, porém, sei que ele também sentiu saudade de mim. Aquele beijo no elevador disse coisas que palavras jamais conseguiriam.

Ele pega uma saída e para o carro debaixo de um viaduto. Puxa o freio de mão e a área ao redor desaparece na escuridão quando ele desliga os faróis.

— O que a gente está fazendo aqui?

— Você precisa ligar para os seus amigos.

— Por quê?

Ele tira um celular do porta-luvas entre nós.

— Mande eles voltarem para o Arizona. Faça ou diga o que for preciso para que eles saiam de Los Angeles. Quanto antes, melhor.

Ele coloca o telefone na minha mão. De início, só olho para o aparelho, mas ele me pressiona com aquele olhar, aquele que grita “vamos lá, faça isso de uma vez”, mas que só alguém como eu, alguém que conhece Victor, seria capaz de notar.

Giro o celular nas mãos, depois o seguro firmemente e digito o número de Eric. Mas então mudo de ideia, desligo no primeiro toque e ligo para Dahlia.

Ela atende no quinto toque.

Respiro fundo e faço o que sei fazer melhor: minto.

— A verdade é que vocês me magoaram. Duvido que um dia eu consiga perdoar você ou Eric pelo que fizeram.

— Sarai... Meu Deus, me desculpe, estou me sentindo *muito* mal. A gente não queria que isso chegasse a esse ponto. Juro para você. Não sei o que aconteceu...

— Escute, Dahlia, por favor, só me escute.

Ela fica quieta.

Começo a choradeira. Nunca imaginei que eu seria capaz de chorar sob demanda e de forma tão falsa.

— Eu quero acreditar em você. Quero conseguir confiar em você de novo, mas você era minha melhor amiga e me traiu. Preciso de um tempo sozinha e quero que você e Eric voltem para o Arizona. Hoje. Acho que não vou aguentar ver vocês de novo... Espere, onde você está, agora?

Acabo de me dar conta de que, se ela e Eric estiverem no hotel, a essa altura ela já sabe que dois homens foram mortos a tiros no andar do quarto deles.

— A gente está em uma festa em um terraço — conta ela. — T-tudo bem por você? Achei que não tinha nada a ver a gente sair, mas o Eric falou que você insistiu...

— Não, tudo bem — digo, cortando-a. — Insisti *mesmo*. Onde ele está, agora?

— Deixei Eric lá no terraço para a gente poder conversar. Está muito barulhento lá em cima. Que número é esse de onde você está ligando?

— É o celular de um amigo. Perdi o meu. O Eric por acaso avisou que se alguém procurar por mim...

— Avisou, sim — interrompe Dahlia. — Que confusão é essa, afinal? Meu Deus, Sarai, esquece por um momento esse lance com Eric e me conta o que está acontecendo, *por favor*. O sangue. As roupas esquisitas que você estava usando e aquele troço na sua cabeça. Era uma *touca de peruca*? Você está metida em alguma encrenca, eu sei. Sei que você me odeia, e tem todo o direito de odiar, mas, por favor, conte o que aconteceu.

— Não posso contar, porra! — grito, deixando o choro distorcer minha voz. — Caramba, Dahlia, faça o que eu pedi. Pelo menos isso! Você deu para o

meu namorado! Por favor, voltem para o Arizona, me deixem esfriar a cabeça e depois eu volto para casa. Talvez aí a gente possa conversar. Mas agora façam o que eu estou pedindo. Tudo bem?

Ela não responde por um momento, e um longo silêncio se forma entre nós.

— Tudo bem — concorda ela. — Vou dizer ao Eric que a gente precisa ir embora.

— Obrigada.

Estou apenas um pouco aliviada. Não vou me sentir bem com isso até saber que eles chegaram em casa sãos e salvos.

Desligo sem dizer mais uma palavra.

— Bom, isso foi bastante convincente — observa Victor, levemente impressionado.

— Acho que foi.

— Eu sei que a sua amiga acreditou — acrescenta ele. — Mas eu não acreditei em uma só palavra.

Eu me viro para ele. Victor me conhece tão bem quanto eu o conheço, parece.

— É porque nem uma palavra era verdade.

Ele deixa por isso mesmo e nós saímos de baixo do viaduto.

Chegamos a uma casa perdida no final de uma estrada isolada nos arredores da cidade, empoleirada no alto de uma colina com uma vista quase perfeita para a cidade lá embaixo. Uma piscina de formato irregular começa no lado esquerdo da casa e serpenteia por trás, a água azul-clara iluminada por lâmpadas submersas parece luminescente. O lugar está silencioso. Só ouço o vento passando pela mata cerrada que contorna o lado direito e os fundos da casa, impedindo uma visão em 360 graus da paisagem iluminada de Los Angeles. Quando nos aproximamos da porta, uma mulher robusta usando uniforme azul de empregada nos recebe. Ela tem cabelo preto encaracolado e pele morena. Suas bochechas são volumosas, envolvendo seus olhos castanho-escuros pequenos e brilhantes, que fitam atentamente Victor e a mim.

— Por favor, entrem — diz ela, com um sotaque hispânico familiar.

A mulher fecha a porta. A casa cheira a limpa-vidro e a uma mistura pouco natural de cheiros adocicados que só pode vir de algum tipo de aromatizador de ambientes artificial. Parece que todas as janelas foram abertas, permitindo que a brisa noturna de verão se espalhasse pela casa. Não se parece em nada com as mansões ricas onde já estive, mas é impecável e aconchegante, e penso que eu deveria pelo menos ter tomado um banho antes de vir. Minha pele e minhas roupas ainda estão manchadas de sangue...

Victor está usando uma calça preta e uma camisa apertada de mangas compridas que adere a cada músculo de seus braços e seu peito, com os punhos desabotoados e arregaçados até os cotovelos. A camisa está por fora da calça e os dois botões de cima estão abertos. Sapatos pretos chiques e informais calçam seus pés. Um relógio brilhante de prata adorna seu pulso direito, e não consigo deixar de notar a solitária veia grossa que percorre as costas de sua mão até o osso de seu pulso. Quando ele segue a empregada pela grande entrada e se vira momentaneamente de costas para mim, vejo o cabo da arma saindo da cintura de sua calça, com a barra da camisa branca enfiada atrás.

Ele me olha, para e estende o braço, em um gesto para que eu ande à sua frente. Tremo de leve quando sua mão toca minhas costas perto da cintura.

Antes que eu tenha tempo de me sentir deslocada ao lado dele, Fredrik, o amigo e cúmplice sueco de Victor que conheci no restaurante de Hamburg há tanto tempo, entra na sala pelas grandes portas de vidro que dão para o quintal dos fundos.

CAPÍTULO SETE

Sarai

— Você chegou cedo — comenta Fredrik com um sorriso mortal, porém inimaginavelmente sexy.

As roupas dele são bem parecidas com as de Victor, mas, em vez de camisa de botão, Fredrik está vestindo uma camiseta branca apertada que adere à sua forma esbelta e máscula. Ele está descalço.

A primeira vez que vi Fredrik, pensei que era impossível haver alguém mais bonito. Com cabelo macio, quase preto, e olhos escuros e misteriosos, suas feições parecem ter sido esculpidas por algum artista famoso. Mas sempre achei que havia algo de sombrio e assustador naquele homem. Um lado dele que eu, particularmente, não faço questão de conhecer. Para mim, basta o jeito como ele era quando nos encontramos: cordial, encantador e misterioso, uma linda máscara que ele usa para esconder a fera que há por trás.

Victor olha para seu relógio caro.

— Só dez minutos mais cedo — comenta ele.

Fredrik sorri ao se aproximar, os dentes brancos reluzindo contra a pele bronzeada.

— Sim, mas você sabe como eu sou.

Victor assente, mas não alonga o assunto. A mim, só resta imaginar o que aquilo significa.

— É bom ver você — diz Fredrik, observando-me do topo de sua altura considerável e presença avassaladora. Ele se inclina, pega minha mão e a beija, logo acima dos nós dos dedos. — Ouvi dizer que você matou um homem hoje.

Ele apruma as costas e solta minha mão. Um sorriso perturbador e orgulhoso surge em seu rosto, os cantos dos olhos se aquecendo com alguma lembrança ou... prazer, como se a ideia de matar alguém o deliciasse de alguma forma.

Olho para Victor à minha direita. Ele assente, respondendo à pergunta estampada no meu rosto. *O guarda-costas que apunhalei no pescoço morreu?*

Olho para Fredrik e respondo sem rodeios.

— Acho que matei.

Um leve sorriso se abre nos cantos dos lábios de Fredrik, e ele olha de relance para Victor, sem mover a cabeça.

— E você se sente bem com isso? — pergunta Fredrik.

— Para dizer a verdade, sim — respondo sem demora. — O desgraçado mereceu.

Fredrik e Victor parecem envolvidos em algum tipo de conversa secreta. Odeio isso.

Enfim, Fredrik diz para Victor em voz alta:

— Você arrumou sarna para se coçar, Faust.

Ele então se vira de costas para nós e anda na direção das portas de vidro. Nós o seguimos para o lado de fora, passando pela parte coberta do quintal e descendo uma escada de pedra que leva a um enorme pátio, também de pedra, que se abre em todas as direções. O pátio é decorado com mesas e cadeiras de ferro batido e uma cama com dossel ao ar livre.

Eu me sento ao lado de Victor em um sofá.

— Como é que você sabe? — pergunto a Fredrik, mas então me viro para Victor e digo: — E você ainda não me contou como sabia que eu estava aqui.

Na verdade, isso não importa muito, só quero encará-lo nos olhos de novo. Quero ficar sozinha com Victor, mas por enquanto vou precisar me contentar com os 7 centímetros entre nossos corpos, sentados lado a lado.

— Melinda Rochester me contou — explica Fredrik com um sorriso conivente. Começo a perguntar “E quem é Melinda Rochester”, mas ele diz: — Bem, ela contou para todo mundo, na verdade. Noticiário do Canal 7. Um homem morto a punhaladas atrás de um restaurante de Los Angeles.

Começo a me retorcer por dentro. Espero que as câmeras não tenham me mostrado com nitidez.

Eu me viro para Victor, com a preocupação transparecendo no rosto.

— Eu estava de peruca loura — digo, tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa que eu tenha feito certo. — Fiquei com a cabeça baixa... a maior parte do tempo.

Desisto. Sei que o que fiz vai continuar me perseguindo. Suspiro e olho para as mãos ensanguentadas no meu colo.

— E encontrar você foi fácil — continua Victor. — A sra. Gregory me ligou depois que você saiu do Arizona. Ela estava preocupada com a sua vinda para Los Angeles e achou que eu precisava saber.

Viro a cabeça para encará-lo.

— *O quê?* Dina sabia onde você estava? — Sinto a pele ao redor das sobrancelhas se enrijecendo.

— Não — responde ele, com delicadeza. — Ela não sabia onde eu estava, mas sabia como entrar em contato comigo.

Essas palavras me magoam. Engulo em seco a sensação de ser traída por eles.

— Falei para ela entrar em contato comigo só em caso de emergência — acrescenta Victor. — Caso algo acontecesse com você.

— Você deixou para Dina uma forma de entrar em contato — digo, ríspida —, mas para mim, nada. Não acredito que você fez isso.

— Eu queria que você tocasse a sua vida. Mas, caso os irmãos de Javier descobrissem onde você estava, ou você decidisse fazer uma proeza como a de hoje, eu queria ficar sabendo.

Não consigo olhar para Victor. Tento chegar mais alguns centímetros para o lado a fim de aumentar a distância entre nós. Ainda assim, mesmo que esteja magoada e enfurecida com ele, sinto vontade de me aproximar de novo. Mas me mantenho firme e me recuso a deixá-lo perceber que o poder que ele exerce sobre mim faz a raiva que sinto parecer um chilique.

— Não acredito que Dina escondeu isso de mim — digo em voz alta, ainda que esteja falando mais comigo mesma.

— Ela escondeu de você porque eu disse a ela quanto isso era importante.

— Bom, de qualquer maneira — interrompe Fredrik, sentando-se na poltrona ao lado do sofá —, parece que você se meteu em uma situação da qual

não vai conseguir sair tão facilmente, se é que vai conseguir.

— Por que a gente está aqui? — pergunto, aborrecida.

Fredrik ri baixinho.

— Aonde mais você iria?

— Eu precisava tirar você do hotel — explica Victor.

— Espere um pouco. Eu não matei aquele homem *atrás* do restaurante.

Tudo aconteceu na sala particular de Hamburg, no andar de cima.

Recordo o homem que vi do lado de fora, atrás do restaurante, aquele que me deixou fugir, e meu coração afunda.

— Hamburg não deixaria que a polícia acreditasse que o assassinato aconteceu lá dentro, porque eles confiscariam a memória da câmera de vigilância e veriam o que *realmente* aconteceu.

Não estou entendendo nada. Nadinha.

— Eles não iam *querer* que a polícia soubesse o que realmente aconteceu?

Fredrik se reclina na poltrona e ergue um pé descalço, apoiando o tornozelo sobre o outro joelho, e estende os braços sobre os da poltrona.

Victor balança a cabeça.

— Preciso mesmo explicar isso para você, Sarai?

Sua vaga irritação me pega de surpresa. Olho para ele e levo alguns segundos para entender tudo sem que ele precise explicar.

— Ah, entendi — digo, olhando um de cada vez. — Hamburg não quer que a polícia se envolva porque corre o risco de se expor. O que ele fez, então? Só levou o corpo para fora? Preparou a situação para parecer um assalto comum? Não muito diferente do que ele fez naquela noite em que a gente estava na mansão dele, imagino.

Paro por aí porque Fredrik está presente. Não sei qual o grau de intimidade entre ele e Victor, nem mesmo se Fredrik sabe o que aconteceu na noite em que Victor matou a esposa de Hamburg.

Os olhos de Victor sorriem de leve para mim: sua maneira de me mostrar quanto lhe agrada eu ter entendido tudo. Ainda fingindo estar aborrecida, não retribuo o olhar da forma que ele deve esperar.

A empregada aparece com um balde chique de gelo, de madeira, com três garrafas de cerveja dentro. Fredrik pega uma, então ela nos oferece. Victor pega uma garrafa, mas recusa, mal conseguindo olhar a mulher nos olhos. Estou absorta demais nos acontecimentos da noite, que não me saem da cabeça.

A empregada vai embora logo depois, sem dizer uma palavra.

— O que você quis dizer com os irmãos de Javier?

Victor abre sua garrafa e a põe na mesa.

— Dois deles, Luis e Diego, assumiram os negócios de Javier dias depois que você o matou.

Por um instante, o rosto de Javier surge em minha mente: sua expressão chocada e ainda orgulhosa, os olhos arregalados, o corpo caindo no chão segundos depois de eu meter uma bala em seu peito.

Afasto a imagem.

Eu me lembro de Luis e Diego. Diego é aquele que tentou me estuprar quando eu estava na fortaleza no México, aquele que Javier castrou como punição.

— Eles estão me procurando?

Victor toma um gole de cerveja e devolve a garrafa à mesa com calma.

— Que eu saiba, não. Estou monitorando a fortaleza há meses. Os irmãos de Javier são amadores. Não têm ideia do que fazer com tanto poder. Duvido até que vejam você como ameaça.

Fredrik toma um gole de cerveja e prende a garrafa entre as pernas.

— Não fique tão aliviada assim — diz ele. — É melhor ser perseguida por amadores do que por Hamburg e aquele braço direito dele.

Um nó nervoso se forma no fundo do meu estômago. Olho de relance para Victor, buscando respostas.

— Willem Stephens — esclarece Victor — faz todo o serviço sujo de Hamburg. Hamburg em si é covarde, tão perigoso quanto o pedófilo gente boa da vizinhança. Mal consegue atirar em um alvo imóvel, e trairia alguém em dois minutos para se salvar. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Stephens, por outro lado, tem uma extensa formação militar, é ex-mercenário e trabalhou para uma Ordem do mercado negro em 1986.

— Uma o quê?

— Uma Ordem como a nossa — explica Victor —, mas que aceita contratos particulares. Eles fazem coisas que outros agentes se recusam a fazer, vendem seus serviços basicamente para qualquer um.

— Ah... Então, resumindo, ele mata gente inocente por dinheiro.

Lembro o que Victor me contou, meses atrás, sobre a natureza dos contratos particulares, como pessoas eram assassinadas por motivos fúteis como traição conjugal ou vingança. A Ordem de Victor só trabalha com crime, ameaças sérias a um grande número de pessoas ou ideias que poderiam ter um impacto negativo na sociedade ou na vida como um todo.

Engulo em seco.

— Bom, ele me viu, com certeza. — Levanto as mãos e tiro o cabelo do rosto, passando as mãos no alto da cabeça. — Foi ele quem me levou para o segundo andar, para a sala de Hamburg. — Olho para Victor. — Desculpa, Victor. Eu... eu não sabia de nada disso.

Fredrik ri baixinho e diz:

— Algo me diz que, mesmo se você soubesse, teria ido lá de qualquer maneira.

Desvio o olhar de Victor e olho para baixo de novo, nervosa, esfregando os dedos ensanguentados uns nos outros. Fredrik tem razão. Odeio admitir, mas ele tem razão. Eu teria ido para o restaurante mesmo assim. Teria tentado matar Hamburg mesmo assim. Mas, se eu soubesse de tudo isso, acho que teria pensado em um plano melhor.

De repente, sinto que alguma coisa toma meu corpo e me tira o fôlego.

— Victor... Meu celular... — Eu me levanto do sofá, com o cabelo castanho-avermelhado caindo pelos ombros, batendo em meus braços nas partes em que o sangue secou e formou uma crosta áspera. — O número de Dina está no meu celular. Merda. Merda! Victor, Stephens vai atrás dela! Preciso voltar para o Arizona!

Começo a seguir para a porta dos fundos, mas Victor me alcança antes que eu atravesse o caminho decorado com pedras lisas.

— Espere aí.

Olho para baixo e vejo os dedos dele em volta do meu pulso. Seus hipnóticos olhos verde-azulados me fitam com desejo e devoção. Devoção.

Algo que nunca vi no olhar de Victor antes.

Fredrik fala atrás de nós, me tirando do transe em que Victor me colocou.

— Eu vou cuidar disso — diz ele.

Desvio o olhar de Victor para Fredrik, que então ganha importância, considerando que a vida de Dina está em jogo.

— Como? — pergunto.

Victor me leva de volta para o sofá.

Fredrik pega o celular da mesa à frente, procura um número e toca na tela para ligar. Então encosta o celular no ouvido.

Victor me faz sentar perto dele de novo. Estou concentrada demais em Fredrik no momento para notar que Victor fez questão de se sentar tão perto que sua coxa está encostada na minha. Quero aproveitar o momento de proximidade, mas não posso. Estou preocupada com Dina.

Fredrik se reclina na poltrona de novo, balançando o pé descalço apoiado no joelho. Seu rosto fica alerta quando alguém atende à ligação.

— Em quanto tempo você consegue chegar a Lake Havasu City? — pergunta Fredrik ao telefone. Ele ouve por um segundo e assente. — Mando o endereço por mensagem de texto assim que eu desligar. Vá para lá o mais rápido que puder. Uma mulher mora lá. Dina Gregory. — Ele me olha de relance, para se certificar de que disse o nome certo. Como não o corrijo, volta a falar ao telefone. — Tire-a da casa e a leve para Amelia, em Phoenix. Sim. Sim. Não, não pergunte nada a ela. Só tome cuidado para ninguém machucar Dina. Sim. Me ligue neste número assim que estiver com ela.

Fredrik assente mais algumas vezes. Meu coração está batendo tão forte que parece pronto para pular do peito. Espero que a pessoa com quem ele está falando consiga encontrar Dina a tempo.

Fredrik desliga e parece abrir uma tela de texto no celular. Ele olha para mim, mas é Victor quem dá o endereço da sra. Gregory. Fredrik o digita e deixa o celular na mesa.

— Meu contato está a apenas trinta minutos de lá — explica Fredrik, olhando primeiro para mim. Então se vira para Victor. — O que você quer que eu faça?

Ele levanta as costas da poltrona e apoia os cotovelos nos joelhos, deixando as mãos entre eles. Mesmo em uma posição relaxada, ele consegue parecer elegante, importante e perigoso.

— Ainda preciso que você verifique o que discutimos ontem — diz Victor, e fica ainda mais claro, para mim, que Fredrik recebe ordens dele, embora não pareça ser do tipo que recebe ordens de *ninguém*. Mas está claro que os dois têm uma relação forte. — E, se você não se importa, preciso da sua casa emprestada por esta noite.

Os olhos escuros de Fredrik me encaram, e o traço de um sorriso aparece em seu rosto. Ele se levanta e pega o celular da mesa, escondendo-o na mão.

— Não precisa dizer mais nada. Vou sair daqui em vinte minutos. Eu ia mesmo me encontrar com alguém hoje, então está combinado.

A atitude de Victor muda um pouco, o que percebo no mesmo instante. Ele está encarando Fredrik, do outro lado da mesa do pátio, com um olhar cansado e cauteloso.

— Você não vai fazer o que estou pensando...

Ouçõ com atenção sem nem ao menos tentar disfarçar. Eu *quero* que eles saibam que estou bisbilhotando, porque é frustrante nenhum dos dois me oferecer qualquer explicação sobre esses comentários internos.

Fredrik ergue um lado da boca em um meio sorriso. Ele balança a cabeça de leve.

— Não, esta noite, não, infelizmente. Mas já faz algum tempo. Vou precisar que você me ajude com isso em breve.

Os olhos dele passam por mim e sinto um calafrio percorrer minhas costas. Não consigo decidir se é um arrepio bom ou assustador.

— Você terá sua oportunidade logo, logo — assegura Victor.

Fredrik dá a volta na mesa.

— Lamento por ter que encurtar nossa reunião.

— Tudo bem — digo. — Obrigada por ajudar com Dina. Você avisa quando receber aquela ligação?

Fredrik assente.

— Com certeza. Farei isso.

— Obrigada.

Victor acompanha Fredrik até a porta de vidro e os dois a atravessam. Fico sentada, observando-os do outro lado do pátio de pedra e tentando ouvir o máximo que posso, mas eles fazem questão de falar em voz baixa. Isso também me deixa frustrada. E pretendo informar Victor disso.

CAPÍTULO OITO

Victor

Fredrik fecha a porta de correr feita de vidro.

— Ela não sabe nada sobre Niklas? — pergunta ele, como eu já previa.

— Não, mas vou ter que contar. Ela vai precisar ficar atenta o tempo todo. Agora mais do que nunca.

— Ela não pode ficar aqui por muito tempo — aconselha Fredrik, olhando, através do vidro, Sarai sentada no sofá lá fora e nos observando. — Você também não.

— Eu sei. Quando Niklas descobrir que ela participou do assassinato no restaurante de Hamburg, vai saber na mesma hora que também estou envolvido nisso. Ele não é bobo. Se Sarai está viva, Niklas vai saber que estou tentando ajudá-la.

— E como ele desconfia de que agora trabalho com você — acrescenta Fredrik —, ela corre tanto perigo perto de mim quanto de você.

— É verdade.

Fredrik balança a cabeça para mim, com um sorriso escondido no fundo dos olhos.

— Não entendo esse envolvimento. Respeito você como sempre, respeitei, Victor, mas nunca vou entender a necessidade de um homem amar uma mulher.

— Eu não estou apaixonado por ela. Ela só é importante para mim.

— Talvez não — retruca ele, indo para a cozinha. — Mas parece que o amor e o envolvimento trazem as mesmas consequências, meu amigo. — Sigo Fredrik até a cozinha iluminada e ele abre um armário. — Mas estou do seu lado. O que você precisar que eu faça para ajudar, é só pedir. — Ele aponta para mim perto do armário, agora com um pão na mão.

A empregada de Fredrik entra na cozinha, roliça e mais velha do que nós dois juntos, exatamente o tipo de mulher que jamais o atrairia, e foi por isso que ele a contratou. Ela lhe pergunta em espanhol se pode voltar para casa e ver a família mais cedo hoje. Fredrik responde em espanhol, concordando. Ela assente respeitosamente e passa por mim na sala. De soslaio, eu a observo pegar uma bolsa volumosa de couro marrom do chão, perto da espreguiçadeira, e colocá-la no ombro. Depois ela vai até a porta, fechando-a devagar ao sair.

Sarai está de pé nas sombras da sala quando desvio o olhar da porta. Nem ouvi a porta de vidro correr quando ela entrou, e pelo jeito Fredrik também não.

Ela vai para a cozinha iluminada, de braços cruzados, os dedos delicados segurando seus bíceps femininos, mas bem-definidos. Ela é linda demais, mesmo quando está desgrenhada assim.

— Quanto tempo vocês planejavam me deixar lá fora? — pergunta ela, com um traço de irritação na voz.

— Ninguém disse que você precisava ficar lá, gata — responde Fredrik.

Ele gosta dela, isso é óbvio para mim, e ele deve saber. Mas também sabe que vou matá-lo. Ainda assim, minha confiança em Fredrik é maior do que minha preocupação de que ele volte para o lado sombrio e a machuque. Fredrik Gustavsson é uma fera do tipo mais carnal, que adora mulheres e sangue, mas tem limites e critérios, além de levar a lealdade, o respeito e a amizade muito a sério. Sua lealdade a mim é, afinal, o motivo para ele trair a Ordem todos os dias me ajudando.

Sarai se aproxima de mim e me olha nos olhos, inclinando um pouco a cabeça para o lado. O cheiro de sua pele e o calor ténue que emana dela quase me fazem perder o controle. Tenho conseguido me conter bastante desde que a beijei no elevador. Pretendo continuar assim.

Ela não diz nada, mas continua me encarando como se esperasse alguma coisa. Fico confuso. Ela inclina a cabeça para o outro lado e seu olhar se suaviza, embora eu não saiba ao certo por quê. Parece maliciosa e cheia de expectativa.

Ouçõ Fredrik rir baixinho e a porta da geladeira se fechar, mas não tiro os olhos de Sarai.

— As coisas são tão mais fáceis do meu jeito. — Ouço-o dizer, com um sorriso na voz.

— Entre em contato comigo assim que tiver a informação sobre Niklas — peço, ainda olhando nos olhos de Sarai e ignorando o comentário dele. — E quando souber pelo seu contato se Dina Gregory está a salvo em Phoenix.

— Pode deixar — diz Fredrik, e então vai para a porta do corredor que leva ao seu quarto. Mas ele para e olha para nós. — Se você não se importa...

Enfim desvio o olhar de Sarai e dou atenção total a Fredrik.

— Não se preocupe — interrompo —, eu sei onde fica o quarto de hóspedes.

Ele enfia na boca um sanduíche que mal notei que ele preparava e morde, rasgando um pedaço de pão. Eu o vejo piscando para Sarai antes de desaparecer da sala. Foi algo inofensivo, uma menção ao que ele acha que pode acontecer entre nós quando sair, e não uma tentativa de flerte.

— Que informação sobre Niklas? — pergunta Sarai, seus traços suaves agora encobertos pela preocupação.

Estendo a mão e passo os dedos por algumas mechas do cabelo dela.

— Preciso contar muita coisa para você — anuncio, tirando a mão antes de perder o controle e acabar tocando nela mais do que pretendo. — Sei que você deve estar exausta. Por que não toma um banho e fica à vontade primeiro? Depois conversamos.

Um sorrisinho suave emerge em seus lábios, mas logo desaparece em seu rosto enrubescido.

— Você quer dizer que eu estounojenta? — pergunta ela, tímida. — Esse é o seu jeito de me dizer que preciso lavar meu corpo nojento?

— Na verdade, sim — admito.

Por um momento ela faz uma careta e parece ofendida, mas então só balança a cabeça e dá risada. Admiro isso em Sarai. Admiro muita coisa nela.

— Tudo bem. — Sua expressão brincalhona fica séria de novo. — Mas você precisa me contar tudo, Victor. E eu sei que você deve ter muito para contar, mas saiba que também preciso dizer muita coisa para você.

Eu já esperava isso. E, antes que ela fique na ponta dos pés, incline o corpo na minha direção e me beije, já sei que, quando ela sair do banho, vou precisar

decidir o que vamos fazer. Vou precisar tomar algumas decisões importantes, que nos afetarão.

Porque de uma coisa eu tenho certeza: Sarai não pode voltar para casa.

Sarai

Quando volto, Victor está na sala, acomodado na beira do sofá, curvado sobre a mesinha de centro feita de vidro que está cheia de pedaços de papel e fotografias. Entro, mas ele continua remexendo neles sem erguer a cabeça para me olhar. Só que ele não me engana, sei que sente a minha presença tanto quanto quero que ele sinta.

Vasculhei o guarda-roupa de Fredrik procurando uma camiseta branca, que vesti sobre meus seios nus. Infelizmente, tive que usar a mesma calcinha de antes, mas as cuecas boxer de Fredrik não são exatamente o tipo de lingerie que eu gostaria de usar para seduzir Victor. Só uma camiseta e uma calcinha. Claro que fiz questão de vestir o mínimo possível, porque desejo Victor e não tenho nenhuma vergonha de deixar isso claro. Mas ainda custo a acreditar que estou no mesmo cômodo que ele, depois de meses achando que ele havia ido embora para sempre.

Acho que o beijo no elevador é onde minha mente ficou suspensa, como se o tempo tivesse parado naquele momento e cada parte de mim ainda deseje que aquele instante continue. Contudo, o resto do mundo continua passando ao meu redor.

Eu me sento ao lado de Victor, recolhendo um pé descalço para o sofá e enfiando-o sob a minha coxa.

— O que é isso tudo? — Olho para os papéis e fotografias na mesa.

Ele mexe em alguns pedaços de papel, empilhando-os.

— É um serviço — explica ele, colocando a foto de um homem de camiseta regata na pequena pilha. — Agora eu trabalho por conta própria.

Isso me surpreende.

— Como assim? — Acho que sei o que ele quer dizer, mas custo a acreditar.

Ele pega a pilha de papéis e bate as laterais na mesa para ajeitar todas as folhas. Então enfia o maço em um envelope de papel pardo.

— Eu saí da Ordem, Sarai. — Ele olha para mim.

Victor aperta as pontas do fecho prateado para fechar o envelope.

Meus pensamentos se embaralham, minhas palavras ficam confusas na ponta da língua. Luto, desesperada, para acreditar no que ele acaba de me contar.

— Victor... mas... não...

— Sim — confirma ele, virando-se para mim e me olhando bem nos olhos. — É verdade. Eu me rebelei contra a Ordem, contra Vonnegut, e agora eles estão atrás de mim. — Ele volta a mexer nos outros papéis na mesa. — Mas ainda preciso trabalhar, por isso agora trabalho sozinho.

Balanço a cabeça sem parar, sem querer engolir a verdade. A ideia de Victor sendo caçado por aqueles que o fizeram ser como ele é, por *qualquer um*, faz um pânico febril correr pelas minhas veias.

Solto um longo suspiro.

— Mas... mas e Fredrik? E Niklas? Victor, eu... O que está acontecendo?

Ele respira fundo e deixa a folha de papel cair suavemente na mesa, então reclina as costas no sofá.

— Fredrik ainda trabalha para a Ordem. Está lá dentro. Ele vigia Niklas e... — seus olhos cruzam com os meus por um instante —... tem me ajudado a manter você a salvo.

Antes que eu consiga fazer mais perguntas presas na garganta, Victor se levanta e continua a falar, enquanto fico sentada e o observo com a boca semiaberta e as pernas dobradas sobre a almofada.

— Como você sabe, quando alguém está sob suspeita de trair a Ordem, é imediatamente eliminado. Mas acredito que Niklas deixou Fredrik vivo e não transmitiu suas preocupações a Vonnegut pelo simples fato de que Niklas está usando Fredrik para me encontrar. Assim como deixou você viva todo este tempo, esperando que um dia *você* o levasse a mim.

O que mais me choca não é o que Victor diz, mas o que ele deixa de fora. Tiro as duas pernas de cima do sofá e pressiono os pés no chão de madeira,

apoiando as mãos nas almofadas.

— Victor, o que você está me dizendo? Quer dizer que... Niklas continua com Vonnegut?

Espero que não seja isso que ele esteja tentando me dizer. Espero de todo o coração que minha decisão de deixar Niklas vivo aquele dia no hotel, quando ele atirou em mim, não tenha sido o maior erro da minha vida.

Os olhos de Victor vagam para a porta de vidro, e sinto que uma espécie de sofrimento infinito o consome, mas ele não deixa transparecer.

— Você estava lá. Eu disse para o meu irmão que, se ele decidisse continuar na Ordem caso eu resolvesse sair, eu não ficaria bravo com ele. Dei a ele a minha palavra, Sarai. — Victor vai até a porta de vidro, cruza os braços e olha para a piscina azul iluminada que reluz sob o céu cinzento. — Agora é hora de Niklas brilhar, e não vou tirar isso dele.

— *Que absurdo!* — Salto do sofá com os punhos fechados. — Ele está atrás de você, não é? — Cerro os dentes e contorno a mesinha de centro. — Caralho, é isso, Victor? Para provar seu valor para Vonnegut, ele foi encarregado de matar você. Aquele merda do seu irmão *traiu* você. Ele acha que vai pegar o seu lugar na Ordem. Puta que pariu, não acredito...

— É o que é, Sarai — interrompe Victor, virando-se para me encarar. — Mas, neste momento, Niklas é a menor das minhas preocupações.

Cruzando os braços, começo a andar de um lado para outro, olhando os veios claros e escuros da madeira sob meus pés descalços. Minhas unhas ainda têm o esmalte vermelho-sangue de duas semanas atrás.

— Por que saiu da Ordem?

— Eu tive que sair. Não tinha escolha.

— Não acredito.

Victor suspira.

— Vonnegut descobriu sobre a gente — conta ele, ganhando minha atenção total. — Foi Samantha... na noite em que ela morreu. Antes que eu sáisse da Ordem, encontrei Vonnegut em Berlim, o primeiro encontro frente a frente que tive com ele em meses. Foi em uma sala de interrogatório. Quatro paredes. Uma porta. Uma mesa. Duas cadeiras. Somente eu e Vonnegut

sentados frente a frente, com uma luz brilhando no teto acima de nós. — Victor olha para trás pela porta de vidro e depois continua: — No início, eu estava certo de que ele tinha me levado para lá com a intenção de me matar. Eu estava preparado...

— Para morrer? — Se Victor responder que sim, vou dar um tapa na cara dele.

— Não — responde ele, e consigo respirar um pouco melhor. — Eu fui para lá *preparado*. Raptei a mulher de Vonnegut antes de ir encontrá-lo. Fredrik a manteve em uma sala, pronto para fazer... as coisas dele, caso fosse necessário.

No mesmo instante, quero perguntar o que são as “coisas” de Fredrik, mas deixo a pergunta de lado por enquanto e digo:

— Se Vonnegut quisesse matar você, a esposa dele seria a sua moeda de troca.

De costas para mim, ele assente.

— Samantha estava sendo vigiada pela Ordem. Provavelmente há muito tempo.

— Eles desconfiavam da traição dela? Por que não a mataram, então, como fizeram com a mãe de Niklas, ou como queriam fazer com Niklas?

Victor se vira para me encarar de novo.

— Eles não desconfiavam dela, Sarai, ela era... — Victor respira fundo e aperta os lábios.

— Ela era *o quê?* — Chego mais perto dele. Não gosto do rumo que a conversa está tomando.

— Ela era mais leal à Ordem do que eu jamais poderia ter imaginado — conta ele, e isso fere meu coração. — Sentado naquela sala com Vonnegut, quanto mais ele falava, mais eu começava a entender que Samantha me traiu da mesma forma que Niklas. Vonnegut me contou coisas que ele não tinha como saber. Ele sabia que eu ajudei você. Em algum momento antes de morrer, naquela noite, Samantha conseguiu passar informações a Vonnegut sobre nossa estadia por lá.

— Não acredito nisso. — Golpeio o ar com a mão diante de mim. — Samantha morreu tentando me proteger. Já falamos sobre isso. Não acredito

em você, Victor. Ela era uma boa pessoa.

— Ela era boa *manipuladora*, Sarai, nada mais do que isso.

Balanço a cabeça, ainda sem acreditar.

— Foi Niklas quem contou a Vonnegut que você me ajudou. Só pode ter sido. Niklas sabia até que você tinha me levado para a casa de Samantha.

— Sim, mas Niklas não sabia que eu fiz Samantha provar nossa comida antes de a gente comer, naquela noite. Assim que Vonnegut mencionou quanto eu ainda desconfiava dela depois de tantos anos, eu soube que ela havia me traído.

— Mas isso não faz nenhum sentido. — Começo a andar pela sala de novo, de braços cruzados e com uma das mãos apoiada no rosto. — Por que ela me protegeria de Javier?

— Porque ela não era leal a Javier.

Jogo as mãos para o ar, atônita com aquela revelação.

— Não dá para confiar em ninguém — digo, me jogando no sofá e olhando para o nada.

— Não, não dá — concorda Victor, e eu olho para cima, detectando um significado oculto por trás de suas palavras. — Agora talvez você entenda por que eu não me envolvo com ninguém. Não é só o trabalho, Sarai. As pessoas em geral não são confiáveis, especialmente na minha profissão, na qual a confiança é tão rara que não vale a pena perder tempo e esforço procurando por ela.

— Mas você parece confiar em Fredrik — observo, olhando para Victor do sofá. — Por que me trouxe logo aqui? Não aprendeu a lição com Samantha?

Sua expressão fica um pouco mais sombria, ressentida pela minha acusação.

— Eu nunca disse que confiava em Fredrik. Mas no momento ele é meu único contato dentro da Ordem e, nos últimos sete meses, não fez nada que não o tornasse digno de confiança. Ao contrário, fez tudo para provar sua lealdade a mim.

— Mas isso não significa que seja verdade.

— Não, você tem razão, mas logo vou saber com cem por cento de certeza se Fredrik é confiável ou não.

— Como?

— Você vai descobrir comigo.

— Por que se dar a esse trabalho? Você disse que a confiança é tão rara que não vale o esforço.

— Você faz muitas perguntas.

— Pois é, acho que faço. E você não responde o suficiente.

— Não, acho que não. — Victor abre um sorrisinho, e meu coração se derrete instantaneamente em uma poça de mingau.

Desvio os olhos dos dele e disfarço meus sentimentos.

— Não estou segura aqui — digo, encarando-o novamente.

— Você não está segura em lugar nenhum — corrige Victor. — Mas, enquanto estiver comigo, nada vai acontecer com você.

— Quem está falando merda agora?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você não é meu herói, lembra? — digo para refrescar a memória de Victor. — Não é minha alma gêmea que jamais deixará que nada de ruim aconteça comigo. Devo confiar nos meus instintos primeiro e em você, se eu decidir confiar, por último. Você me disse isso certa vez.

— E continua sendo verdade.

— Então como pode dizer que nada vai me acontecer se eu estiver com você?

A expressão de Victor fica vazia, como se pela primeira vez na vida alguém o tivesse deixado sem palavras. Olho para seu rosto silencioso e sem emoção, e apenas seus olhos revelam um traço de torpor. Tenho a sensação de que ele falou sem pensar, que manifestou algo que sente de verdade, mas que jamais quis que eu soubesse: Victor *quer* ser meu herói, vai fazer qualquer coisa, tudo o que puder para me manter a salvo. *Quer* que eu confie totalmente nele.

E confio.

Ele volta para perto de mim e se senta ao meu lado. O cheiro de seu perfume é fraco, como se ele fizesse questão de usar o mínimo possível. Estou tonta de desejo. Ansiosa para sentir novamente seu toque, saborear seus lábios quentes, deixar que ele me tome como fez algumas noites antes que nos

víssemos pela última vez. Não tenho pensado em nada além de Victor nos últimos oito meses da minha vida. Enquanto durmo. Como. Vejo TV. Transo. Me masturbo. Tomo banho. Cada coisa que fiz desde que ele me deixou naquele hospital com Dina fiz pensando nele.

— Você acha que Fredrik vai contar a Niklas onde a gente está? — Mudo de assunto por medo de deixar transparecer muita coisa cedo demais.

— Acho que se ele fosse fazer isso teria contado a Niklas o pouco que sabia sobre o seu paradeiro há muito tempo, e Niklas já teria tentado matar você — responde Victor.

— Tem alguma coisa... estranha em Fredrik. Você não sente?

Victor passa a mão pelo meu cabelo úmido. O gesto faz meu coração disparar.

— Você tem grande sensibilidade para as pessoas, Sarai — comenta ele, levando a mão ao meu queixo. — Tem razão sobre Fredrik. — Ele passa o polegar pelo meu lábio inferior. Um calafrio percorre o meio das minhas pernas. — Ele é... como dizer?... desequilibrado, de certa forma.

Minha respiração acelera, e sinto meus cílios tocando meu rosto quando os lábios de Victor cobrem os meus.

— Desequilibrado de que forma? — pergunto, ofegante, quando ele se afasta.

De olhos fechados, percebo que ele está observando a curva do meu rosto e meus lábios e sinto a respiração que sai suavemente de suas narinas.

Cada pelinho minúsculo se eriça quando a outra mão de Victor sobe e encontra minha cintura nua por baixo da camiseta. Seus dedos longos dançam sobre a pele do meu quadril e param por ali.

Abro os olhos e vejo os dele me encarando.

— Algum problema? — pergunta ele, e sua boca roça a minha de novo.

— Não, eu... eu só não esperava isso.

— Esperava o quê?

Sinto seus dedos levantando o elástico da minha calcinha. Minha cabeça está girando, sinto meu estômago se transformar em um emaranhado de músculos, trêmulo e nervoso.

— Isso — respondo, piscando. — Você está diferente — acrescento, baixinho.

— Culpa sua — diz Victor, e então seus lábios devoram os meus.

Ele me deita no sofá e se encaixa entre as minhas pernas.

Seu celular vibra na mesinha de centro, e percebo quanto sou humana quando xingo Fredrik por estragar aquele momento, mesmo que seja para me avisar de que Dina está a salvo.

CAPÍTULO NOVE

Sarai

Estou mordendo o lábio por dois motivos: porque estou torcendo para que seja uma *boa* notícia e porque estou sexualmente frustrada. Victor fala com Fredrik por menos de dois minutos, desliga e digita outro número. Quando consegue falar com Dina, ele me passa o celular.

Pego o aparelho e o encosto no ouvido.

— Dina?

— Sarai, *meu Deus*, onde você *está*? *O que* está acontecendo? Eu estava sentada na sala vendo TV e um homem bateu na porta. Eu não ia deixar ele entrar, fiquei desconfiada na hora; estava quase pegando minha espingarda. Mas ele disse que queria falar de você. Ah, Sarai, fiquei com tanto medo de que tivesse acontecido alguma coisa! — Ela finalmente respira.

— Você está bem? — pergunto, baixinho.

— Sim, sim, estou ótima. O melhor que eu poderia estar. Mas ele me falou que iríamos para a delegacia encontrar você. Até me mostrou um distintivo. Não acredito que caí nessa. O cavalheiro mentiu para mim. — Dina para de falar e abaixa a voz, como se estivesse sussurrando para ninguém ouvir. — Ele me levou para a casa de uma *prostituta*. *O que* está acontecendo? Sarai...

— Vai ficar tudo bem, Dina, prometo. E não se preocupe. Seja lá quem more nessa casa, duvido que seja uma prostituta.

Os olhos de Victor cruzam com os meus. Desvio o olhar.

— Onde você *está*? Quando vai voltar? Sei que você *está* metida em alguma encrenca, mas sempre pode me contar tudo.

Gostaria que isso fosse verdade. Mais do que tudo, neste momento. Mas a verdade maior é que não sei como responder às perguntas de Dina. Victor deve ter percebido a fisionomia confusa no meu rosto, porque tirou o telefone da minha mão.

— Sra. Gregory — diz ele ao telefone. — Aqui é Victor Faust. Preciso que a senhora me ouça com bastante atenção. — Ele espera alguns segundos e continua. — A senhora vai precisar ficar onde está pelos próximos dias. Vou levar Sarai para vê-la em breve, e vamos explicar tudo, mas, até lá, precisa ficar escondida. Não, sinto muito, mas a senhora não pode voltar... Não, não é seguro lá. — Ele assente algumas vezes, e percebo, pelas leves rugas que se formam entre seus olhos, que ele não se sente à vontade falando com ela, como se alguém colocasse de repente um bebê no colo dele. — Sim... Não, me escute. — Ele perde a paciência, então vai direto ao assunto. — É uma questão de vida ou morte. Se a senhora sair ou ligar para qualquer conhecido, vai acabar morrendo.

Tenho um sobressalto e me encolho com essas palavras, não por serem verdade (isso eu já sabia), mas porque fico imaginando a reação de Dina a elas. Só posso imaginar o que ela deve estar pensando nesse momento, como deve estar apavorada. Apavorada por mim, não por si mesma, e isso faz doer ainda mais.

— Sim, ela está bem — afirma Victor mais uma vez para tranquilizá-la. — Só mais alguns dias. Eu vou levar Sarai aí.

Falo com Dina por mais alguns minutos, contando o que posso, mas sem revelar demais, para acalmá-la. Claro que isso não está ajudando muito, considerando as circunstâncias. Nós desligamos e eu fico ali na sala, me sentindo muito diferente de como me sentia antes da ligação.

Acho que enfim caiu a ficha do tamanho da merda que fiz.

Antes, quando achava que era eu quem corria o maior perigo, e depois que disse para Eric e Dahlia saírem de Los Angeles, eu estava preocupada, mas não tanto assim. Os danos que causei afetam mais do que minha própria segurança. Sem querer, pus todas as pessoas que conheço e amo em perigo.

A realidade de tudo isso, dos meus atos e das consequências em efeito dominó, o fato de Victor ter me deixado, de eu ter tentado levar uma vida normal e fracassado; não consigo mais. Não suporto mais nada disso. Cacete, até a dorzinha por ter encontrado Dahlia com Eric está começando a me incomodar. Não por causa de Eric, ou porque ele era meu “namorado”, mas porque o que eles fizeram não me afetou como deveria ter afetado.

Sou uma aberração. E, no momento, não consigo perdoar Victor por me fazer passar por essa situação, por me jogar em uma vida que nós dois sabíamos que não serviria para mim e por esperar que eu me adaptasse. Eu não queria desde o começo. E foi exatamente por isso que não deu certo.

As lágrimas começam a inundar meus olhos. Deixo que caiam. Não me importa.

Sinto a presença de Victor atrás de mim, mas antes que ele me toque me viro para encará-lo com a raiva distorcendo meu rosto. E enfim certas coisas que eu queria dizer a ele depois de todo esse tempo saem, em uma tempestade de palavras furiosas.

— Você me abandonou, porra! — Bato com as palmas das mãos em sua camisa social justa. — Você deveria ter me matado e pronto! Você consegue imaginar o que me fez passar?! — Lágrimas cheias de raiva escorrem dos cantos dos meus olhos.

— Me desculpe...

Franzo a testa na mesma hora.

— Você quer se desculpar? — Solto o ar ruidosamente. — É só isso que você consegue dizer? *Me desculpe?*

No fundo, sei que nada disso é culpa de Victor, sei que ele só fez o que fez para me proteger. Mas a maior parte de mim, a parte que não quer acreditar que eu não tenho mais salvação, quer pôr a culpa em qualquer um, menos em mim mesma.

As lágrimas começam a me fazer engasgar.

— Toda santa noite — disparo, apontando com raiva para o chão, meu rosto retorcido de raiva e rancor —, todas as horas de todos os dias, eu pensava em *você*. Só em você, Victor. Eu vivia cada dia com esperança, acreditando de coração que você ia voltar para mim. Os dias passavam e você não aparecia, mas nunca perdi a esperança. Eu pensava comigo mesma: Sarai, ele está vigiando você. Ele está testando você. Ele quer que você faça o que ele disse, que tente ser como todo mundo, que tente se misturar. Quer que você prove para ele que é forte o suficiente para enfrentar qualquer situação, se adaptar a qualquer estilo de vida. Porque, se você não consegue fazer algo tão simples

quanto levar uma vida normal, nunca vai conseguir viver com ele. — Mordo o lábio inferior e tento sufocar as lágrimas. Balanço a cabeça devagar. — Isso era o que eu pensava. Mas fui idiota por achar que você tinha alguma intenção de voltar para mim. — Um tremor induzido pelo choro percorre meu peito.

Victor, com o semblante angustiado que nunca imaginei ver nele, se aproxima. Recuo, balançando a cabeça sem parar, esperando que ele entenda que não estou pronta para ficar muito perto. Quero ficar sozinha com a minha dor.

— Sarai? — diz ele, baixinho.

— Não — digo, recusando-o com um gesto. — P-por favor, me poupe das desculpas e dos motivos pelos quais sei que não posso culpar você. Eu sou egoísta, ok? Eu sei! Já sei que você fez o que precisava fazer. Já sei...

— Não, não sabe.

Levanto os olhos para encontrar os dele.

Victor se aproxima. Desta vez não me afasto, minha mente está paralisada por suas palavras, por mais escassas ou vagas que elas sejam. Ele segura meus cotovelos e descruza minhas mãos. Seus dedos roçam de leve a pele sensível da parte interior dos meus braços, descem até encontrarem minhas mãos e as seguram.

— Eu saí da Ordem principalmente por causa de você, Sarai — explica Victor, e o resto do meu corpo fica paralisado. — Quando Vonnegut descobriu que eu estava ajudando você, ele soube... — Ele faz uma pausa, parecendo estar vasculhando sua mente à procura das palavras menos perigosas. — Ele soube que eu me comprometi...

Jogo as mãos para cima.

— Fale inglês! Por favor, diga de uma vez sem se esforçar tanto para fazer rodeios! Por favor!

— Vonnegut soube que eu tinha... começado a gostar de você.

Fico paralisada e meus lábios se fecham. Meu coração bate descompassado. Minhas lágrimas parecem secar em um instante, só as que molham minhas bochechas continuam escorrendo.

— Como eu era o Número Um de Vonnegut, seu “favorito”, a última coisa que ele queria era mandar me matar. Ele me afastou do serviço, me desligou

por um tempo, até... que eu criasse juízo.

Faço uma cara de “que-droga-isso-significa”.

— Pode chamar de lavagem cerebral — acrescenta Victor.

Ele afasta a ideia com um gesto.

— Não importa. O que importa é que ele ia me dar uma única chance de provar que o meu sentimento por você era só um lapso, e que nunca mais iria acontecer. Pouquíssimos agentes têm uma segunda chance na Ordem.

— Um *lapso*? — Eu me sento na mesinha de centro. Olho para Victor e digo: — Para mim, parece que Vonnegut queria que você provasse que não é humano, mas sim o soldado obediente a ele, incapaz de ter emoções. Que babaca desequilibrado.

Victor assente e se agacha diante de mim, entrelaçando os dedos, com os cotovelos apoiados nas coxas.

— Vonnegut mandou que eu matasse você — conta ele em voz baixa, sustentando o meu olhar. — Para provar a mim mesmo. Eu disse que ia fazer isso, que *queria* fazer, provar que eu era digno de confiança, e ele me soltou. Claro que eu não tinha nenhuma intenção de matar você. Parti naquele dia e procurei um esconderijo. Niklas, que só conheceu a Ordem a vida inteira, decidiu ficar. Pensei que talvez ele só precisasse de um tempo para entender o que estava acontecendo e decidir o que era melhor para ele. Eu também estava me escondendo de Niklas. Sem saber onde eu estava, ele não precisaria enganar Vonnegut nem achar que precisava escolher entre mim e ele. Mas aí Fredrik me contou que Niklas foi contratado para me matar e está me procurando desde então.

— Que desgraçado — comento, balançando a cabeça sem acreditar, mas depois penso de novo. — Você disse que saiu da Ordem *principalmente* por minha causa. Além de mim, qual foi o outro motivo?

— Isso já estava para acontecer havia muito tempo — conta Victor. — Quando precisei matar meu pai para salvar meu irmão, entendi que era hora de sair. — Seus dedos fortes acariciam os meus, mais delicados. — Você me deu a motivação final de que eu precisava para fazer isso de uma vez.

Com a ponta dos dedos, acaricio seu rosto com a barba um pouco por fazer. Victor continua a me encarar, seus olhos sondando os meus através do pequeno espaço entre nós, cheios de paixão e compreensão. Eu me curvo e beijo seus lábios.

— Eu sinto muito pelo seu irmão — digo, baixinho.

Ele roça os lábios nos meus, e a sensação se espalha pelo meu corpo até os dedos dos pés, como uma dose de uísque.

— Eu não estava testando você, Sarai. — Ele me beija de novo.

— Então o que você estava fazendo? — Eu o beijo também e derreto ao sentir suas mãos se movendo por minhas coxas.

Victor me ergue nos braços, envolvendo minhas pernas em sua cintura, minha bunda acomodada nas palmas de suas mãos enormes. Meus dedos sobem pelos lados de seu rosto e tocam sua boca antes que meus lábios toquem também.

— Eu estava esperando o momento certo — diz ele enquanto sua boca encontra meu pescoço.

Enfio os dedos em seu cabelo castanho curto, erguendo o queixo ao sentir sua boca explorando meu pescoço e meu maxilar. Meus olhos estão fechados, as pálpebras pesadas, e sinto um formigamento quente ao qual sei que não dá para resistir. Victor me carrega pela sala, embora eu não saiba para onde nem me importe com isso. Aperto mais as pernas nuas ao redor de sua cintura, sentindo a superfície fria e lisa de seu cinto de couro pressionando o interior das minhas coxas. Meus dedos estão trabalhando nos botões de sua camisa, abrindo-os com facilidade.

Victor não responde às minhas perguntas, mas isso também não me importa.

Os lábios dele cobrem os meus, a umidade quente de sua língua se entrelaçando avidamente com a minha. Sem parar de me beijar, Victor me faz apoiar os pés no chão para tirar minha calcinha, uma perna de cada vez. Ele ergue meus braços e tira minha camiseta, jogando-a no chão. Minhas mãos mexem no cinto dele, movendo a lingueta do buraco e puxando a tira de couro de uma só vez em um movimento rápido. Ele tira a calça e a cueca boxer preta. Minha boca recebe seu hálito quente e ofegante enquanto ele me carrega mais

uma vez e pressiona minhas costas na parede, como se não quisesse esperar para chegarmos ao quarto de hóspedes. Também não quero esperar. Já esperamos demais.

Sinto seu pau entrando em mim, e, antes que ele deslize até o fundo, uma descarga de prazer corre pelas minhas coxas e sobe pela coluna, relaxando meu pescoço e fazendo minha cabeça se apoiar na parede. Sinto meus olhos formigando e ardendo. A umidade morna entre minhas pernas é inundada por um êxtase quente e trêmulo.

Ele mete uma vez bem fundo e se mantém ali, segurando meus quadris, com minhas costas pressionadas contra a parede fria. Abro os olhos devagar, ainda sem controlar direito as pálpebras, e o encaro. Ele me fita com a mesma intensidade voraz. Minha respiração é curta e irregular quando escapa dos meus lábios entreabertos. Meus braços estão ao redor dele, em um abraço apertado, meus dedos cravados nos músculos rijos de suas costas.

— Eu queria isso há tanto tempo — digo, ofegante.

— Você não faz ideia... — rebate Victor, para então me devorar com um beijo, tão violento que quase perco o controle dos meus músculos.

Minhas coxas se contraem em sua cintura quando ele mete seu pau em mim de novo. Estremeço e gemo, minha cabeça bate com força na parede. Ele segura meu corpo no lugar com os braços encaixados nas minhas coxas, forçando seu quadril contra o meu, e eu sinto pequenas explosões no estômago a cada investida.

Minhas costas se arqueiam, meus seios ficam expostos a ele, que cobre um mamilo com a boca. Ergo os braços acima da cabeça, procurando alguma coisa onde eu possa me segurar para cavalgá-lo, mas não encontro nada. Envolvero meu pescoço com os braços para sustentar meu peso e rebolo em sua virilha, gritando e gemendo, desesperada para mergulhar cada centímetro do seu pau duro tão fundo quanto possível. Seus dedos afundam dolorosamente nas minhas costas. Sua língua se enrosca na minha, seus gemidos atravessam meu corpo.

Gozo rápido e forte, minhas pernas e o ponto entre elas se contraindo ao redor dele, meus músculos tremendo. Ele goza segundos depois e segura meu

corpo bem firme no lugar, com minha bunda em suas mãos musculosas, para se esvaziar dentro de mim.

Nesse momento, não estou nem aí para as consequências do que acaba de acontecer. Mas só nesse momento.

Com a cabeça apoiada no ombro dele, Victor me carrega pelo corredor até o banheiro espaçoso em frente ao quarto de hóspedes. Ele me senta na bancada e fica de pé no meio de minhas pernas nuas.

— Não se preocupe. — Ele dá um beijo na minha testa e abre a porta de vidro do boxe do chuveiro.

— Com o quê? — pergunto, confusa.

Ele gira a torneira, que range, e regula a água quente e a fria até encontrar a temperatura desejada. Eu o observo da bancada, o modo como seu corpo alto e escultural se move, as curvas de seus músculos entalhadas em um desenho poético ao redor de seus quadris, suas panturrilhas enrijecendo quando ele anda.

Ele volta para perto de mim e termino de tirar sua camisa, deslizando-a por seus braços musculosos.

— Você não vai engravidar — diz ele, e me manda descer da bancada e segui-lo até o chuveiro. — Não de mim, pelo menos.

Um pouco surpresa, deixo por isso mesmo.

Ele fecha a porta do boxe e começa a lavar meu cabelo. Eu me perco naquela proximidade, no modo como suas mãos exploram meu corpo com tanta precisão e desejo.

Por muito tempo, esqueço que ele é um assassino cujas mãos tiraram muitas vidas sem sequer um pensamento de remorso ou arrependimento. Esqueço que também sou uma matadora cujas mãos tiraram uma vida há poucas horas.

Parece que fomos feitos um para o outro, como duas peças de um quebra-cabeça que de início parecem não se encaixar, mas que se adaptam perfeitamente quando vistas pelo mais improvável dos ângulos.

CAPÍTULO DEZ

Victor

A empregada de Fredrik volta para a casa bem cedo na manhã seguinte. Acordo assim que amanhece, e ela entra em casa quando estou tomando meu café no pátio dos fundos. Ela me vê através da porta de vidro ao passar pela sala, e então vem falar comigo no pátio.

— Gostaria de café da manhã, *señor*? — pergunta ela em espanhol.

Deixo a pasta com meu próximo serviço virada para baixo na mesinha de ferro batido.

— Obrigado, mas não vou comer — respondo, e depois aceno para Sarai, que está andando pela sala, procurando por mim. — Mas ela vai.

— Eu vou o quê? — pergunta Sarai ao passar pela porta de vidro aberta. Ela anda descalça pelo pátio de pedra, usando outra camiseta de Fredrik. Fico muito incomodado por ela ter que usar roupas dele em vez das minhas, mas a única roupa que tenho é a que estou usando, além de um short largo de corrida. O cabelo longo e castanho de Sarai está despenteado, pois ela acaba de acordar e sair da cama.

Ela se senta no meu colo e eu encaixo a mão direita entre suas coxas.

— Café da manhã.

Sarai boceja e estica os braços para o alto antes de apoiar a cabeça no meu ombro. Ponho a mão esquerda em sua cintura para mantê-la equilibrada no meu colo. O cheiro da pele e do cabelo recém-lavados de Sarai acelera meu corpo todo.

Ela faz uma careta sutil, meio que rejeitando a ideia.

— É melhor você comer.

Levantando a cabeça do meu ombro, Sarai olha para mim por um momento, pensativa, e depois dirige sua atenção para a empregada.

— Claro, eu gostaria de tomar café da manhã, se não for incômodo — diz, em espanhol.

Por um momento, a empregada parece surpresa por ouvir Sarai falando seu idioma nativo, mas ela logo se recompõe, assente e volta para dentro da casa.

— Acho que a gente já adiou essa questão o suficiente — diz Sarai. — Para onde é que vamos, Victor? O que eu vou fazer?

Estou pensando exatamente nisso desde que descobri que ela veio para Los Angeles e fez o que fez. Olho para a piscina, perdido em pensamentos, minha última tentativa desesperada de organizar as respostas na cabeça. Mas elas continuam tão fragmentadas e bagunçadas quanto sempre estiveram. Todas, menos uma.

— Sarai — digo, olhando novamente para ela —, você não pode voltar para casa. Eu sabia disso na primeira vez em que mandei você para o Arizona. A situação não estava nem de longe tão terrível quanto ficou depois, mas, agora que as coisas mudaram, você não pode mais voltar.

— Então vou ficar com você — rebate ela. Pela primeira vez na vida, não tenho coragem de protestar. Nem contra ela nem contra mim mesmo. A maior parte de mim, a parte humana e imperfeita, *quer* que Sarai fique comigo, e nada vai me impedir de fazer isso dar certo.

Mas sei que não vai ser fácil.

— Sim — digo, passando a mão em sua coxa macia —, você vai ficar comigo, mas há muitas coisas que precisa entender.

Ela se levanta do meu colo e fica de pé na minha frente, com um braço na frente do corpo e o outro cotovelo apoiado nele. Distraída, ela passa as pontas dos dedos no rosto macio, fitando o que parece ser o nada. Então ela me olha e balança a cabeça com uma expressão perplexa.

— Eu esperava que você fosse resistir mais. Qual é a pegadinha? A despeito do que aconteceu entre a gente ontem à noite, ou do que está acontecendo desde que nos separamos, nunca pensei que você fosse concordar em me levar junto.

— Você *gostaria* que eu resistisse? — Abro um sorriso capcioso.

Ela sorri também e deixa os braços relaxarem.

— Não. Com certeza não. E-eu só...

Levanto uma perna e apoio o pé no outro joelho.

— Nunca me imaginei em uma situação dessas. Não posso mentir e dizer que acho que vai dar certo. Muito provavelmente não vai, Sarai, e você precisa entender isso. — Ela parece ficar um pouco desanimada, o bastante para eu saber que minhas palavras sinceras a entristeceram mais do que ela se permite revelar. — Não posso mudar o meu jeito. Não só porque é tudo o que sei fazer, ou porque é o que faço melhor, mas também porque não quero. — Olho para Sarai. — Eu *nunca* vou parar de fazer o que faço.

— Eu nunca ia *querer* que você parasse — retruca ela, com certa intensidade. Sarai puxa uma cadeira próxima e a coloca diante de mim antes de se sentar. — Tudo o que eu quero, Victor, é ficar com você. Vou fazer qualquer coisa que você espere que eu faça, mas quero que me ensine...

Levanto a mão e a interrompo imediatamente.

— Não, Sarai, também não vou fazer isso. Não é assim que vai ser. — Sua expressão se anuvia e ela desvia o olhar, magoada com minha recusa. — Já falei, eu praticamente nasci nesta vida. Você ia levar quase o resto da sua para aprender a fazer o que eu faço, e mesmo assim não ia ficar boa o suficiente.

— Então, o que eu devo fazer? — pergunta ela, com um tom de ressentimento na voz. — Quero estar com você aonde quer que vá, mas não quero ficar à toa, tomando martinis na praia enquanto você sai para matar pessoas. Eu não sou inútil, Victor, posso fazer *alguma coisa*.

— Você pode fazer muitas coisas, sim — digo, interrompendo-a. — Mas fazer o que eu faço está totalmente fora de cogitação. Por que você quer *tanto* isso? — Levanto a voz quando sinto, de repente, uma necessidade desesperada de entender a resposta.

Sarai bate as palmas das mãos nas coxas nuas.

— Porque é o que eu quero.

— Mas *por quê?*

Ela ergue as mãos para os lados e grita:

— Porque eu gosto! Entendeu?! Eu *gosto!*

Pisco algumas vezes, completamente atordado por essa confissão. Na verdade, essa era a última coisa que eu esperava ouvir de Sarai. Parte de mim sabia que ela era mais do que capaz de tirar a vida de alguém e dormir em paz toda noite depois disso, mas nunca previ que ela fosse gostar de matar.

Não sei ao certo como me sinto a respeito disso. Preciso de mais informações.

Eu me inclino para a frente e fico cara a cara com Sarai.

— Você gosta de matar? — pergunto, embora isso saia mais como uma afirmação. — Então, se alguém pedisse a você que tirasse a vida de outra pessoa, você faria isso sem questionar?

— Não — responde ela, franzindo o cenho. — Eu não mataria qualquer um, Victor, só homens que merecessem.

Homens? Esse lado de Sarai está ficando mais intrigante. Eu me pergunto se ela sabe o que acaba de dizer. Homens. Não pessoas em geral, mas homens.

Eu me afasto dela e me reclino na cadeira de novo, virando a cabeça para o lado, pensativo.

— Explique.

Ela também se recosta, encolhendo as pernas e apoiando os pés no assento, virando os joelhos para o lado.

— Homens como Hamburg. Homens como Javier Ruiz, Luis e Diego. Homens como o segurança que matei ontem. Willem Stephens, pelo simples fato de trabalhar para Hamburg sabendo o que o chefe faz. Homens como John Lansen e todos os outros que conheci naquelas festas de gente rica quando estava com Javier. — Seu olhar penetra o meu. — Homens que merecem ter a garganta cortada.

A gravidade das palavras de Sarai e a determinação em seu rosto me silenciam por um momento. Será possível que eu agora tenha não um, mas *dois* assassinos por perto que compartilham o gosto pelo derramamento de sangue? E, no exato momento em que o rosto surge na minha mente junto com o de Sarai, ouço o carro de Fredrik na entrada da garagem. Isso interrompe o momento intenso, e ambos olhamos para cima.

Instantes depois, Fredrik, vestido de maneira informal com um jeans escuro e uma camisa de grife, vem nos encontrar no pátio. Ele deixa o jornal do dia na mesa de centro e diz:

— É melhor você dar uma olhada nisso. — Então olha para Sarai por um momento. — A propósito, minhas roupas ficam bem em você.

Fuzilo Fredrik com o olhar, mas escondo meu ciúme antes que qualquer um dos dois perceba.

Sarai e eu olhamos para o jornal, mas sou eu quem o pega. Desdobrando-o, corro os olhos pelo texto até encontrar aquilo a que Fredrik se refere.

Quatro pessoas foram encontradas mortas a tiros em um hotel de luxo de Los Angeles, na madrugada passada. Somente dois corpos foram identificados, os de Dahlia Mathers, 23 anos, e Eric Johnson, 27 anos, ambos de Lake Havasu City, Arizona.

Algumas frases abaixo:

Sarai Cohen, também de Lake Havasu City, é procurada pela polícia para prestar esclarecimentos.

Acho que não importa que identidade Sarai usou para fazer o check-in no hotel, o rosto dela é o mesmo nas duas.

Ela arranca o jornal das minhas mãos antes que eu possa terminar.

— Não... — Ela cerra os dentes e seu rosto fica sério enquanto lê a notícia trágica sobre seus amigos. Ela procura meus olhos, mas logo se volta para o jornal, como se sua mente torcesse para ter lido tudo errado na primeira vez. — Falei para eles irem embora de Los Angeles! Dahlia disse que eles iam embora... — Seus olhos verdes encaram os meus, cheios de desespero e despedaçados pela culpa.

Fico de pé.

Sarai pega o jornal com as duas mãos e o rasga bem no meio, amassando as duas metades em seus punhos.

— Eles mataram Dahlia e Eric, porra! — ruge ela. — Eles estão *mortos!*

O jornal cai de suas mãos e voa pelo pátio de pedra.

Fredrik apenas me olha, esperando para ver o que vou fazer ou dizer. Ele não fala, mas percebo que quer.

— Sarai. — Por trás dela, ponho as mãos em seus ombros. — Eu vou cuidar disso.

Ela se vira para mim. Seu cabelo balança ao redor da cabeça antes de cair de novo nos ombros e seu rosto está ardendo de fúria.

— ELES MORRERAM POR MINHA CAUSA! COMO LYDIA!

Tentando acalmá-la, aperto seus ombros com força, de frente, e a seguro.

— Eu disse que vou cuidar disso — repito com ainda mais intensidade e sinceridade do que antes. Eu me inclino para a frente para manter seu olhar fixo no meu. — Vou fazer isso por você, Sarai. Hamburg e Stephens estarão mortos antes do fim desta semana.

Ela não ouve. Está me encarando, mas parece estar olhando *através* de mim. Seu peito sobe e desce com a respiração ofegante e irregular. Suas pupilas parecem pequenas, como buracos de grampos em uma folha de papel. O verde de seus olhos parece ter escurecido.

— Não — rebate ela, com a voz calma. — Não quero que você faça nada.

Absorta em pensamentos, ela dá um passo para trás, e minhas mãos caem de seus ombros.

— Vou fazer isso por você. Eu quero...

— Eu disse que *não!* — Ela dá mais dois passos e se vira, me dando as costas e olhando para a piscina. — *Eu* vou fazer isso — afirma ela, em voz baixa e decidida. — Vou matar os dois e não quero que você se meta.

— Acho que não...

Ela vira a cabeça, seus olhos escuros cruzando com os meus.

— Se você matar qualquer um deles, nunca vou perdoar você. Isso é assunto meu, Victor! Me deixe fazer pelo menos isso!

— Sarai, você não pode matá-los. — Eu me aproximo dela. — A única pessoa que vai morrer é você. Não vai conseguir...

— Estou cagando para isso! — Percebo que o objetivo de Sarai é inabalável. Ela volta para perto de mim. — Ou você me ajuda a fazer isso ou eu mesma vou descobrir como fazer. Eles vão morrer nas minhas mãos, não nas suas, nas

de Fredrik nem nas de qualquer outra pessoa. Só nas minhas. Me ensine. Me mostre o que fazer. Qual é a melhor forma de agir para alguém como eu. Me ajude, ou vou morrer tentando por minha conta. Para mim, tanto faz.

— Eu não vou... você não pode — retruco, balançando a cabeça.

Sarai desiste e tenta me empurrar para fora de seu caminho. Mas não deixo que ela passe. Não posso, pois sei que cada palavra que ela disse foi a sério.

Eu a seguro pelo pulso, detendo sua marcha furiosa até a porta de vidro. Fredrik sai do caminho, assistindo ao desenrolar da cena com um brilho estranho nos olhos, que só posso interpretar como fascinação.

— *Me solte!*

— Você não vai embora. — Eu a prendo pelo pulso com força, e agarro o outro quando ela começa a me bater.

Ela quer descontar toda a raiva em mim, gritar na minha cara, me xingar com as palavras que tanto quer dizer a Hamburg e Stephens antes de matá-los, mas não consegue. A raiva, como sempre, a domina, e Sarai cai no choro.

Ela me disse uma vez que sempre chora quando está furiosa.

As lágrimas escorrem como rios por seu rosto. Sarai tenta mais uma vez se desvencilhar de mim, mas a seguro firme e faço uma pressão dolorosa sobre seus pulsos, tentando acalmá-la.

— Victor, por favor! Porra, basta me ensinar, cacete! Mesmo que seja matar os dois e mais ninguém! É tudo que eu peço! Nunca mais vou pedir a sua ajuda! POR FAVOR!

Sarai enfim para de se contorcer e desaba sobre meu peito. Eu a envolvo em meus braços, aninhando sua nuca nas mãos e pressionando o lado do meu rosto no alto de sua cabeça. Sarai chora com violência, seu corpo treme no meu abraço. Não são gritos de tristeza e dor, são gritos de culpa, raiva e da necessidade desesperada de vingar a morte de pessoas — até de Lydia — que poderiam ainda estar vivas, se não fosse por ela.

Fredrik olha para mim. Sei o que a expressão calma dele quer dizer. Ele acha que eu deveria dar a Sarai o que ela quer.

Mas não é a opinião de Fredrik que me faz decidir, no fim das contas. É minha necessidade de proteger Sarai, ainda que ela possa acabar morta no final.

Escolho o mais seguro dos dois caminhos malfadados.
— Eu vou ajudar você.

CAPÍTULO ONZE

Sarai

Levanto o rosto do peito de Victor, fungando as malditas lágrimas que mais uma vez me traíram em um momento de fraqueza.

— Você vai me ajudar a matá-los?

Ele assente.

— Vou.

— Obrigada — digo, baixinho.

Fico na ponta dos pés e dou um beijo suave em sua boca.

Da porta de vidro atrás de nós, a empregada diz com uma voz fraca:

— O café está pronto.

Ela nos fita com seus olhos escuros e curiosos, sem dúvida por ter ouvido a discussão enquanto estava lá dentro.

— Marta faz uns ovos mexidos ótimos — comenta Fredrik, com um sorriso radiante, como se nada tivesse acontecido. — Frita em gordura de bacon. — Ele junta os dedos nos lábios e os beija. — Adoro comida americana.

Ele vai atrás de Marta.

— Se bem que parece que ovos mexidos em gordura de bacon é uma comida do Sul, não? — pergunta ele, olhando para nós enquanto o seguimos.

Victor dá de ombros.

— Bem, Marta não é exatamente do Alabama — continua ele, ao entrarmos na cozinha. — Mas sabe cozinhar como se fosse.

Fredrik e Victor continuam tagarelando sobre comida, provavelmente para me fazer esquecer o que aconteceu. Mas, nesse momento, nada mais me importa além do rosto de Dahlia e Eric na memória. Sei que estou sendo punida. Pela vida. Pelo destino. Não sei por quem ou pelo quê, só sei que faria qualquer coisa para devolver a vida aos meus amigos.

Nós três nos sentamos à mesa com tampo de vidro da cozinha e comemos. E acho quase engraçado Fredrik fazendo Marta provar a comida antes de nos servir, como se ele tivesse aprendido essa técnica paranoica no Manual de Victor Faust.

Durante o café, que dura muito tempo por causa da conversa, Fredrik acaba liberando Marta pelo resto do dia. Isso acontece logo depois que ele começa a falar em sueco com Victor. Odeio não entender o que eles dizem, mas fica claro para mim que era por causa de Marta, e não por mim.

Marta pega a bolsa e se despede de nós, agradecendo a Fredrik por pagar um dia inteiro.

— Por que isso? — pergunto, depois que ela vai embora.

Apoio o garfo no prato ao terminar meu café.

— Temos muito o que conversar — explica Fredrik, tomando um gole de suco de laranja. — E ela não pode ouvir a conversa. — Ele aponta para mim e sorri. — E Marta, embora não pareça, ouve tudo o que acontece por aqui.

— Então por que vocês não continuaram conversando em sueco? — questiono.

— *Você* fala sueco? — rebate Victor.

— Não.

— Bem, você tem que participar da conversa — diz ele, deixando o copo d'água na mesa.

Sorrio. Nesse momento, me sinto parte *deles* pela primeira vez. Dos dois. Nós três sentados à mesa, que minutos depois já está livre dos pratos e dos copos, substituídos por pastas e fotografias de serviços de execução. Para mim, é meio surreal discutir detalhes de interrogatórios e assassinatos tão casualmente, como se estivéssemos falando do tempo. Mas também, pela primeira vez na vida, sinto que pertencço a algum lugar. Não estou mais andando por um túnel escuro, com as mãos à frente, procurando a porta. A porta está bem ali, à mostra, e já passei por ela. Enfim encontrei meu lugar na vida. E estou com Victor, o que para mim é mais importante do que tudo.

Finalmente estou com Victor.

Victor e eu saímos da casa de Fredrik nas colinas de Los Angeles no fim da tarde e dirigimos por onze horas até Albuquerque, Novo México. No caminho, paramos em um shopping, onde gasto praticamente uns 2 mil dólares em roupas e sapatos novos, acessórios e maquiagem, já que tudo o que tenho está no Arizona ou ficou no hotel em Los Angeles. Encho o banco de trás com sacolas de compras e caixas de sapatos, mas, lá pela nona hora de viagem, me arrependo de ter comprado tanta coisa. Tudo o que quero é me arrastar para o banco de trás e dormir, mas tenho que me conformar em ficar apertada na frente, encolhida em uma posição desconfortável no banco do Cadillac CTS preto de Victor, com a cabeça apoiada na janela. Desde que Victor saiu da Ordem, ele não tem mais a conveniência de usar jatos particulares para viajar. Se quisesse, com certeza poderia pagar um do próprio bolso, mas ser alguém que a Ordem quer matar significa não dar na vista e abrir mão de alguns luxos que poderiam levar Niklas até ele.

Ao que tudo indica, esses luxos abdicados incluem as residências extravagantes e multimilionárias nas quais Victor sempre preferiu morar. Sua casa em Albuquerque é bem diferente daquela onde ele morava na Costa Leste, com vista para o mar. Quando paramos na entrada de terra batida, vejo uma casa de tamanho médio, com paredes nuas de reboco bege e em um formato de caixa que me faz lembrar as casas que eu construía com peças de Lego quando era criança. Contudo, a julgar pelo jardim elaborado que envolve o caminho branco e liso até a porta e o lado esquerdo da casa, é óbvio que Victor não abriu mão de *todos* os luxos. Isso fica mais óbvio ainda quando entramos, pois o interior é tão bonito quanto o da casa de Fredrik, apesar do estilo mais interiorano e menos luxuoso. Vermelho-ferrugem, marrom e amarelo dominam o ambiente, com pé-direito alto sustentado por vigas e sarrafos de madeira escura, que fazem a casa parecer muito maior por dentro do que por fora. Uma aconchegante lareira de pedra ocupa uma das paredes da espaçosa sala de estar, com dois espelhos decorativos de metal pendurados acima dela. As paredes são amarelas, combinando com os pisos de terracota que parecem ocupar toda a casa.

— De uma coisa tenho certeza: você sempre consegue as melhores empregadas — comento, deixando várias das minhas sacolas no chão da sala.

— Desta vez, não — diz Victor atrás de mim. Ele deixa as outras sacolas que trouxe do carro perto do sofá de couro marrom-alaranjado. — Sou só eu.

— Sério? Mas está tudo tão limpo. Acho que você não passou muito tempo aqui, então, não é?

— Uns quatro meses. — Ele olha para mim. — Você gostou? Espero que sim, porque é o seu novo lar.

Um sorriso desponta no meu rosto.

Victor desabotoa e tira a camisa, deixando-a nas costas de uma poltrona de couro marrom. Observo discretamente seu corpo enquanto ele anda por um corredor longo e bem-iluminado com uma entrada em arco.

Sigo Victor.

— Claro que você sabe que não vamos ficar aqui para sempre. — Entramos em um quarto grande. — Mas é nosso lar por enquanto, pelo menos.

Ele tira a calça e me esforço ao máximo para não olhá-lo com intensidade demais, mas isso fica cada vez mais difícil.

— Vem cá — chama ele, parado diante de mim sem nada além de sua cueca boxer preta e apertada, que pouco ajuda a esconder o volume crescendo por baixo do tecido.

Engulo em seco, nervosa, embora não saiba a razão para esse nervosismo repentino, e me aproximo dele. Sinto um espasmo entre as pernas, e também não sei ao certo por que isso acontece. É como se meu subconsciente estivesse mais a par do que vai acontecer do que minha parte consciente. Ou então apenas perdi o controle sobre minha mente e só consigo pensar no que eu gostaria que acontecesse.

Olho para Victor, curiosa, inclinando um pouco a cabeça para o lado.

— Não sei bem o que é isso entre a gente — diz ele, com cuidado —, mas tenho *certeza* de que não quero que acabe. Seja o que for.

— Eu também.

Um pouco confusa quanto ao rumo que a conversa está tomando, inclino a cabeça para o outro lado e pergunto:

— Algum problema?

Ele balança a cabeça devagar.

— Não, problema nenhum.

— Bem, se você está preocupado que eu vá me apaixonar e grudar em você feito chiclete, não precisa.

— Você não está apaixonada por mim? — pergunta Victor, e não parece nada além de uma simples questão.

— Não, eu não amo você, Victor.

Ele parece concordar.

— Ótimo. Porque eu também não estou apaixonado por você.

Acho que nem eu nem ele sabemos de fato o que essa palavra significa em uma situação assim. Ambos exibimos a mesma expressão de aceitação, mas também parecemos um pouco confusos.

— Mas... eu, há... — Entrelaço os dedos atrás das costas e olho para o chão, mexendo o pé como se estivesse tentando afundar os dedos na areia. Paro para encará-lo. — Mas eu, há, talvez... preferisse que você não dormisse com mais ninguém. Eu... bom, acho que eu não ia gostar muito disso.

— Concordo — diz Victor, assentindo mais uma vez, com firmeza. — Acho que se eu pegar você com outro homem vou ter que matá-lo.

Balanço a cabeça algumas vezes, de maneira tão casual quanto ele.

— Com certeza — concordo eu. — O mesmo vale para você.

— De acordo.

Há um momento de silêncio constrangido entre nós, e corro os olhos pela cama king-size com dossel alto de cerejeira, que está a alguns passos de distância.

Victor se aproxima e eu me viro para observá-lo. Ergo os braços quando ele passa os dedos por baixo da minha camiseta e a tira.

— Também quero dizer que não me incomoda se você grudar em mim feito chiclete. — Ele enfia os dedos no elástico da minha calcinha. — Só para constar.

— Mesmo?

Victor se agacha diante de mim ao descer a calcinha por meus quadris e minhas pernas. Fica ali, me olhando de baixo, com a cabeça na altura do meu

umbigo.

— Sim — responde ele. — Mas claro que você não pode me atrapalhar quando eu estiver tentando fazer um serviço.

— Sim, claro — digo, e minha pele reage aos seus lábios, que beijam a área logo acima da minha pélvis. — E-eu nunca atrapalharia o seu trabalho — gaguejo.

Minhas mãos começam a tremer quando ele desce e para entre as minhas pernas, abrindo meus grandes lábios com os polegares.

Afasto os joelhos só um pouco, o bastante para que ele tenha acesso.

— Mas nada de me abandonar em algum lugar distante enquanto você viaja pelo mundo para cumprir os contratos — digo, enfiando os dedos no cabelo dele, com a respiração irregular e acelerada. — Não quero ser dona de casa, entendeu?

Um suspiro agudo corta o ar perto da minha boca quando a ponta de sua língua lambe meu clitóris. Quase derreto ali mesmo, os músculos das coxas perdendo força a cada segundo.

— Sim, entendo o que você quer dizer — diz Victor, e me lambe de novo, explorando entre as minhas pernas. Jogo a cabeça para trás e puxo seu cabelo com mais força, enrolando-o nos dedos. — Você vai aonde eu for. Para eu poder ficar de olho em você.

— De olho em mim. Claro.

Que resposta patética. Só consigo pensar na cabeça de Victor no meio das minhas pernas, e naquela sensação quente e formigante que está amolecendo minhas entranhas.

Victor me ergue segurando minha bunda com firmeza e com minhas coxas em torno da cabeça. Então me lambe furiosamente por um momento antes de me jogar de costas na cama.

Com os joelhos dobrados no peito, vejo sua boca entrar no meio das minhas coxas e reviro os olhos enquanto ele me faz esquecer tudo.

CAPÍTULO DOZE

Sarai

O treinamento começa dois dias depois, mas não da maneira que eu esperava. Não sei o que eu esperava, na verdade, mas com certeza não era *isso*.

— O que a gente está fazendo aqui? — pergunto quando paramos no estacionamento de uma academia de artes marciais a uma hora de Santa Fé.

— Krav maga — esclarece Victor, e olho como se ele estivesse falando outra língua. Ele fecha a porta do carro e andamos até a fachada do prédio. — Não vou conseguir dedicar cem por cento do meu tempo ao seu treinamento. Por isso, três dias por semana, vou trazer você aqui. Dá para aprender muita coisa com o krav maga em pouco tempo. E o foco é a defesa pessoal...

— O quê? — Paro na calçada antes de passarmos pela porta. — Não sou uma donzela em perigo que acaba de ser assaltada em um estacionamento escuro, Victor. Não preciso de aulas de defesa pessoal. Preciso aprender a matar.

— Matar é a parte fácil — rebate Victor, sem rodeios. Ele abre a porta de vidro e faz um gesto para eu entrar. — Chegar a esse ponto *sem* morrer tentando é a parte difícil.

— Então você quer que eu aprenda a dar um chute no saco de um cara? — pergunto, bufando de desdém. — Acredite, eu já sou perfeitamente capaz disso.

Um sorriso discreto aparece nos cantos de seus lábios deliciosos.

Nesse momento, um sujeito alto, moreno e com músculos bem-definidos se aproxima de nós no grande salão. As janelas no alto da parede deixam o sol entrar. Dois grupos de pessoas estão treinando em pares, formando um semicírculo em um enorme tatame preto estendido por boa parte do chão.

O homem de braços musculosos e camiseta preta estende a mão para Victor.

— Faz quanto tempo? Três anos? Quatro?

Victor aperta a mão dele com firmeza.

— Uns quatro, acredito.

O homem me olha por um momento, e então Victor nos apresenta.

— Spencer, esta é Izabel. Izabel, Spencer.

— Prazer — diz Spencer, estendendo a mão.

Relutante, aperto a mão dele. Eles se conhecem? Não sei se gosto disso ou não. De repente, sinto que aquilo é alguma armação. Sorrio com desdém para aquele brutamontes alto e simpático.

Victor se vira para mim e diz:

— Não tem ninguém melhor para treinar você em defesa pessoal do que Spencer. Você está em boas mãos.

Spencer abre um sorriso tão largo que, se fosse um pouco maior, acho que daria para engolir minha cabeça. Ele está com os braços musculosos à sua frente, com as mãos cruzadas. As veias, grossas como cordas, que percorrem suas mãos e seus braços bem bronzeados me lembram das de um fisiculturista, mas ele não tem esse tamanho todo. Só é maior do que *eu*, o que me intimida mais.

Levanto um dedo para Spencer.

— Você nos dá licença um minutinho?

— Claro — responde ele.

Percebo o leve sorriso que ele dá para Victor.

Pego Victor pela mão e o puxo para o lado. Ao fundo, ouço, de maneira constante, corpos sendo jogados naquele tatame preto e a voz de um instrutor entoando comandos repetitivos e mandando os alunos fazerem “de novo”.

— Victor, acho que isto é perda de tempo. Não sei por que você me trouxe aqui. — Cruzo os braços. — Quero aprender essas coisas com *você*, não com um cara aleatório do tamanho de um ônibus. — Olho por cima do ombro, torcendo para que Spencer não tenha ouvido, embora eu tenha tomado o cuidado de sussurrar.

— Preciso me encontrar com Fredrik daqui a uma hora — explica Victor.

— Ah, então você vai me deixar com uma babá? — Franzo o cenho e balanço a cabeça para ele, totalmente incrédula, para não dizer ofendida.

— Não, não é isso.

— Mas eu quero que *você* me ensine — repito, forçando as palavras com rispidez entre meus dentes cerrados.

Victor suspira e balança a cabeça, parecendo aborrecido e frustrado comigo.

— Você não tem disciplina. Nenhuma. Igualzinha ao meu irmão. — Isso fere o meu orgulho. — Como vou ensinar alguma coisa para você, se não é capaz nem de fazer as coisas mais simples que eu peço?

Na mesma hora, me arrependo por agir feito uma criança. Solto um suspiro de resignação.

— Desculpe — digo, baixinho. — Pensei que fosse treinar com você, só isso.

— Você vai treinar comigo — garante Victor, pondo as mãos nos meus ombros. — Mas por enquanto precisa aprender o básico. E esta é a melhor maneira.

— Mas por que você não pode me ensinar o básico? — pergunto, com o mesmo tom resignado de antes. — Por que precisa ser ele?

Victor se inclina e beija de leve o canto da minha boca.

— Porque Spencer não tem medo de machucar você — explica ele, e isso me surpreende um pouco. — E não quero fazer isso, se eu puder evitar. Você só vai aprender se for real.

Arregalo os olhos.

— Espere aí... Então você está dizendo que aquele *tanque de guerra* — digo, apontando por cima do ombro com o polegar — vai me bater *de verdade* ?

— Sim. É para isso que ele está sendo pago.

Parece que meu queixo acaba de bater no chão. De repente, sinto um calafrio percorrer minha espinha.

— Você não é obrigada a fazer isso, Sarai, mas, se realmente é o seu desejo, quero que vá com tudo. Não faça de qualquer jeito. Na vida real, quem atacar você não vai facilitar as coisas — afirma Victor, enquanto me encara com atenção, querendo desesperadamente que eu o entenda e confie nele. — Vou treinar com você no momento certo. Mas, quando *eu* fizer isso, vai ser brutal, Sarai. Vou atacar com a mesma força que um agressor de verdade usaria.

Aprenda o básico primeiro, domine algumas habilidades para conseguir me enfrentar, e vou me sentir melhor para treinar você pessoalmente. Entendeu?

— É, acho que sim — respondo, assentindo. E estou sendo sincera.

Entendo perfeitamente agora. Nem me lembro da última vez que estive tão nervosa para fazer alguma coisa. Mas Spencer, o tanque, não me assusta tanto, na verdade, porque lá no fundo sei que, mesmo que Victor esteja lhe pagando para *não* facilitar comigo, ele não vai usar toda a sua força em mim. Se usasse, me mataria.

— Você quer ficar? — pergunta Victor.

— Quero.

— Ótimo.

Ele se inclina para meus lábios de novo e me beija com intensidade, tirando meu fôlego. Chocada por essa demonstração pública de afeto tão atípica, fico sem palavras quando ele desgruda os lábios dos meus.

— Volto para buscar você daqui a algumas horas.

— Tudo bem.

Nós voltamos para perto de Spencer, que parece um tanto empolgado para começar a treinar comigo, como se eu fosse um brinquedo novinho em folha com o qual ele não vê a hora de brincar.

— Pronta para começar a aprender krav maga? — pergunta Spencer.

— Estou — respondo, e meu olhar vai até as pessoas lutando no tatame preto atrás dele.

— Tem certeza de que você aguenta?

Quero dizer que sim com confiança, porque, afinal de contas, sempre imaginei que aulas de defesa pessoal consistissem em nada mais do que bloquear golpes, bater e sinalizar aos outros onde estou. Sempre imaginei mulheres comuns, que nunca lutaram na vida, todas de pé em um círculo, esperando a vez para derrubar o instrutor com alguns golpes “úteis”. Contudo, ao observar o grupo que está treinando atrás de Spencer, a intensidade agressiva e a violência de alguns golpes, começo a achar que esse tipo de defesa pessoal é bem diferente.

— Deve ser simples — digo, sem a segurança que queria.

— Se você diz — responde Spencer, com um sorriso conivente que deixa meus nervos ainda mais em frangalhos.

Mas não estou com medo. Nervosa, sim, mas não com medo. Estou pronta para fazer isso. Começo até a ficar ansiosa. Quero provar a Victor que dou conta.

E quero provar a ele que não sou *nada* parecida com seu irmão.

Victor vai embora. Antes do fim da primeira hora, estou exausta e tão dolorida que mal consigo andar em linha reta sem cambalear.

— Sempre se defenda e ataque ao mesmo tempo — explica Spencer, em pé, enquanto estou deitada no tatame e querendo me encolher em posição fetal. — E nunca vá para o chão. Isto não é luta greco-romana, Izabel. Se você vai para o chão, você morre.

Sem fôlego e tentando controlar a dor intensa que queima minha panturrilha, me levanto.

— Me ataque — ordena ele, elevando a voz acima dos poucos gritos de quem ainda assiste à aula depois da segunda hora. — Se não me atacar, eu ataco você!

Estou exausta demais.

— Não consigo! — Desisto e caio de bunda no tatame. — É demais. Hoje é meu primeiro dia e parece que é minha primeira luta de verdade. Cadê a parte em que você me mostra o que fazer e me ensina a dar os golpes?

— O que você quer mesmo é que eu pegue leve com você, não é?

— Isso! Cadê as instruções? As regras?

Minhas costas estão me *matando*. Deito no tatame, abrindo os braços acima da cabeça, e olho para o teto iluminado. Não quero mais saber de Spencer e de seu treinamento de imersão total. Só quero descansar.

As lâmpadas fluorescentes do teto começam a se mover depressa quando sinto de repente que estou sendo arrastada pelo tornozelo.

— Não há regras no krav maga — ouço Spencer dizer, mas percebo, meio segundo depois, que não é ele quem está me arrastando.

É uma mulher, com cabelo castanho-claro preso em um rabo de cavalo. Confusa com a mudança, fico distraída demais para notar o pé dela atingindo meu estômago. Berro de dor, me dobrando para a frente ao levantar as pernas e as costas do tatame ao mesmo tempo, com os braços cruzados sobre o abdômen. O golpe expulsa todo o ar dos meus pulmões.

— CHEGA! — grita Spencer, em algum lugar atrás de mim.

Sinto que vou vomitar.

A mulher para no mesmo instante e dá alguns passos para trás.

— Levante — manda Spencer, e decifro, em meio à dor que acaba com meu tórax, que sua voz está muito mais perto do que antes.

Ergo a cabeça e o vejo agachado ao meu lado.

— Vou deixar você recuperar o fôlego — diz ele, baixinho, oferecendo a mão. — Esta é Jacquelyn. Minha mulher.

Pego no antebraço dele, ele me segura e me põe de pé.

— Muito prazer — digo a ela, fazendo uma careta horrorosa de dor. — Ou em conhecer o seu pé, pelo menos.

Ela dá uma risadinha.

— O seu namorado me pagou para encher você de porrada, basicamente — afirma Spencer. — Mas, como não tenho o hábito de bater em mulher, achei melhor deixar minha esposa fazer as honras para que eu pudesse receber o pagamento do mesmo jeito.

— É a melhor maneira de aprender — intervém Jacquelyn. — Esse seu homem sabe o que está fazendo. É brutal? Claro. Necessário para sobreviver a situações de combate corpo a corpo? Com certeza. Indicado para peruazinhas delicadas que ficam pulando e gritando de medo quando veem uma aranha? Nem fodendo.

— Bom, eu não sou uma dessas — digo, com frieza. — *Disso* você pode ter certeza.

— Então prove — provoca ela, curvando-se para a frente com as mãos semiabertas ao lado do corpo. — Lembre, o krav maga não tem regras. Sempre defenda e ataque ao mesmo tempo. Sempre lute com agressividade. E nunca vá para o chão.

— Ok, essa parte eu entendi. Se eu for para o chão, estou morta.

Jacquelyn praticamente me dá uma surra durante o resto da aula. E, quando Victor finalmente chega para me buscar, meu nariz e meu lábio estão sangrando, meu olho direito está roxo e latejando e acho que quebrei um dente.

Isso continua dia sim, dia não pelas duas semanas seguintes.

Não levei muito tempo para ficar boa no krav maga. Spencer diz que tenho um talento natural e que devo ter “dispensado as Barbies quando era criança”.

Ele não faz nem ideia...

Estou ficando muito mais forte, muito melhor na minha técnica. Em certo momento, até consegui machucar Jacquelyn ao enfiar o cotovelo nas costelas dela. Acho que quebrei algumas, mas ela não admite. Não por orgulho, mas porque não acha certo reclamar nem deixar algo tão insignificante quanto uma costela fraturada impedir que ela lute.

Também não demorou para que eu começasse a simpatizar com ela. Quando Jacquelyn não está me enfiando a porrada, até gosto de sua companhia.

Só duas semanas se passaram. Até agora, não fiz nada além de treinar com Jacquelyn e aprender a usar armas com Victor. Ainda assim, apesar de curtir o treino e esperá-lo ansiosamente todo dia, fico frustrada por estar demorando tanto. Eu esperava que Hamburg e Stephens já estivessem mortos faz tempo, a essa altura.

Estou ficando impaciente.

— Victor, eu não pretendo lutar com Hamburg e Stephens. Só quero *matá-los*. Mais nada. Não entendo por que você está me fazendo passar por tudo isso.

Victor se descobre e sai da cama, andando nu pelo quarto.

Em silêncio, admiro a visão.

— Tem mais coisas envolvidas nisso do que você imagina — diz ele, desaparecendo ao entrar no banheiro.

Aquilo com certeza desperta meu interesse.

Eu me levanto e grito:

— É mesmo?

Jogo o lençol no chão e ando depressa atrás dele, parando à porta do banheiro e me apoiando no batente. Ele está abrindo a água do chuveiro.

Victor fecha o boxe de vidro, deixando a água correr por um momento, e então se vira para mim.

— Você não está fazendo todo esse treinamento só para matar Hamburg e Stephens. Se vai ficar comigo, independentemente de como vai ocupar o seu tempo, precisa aprender a lutar. Precisa saber identificar, diferenciar, carregar e disparar praticamente qualquer tipo de arma. Há muitas coisas que você precisa saber, e não temos tempo suficiente para aprender metade delas. — Ele abre a porta do boxe e estende o braço, deixando a água correr sobre a mão para sentir a temperatura.

Ele acrescenta:

— Esse treinamento não tem muito a ver com Hamburg e Stephens. Quero que você esteja sempre segura, por isso é vital que aprenda essas coisas agora.

Abro um sorriso leve, saboreando o momento. Quando nos conhecemos, eu não imaginava que Victor tivesse um só traço de preocupação ou emoção no corpo. Mas a cada dia testemunho que ele está se abrindo mais para mim. E vejo que isso está se tornando mais fácil para ele.

Volto ao assunto em questão, mas o que eu gostaria mesmo de fazer, a essa altura, é beijá-lo.

— Mas por que isso está demorando tanto? Quero acabar com essa história de uma vez.

Entro no banheiro e me sento na bancada da pia, apenas de calcinha.

— Porque, enquanto eu elaboro um plano para você chegar perto dos dois e matá-los, você precisa treinar, ocupar seu tempo o máximo possível. — Victor se aproxima de mim e segura meu rosto com as mãos. — Só estar no mesmo quarto comigo, só me *conhecer*, Sarai, já é uma sentença de morte diária. Cada vez que você sai por aquela porta, corre o risco de levar um tiro. O único motivo pelo qual a Ordem ainda não me encontrou é que Niklas é o único agente atrás de mim. Quer dizer, por enquanto. Ele não quer que ninguém mais me ache. *Ele* quer levar o crédito. O reconhecimento. Sobretudo porque foi ele o contratado para acabar comigo. — Victor pressiona os lábios na

minha testa. Fecho os olhos, levanto os braços e seguro os pulsos dele. — Mas um dia, provavelmente daqui a pouco, vou ter que enfrentar meu irmão, pois a Ordem não vai dar todo o tempo do mundo para ele cumprir a missão. Ou ele me encontra ou eu o encontro. E um de nós vai morrer.

Com os dedos ainda envolvendo os pulsos dele, afasto delicadamente suas mãos do meu rosto. Olho para aqueles lindos olhos verde-azulados, perplexa, inclinando a cabeça para um lado.

— Por que não deixa isso para lá? Victor, entendo você querer matar Niklas antes que ele mate você, mas por que correr o risco de morrer procurando briga?

O vapor começa a encher o banheiro, embaçando o grande espelho acima do balcão, atrás de mim.

— Porque se Niklas não me encontrar, se não conseguir cumprir o primeiro contrato oficial desde que foi promovido a agente sob o comando de Vonnegut, eles vão matá-lo. — Victor apoia as mãos na bancada, à minha direita e à minha esquerda. — Ninguém, a não ser eu, vai matar meu irmão. Não me importa o que ele fez ou as diferenças que temos, ainda é meu irmão.

Faço que sim, compreensiva.

— Tudo bem, então quando tudo isso vai acontecer? Esse... confronto com Niklas? Minha chance de matar Hamburg e Stephens?

Victor abre um sorriso malicioso e eu passo as pontas dos dedos em seus lábios. Ele segura minha mão e beija meus dedos.

— Vamos ter que trabalhar nesse seu problema, Sarai. A sua impaciência e, claro, como já falei, a indisciplina. É o próximo item da nossa agenda.

— Não consigo evitar a impaciência. Aqueles dois babacas horríveis continuam por aí, levando uma vida de luxo, fazendo só Deus sabe o quê com sabe-se lá quantas mulheres. Isso sem falar que estão me procurando. Mataram meus amigos por minha causa. Dina continua escondida longe da casa dela e está com medo. A vida dela foi virada de cabeça para baixo por causa deles. Por minha causa. Quero que eles morram para que pelo menos Dina possa seguir a vida.

— O que você vai dizer para ela? — pergunta Victor. — Quando se encontrar com ela hoje, o que vai dizer?

Desvio o olhar e vejo o vapor revestir as altas paredes de vidro do boxe, ondulando acima do chuveiro em nuvens suaves. Começo a suar um pouco, o rosto, o pescoço e o colo úmidos.

— Vou contar a verdade para ela.

— Você acha uma boa ideia?

Encaro Victor.

— Acho justo. Ela é praticamente minha mãe. Fez muito por mim. Eu devo a verdade a ela. — Sorrio e acrescento: — Além disso, se você não concordasse com minha decisão de contar a verdade, já teria deixado isso bem claro, a essa altura.

Victor retribui meu sorriso e me segura pela cintura, me ajudando a descer da bancada.

— Acho que é melhor a gente se arrumar, se quiser chegar lá a tempo — observa ele, e me leva até o chuveiro. Tiro a calcinha antes de entrar no boxe com ele.

Victor disse a Dina e a mim que me levaria para vê-la alguns dias depois de o contato de Fredrik a tirar de Lake Havasu City. Mas as coisas não saíram conforme planejamos. Victor e Fredrik concordaram que era arriscado e cedo demais. Uma noite, ouvi os dois conversando sobre Dina e sobre como ela poderia estar sendo vigiada no dia em que o contato de Fredrik chegou para buscá-la. Victor queria ter certeza de que isso não havia acontecido, e que, se qualquer um de nós aparecesse por acaso no esconderijo de Dina, não cairia em uma armadilha. Mas, à medida que os dias passaram e Fredrik continuou vigiando a casa onde Dina estava se escondendo, ele e Victor tiveram certeza de que ela era, de fato, segura.

Hoje, enfim, vou vê-la pela primeira vez desde que viajei com Eric e Dahlia para Los Angeles.

CAPÍTULO TREZE

Victor

Sarai precisa estar preparada não só para as ameaças iminentes, mas também para a vida que a espera. Ela escolheu um caminho há muito tempo, no dia em que me conheceu, embora ainda não soubesse. Eu não queria enxergar, por isso lutei comigo mesmo contra a necessidade estranha e antinatural de ficar perto dela, porque queria que ela tivesse uma vida normal.

Não queria que ela terminasse como eu...

Mas eu sabia, oito meses atrás, antes de deixá-la naquele quarto de hospital ao lado da sra. Gregory, que um dia eu voltaria para ela. Nunca foi minha intenção nem meu plano, eu apenas sabia que acabaria acontecendo, de uma maneira ou de outra.

Por 28 dos meus 37 anos de vida, a única coisa que conheci foi a Ordem. Só conheci disciplina e morte. Nunca conheci amizade ou amor sem suspeitas e traições. Fui... programado para desafiar as emoções e ações humanas mais comuns, mas eu... Só quando conheci Sarai me permiti acreditar que Vonnegut e a Ordem não eram minha família, que me usaram como seu soldado perfeito. Eles me negaram a vida toda os elementos que nos tornam humanos. E não posso permitir que isso fique impune.

Um dia, *vou* matar Vonnegut e acabar com o resto da Ordem pelo que fizeram comigo e com a minha família. Uma família que eles destruíram. Sarai é minha família agora, e espero que Fredrik prove sua lealdade no teste final que farei com *ele*. Eles são minha família e não vou permitir que a Ordem também os destrua.

Mas, por enquanto, Sarai é o meu foco, e será pelo tempo que for necessário. Ela precisa ser treinada. Precisa absorver o máximo que puder, o mais rápido que conseguir. É impossível que um dia ela chegue ao meu nível. Ela nunca vai conseguir viver a vida de um assassino como eu, porque levaria

metade da vida para aprender. É por isso que a Ordem nos recruta tão jovens. É por isso que Niklas e eu fomos levados quando éramos crianças.

Sarai nunca vai ser como eu.

Mas ela tem outros talentos. Tem habilidades que, mesmo depois de tantos anos de treinamento, *eu* jamais conseguiria superar. A vida de Sarai na fortaleza no México lhe garantiu um conjunto único de habilidades que não se aprendem em uma aula nem se leem em um livro. Ela mente e manipula com maestria. Pode se tornar outra pessoa em dois segundos e enganar uma sala cheia de gente que ninguém mais conseguiria enganar. Consegue fazer um homem acreditar no que ela quiser com muito pouco esforço. E não tem medo da morte. Ela é melhor do que uma simples atriz. Porque ninguém percebe a farsa até que seja tarde demais. Javier Ruiz foi o *verdadeiro* professor de Sarai. Ele lhe ensinou coisas que eu jamais conseguiria transmitir. Foi seu verdadeiro treinador, ensinando os talentos mortais que agora começam a defini-la como assassina. E, como todos os mestres perversos, Javier Ruiz também foi a primeira vítima de sua aluna favorita.

Assim como foi com as habilidades que Sarai já possui, para aprender a lutar e entender a luta de verdade, ela precisa vivê-la e respirá-la todos os dias. Forçá-la a treinar com Spencer e Jacquelyn é necessário para a sua sobrevivência porque ela precisa aprender o máximo que puder sempre que for possível. Mas são as habilidades que ela já tem que vão transformá-la em um soldado único.

São essas habilidades que nos tornam a dupla perfeita.

Antes disso, contudo, Sarai precisa entender a fundo do que é capaz. E precisa passar pelos testes. Todos eles, até aqueles que podem fazê-la me detestar.

Não tenho dúvidas de que isso vai acontecer. Ela passar nos testes, pelo menos. Se ela vai me detestar, ainda é discutível.

Chegamos a Phoenix logo depois do pôr do sol e somos recebidos à porta da casinha branca por Amelia McKinney, o contato de Fredrik. Ela é uma mulher linda, voluptuosa e com um longo cabelo louro, embora sua característica *menos* atraente seja seu grande par de peitos de plástico, que com

certeza devem lhe dar dor nas costas. E ela usa roupas bem chamativas para uma mulher com doutorado que dá aula no ensino fundamental há cinco anos.

— Olá, Victor Faust — cumprimenta ela, com um tom sedutor, segurando a porta aberta para mim e Sarai. — Ouvi falar muito de você.

— Muito? Interessante.

Com uma das mãos, ela deixa aberta a porta de tela, dá um passo para o lado e acena para entrarmos na casa, sacudindo um monte de pulseiras com pingentes de ouro. Vários anéis enormes enfeitam seus dedos. E ela cheira a sabonete e a pasta de dente.

Coloco minha mão nas costas de Sarai e deixo que ela entre antes de mim.

— Fredrik me falou de você — conta Amelia, fechando a porta. — Mas acho que “muito” é exagero nesse caso, já que ele mesmo não parece saber muita coisa a seu respeito. — Ela gira a mão ao lado do corpo e acrescenta: — Mas imagino que o fato de eu saber tão pouco é o que torna você ainda mais intrigante.

— Nem pense nisso — intervém Sarai, parando nossa pequena fila indiana e se virando para encará-la.

Disciplina, Sarai. Disciplina. Suspiro em silêncio, mas admito que fico de pau duro ao vê-la tão superprotetora com o que lhe pertence.

Amelia levanta as mãos, por sorte em um gesto de resignação e não de desafio.

— Sem problemas, meu anjo. Não tem problema nenhum.

Sarai aceita essa bandeira branca e andamos mais pela casa, onde encontramos Dina Gregory na cozinha, preparando o que parece ser uma ceia de Ação de Graças para umas 15 pessoas.

Sarai corre para os braços abertos de Dina, e começam os sorrisos e as palavras de alívio e empolgação. Ignoro tudo isso por um momento, voltando minha atenção para assuntos mais prementes: o que está ao meu redor e essa mulher que não conheço.

Não confio em ninguém.

Amelia, como muitas mulheres do círculo de Fredrik Gustavsson, não sabe nada sobre a Ordem nem sobre o envolvimento que eu ou Fredrik temos com organizações do tipo. Ela não é o que Samantha, do Abrigo Doze no Texas, era

para mim. Não, a relação de Amelia e Fredrik, embora tecnicamente não possa mais ser chamada assim, é muito mais... complicada.

Começo a vasculhar a casa em busca de câmeras e armas, tateando estantes, vasos de plantas, cacarecos e móveis, instalando minha própria parafernália secreta de espionagem no caminho.

— Fredrik disse que você talvez fizesse isso — diz Amelia, atrás de mim, embora eu tenha certeza de que ela não viu o pequeno aparelho que acabo de grudar embaixo da mesinha da TV. Ela ri baixo. — Eu limpei a casa muito bem antes de você chegar. Cadê as suas luvas de borracha? — brinca ela.

Não viro para trás nem paro o que estou fazendo.

— Você recebeu alguma visita desconhecida desde que a sra. Gregory veio para cá? — pergunto, debruçando-me sobre uma mesa ao lado de uma cadeira reclinável e examinando um abajur.

— Uau, você e Fredrik são mesmo os caras mais paranoicos que já conheci. Não. Não que eu lembre. Bom, um vendedor de TV por satélite veio uma vez semana passada, querendo que eu desistisse da TV a cabo. Além dele, ninguém.

Ela se aproxima de mim por trás e abaixa a voz:

— Por quanto tempo essa mulher vai ficar na minha casa? — Noto com a visão periférica que ela olha para a porta da cozinha, para garantir que ninguém consiga ouvi-la além de mim. — Ela é legal e tudo, mas... — Amelia suspira com ar culpado. — Olha, eu tenho 30 anos. Não moro com meus pais desde os 16. Ela está atrapalhando o meu jogo. Eu trouxe um cara aqui semana passada e ele pensou que ela fosse minha mãe. Ficou chato. Não transo desde que ela chegou.

Eu me viro para encará-la.

— E há quanto tempo você conhecia o sujeito que trouxe aqui?

— Hein?

— O homem. Há quanto tempo estava dormindo com ele?

Suas sobranceiras finas e bem-cuidadas se juntam no meio da testa.

— E isso por acaso é da sua conta? Vai me perguntar em quantas posições a gente trepou também?

— Quanto tempo?

— Conheci o cara em um bar, sábado passado.

— Bem, ele conta como uma visita desconhecida.

Ela quer discutir, mas se contém.

— Ok. Tudo bem. O cara do satélite e o *quase* peguete do bar. Só eles.

— Antes que eu vá embora, vou precisar do nome desse cara e de qualquer outra informação que você possa me dar sobre ele, incluindo uma descrição detalhada.

Ela balança a cabeça e ri, contrariada.

— Não sei por que aguento essas merdas do Fredrik. — Então Amelia abre uma gavetinha da mesa e tira um bloco de notas e uma caneta.

— Porque você não resiste — observo, mas sem querer ser desagradável. Outra coisa que preciso praticar: ficar de boca fechada quando as mulheres dizem certas coisas que dispensam comentários.

Ofendida, ela arregala os olhos azuis brilhantes. Rabisca alguma coisa na folha, arranca-a do bloco e a enfia na minha mão.

— O que *isso* significa? — Contudo, antes de me dar a chance de cometer outra gafe, ela muda o tom de voz, chega perto de mim e sussurra de maneira sedutora: — Ei... *O que* vocês dois têm em comum, afinal?

Sei exatamente sobre o que Amelia está perguntando. Ela especula sobre as minhas preferências sexuais e provavelmente torce para que sejam tão sombrias quanto as de Fredrik. Mas ela está pisando em um território muito perigoso, com Sarai na sala ao lado.

— Não muito — respondo, enfiando no bolso a folha com o nome e a descrição do homem. Então continuo a investigar a casa dela.

— Que pena — comenta Amelia. — Qual é a dele, afinal? Ele fala alguma coisa de mim?

Por favor, pare com isso...

Suspiro e paro na entrada do corredor, olhando-a nos olhos.

— Se você tem perguntas para ou sobre Fredrik, faça o favor de perguntar diretamente a ele.

Amelia joga o cabelo para trás em um gesto orgulhoso e revira os olhos.

— Tudo bem. Só pergunta para o Fredrik quanto tempo mais vou ter que ficar de babá, ok?

Ela passa por mim e se junta a Sarai e à sra. Gregory na cozinha, enquanto aproveito a oportunidade para inspecionar o resto da casa.

Por falar em Fredrik, ele me liga quando estou a caminho do quarto de hóspedes.

— Tenho informações sobre a missão de Nova Orleans — diz ele do outro lado da linha. Ouço trânsito ao fundo. — O contato acha que o alvo voltou para a cidade.

— Por que ela acha isso?

— Ela acha que o viu em frente a um bar perto da Bourbon Street. Claro que ela pode ter imaginado isso, mas acho que a gente deveria investigar. Só por segurança. Se a gente esperar e ele voltar para o Brasil, ou onde quer que ele esteja se escondendo, pode levar mais um ou dois meses antes de termos outra chance.

— Concordo. — Eu me fecho no quarto de hóspedes. — Estou com Sarai na casa da Amelia agora, mas vou terminar as coisas por aqui mais cedo. Vá para Nova Orleans na minha frente e eu encontro você lá amanhã no início da noite. Mas não faça nada.

— Não *fazer* nada? — pergunta Fredrik, desconfiado. — Se eu encontrar o cara, posso prendê-lo e começar o interrogatório, pelo menos.

— Não, espere a gente. Quero que Sarai faça isso.

Fredrik fica em silêncio por um instante.

— Você não pode estar falando sério, Victor. Ela não está pronta. Pode estragar a missão toda. Ou morrer.

— Não vai acontecer nada disso — rebato com calma e confiança. — E não se preocupe, é você quem vai fazer o interrogatório. Só quero que ela prenda o sujeito.

Sei que há um sorriso macabro no rosto de Fredrik sem precisar vê-lo ou ouvir sua voz. Deixar que ele faça o interrogatório é praticamente o mesmo que dar uma seringa para um viciado em heroína.

— Vejo você em Nova Orleans, então — diz ele.

Desligo, enfio o celular no bolso de trás da calça preta e termino a inspeção da casa antes de ir para a sala e me juntar às mulheres, todas já com pratos de

comida no colo.

CAPÍTULO CATORZE

Sarai

— Você deveria fazer um prato — digo para Victor quando ele surge no corredor. — Dina cozinha muito bem. Até melhor do que Marta. Mas não diga a Marta que eu falei isso. — Enfio uma enorme colherada da caçarola de feijão na boca.

Dina, sentada ao meu lado no sofá, aponta para Victor.

— Ela é suspeita. Mas, se você está com fome, é melhor comer antes que acabe.

— Precisamos conversar — anuncia Victor, de pé no meio da sala e bem na frente da TV.

Não gosto do tom dele.

— Tudo bem — digo, desencostando do sofá e deixando o prato na mesinha de centro. — Sobre o quê?

Victor olha de relance para Amelia. Ela está sentada na poltrona à minha frente, pegando um pedaço de pão de milho. Tenho a sensação de que Victor não quer que ela ouça a conversa.

— Amelia — diz Victor, enfiando a mão no bolso de trás da calça e pegando a carteira de couro —, preciso que você saia um pouco de casa. — Ele mexe na carteira, tira um pequeno maço de notas de 100 dólares e o deixa na mesa diante dela. — Se você não se importar.

Amelia olha para o dinheiro, apoia o garfo no prato e conta as cédulas.

— Sem problemas — concorda ela, com um sorriso satisfeito. Então se levanta, pega o prato e a lata de refrigerante e desaparece na cozinha.

Ouçõ o garfo raspando os restos de comida do prato para o lixo e a cerâmica tilintando no fundo da pia. Amelia passa por nós e segue até o corredor.

— Mas preciso que você saia agora mesmo — reitera Victor. — Não precisa trocar de roupa nem se arrumar.

— Posso pelo menos calçar a droga de um sapato? — pergunta ela, ríspida.

— Claro — responde Victor, assentindo. — Mas, por favor, não demore.

Amelia vai até o fim do corredor, resmungando irritada. Minutos depois, ela liga o carro e vai embora.

Victor olha para mim e para Dina.

— Não podemos ficar tanto tempo quanto o planejado — informa ele.

Dina também larga o prato e suspira com tristeza.

— Por que não? — pergunto.

— Surgiu um problema.

Olho para o meu prato, e o brilho metálico do garfo perde foco à medida que mergulho em pensamentos. Achei que teria tempo para encontrar a forma certa de contar para Dina tudo o que eu planejava contar. Agora estou desesperada tentando imaginar como começar a primeira frase.

— Dina — digo, respirando fundo. Eu me viro de lado para encará-la. — Eu matei um cara, meses atrás. — O rosto de Dina parece ficar rígido. — Foi em legítima defesa. Eu, hum... — Olho para Victor. Ele assente de leve, me motivando a continuar e garantindo que está tudo bem, embora eu saiba que ele não concorda cem por cento com o que estou fazendo. — Aliás, também matei um cara em Los Angeles na noite em que Dahlia e Eric foram encontrados mortos.

Dina ergue a mão enrugada e cobre a boca.

— Ah, Sarai... Você... o que você está...

— Dahlia e Eric foram assassinados por minha causa — interrompo, porque é evidente que ela não sabe o que dizer. — Não só a polícia de Los Angeles está atrás de mim para me interrogar, já que eu estava com eles, mas também os homens que mataram os dois estão na minha cola. É por isso que você está aqui.

— Meu Deus do céu. — Dina balança a cabeça sem parar, tira os dedos da boca e aperta os olhos cheios de pés de galinha em uma expressão preocupada.

Seguro a mão dela, que é fria e macia.

— Tem muita coisa que você não sabe. Onde eu estava de fato durante os nove anos em que minha mãe e eu ficamos desaparecidas. O que realmente aconteceu comigo. E com minha mãe. E eu não levei um tiro de um ex-namorado daquela vez em que Victor levou você para o hospital em Los Angeles. Eu levei um tiro de... — Olho para Victor de novo, mas decido por mim mesma não revelar essa informação. Ela não precisa saber de Niklas nem no que Victor e ele estão envolvidos. — Foi outra pessoa que atirou em mim. É uma história muito longa que você vai saber um dia, mas por enquanto só quero que você saiba a verdade sobre mim. — Passo os dedos com carinho nas costas da mão dela. — Você é a única mãe de verdade que eu tive. Fez tanta coisa por mim, sempre me apoiou, e eu devo essa honestidade a você.

Dina segura minha mão entre as dela.

— O que aconteceu com você, menina? — pergunta, com tanta dor e preocupação na voz que sinto um nó na garganta.

Começo a contar tudo, tanto quanto posso sem revelar qualquer informação sobre Victor e Niklas. Conto sobre o México e sobre as coisas que vi e vivi por lá. Conto sobre Lydia e sobre não conseguir salvá-la, apesar de ter lutado tanto. Omito sobretudo as relações sexuais que eu tinha com o cara que me mantinha presa, Javier Ruiz, um chefão mexicano do tráfico de drogas, armas e escravas, e só digo que eu estava lá contra a minha vontade e fui obrigada a fazer coisas que não queria. Dina cai no choro e me abraça forte, me balançando apertada contra o peito, como se eu é que estivesse chorando e precisasse de um ombro amigo. Ao menos dessa vez, contudo, não estou chorando. Só me sinto péssima por ter que contar tudo isso a ela, pois sei que isso a magoa muito.

Minutos depois, quando termino de contar tudo o que posso, Dina está sentada na beira do sofá, parecendo ligeiramente em choque. Mas ela está mais preocupada do que qualquer outra coisa.

Ela olha para Victor.

— Quanto tempo vou precisar ficar aqui? Gostaria muito de ir para casa. E quero levar Sarai.

— Isso não é uma boa ideia — argumenta Victor. — E quanto a Sarai, ela vai ter que ficar comigo. Por tempo indeterminado.

Engulo em seco ao ouvir as palavras dele, sabendo que Dina não vai aceitar isso.

— Então... Mas então o que isso significa? — pergunta ela, nervosa, voltando sua atenção somente para mim. — Sarai, você nunca mais vai voltar para casa?

Balanço a cabeça, cheia de culpa.

— Não, Dina, eu não posso. Preciso ficar com Victor. Estou mais segura com ele. E você está mais segura sem mim.

Dina balança a cabeça com ar solene.

— Você vai me visitar?

— Claro que vou. — Aperto a mão dela com delicadeza. — Eu nunca abandonaria você para sempre.

— Entendo — afirma ela, esforçando-se para aceitar.

Dina se volta para Victor.

— Mas eu não posso ficar na casa dessa mulher. Se você só me trouxe para cá para *me* proteger, prefiro voltar para casa. Não tenho medo desses homens. — Ela fica de pé e olha para mim. — Sarai, querida, eu nunca contaria nada para a polícia. Espero que acredite nisso.

Também me levanto.

— Sim, Dina, eu sei que você não contaria. O motivo para você estar aqui não tem nada a ver com a minha confiança em você. Trouxemos você para cá porque queremos que fique segura. Se alguma coisa acontecesse com você, principalmente por minha causa, eu jamais me perdoaria. Você é tudo o que me resta. Você e Victor. Você é minha família e eu não posso perdê-la.

— Mas eu não posso ficar aqui, querida. Já fiquei tempo demais. Amelia é gentil comigo, mas aqui não é a minha casa, e não quero ficar mais tempo do que *ela* quer que eu fique. Sinto como se minha presença fosse um fardo. Sinto falta das minhas plantas e da minha caneca de café favorita.

— Sra. Gregory — intervém Victor, impaciente, mas ainda respeitando os sentimentos dela. Ela se vira, mas ele faz uma pausa como se refletisse sobre algo. — Sarai não vai ficar segura se tiver que se preocupar com a *sua* segurança. Estou dizendo desde já: se a senhora voltar para casa, eles vão

encontrar e *matar* a senhora assim que a virem, ou pior, vão sequestrá-la, *torturá-la*, gravar tudo em vídeo e usar as imagens para atingir Sarai. Entende o que estou dizendo?

A expressão grave e determinada de Dina desmorona sob um véu de sofrimento e resignação. Ela se vira para mim, com o semblante distorcido pela dor. Talvez esteja me pedindo uma confirmação das palavras de Victor, esperando que eu suavize a situação, que eu diga que ele só está sendo dramático. Mas não posso fazer isso. O que ele disse, embora brutal e sem rodeios, é exatamente o que ela precisa ouvir.

— Ele tem razão. Olhe, a gente vai dar um jeito nesses caras logo, tudo bem? Só preciso que você fique quietinha por mais um tempo, até a gente conseguir fazer isso.

— Mas concordo com a senhora — pondera Victor —, acho que não deve mais ficar aqui.

Dina e eu olhamos para ele ao mesmo tempo.

Victor continua:

— Quando estamos nos escondendo e ficamos tempo demais no mesmo lugar, com certeza somos encontrados.

— Então aonde ela deve ir? — pergunto, com várias possibilidades girando na cabeça, nenhuma das quais parece plausível. — Não me diga que quer levar Dina com a gente. Por mais que eu fosse adorar...

— Não, ela não pode ir com a gente — concorda Victor —, mas posso arranjar uma casa só para ela. Já fiz isso antes.

Afinal, Victor providenciou a casa em Lake Havasu City para mim e Dina.

— Mas você não disse que surgiu um problema e que a gente precisa ir embora antes do planejado? Não dá tempo de encontrar outra casa para ela. Isso levaria dias.

— Eu tenho uma casa — afirma Victor. — Fica longe do Arizona, mas acho que seria melhor para a senhora não ficar aqui por enquanto. O contato de Fredrik, o mesmo sujeito que trouxe a senhora para cá, pode levá-la a esse lugar. Está disposta a se mudar?

Dina se reclinou no sofá, apertando as mãos uma na outra e as enfiando entre as pernas, vestidas em uma calça bege.

Eu me sento ao lado dela.

— Por favor, faça isso — peço a ela. — Vou me sentir muito melhor sabendo que você está segura.

Dina fica em silêncio por um longo momento, mas finalmente aceita.

— Estou velha demais para tanta emoção, mas tudo bem, eu vou. Só faça isso por você, Sarai.

Eu me inclino e a abraço.

— Eu sei, e é por isso que eu amo você.

— Onde fica a casa? — pergunto depois que deixamos Dina na casa de Amelia e pegamos a estrada. Ele não quis dizer antes a localização em voz alta, provavelmente porque não confiava no ambiente.

— Em Tulsa — responde Victor. — Tenho algumas casas espalhadas por aí, essa é uma delas. Nada luxuoso como a casa de Santa Fé, mas dá para morar nela, é aconchegante, e só a gente sabe que ela existe.

— Quem é esse contato de Fredrik, afinal?

— Ele não faz parte da Ordem, se é o que você quer saber. É só alguém que Fredrik conhece, um pouco como Amelia.

— Se não fazem parte da Ordem, quem eles são?

Victor me lança um olhar do banco do motorista.

— Amelia é só uma espécie de ex-namorada de Fredrik. Como os abrigos administrados pela Ordem, a casa de Amelia tem a mesma função. Mas temos muito menos preocupações em relação a ela, que nem sabe o que é a Ordem. Só o que ela tem é uma obsessão doentia por Fredrik e faz qualquer coisa que ele pedir.

— Ah, entendo — digo, embora não saiba direito se entendi. — Ela parece pegajosa.

— Pode-se dizer que sim.

— E o cara? Aquele que vai levar Dina até Tulsa?

Victor olha para a estrada, com uma das mãos relaxada na parte de baixo do volante.

— Ele é um dos nossos funcionários, na verdade. Um dentre uns vinte contatos que recrutamos desde que eu saí da Ordem. Nenhum deles sabe mais do que o necessário. Fredrik ou eu damos uma ordem, e, como em um emprego qualquer, eles obedecem. Claro que trabalhar com a gente é bem diferente de qualquer outro emprego, mas você entendeu.

— Eles não sabem o risco que correm por se envolver com você e Fredrik? E como vocês fazem para eles seguirem as ordens de vocês? O que eles fazem exatamente, além de levar Dina para um lugar qualquer, assim, do nada?

— Você está cheia de perguntas. — Victor sorri para mim. Uma carreta passa em disparada no sentido oposto, cegando-nos com os faróis altos. — Eles sabem do perigo, até certo ponto. Sabem que estão trabalhando para uma organização particular e são proibidos de falar sobre ela, mas nenhum dos nossos recrutas desconhece a discrição e a disciplina. Alguns são ex-militares, e todos foram escolhidos a dedo por mim. Depois de uma verificação completa do passado deles, é claro. — Victor faz uma pausa e acrescenta: — E eles fazem tudo o que pedimos, mas, para não metê-los em encrenca e proteger nossa operação, costumamos só pagar por tarefas simples. Vigilância. Compra de imóveis, veículos. E levar a sra. Gregory para um lugar qualquer, assim, do nada. — Victor sorri para mim de novo. — Como garantimos que eles sigam nossas ordens? O dinheiro é uma maneira formidável de influenciar pessoas. Eles são bem remunerados.

Apoio a cabeça no banco e tento esticar as pernas no chão do carro, já temendo a viagem longa.

— Um dos nossos homens estava no restaurante de Hamburg na noite em que eu encontrei você.

Tão depressa quanto apoiei a cabeça, levanto-a de novo e olho para Victor, em busca de mais explicações.

— A sra. Gregory só me ligou depois que você foi para Los Angeles — esclarece ele. — Eu estava no Brasil em uma missão, ainda procurando meu alvo depois de duas semanas. Fui embora assim que recebi a ligação da sra. Gregory, mas sabia que provavelmente não encontraria você a tempo, então

entrei em contato com dois dos nossos homens que estavam em Los Angeles, dei a eles a sua descrição e alertei para que vigiassem o restaurante e a mansão de Hamburg. Eu sabia que você iria para um dos dois lugares.

Eu me lembro do homem atrás do restaurante depois que matei o segurança. O homem que misteriosamente me deixou fugir.

— Eu vi o cara. Fugi pela saída dos fundos e ele estava lá. Pensei que ele fosse um dos homens de Hamburg.

— Ele é — rebate Victor.

Pisco, atordoada.

— Ele e o outro homem foram dois dos meus primeiros recrutas. Los Angeles era a minha prioridade quando tudo isso começou.

— Você sabia que eu iria para lá.

Embora eu não queira tirar conclusões precipitadas e parecer iludida, sei que é verdade. Meu coração começa a bater como um punho quente. Saber a verdade, saber que Victor estava, durante todo aquele tempo, pensando em mim mais do que eu jamais poderia imaginar me deixa feliz e culpada. Culpada porque o acusei de me abandonar.

— Eu esperava que você esquecesse essa história. Mas, no fundo, sabia que você voltaria lá.

Ficamos em silêncio por um instante.

— Ele está bem? — pergunto, sobre o homem nos fundos do restaurante.

Victor assente.

— Está ótimo. Ele tinha sido contratado por Hamburg meses antes. Conhecia a planta do restaurante e sabia que a única saída alternativa da sala de Hamburg no andar de cima era a dos fundos. A propósito, ele quer pedir desculpa.

— Como assim? Ele me ajudou a fugir.

— A ordem que eu dei a ele foi para não deixar de jeito nenhum que você entrasse naquela sala. Foi a peruca platinada. Ele sabia que você tem cabelo castanho-avermelhado e comprido, não curto e louro. Quando ele se deu conta de quem era, Stephens já estava levando você. Ele não podia entrar porque a sala estava sendo vigiada, por isso foi até os fundos do restaurante, torcendo

para conseguir entrar por ali de alguma forma, mas havia outros dois homens de guarda. Eles puxaram conversa e o seguraram ali, até que por fim ele os convenceu a deixá-lo vigiar o lugar sozinho. Logo depois, você saiu pela porta dos fundos.

Respiro fundo e apoio a cabeça no banco de novo.

— Bom, diga a ele que não precisa pedir desculpa. Mas por que ele não me disse logo quem era? Ou não me levou até você?

— Ele precisava segurar o Stephens tempo suficiente para você conseguir fugir, e o fato de ele continuar trabalhando para Hamburg ajuda. Ele não sabe o que os dois planejam nem coisa alguma sobre as operações. É só um segurança, nada além disso. Mas está lá dentro, e isso já é valioso para a gente.

Desafivelo meu cinto de segurança e me esgueiro entre os bancos da frente com a bunda empinada (de um jeito bem deselegante para uma dama, admito) para alcançar o banco de trás. Flagro Victor admirando a cena enquanto me espremo para passar, e isso me faz corar.

— Só tenho mais uma pergunta a acrescentar à lista.

— O que seria? — pergunta ele, zombando de mim.

— Por quanto tempo a gente vai ter que viajar assim? — Estico as pernas no banco de trás e me deito. — Sinto muita falta dos jatinhos particulares. Essas viagens longas de carro vão acabar me matando.

Victor ri. Acho isso incrivelmente sexy.

— Você está dormindo com um assassino, fugindo todo dia de homens que querem matar você e acha que vai morrer por falta de conforto. — Ele ri de novo, e isso me faz sorrir.

— É, acho — digo, me sentindo só um pouco ridícula. Não posso negar a realidade, afinal, por mais sem sentido que ela seja.

— Não vai ser por muito mais tempo — responde Victor. — Não podemos chamar atenção até que eu consiga me livrar completamente de Vonnegut. Ele tem contatos em muitas áreas, e transportes luxuosos, confortáveis e secretos estão no topo de sua lista de prioridades, por motivos óbvios. Dou menos na vista viajando de trem do que de jatinho particular.

Satisfeita com a resposta, não digo mais nada sobre o assunto e olho para cima, para o teto escuro do carro.

— Só para constar — digo, mudando de assunto —, eu não estou só *dormindo* com um assassino. Estou *muito* envolvida com ele.

— É mesmo? — pergunta Victor, e sei que ele está sorrindo.

— Sim, temo que seja verdade — digo, em tom de brincadeira, como se fosse algo ruim. — E é um envolvimento bem pouco saudável.

— É mesmo? Por que você acha isso?

Suspiro, dramática.

— Ah, sei lá. Talvez porque ele nunca vai conseguir se livrar de mim.

— Pegajosa. Como Amelia — provoca Victor, tentando me irritar.

E ele consegue. Eu me levanto um pouco e dou um soco de leve em seu ombro. Ele se encolhe, fingindo dor, mesmo com um sorriso largo no rosto.

— Longe disso — digo, e volto a me deitar. — Nem ferrando que eu vou fazer tudo o que ele quer, como a Amelia.

Victor ri baixinho.

— Bem, pelo jeito ele vai ter que aguentar você para sempre, então.

— Vai, e para sempre é muito tempo.

Ele faz uma pausa e então diz:

— Bom, só para constar, algo me diz que ele não gostaria que fosse diferente.

Adormeço no banco de trás muito tempo depois, com um sorriso no rosto que pareceu continuar ali pelo resto da noite.

CAPÍTULO QUINZE

Victor

No dia seguinte, chegamos a Nova Orleans, cujas ruas estão lotadas de gente. Milhares de pessoas de branco, usando lenços, bandanas, chapéus e cintos de um vermelho brilhante estão lá para participar do festival anual San Fermin en Nueva Orleans, também conhecido como “corrida de touros”. Passamos pelo lado oposto da cidade, onde as ruas não foram fechadas para carros, desviando de muitas das típicas varandas enfeitadas com peças de ferro batido de estilo europeu e dos pátios, em busca do galpão onde Fredrik nos espera, bem longe das festividades.

Sarai dormiu por três horas, desta vez no banco da frente, com a cabeça encostada na janela do passageiro. Agora ela está sentada, acordada, absorvendo a paisagem e massageando a parte de trás do pescoço com os dedos.

Na noite passada, contei a ela um pouco do motivo de estarmos indo para Nova Orleans. Omiti algumas coisas porque espero encontrar Fredrik antes para saber quais informações ele coletou sobre nosso alvo, André Costa, também conhecido como Tartaruga, o “bode expiatório” meio americano, meio brasileiro do famigerado chefe de uma quadrilha que opera na Venezuela. Procurei Costa por semanas, sobretudo no Rio de Janeiro, onde ele foi visto pela última vez. Mas ele muda de lugar rápido demais, apesar do apelido, e, pela primeira vez em muito tempo, estou tendo dificuldade para acompanhar um alvo.

Entramos no pátio do galpão abandonado e dirijo devagar para a lateral, onde Fredrik está nos esperando. Quando ele vê o carro, um grande portão de metal se ergue e nós entramos, estacionando na penumbra do prédio empoeirado. O lugar deve ter sido alguma espécie de oficina, a julgar pelo fosso para troca de óleo no chão de concreto, o elevador de veículos e outros equipamentos automotivos pesados que ficaram por lá. Há uma parede alta

coberta inteiramente de prateleiras, nas quais alguns pneus velhos foram abandonados. Algumas janelas grandes no alto da parede do fundo, cobertas por uma camada espessa de poeira, deixam passar sol suficiente para iluminar o ambiente como a luz de um dia nublado.

Sarai e eu fechamos as portas do carro, que ecoam pelo espaço vazio.

— Caramba, para que esse lugar tão sombrio? — pergunta Sarai, esticando o pescoço e olhando para o teto.

— É bom ver você também — diz Fredrik, aproximando-se. Ele está usando o terno Armani de sempre e sapatos sociais pretos reluzentes, que combinam pouco com o ambiente.

Sarai abre um pequeno sorriso e continua a olhar em volta, cruzando os braços e encolhendo os ombros como se o lugar lhe provocasse calafrios.

Fredrik aciona um interruptor dentro de um quadro de força e, de maneira surpreendente, algumas poucas lâmpadas fluorescentes zumbem e ganham vida perto da parede do fundo, ressuscitadas, tenho certeza, por algum gerador. Fredrik já usou esse galpão. Dois meses atrás, em outro interrogatório. E tenho certeza de que ele também já o aproveitou para assuntos pessoais.

— Que lugar é este? — pergunta Sarai.

A luz revela uma velha cadeira de dentista, no canto mais distante, com alguns itens personalizados, como amarras para os braços e as pernas e grossas correias de couro para segurar a cabeça e o tronco da pessoa.

— É a minha sala de interrogatório — explica Fredrik, com um gesto sutil, como se estivesse apresentando um imóvel para compra. — Bem, por enquanto.

Ele se curva atrás da cadeira de dentista e pega uma maleta preta e fina, coloca-a em uma mesinha de metal manchada de tinta e abre os fechos prateados.

— Estou quase com medo de perguntar o que você faz no interrogatório — diz Sarai, descruzando os braços e olhando ao redor, até que seus olhos finalmente chegam à maleta.

Fredrik me olha de relance.

— Tem certeza de que ela dá conta desse serviço, Faust?

— Ei — interrompe Sarai. — Eu disse *quase* com medo. Eu dou conta. —
A intensidade no rosto dela diz tudo.

Fredrik sorri, puxa um carrinho de aço inox para perto da cadeira e começa a organizar várias ferramentas em uma fileira. Três facas de tamanhos diferentes. Um alicate. Seringas cheias de drogas. E então ele tira seis pequenas ampolas e as coloca perto das ferramentas.

— Ela me deixa um pouco preocupado — observa Fredrik, lançando um olhar na minha direção.

Ele continua a dispor suas ferramentas, com um sorriso sutil no rosto.

— Não tanto quanto você me preocupa — rebate Sarai, para provocá-lo. Ela corre os olhos pelas ferramentas. — Já chamaram você de sádico?

Fredrik olha para mim.

— Você não contou para ela, contou?

— Não sou eu quem deve fazer isso.

— Me contar o quê? — Sarai corre os olhos entre mim e Fredrik.

Fredrik deixa a última seringa na mesa e se aproxima de Sarai. Ela não se move, apesar do olhar sombrio e sedutor dele. Fico pouco à vontade quando Fredrik passa o dedo indicador por seu cabelo castanho solto.

Mas isso também é um teste — ver se ela aguenta a verdade sobre Fredrik —, e estou confiante de que ela vai passar.

Sarai

Os magnéticos olhos azuis de Fredrik provocam um arrepio desconcertante no meu corpo. Seu dedo se afasta do meu cabelo e ele inclina devagar a cabeça, enquanto seus olhos percorrem cada centímetro do meu rosto, como se ele estivesse ponderando qual parte quer saborear primeiro. Engulo em seco e dou um passo para trás. Não por medo dele, mas por medo de não temê-lo como meu instinto diz que eu deveria.

Encaro Victor, movendo só os olhos. Sua expressão é calma e neutra. Se Victor não parece nervoso, claro que não preciso me preocupar com nada. Mas e se ele estiver me testando? E se estiver procurando aquela confiança equivocada que sempre tive nele, aquela confiança que há muito tempo Victor me disse para *não* ter, porque no fim só devo confiar em mim mesma?

Não... não é isso. É outra coisa que ele está procurando, e não sei bem o que é.

Inclino a cabeça para o lado e mordo a parte interna da bochecha, estreitando os olhos para Fredrik.

— Por que você não me conta de uma vez e deixa de drama?

Um sorriso incrivelmente sexy emerge, e Fredrik se afasta, despreocupado. A luz forte perto da cadeira de dentista forma uma aura estranha, mas adequada, ao redor do seu corpo, fazendo-o parecer um louco fantasiado de Diabo, de pé diante de um fundo apavorante.

— Somos todos homicidas aqui — afirma Fredrik, com leveza, com aquele onipresente sotaque sueco. Ele faz um gesto na direção de Victor. — O assassino — aponta ele. — E você, claro. Acho que você entrou no clube com sucesso, mesmo matando por vingança, diferente de Faust, que mata por dinheiro.

Com um nó pesando no fundo do estômago, olho para Victor outra vez, mas sua expressão firme não muda.

— E você? — pergunto, virando-me para Fredrik. — Por que você mata?

Fredrik ri, baixinho, e sinto a atmosfera sombria da sala se iluminar de repente. Ele não é mais tão intimidador. Olho de Fredrik para Victor de novo, procurando no rosto deles algum tipo de comunicação silenciosa, e acabo encontrando. Fredrik só estava tentando me confundir.

E estou completamente confusa.

— Eu mato, mas só quando preciso — explica Fredrik, e fico surpresa com isso. — Sou o que Faust chama de Especialista. Interrogatório e tortura são minhas especialidades. — Ele gesticula para o equipamento atrás dele. — Isso já ficou óbvio, suponho. Vez ou outra, também tive a oportunidade de bancar o dr. Kevorkian e realizar algumas eutanásias.

Rio e digo:

— Achei que você fosse me dizer que era um assassino em série ou algo assim.

Victor e Fredrik se entreolham de novo, embora só por um instante. Detecto a natureza clandestina dessa troca secreta deles no mesmo momento.

— Não, meu bem — retruca Fredrik, virando de costas para mim, fingindo estar organizando mais uma vez suas horripilantes ferramentas de interrogatório. — Não sinto prazer em matar...

O silêncio cobre o ambiente.

Fredrik parece pouco à vontade agora. Está usando as ferramentas na mesa como uma distração, seus longos dedos acariciando o metal polido com um cuidado gracioso. Quero manter um pé atrás com Fredrik, achar irritante sua personalidade enigmática e achar repulsivo seu currículo, mas, por alguma razão que não consigo entender, de repente sinto... pena dele.

— Precisamos nos preparar — diz Victor, quebrando o silêncio constrangedor da sala.

Fredrik, como se suas emoções fossem controladas por um interruptor, bate palmas e abre um sorriso luminoso, de um sadismo macabro.

— Com certeza! Para ser honesto, cansei de esperar por esse merda. Não que isso seja culpa sua, Faust.

— Talvez eu tenha um pouco de culpa — admite Victor, e tenho a sensação de que isso tem algo a ver comigo. — Mas certas coisas são mais importantes.

Olho para o chão de concreto sujo, escondendo um leve rubor no rosto.

— Tem certeza de que você está pronto para isso? — pergunta Victor.

— Pronto é pouco — rebate Fredrik, e então começa a nos explicar a situação. — André Costa vai ficar na cidade por mais dois meses — afirma ele. — Ele está com uma mulher, uma tia, se não me engano, do outro lado do rio, em algum lugar de Algiers. Meu contato ouviu Costa conversar no Lafitte's ontem à noite. A menos que estivesse mentindo só para se mostrar para as mulheres, parece que ele conhece a cidade como a palma da mão, é como uma segunda casa para ele. Se não pegarmos o cara esta noite, tenho certeza de que vamos ter outra chance em breve.

Os olhos de Fredrik me evitam.

— Eu vou pegá-lo — digo, só um pouco ofendida pela falta de confiança em mim. Ao mesmo tempo, sei que eu também estaria preocupada com o resultado se estivesse no lugar dele.

Ele continua:

— Costa esteve nesse bar, Lafitte's, toda noite desde que chegou aqui, por isso acho que também estará lá hoje.

Victor enfia a mão no bolso de trás, tira um pequeno envelope e o coloca na minha mão. Tiro uma foto de dentro dele e olho para o rosto sorridente de André Costa, um sujeito bem jovem, de pele lisa cor de caramelo e nenhum sinal de que já precisa se barbear. Ele tem uma pequena pinta logo acima do lado direito da boca. Seu cabelo é curto e preto, com cachos soltos ao redor da testa e em volta do contorno das orelhas, o que quase lhe faz parecer um jovem César sem a coroa de louros. Está usando uma camiseta preta com alguma coisa escrita em letras brancas, e parece estar sentado em um bar, de costas para o balcão, com um drinque na mão esquerda. Ele é o estereótipo do arroz de festa, com um sorriso de dentes brancos como pérolas iluminado pelo barato do uísque, e os olhos um pouco embaçados, apenas em parte devido ao flash da câmera.

— Ele é... magrinho — comento.

— Setenta quilos — Victor diz. — Um e setenta e cinco. Vinte e quatro anos. Mas não o subestime. Se ele cruzar com você sozinha e souber que está atrás dele...

— Eu dou conta — afirmo. — Por que ele é o alvo?

Victor começa a balançar a cabeça, e sei que vai se recusar a me dar essa informação, mas o interrompo novamente.

— Você não faz mais parte da Ordem. Não precisa seguir as regras deles. Diga logo o que ele fez.

Victor suspira e vejo seus ombros relaxarem. Ele cede e diz:

— Antes de mais nada, ele não é o alvo, e não tenho nenhuma intenção de matá-lo. Precisamos de Costa para *encontrar* o alvo, Edgar Velazco, um chefe de quadrilha venezuelano responsável pela morte de 16 cidadãos americanos, britânicos e canadenses no ano passado. Eles foram capturados no Rio de Janeiro e em vários outros destinos turísticos importantes da América do Sul. Há uma recompensa de 3 milhões de dólares pela captura de Velazco, mas é quase impossível encontrá-lo.

— Seria fácil — intervém Fredrik — se ele saísse das favelas da Venezuela. Ele me lembra Bin Laden quando estava entocado nas montanhas, com um grande grupo de terroristas e uma família de cabras como companhia. Lá é fácil demais notar pessoas como nós, claramente estrangeiros.

— Velazco, de certa forma, é como Javier Ruiz — acrescenta Victor.

Ergo o olhar da foto de André Costa ao ouvir o nome de Javier. Nem tinha percebido que estava olhando para a foto o tempo todo.

— Parece que Velazco está um degrau acima da posição que Javier jamais alcançou na escala criminal — comento.

— Sim, ele está — confirma Victor. — As operações de Javier eram pequenas comparadas com as de Velazco. As de Velazco estão espalhadas por seis países, e ele é responsável pelo homicídio de 169 turistas até hoje, inclusive mulheres e crianças.

— E esse é só o número oficial — acrescenta Fredrik. — Não há como saber quantos realmente foram.

— E quem é o cliente? — pergunto, embora não espere que me forneçam esse tipo de informação tão facilmente.

— Anderson Winehardt, um sujeito rico de Boston — conta Victor. — O filho dele é um dos turistas assassinados.

Ainda chocada por ele ter revelado o nome do cliente tão depressa, demoro um momento para organizar minhas perguntas.

Eu me sento em um caixote próximo e deixo as pernas balançando na lateral.

— Por que você me disse o nome dele?

— Se você está neste serviço com a gente, precisa entrar de cabeça — explica Victor.

— Obrigada — digo, ainda incerta. Eu me pergunto se em algum momento Victor vai virar e dizer que só estava mexendo com a minha cabeça, como Fredrik fez antes.

Mas então penso na Ordem, em como ela é antiga e complexa, e me vejo com mais perguntas do que respostas.

— Não entendo. Como você ainda consegue fazer serviços, especialmente um como *esse*, com a Ordem na sua cola? Será que Vonnegut ou até Niklas não ficariam sabendo de um contrato para matar um cara ainda mais importante do que Javier?

— É possível que eles saibam — diz Victor. — Mas isso não revela que eu seja o contratado para o serviço. Existem 22 organizações particulares como a Ordem só nos Estados Unidos, além de um número desconhecido de agentes independentes como eu. Nem Vonnegut nem Niklas desconfiariam de que eu continuo a trabalhar assim, depois de sair da Ordem e sabendo que há uma recompensa pela minha captura.

— Você se esconde debaixo do nariz deles.

— De certa forma, sim — responde Victor.

— Mas como você arranja clientes? Tipo... Não era Vonnegut quem cuidava de tudo isso quando você trabalhava para a Ordem?

— Era — concorda Victor. — Mas fiz isso minha vida toda. Conheço pessoas. Já me encontrei com clientes que nem Vonnegut viu pessoalmente. É a

vantagem de trabalhar em campo. Tenho tantos ou até mais contatos do que o próprio Vonnegut.

Solto um suspiro preocupado e balanço a cabeça.

— Bom, eu acho que ter tantos contatos, todos feitos de alguma forma por intermédio da Ordem, pode ser bastante perigoso. Você não tem medo de que alguém possa dar a pista para Vonnegut ou Niklas?

— Penso nisso todos os dias — responde Victor. — É por isso que preciso escolher meus clientes com cautela, ser muito cuidadoso, testando todos que cruzam o meu caminho. Sarai, você nunca sabe quem vai trair você até ser tarde demais.

Não alongo o assunto e deixo que os dois continuem a me instruir sobre a missão.

Passa das dez da noite e estou vestida como uma socialite rica e vulgar, usando um vestidinho curto marfim e cor-de-rosa com camadas rendadas que terminam 10 centímetros acima dos joelhos. O salto 15 da minha sandália plataforma cor-de-rosa me deixa com a altura de Victor. Meu cabelo comprido está solto sobre os ombros, afastado dos meus seios turbinados por um lindo sutiã de renda cor-de-rosa que aparece através do tecido do vestido. Depois de meia hora me maquiando, completo o look com alguns anéis e braceletes caros e duas borrifadas de perfume, uma na base do pescoço, outra espalhada nos pulsos. Minutos antes de Victor e eu sairmos do galpão, Fredrik me diz que estou fedendo. Não posso discordar. Nunca gostei muito de perfumes, mas acho que é apropriado para esta noite.

Victor para o carro em um pequeno estacionamento de um prédio escolar de tijolos vermelhos em frente ao cc's Community Coffee House.

— Esquina da Bourbon com a St. Philip — diz ele, apontando para a rua, a fim de que eu possa observar os arredores. — Vou esperar aqui. Lembre, o bar é pequeno, escuro e costuma estar lotado. Pode ser difícil localizá-lo, mas não deixe parecer que você está procurando alguém, para não se arriscar...

— Vou conseguir — interrompo, antes que Victor comece mais um discurso sobre o que devo e o que não devo fazer e o tanto de cuidado que

devo tomar. Eu me inclino sobre o banco e lhe dou um beijo suave na boca. — Tenha só um pouco de fé em mim.

Ele abre um sorriso fraco. Por um momento, enquanto Victor me encara, quero subir no colo dele, no banco do motorista, e beijá-lo apaixonadamente. Mas afasto a ideia, sabendo que tenho um trabalho a fazer.

Abro a porta do carro e saio para o breu, fechando-a atrás de mim e me debruçando na janela.

— Eu vou ficar bem — digo enquanto ajeito o pequeno microfone que estou usando, posicionado de maneira estratégica no meu sutiã, bem no meio dos seios. — Só prometa que não vai interferir, a não ser que eu peça diretamente a sua ajuda.

Victor assente, mas isso não me satisfaz.

— Victor? — digo, com tom imperioso.

Ele levanta as mãos.

— Tudo bem, prometo. Não vou interferir.

— Não estou fazendo isso para provar nada para você. Estou fazendo porque eu quero e porque sei que sou capaz. Se eu acabar provando alguma coisa no fim, acho que vai ser só um extra. Mas esse *não* é o meu objetivo principal.

Preciso que Victor entenda que não estou fazendo isso só para ficar com ele, mas porque é o que quero de verdade para a minha vida.

Ele assente de novo.

— Eu sei.

Eu o deixo no carro e vou para a calçada, permitindo que as luzes fracas dos prédios em volta guiem meus passos pela rua escura. Embora seja tarde, não estou sozinha, pois há dezenas de pessoas andando dos dois lados da rua. Eu me misturo a um grupo na calçada na frente da escola, que está se abanando com caveiras de papelão e ouvindo um guia falando sobre o prédio. Enfim, atravesso a rua e entro no bar minúsculo e lotado da esquina. Como em um passe de mágica, me desfaço da fachada da garota que eu era.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Sarai

Assim que entro no bar, sou engolida pela escuridão. O espaço é iluminado apenas por velas espalhadas ao acaso por todo o ambiente: nas mesas, ao longo das paredes e acima da lareira de pedra no meio do estabelecimento. O bar está tão cheio que a maioria das pessoas se esbarra ao ir e vir, e não há um só lugar vazio até onde minha vista alcança. Passo por uma mesa cheia de pessoas conversando animadamente e abro caminho devagar em meio à multidão. Estou bem-vestida demais para este lugar, apesar da pouquíssima roupa. Devo ser uma das únicas garotas mais arrumadas e tentando andar de salto alto, no escuro, por um lugar onde claramente jamais estive. Pareço uma turista que está na cidade para um fim de semana de diversão. Exatamente o que eu queria aparentar. André Costa adora festas. E adora garotas. Mas, ao que tudo indica, ele investe nas que são novas na cidade, e que parecem idiotas.

Vou direto para o balcão e peço uma cerveja Dos Equis, mostrando para o barman jovem e bonito meu documento falso e sorrindo com olhos brilhantes.

O barman olha para mim e para a minha identidade.

— Acho que você já tem idade. — Ele sorri para mim e me devolve a carteira. Eu a guardo na minha bolsinha preta.

— Há quanto tempo está em Nova Orleans? — pergunta ele, tirando a tampa da minha cerveja e deixando a garrafa na minha frente. Ele é sexy, tem cabelo preto curto, arrepiado na frente, e olhos azul-escuros que me fitam de sua carinha redonda de bebê.

Fico vermelha e baixo a cabeça, tomando um gole rápido.

— É tão óbvio assim? — pergunto, fechando os olhos por um momento.

O sorriso dele se alarga, e noto que seu olhar desce do meu rosto para os meus seios. Mas ele não olha demais.

É bastante óbvio para nós dois que sou apenas uma turista, por isso ele nem se dá ao trabalho de responder à minha pergunta.

Estendo uma nota de dez para pagar a bebida, mas ele dispensa o gesto.

— Esta é por minha conta. Aproveite a viagem.

— Obrigada.

Pego a garrafa do balcão no momento em que duas garotas, provavelmente já na quinta cerveja, abrem caminho pelo salão aos empurrões e quase me derrubam. Mal consigo segurar a cerveja, que derrama enquanto tento equilibrá-la.

— Cuidado, porra — digo, mas nenhuma das duas bêbadas me ouve na barulheira do local.

Quando dou as costas para elas e o balcão, começo a examinar o bar, bebericando a cerveja e movendo o quadril bem devagar enquanto ando, como se só estivesse curtindo a música e não procurando alguém. Passo pela lareira de pedra e vou para os fundos, onde o espaço se divide. Há outro balcão à minha direita, com mais algumas mesas e nenhuma porta. O lado esquerdo parece levar a uma espécie de pátio. Vou para a esquerda, mas vejo André Costa sentado a uma mesa em um canto escuro da área sem saída, acompanhado por garotas e mais dois homens, todos bebendo e conversando.

As duas garotas que estão com eles são deslumbrantes, muito mais bonitas do que eu. De início, fico preocupada quanto à minha capacidade de chamar a atenção dele, mas então lembro o que Izel, a irmã maligna de Javier Ruiz, me ensinou muito tempo atrás:

— Você não tem jeito. Uma puta americana sem salvação — disse Izel naquele dia, forçando um pente pelo meu cabelo embaraçado só para me ouvir gemer de dor. — Não sei por que Javier mantém você aqui. Você parece uma virgenzinha idiota, só que é uma piranha.

Ela puxou o pente com mais força, curvando tanto meu pescoço para trás que gritei de dor. Mas eu não disse nada. Tinha medo dela, naquela época, medo do que faria comigo se eu respondesse. Já bastavam as maldades que ela fazia só por me detestar, quando estávamos a sós e eu não tinha a proteção de Javier.

— *Você precisa estar bonita perto do meu irmão. Precisa fazer os homens sonharem em tocar você. Precisa chamar a atenção deles mais do que qualquer outra garota. — Ela puxou meu cabelo de novo. Mordi o lábio, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não sei por que estou ajudando você. Deveria deixar você se ferrar, para Javier se livrar de você. Dar você de comer para os cachorros.*

— *Por que você me odeia tanto? — perguntei, enfim.*

Senti uma dor ofuscante na lateral do rosto e ouvi o plástico grosso e frio do pente batendo na minha bochecha.

— *Cala a boca! Puta idiota! Eu odeio você porque eu posso! Agora me escute. Quando você entrar lá hoje à noite com meu irmão, é melhor fazer tudo o que eu ensinei. Sofri seis meses para ensinar você a seduzir um homem! Seis meses da minha vida desperdiçados, caralho. É melhor fazer certo. Se você fizer merda e o Javier me castigar, eu corto a sua garganta enquanto estiver dormindo e boto a culpa em uma das garotas. Comprendes?!*

Assenti, nervosa.

— *Agora, o que é mais importante das coisas que eu falei? — Ela sacudiu meus ombros por trás. — Responde!*

— *Contato visual — respondi.*

— *E qual é o jeito certo?*

— *Olhar de relance — respondi mais depressa. — Tímida, e não desesperada.*

— *Sí. Precisa fazer com que os homens achem que você é carne fresca, que ainda não passou na mão de mais de cem. Precisa parecer tímida e inexperiente, não uma piranha tarimbada querendo se divertir. Só as velhas fazem isso. E por quanto tempo você dá atenção para ele?*

— *Dois segundos.*

Izel me virou para que eu a encarasse, segurando meus ombros com firmeza, suas unhas vermelhas compridas afundando na minha pele.

— *Sí, Sarai. Dois segundos e você desvia o olhar. Quanto mais você olhar, mais desesperada parece. Faça o homem ir até você.*

Por mais que eu odiasse Izel, preciso admitir que aprendi muito com ela. Naquela época, contudo, eu estava aprendendo a seduzir ricos só para fazer com que eles me desejassem. Javier jamais me venderia ou deixaria que outro homem me tocasse. Eu era o troféu dele, a garota que representava todas as garotas vendidas por Javier. Eu era aquela que os homens viam primeiro, a mais bonita e mais enigmática. Era a garota-propaganda, usada para exibir o negócio de Javier. E funcionava. Os homens não podiam me ter, mas, depois de passar dez minutos em uma sala comigo enquanto eu aplicava todas as lições de Izel, eles queriam a coisa mais próxima daquilo. E comprar alguma garota da mesma “ninhada” na qual fui “criada” era, na cabeça deles, o único jeito de conseguir.

Mas esta noite, com André Costa, só metade das lições de Izel serão postas em prática. Ele não está aqui procurando uma garota submissa para levar para casa e pôr na coleira. André é apenas um jovem criminoso cheio de tesão, por isso a parte das lições que vou aplicar hoje só vai até o contato visual.

Acomodo minha bolsa debaixo do braço e encosto na parede, à vista de André. Deixo que cinco minutos se passem, tomando minha cerveja e fingindo curtir a música, que sai de um piano, antes de fazer contato visual. Sei que ele já me olhou pelo menos duas vezes durante esses cinco minutos. Senti seus olhos em mim. Mas a garota de cabelo preto sentada à esquerda dele conseguiu manter a maior parte de suas atenções.

Um. Abro um sorriso suave para ele. Dois. Desvio o olhar e tomo mais um gole de cerveja. E espero.

Alguns minutos depois, André Costa está à minha frente, se apresentando.

— Meu nome é André. E você... — ele olha para os lados — está sozinha, presumo?

Fico vermelha como uma boba e tomo mais um gole.

— Estou — digo, abaixando a cerveja e segurando o pulso com a outra mão. — Estou sozinha, sim.

— E a sozinha não tem nome?

Reviro os olhos para a tentativa dele de fazer graça, mas não deixo que o sorriso falso suma do meu rosto.

— Sim — respondo, quase dando uma risadinha e encolhendo os ombros até as bochechas. — Meu nome é Izabel.

André sorri e me olha de lado. Ele estende a mão.

— Bem, você deveria se juntar a nós, Izabel. Tem muito espaço à minha mesa.

Meus olhos, nervosos, se voltam para o bar.

— E-eu não sei — digo, fingindo estar relutante. — Não conheço você.

— Claro que não — concorda André, me puxando pela mão mesmo assim. — Mas eu sou legal. Juro. Venha. Você está em Nova Orleans. Precisa se divertir enquanto está aqui. Ninguém vai incomodar você.

André me puxa com delicadeza para o lado dele e eu sigo sem protestar até a mesa, onde sou cumprimentada pelos dois caras e só uma das garotas. A outra, a do cabelo preto, emburrada, não parece tão receptiva.

— Abra um espaço aí, cara — diz André para o homem louro, à direita. — Deixe a moça se sentar.

O cara se levanta e puxa a cadeira para mim. André gesticula com um enorme sorriso no rosto de menino bronzeado, e eu me sento. Ele me acompanha.

— Pegue bebidas para a gente — ordena André para o cara louro, mas olha para mim e pergunta: — O que você vai tomar? Mais uma Dos Equis?

— Claro, obrigada.

O cara louro desaparece na multidão.

— Ah, obrigada por *me* perguntar — diz a garota de cabelo preto, com desdém.

André ri.

— Meu anjo, você nem terminou a que está tomando. Faça o favor de sossegar, porra. Tudo na paz. — Ele estende a mão e dá uns tapinhas no joelho dela, e até eu acho aquilo arrogante.

Sorrio discretamente para ela, mostrando que o homem é meu. Na mesma hora, vejo seu olhar territorialista se transformar em uma completa fúria. Ela me fuzila com os olhos do outro lado da mesa, enquanto sua amiga bêbada continua a acariciar a tatuagem no pulso do outro cara sentado ao lado dela.

Essa aí nem se importa com a minha presença. O cara no qual está interessada parece ligado somente nela.

— De onde você é? — pergunta André.

Sorrio e enrolo as pontas do cabelo no dedo.

— Sou do Texas. Estou aqui de férias.

A garota de cabelo preto ri com desprezo e diz:

— Isso explica o sotaque caipira.

Eu nem havia notado que estava falando com sotaque, mas, agora que ela comentou isso, não sei se devo ficar orgulhosa por desempenhar o papel tão bem ou assustada por ter feito isso com tanta facilidade, sem nem perceber.

Dou outro sorrisinho para ela.

— E você deve ser da periferia, para ser tão barraqueira.

— Calma, meninas — diz André, erguendo as mãos, como se estivesse apartando um confronto físico iminente.

O cara louro volta com quatro cervejas entre os dedos. Ele as coloca diante de nós.

— Bom, você está em boas mãos esta noite — comenta André, tomando um gole de cerveja e deixando a garrafa na mesa. — Posso levar você para conhecer a cidade mais tarde, se quiser.

A garota de cabelo preto bufa. Estreitando os olhos, ela encara André.

— Espera aí, eu achei que a gente ia...

— Sossega, porra — interrompe André, balançando a cabeça. — Eu falei para todo mundo ir, Ashley, não só eu e ela. — Ele olha para mim e diz: — Você não se importa, né?

Não sei ao certo o que ele está perguntando, mas estou me lixando; quanto antes eu me livrar dessa garota, melhor.

— Não, tudo bem. Vou adorar a companhia de vocês.

Ashley se levanta de supetão, empurrando a cadeira contra a parede e pegando a bolsa na mesa.

— A gente precisa ir para casa — avisa ela para a amiga de cabelo claro. — Vamos.

Bem, isso foi fácil demais. Uma parte de mim queria continuar nossa guerrinha particular. Eu estava me divertindo muito.

A garota de cabelo claro cambaleia um pouco ao se levantar da cadeira e pega Ashley pelo braço.

— Não quero ir para casa ainda — reclama ela, segurando a mão do cara tatuado. — Vamos ficar mais um pouquinho.

— Não, eu vou embora — insiste Ashley, arrastando a amiga.

— Ah, para, gata! — intervém André, levantando e estendendo as mãos com as palmas para cima. — Não faz isso.

— Vá se ferrar, Tartaruga! — resmunga ela, lançando um olhar furioso na minha direção. — Estou de saco cheio das suas palhaçadas. Você faz isso toda vez que vem aqui. Apague meu telefone.

André fica boquiaberto, mas não parece muito magoado e se esforça ao máximo para não sorrir. Ele passa a mão pelo cabelo cacheado e escuro. Noto uma tatuagem na parte de baixo do braço dele, perto da axila.

Ashley e a amiga se afastam da mesa, discutindo, e me deixam sozinha com André e seus colegas. De repente, me sinto exposta por ser a única mulher à mesa.

— Espero que isso não tenha sido culpa minha — digo, tímida.

André revira os olhos e se reclina na cadeira, esticando as pernas sob a mesa.

— Não. Ela é assim mesmo. Ainda bem que não é minha namorada. — Ele levanta a mão e gira o dedo indicador perto da cabeça. — Se é que você me entende.

Rio e tomo mais um gole de cerveja.

— É, ela parece mesmo um pouco doidinha. — Na verdade, acho que ele é um babaca. Ashley podia ser uma vaca, mas algo me diz que ela tem todo o direito de agir assim. Está claro que os dois se conhecem há um tempo e que ele a humilha de alguma forma toda vez que se encontram. A única culpa que ela tem é a de tolerar as merdas que André faz.

— Então você está aqui de férias — afirma André, apoiando os cotovelos na mesa. — Com quem você veio?

Sorrio com timidez e apoio as mãos na bolsa no meu colo.

— É sério — insiste ele, chegando mais perto. — Ainda estou tentando entender por que você está sozinha na balada.

Finjo tentar esconder o rubor do meu rosto.

— Bom, eu vim com a minha amiga Dahlia. Mas ela estava se sentindo mal e não quis sair. Ficou no hotel.

— Ah. — Ele assente. — Onde você está hospedada?

— No Sheraton. Lá na rua Canal — respondo.

Ele tem que achar que sou ingênua, e revelar informações pessoais tão facilmente deve ajudá-lo a formar essa opinião sobre mim.

— É longe para vir a pé. Vir andando lá da rua Canal.

— Não, nem é tão longe. Mas confesso que trapaceei. Andei um pedaço do caminho e depois peguei uma carona em um daqueles trecos que parecem triciclos.

André joga a cabeça um pouco para trás e ri.

— Trecos que parecem triciclos. Que linda. — Ele aponta para mim e olha para o cara com a tatuagem no pulso. — Ela é linda.

O cara me cumprimenta com um aceno discreto e volta a olhar para o celular, passando os dedos na tela.

— Esse é David — diz André, apresentando o cara da tatuagem. — Ele tem um relacionamento doentio com a tecnologia. Acho que até esse celular transa mais do que ele.

Abafo uma risadinha.

— Cala a boca, Tartaruga — fala David, com tranquilidade, sem levantar a cabeça.

André sorri para mim.

Ele aponta para o cara louro que trouxe as cervejas.

— Esse é Joseph. Ainda não o conheço o suficiente para sacanear. Mas me dê um ou dois dias e eu vou ter alguma ideia.

— Que nome é esse? Tartaruga? — pergunto, dando risada.

André parece desanimar um pouco.

— É só um apelido. O meu querido pai me deu quando eu tinha 6 anos.

— Ah...

Ele sorri.

— Não se preocupe. Ele ainda está vivo e bem. Só é um babaca.

David, o cara da tatuagem, ergue os olhos do celular por um instante. Tenho uma sensação estranha, como se ele não achasse correto André chamar o

próprio pai de babaca.

André o ignora.

Não perca tempo demais tagarelando com ele, penso comigo mesma, sabendo que Victor está me esperando lá fora, não muito longe. Ele está ouvindo tudo o que nós falamos (por cima da música e do vozerio, espero), mas não consigo ouvi-lo resmungando sobre o tempo que estou perdendo. Apenas tenho certeza de que é isso que ele está fazendo.

— Ei, hum, você quer sair para dar uma volta? — pergunto. É arriscado demonstrar que já confio o suficiente nele para sairmos juntos em tão pouco tempo. Mas preciso fazer a situação progredir, e não há como saber quanto tempo vamos ficar aqui, curtindo e bebendo, até André se sentir confiante o bastante para achar que irei embora com ele.

Ele parece um pouco surpreso, mas logo aceita minha repentina mudança de personalidade. Levantando da mesa, ele ajeita a camiseta regata preta por cima do jeans.

— Com certeza — diz ele, pegando a cerveja com uma das mãos e estendendo a outra para mim. — Vamos.

Ele encosta o gargalo nos lábios e toma o resto em um gole só, deixando a garrafa vazia na mesa. Enquanto André se despede dos outros dois caras, sinto de repente sua mão livre descer pelas minhas costas. E, antes de chegarmos à porta lateral que dá para o pátio, percebo quão depressa a personalidade dele também mudou. Do nada, ele passou de cavalheiro respeitável a babaca de mão-boba, convencido de que vai se dar bem esta noite e de que eu sou a garota que vai abrir as pernas para ele.

— Cacete, você é muito gostosa — diz ele, e me encolho toda por dentro. — Tem certeza de que o seu namorado não veio? Não estou a fim de levar porrada hoje.

Olho para ele ao meu lado, andando tão perto de mim que seu quadril está pressionando o meu, e ligo meu modo sedução, deixando um sorriso sugestivo aflorar nos cantos dos lábios.

— Sem namorado. Juro.

Ele tira a mão das minhas costas e me puxa para perto, e sinto os dedos dele agarrando minha cintura.

— Ei — digo, afastando suas mãos com cuidado. — Vamos com calma. Não sou uma dessas.

Ele não leva minha recusa a sério e me puxa para mais perto, mas eu também não estava falando muito sério.

— Tudo bem, tudo bem — concorda ele, com ar resignado e sorriso ainda intacto. — Eu vou me comportar.

Começamos a andar na direção oposta de onde Victor estacionou o carro. Paro na calçada, olhando para os dois lados e fingindo refletir sobre qual direção tomar.

— Vem, eu mostro a cidade para você — sugere André, tentando me puxar com ele.

— Vamos para lá — digo, apontando na direção da escola. — Eu ainda não conheço aquela rua.

— A gente dá a volta. — Ele me segura com firmeza pela cintura de novo. Odeio ser tocada assim por ele. Assim ou de qualquer outro jeito. — Tem mais coisas legais para lá.

Engulo em seco e então cedo. Receio que, se eu continuar a empurrá-lo na direção que quero, ele possa começar a desconfiar.

Abrindo meu sorriso mais doce e tímido, vou com ele na direção oposta.

Caminhamos pela calçada de pedra e cruzamos com muitos turistas indo para todas as direções. Ouço o barulho de cascos trotando na rua em frente, e, quando viramos a esquina, uma carruagem puxada por mulas passa bem devagar. Olho para o nome da rua que estamos cruzando e digo em voz alta:

— A rua Bourbon tem de tudo mesmo. — Paro em frente a um prédio. — Maison Bourbon. Eu nunca ouvi um grupo de jazz de verdade. Vamos dar uma conferida.

André pega minha mão e me puxa de leve pela calçada, passando pelo prédio.

— Sinto muito, mas jazz não é a minha praia — comenta ele.

Nem a minha, na verdade, mas queria que Victor soubesse onde estou.

Minutos mais tarde, depois de virar em duas ruas mais escuras, o número de pedestres começa a diminuir. Continuo dizendo em voz alta o nome das ruas ou o nome de algum prédio, fazendo comentários ocasionais sobre onde estamos e pedindo explicações a André, exagerando no papel de turista sem noção. Não sei aonde ele está me levando, mas sei bem quais são suas intenções.

— Aonde a gente está indo?

— Não falta muito. — Ele aponta para a frente. — Tem outro bar indo por ali. Preciso falar rapidinho com uns amigos meus por lá.

Bom, não temos tempo para isso...

Mesmo se ele estiver dizendo a verdade, preciso assumir o controle da situação agora, enquanto estamos a sós e antes de voltarmos a um ambiente lotado, onde vai ser mais difícil atraí-lo para onde eu quero.

Eu me viro na calçada e paro diante de André, com um sorriso largo nos lábios e timidez no olhar.

— Espere aí — digo, segurando o pulso dele. Olho para o lado com ar envergonhado. — Por que a gente não... — Olho para o beco atrás dele, deixando que a nova ideia se desenrole na minha cabeça. Eu me aproximo dele, passando os dedos por seu cinto, que está mais baixo que o normal em sua cintura. — Por que a gente não vai para lá por uns minutos? — Sorrio de maneira sugestiva, enfiando os dedos indicador e médio por dentro do cinto.

André arregala os olhos e abre um sorriso, surpreso com a minha avidez. Mas então o sorriso se transforma em um esgar de tesão. Ele põe as mãos em meu quadril e se inclina para meu pescoço, inalando meu cheiro, com um rugido grave ecoando do peito.

— O que você tem em mente? — pergunta ele, beijando o ponto logo abaixo do lóbulo da minha orelha.

Dou um passo para o lado, tentando fazer parecer que quero que ele me siga, mas o que quero mesmo é afastar sua boca do meu corpo. Sorrio de volta para ele e digo:

— Você vai ver.

Então aceno para ele me seguir até o beco. Ando um pedaço do caminho na escuridão, passando por uma pequena fileira de latas de lixo, e paro logo depois. André está ao meu lado um segundo depois, com a mão direita apoiada na parede de pedra acima da minha cabeça.

Não perco tempo e começo a abrir o cinto dele, mexendo na fivela prateada com dedos desajeitados.

Caralho. Tomara que Victor tenha me ouvido pelo microfone, dando pistas da minha localização.

— Porra, gata — comenta André, olhando para mim com um sorriso excitado. — Você está a fim de trepar bem aqui no beco? Não esperava por isso, mas, pô, não vou reclamar.

Eu me afasto da parede de pedra e o empurro de costas contra ela.

— Ok, ok — diz ele, rindo baixinho. — Você é quem manda. Faz o que quiser comigo.

Eu me aproximo dele, reduzindo os 15 centímetros de espaço entre nós.

— Pode deixar — sussurro, e então acerto uma joelhada bem no meio das pernas dele.

André geme e se curva. Enfio os dedos no cabelo dele e puxo para cima, forçando-o a se endireitar. Meu joelho atinge seu rosto três vezes antes que ele caia para trás contra a parede, desorientado e com o nariz sangrando.

— Sua filha da puta! — xinga André, cuspidando as palavras.

Meu punho vai na direção do rosto dele, atingindo-o com tanta força que sua cabeça é lançada para trás e bate na parede, fazendo-o desmaiar.

Seu corpo cai desacordado na calçada, derrubando uma lata de lixo que está ao lado. O barulho reverbera pelo beco estreito, ecoando nas paredes dos prédios dos dois lados.

— Victor! — sibilo para o microfone entre os seios. — Espero que esteja me ouvindo. O André está apagado, mas não sei por quanto tempo. Venha depressa! — Dou detalhes da minha localização pelo microfone.

Passam-se três minutos que parecem trinta até o carro de Victor parar na entrada do beco, cantando os pneus na rua. Ele sai, deixa a porta aberta e corre

na nossa direção com um passo raivoso e acelerado que me causa um calafrio no estômago.

— Está tudo sob controle — digo, e olho para André a meus pés.

André já está começando a se mexer quando Victor o puxa pelos antebraços e o põe de pé.

— Era para você levá-lo até o estacionamento — diz Victor com rispidez.

André começa a resistir enquanto Victor o arrasta para o carro.

— Falei que estava tudo sob controle. Como você vê, não fui eu que fui parar no chão.

— O que está acontecendo, porra? — grita André, tentando se desvencilhar de Victor.

Victor o joga no banco de trás, de bruços. Então apoia o joelho nas costas de André enquanto prende as mãos dele nas costas com uma tira dentada de plástico.

— Entre — ordena Victor.

Obedeço, correndo para o lado do passageiro e fechando a porta.

— Quem é você, caralho?! O que está acontecendo? Responde!

A voz de André soa estridente atrás de mim, preenchendo o pequeno espaço do carro.

Victor se vira no banco do motorista, se inclina para trás e dá um soco tão forte em André que o nocauteia.

— Obrigada — digo, enquanto Victor se senta e engata o carro. — Eu já estava ficando surda.

— Não bati nele por causa dos gritos — retruca Victor, sem olhar para mim.

Eu o observo manobrando com cuidado o carro pelas ruas estreitas cheias de veículos estacionados dos dois lados.

— Bati porque ele tocou em você — explica ele.

Eu me viro para a janela, escondendo o sorriso.

CAPÍTULO DEZESSETE

Victor

Fredrik está nos esperando à porta da garagem quando voltamos para o galpão. Entro no prédio, desligo o motor e Fredrik fecha o portão de aço.

Puxo o corpo inconsciente de André do banco de trás e o arrasto pelo chão de concreto, segurando as costas da camisa dele com firmeza.

Sarai me segue.

— Presumo que tenha havido um problema — sugere Fredrik, provavelmente percebendo a animosidade entre mim e Sarai, enquanto eu o ajudo a acomodar o rapaz na cadeira de dentista. Ele começa a amarrar André, primeiro pelo tórax.

— Não, problema nenhum — intervém Sarai, com um pouco de raiva na voz, parando atrás de mim. — Só não aconteceu do jeito que foi planejado.

Eu a encaro.

— Entrar e sair. Era para ser simples assim, Sarai. Você podia ter feito o cara mudar de ideia e seguir você até a escola.

Sarai está ficando mais irritada. A raiva está nítida em seu rosto quando ela me olha de lado. Mas não importa. Ela precisa aprender a seguir minhas instruções.

Eu a seguro pelo pulso, pegando-a de surpresa, e a puxo com violência para perto de mim.

— Você tem ideia do que esse merda poderia ter feito com você?

Puxo Sarai mais para perto, apertando seu pulso. Ela arregala os olhos de início, mas então os estreita com severidade, e minúsculas rugas de ódio sulcam o alto do seu nariz.

— Você não confia em mim para nada, Victor — diz ela, em um tom gélido, forçando as palavras por entre os dentes cerrados. Ela tenta desvencilhar a mão, mas eu a aperto mais.

— Isso não tem nada a ver com confiança e sim com você seguir as minhas ordens, aprender a seguir instruções. Tem tudo a ver com *disciplina*, Sarai. — Solto o pulso dela como se o jogasse no chão. Respiro fundo, tentando me recompor. Nem me lembro de quando foi a última vez que senti tanta raiva. — Eu sei que você quer fazer as coisas sozinha. Sei que é capaz, mas quanto mais você bate de frente comigo em relação a isso...

— Mais parecida com o seu irmão eu fico — interrompe ela, em um tom acusador. — Certo?

Fredrik aperta a última tira em volta dos tornozelos de André.

— Talvez fosse melhor vocês dois discutirem na outra sala — sugere ele, acenando para uma porta de madeira na parede oposta, abaixo de uma placa de metal desbotado onde se lê *ESCRITÓRIO*. — Eu cuido do resto.

Sarai e eu só nos entreolhamos, sem ter mais nada a dizer, então ela baixa os braços e vai para o escritório. Eu a sigo e fecho a porta da sala, que tem um tamanho razoável. Uma lanterna de *LED* brilha em uma mesa de madeira encostada na parede. Há uma única cadeira dobrável de metal ao lado dela, afastada da mesa como se Fredrik já tivesse se sentado nela antes de chegarmos. A sala está empoeirada e cheira a mofo e algo químico que não sei identificar. Há uma única janela na parede do outro lado, coberta de poeira, contra a qual foi empurrado um arquivo alto de metal.

— Por que você fica me comparando com Niklas? — pergunta Sarai, desta vez sem aquele tom irritado. Ela parece mais magoada do que furiosa. Cruza os braços, segurando os bíceps com seus dedos delicados.

— Sarai, eu... — Suspiro e me sento na cadeira ao lado da escrivaninha, com as pernas encolhidas. Jogo a cabeça um pouco para trás e volto a olhar para ela, de pé no meio da sala.

Começo a concluir o que eu ia dizer, mas ela se aproxima e fala antes que eu consiga.

— Desculpe — diz ela, quase em um suspiro. — Não estou tentando ir contra você, Victor. Não tenho nenhum plano secreto de fazer as coisas do meu jeito só para provar que consigo. Desculpe. Eu estava improvisando, fazendo o que achava que seria o certo naquele momento. Só isso.

Ela para a um braço de distância de mim. Olho para ela, reparo no jeito como seu cabelo castanho-avermelhado envolve os ombros nus e macios. Como ela fica alta com aqueles saltos. A curvatura esguia do seu corpo, que não consigo tirar da cabeça. Ela inclina a cabeça para um lado. Incapaz de resistir, eu a puxo para o meu colo, apoiando-a em uma perna. Posiciono minha mão esquerda atrás de sua cintura, apoiando a outra em sua coxa nua. Ela me olha de lado, depois roça os dedos na lateral do meu rosto.

— Victor — chama Sarai, com voz suave —, eu não sou Niklas. Nunca vou ser. Olha o que ele fez. Eu *jamaís* trairia você.

— A questão não é essa — respondo, passando a mão na parte inferior de suas costas. — Não quero comparar você com meu irmão, mas as semelhanças, sua impetuosidade, seu temperamento, sua incapacidade de seguir as minhas ordens...

— Suas *ordens*? — pergunta ela, franzindo o cenho. Sarai balança a cabeça devagar, depois se vira para me encarar melhor. Seus traços são suaves, seu olhar não parece nada ofendido, mas ao mesmo tempo sinto que estou prestes a ser repreendido. — A gente precisa deixar uma coisa bem clara, antes de continuar.

Inclino a cabeça para um lado, olhando em seus olhos escuros. Nunca estive tão cativado por uma mulher. Jamais. Não desse jeito. Estou acostumado a conseguir as coisas sempre do meu jeito, a ser quem está no comando. Nunca consegui olhar para uma mulher e ceder aos desejos dela. Não consegui fazer isso com Samantha, que sei que já me amou muito. Eu a deixei. Não pude dar o que ela queria. Mas quando olho para Sarai, quando percebo o modo como ela me encara com aquela expressão suave, porém implacável, em seus lindos olhos verdes, sei que não importa o que ela me diga nem quanto ela me desafie: não vou conseguir me afastar dela.

— Eu não sou um dos seus soldados, Victor. Nem um dos seus informantes, contatos ou associados. Sim, eu quero que você me ensine coisas. Quero fazer o que for preciso para ficar com você e fazer parte da sua vida. Mas você não pode mudar o que sou. E não pode me tratar como se eu fosse um

dos seus caras. — Ela inclina a cabeça para o outro lado. — Quer dizer, claro que você *pode*, se quiser, mas eu não vou mudar. Entendeu?

O que é que está acontecendo comigo? Em vez de me desanimar e me fazer tirar Sarai do colo, essa atitude desafiadora só me faz desejá-la mais.

Suspiro.

— Não quero que mude, mas vai precisar aprender a me ouvir nesse tipo de situação.

— Era só um cara — argumenta ela. — Você sabe tão bem quanto eu que eu conseguiria derrubá-lo. E *consegui*. Ele é só um pouco mais pesado do que eu.

Balanço a cabeça.

— Não, Sarai, você não entende. Você não imagina quantas pessoas, principalmente turistas, mulheres e adolescentes, esse André Costa ajudou a sequestrar na América do Sul.

— Mas a gente não está na América do Sul.

— Nem é preciso. Pessoas são sequestradas todo santo dia nos Estados Unidos e levadas para outros países, escravizadas, assassinadas. A lista é interminável. Você, mais do que ninguém, deveria saber como é fácil ser forçada a levar uma vida de escravidão e como é difícil ser libertada. A maioria nunca é.

— Mas eu sabia que você estava me ouvindo pelo microfone — insiste Sarai, e sinto que ela está começando a perder a autoconfiança. — Fui esperta e falei em voz alta o nome de cada rua pela qual a gente passou.

— Eu sei — digo baixinho, esfregando a mão na coxa dela. — Mas *e se* eu não tivesse ouvido as pistas que você deu? *E se* André levasse você até um carro ou a um prédio como este e os homens que estavam com ele no bar estivessem lá, esperando para prender você?

— A gente não pode viver pensando no “e se”, Victor.

— A gente *já vive* pensando o tempo todo no “e se”. Não vivemos com medo, mas, sim, preciso levar todas as possibilidades sempre em conta.

Sarai abre a boca e desvia o olhar.

— Seu pedido foi para que eu ajudasse e treinasse você — continuo, erguendo o queixo dela com o dedo. — Você disse que faria qualquer coisa. Estou pedindo que confie na minha experiência de uma vida inteira e não me desafie mais.

Ela assente.

— Tudo bem, mas não quero que você fique bravo comigo se eu não conseguir me controlar.

Um sorriso aquece meus olhos.

Eu sei que nunca vou conseguir fazer Sarai mudar, mas é disso que gosto nela. *Não quero* que ela mude. Só quero que ela entenda que sou eu quem sabe o que está fazendo. Não vou lhe dizer isso, mas eu jamais a mandaria para uma missão que eu soubesse que ela não seria capaz de realizar. Atrair André até o carro era uma tarefa simples. Eu sabia que ela conseguiria. Sabia que ela daria conta do cara se os dois estivessem sozinhos, senão nunca a teria mandado para lá. Deixá-la fazer essa parte não era minha maneira de confirmar se ela era capaz ou de permitir a ela “praticar com alvos fáceis”. Era minha maneira de verificar quanto ela era capaz de obedecer a ordens.

Mas Sarai tem uma mente independente. Por mais que me irrite o fato de ela não me ouvir tanto quanto eu gostaria, ao mesmo tempo é isso que me deixa louco por ela.

Sinto seus lábios tocando os meus. O cheiro de sua pele me inebria por um instante. Inspiro seu hálito para o fundo dos pulmões e seguro seu rosto com firmeza enquanto ela se vira, montando no meu colo.

— Você ainda vai me matar — sussurro em seus lábios, antes de deslizar a língua para dentro de sua boca.

O grito apavorante de André ecoa pelo galpão.

Sarai afasta os lábios dos meus e endireita as costas.

— Que droga Fredrik está fazendo com ele?

Seguro sua cintura.

— Você não vai querer saber.

Ela balança a cabeça com determinação e desce do meu colo.

— Na verdade quero, sim.

CAPÍTULO DEZOITO

Sarai

— Filho da *puta!* Eu não sei de nada! *AHHH!*

Abro a porta do escritório e ouço os gritos de André encherem o ambiente. Seus punhos estão presos aos braços da cadeira por duas correias de couro tão apertadas que as mãos mudam de cor quando ele tenta se soltar. Sangue escuro brilha em seus lábios, escorrendo pelo queixo e pelo pescoço.

Fredrik segura um alicate ensanguentado na mão enluvada de látex branco.

— Sua puta do caralho — ruge André para mim quando apareço sob a luz fraca. Seus olhos enfurecidos correm por nós três. Victor está atrás de mim, agora. — Meu irmão vai achar vocês antes que saiam desta cidade. E vai *matar* vocês, caralho!

Fredrik solta algo do alicate em uma bandeja prateada na mesa ao lado. O objeto tilinta na superfície. Sempre muito calmo, muito sofisticado, e a imagem dele inclinado sobre um homem ensanguentado que é exatamente seu oposto me parece assustadora. É estranho que essas diferenças gritantes possam conviver no mesmo cômodo sem que se anulem.

— Quem é o seu irmão? — pergunta Fredrik, tranquilo.

— Vai se foder! — Junto com as palavras, André cospe sangue.

Calmo, Fredrik segura o queixo de André, encaixando os dedos com firmeza nas bochechas enquanto o látex branco fica vermelho. André luta para se desvencilhar, se agitando de um lado para outro, mas mal consegue mexer a cabeça, com a correia de couro tão apertada ao redor da testa.

— Não vou contar porra nenhuma! — grita André, engasgando com o sangue que escorre pela garganta. — Vai fundo! Arranque todos! Nada que um implante não dê jeito! — provoca ele. O modo como seu corpo se retorce e como ele afunda os dedos nas palmas das mãos, contudo, contam uma história muito diferente.

Fredrik saca o alicate e o prende em um dos dentes incisivos de André, que engasga e cospe um pouco mais. Percebo que está tentando falar, mas suas palavras são indecifráveis. Ele grita em meio a gemidos e grunhidos, abrindo e fechando os olhos pela dor e pela exaustão mental.

— Onde está Edgar Velazco? — pergunta Fredrik, ainda com o alicate segurando o dente de André.

André gargareja algo inaudível, mas que parece muito com “Vai se foder!”. Os ossos da mão de Fredrik se tensionam quando ele começa a puxar. André grita de dor, agitando os punhos nas amarras, seu corpo todo enrijecendo e se contorcendo na cadeira. O dente sai depois de alguns movimentos do alicate para a frente e para trás que me provocam um embrulho no estômago, e os estalos do osso me fazem querer tapar os ouvidos até que acabe.

Estou enojada pela ação, mas indiferente ao propósito.

Um segundo depois, ouço mais um *clink* quando o segundo dente é jogado na bandeja de metal.

André ainda consegue repetir “Vai se foder” algumas vezes, mas as palavras saem entre lágrimas de raiva e ameaças de vingança.

— O nome do irmão dele é David — anuncio, dando um passo à frente.
— E eu vi a cara dele.

Fredrik me olha, ainda com o alicate ensanguentado na mão.

— Como você sabe? — questiona Victor ao meu lado.

André está em silêncio, uma prova involuntária da veracidade das minhas palavras. Era só um palpite, depois de observar o olhar de David quando André chamou o pai de babaca lá no bar. Eu mesma não tinha tanta certeza até agora.

— Ele estava com André no bar.

Victor passa por mim e atravessa o galpão até o carro. O som da porta se fechando ecoa pelo ambiente, e então ele volta carregando sua maleta.

Fredrik baixa a mão que segura o alicate enquanto André enfim tenta nos desmentir, embora saiba que é tarde demais para isso.

— Meu irmão *nem está* em Nova Orleans! — grita ele, agora com menos controle sobre a pronúncia das palavras. Parece estar tendo dificuldade para a língua não escorregar pelo buraco deixado pelos dois dentes da frente. — Ele

nem está no país! — André tenta rir, mas outro rio de sangue escorre para dentro da garganta, e ele acaba se engasgando.

— Ah, mas você acabou de dizer — começa Fredrik — que seu irmão vai nos achar e nos matar antes que a gente saia da cidade. Como isso seria possível, se ele não estivesse aqui? — Ouço o sorriso diabólico na voz de Fredrik, mas ele o mantém bem escondido no rosto.

Os lábios ensanguentados de André se fecham.

Victor abre a maleta em cima de um caixote próximo e tira uma série de fotografias. Eu me aproximo e ele as entrega para mim.

Já sabendo o que ele quer que eu faça, começo a folheá-las enquanto ele anda até o outro lado de André, diante de Fredrik.

Ele junta as mãos às costas e olha para o rosto angustiado de André.

— Seu irmão, David, vai ser o próximo — anuncia Victor, tão calmo quanto Fredrik. — E tudo o que acontecer com você aqui, hoje, também vai acontecer com ele. Agora conte para a gente, onde está Edgar Velazco?

André desvia o olhar para o teto alto de zinco. Ele se recusa a falar.

Victor recua discretamente para evitar ser borrifado pelo sangue de André no momento em que Fredrik enfia mais uma vez o alicate na boca do refém. André grita de agonia, e sua voz ecoa pelo espaço amplo.

Clink.

— É este aqui. — Aponto para uma fotografia e depois a levanto para mostrar. — Ele estava lá. A mesma tatuagem no pulso. Com certeza é ele.

Um soluço patético percorre o corpo de André, mas tenho a sensação de que não tem nada a ver com o fato de que seu irmão vai sofrer a mesma tortura que ele. É óbvio que está sentindo uma dor horrível. Também tenho a sensação de que Fredrik está apenas começando e que arrancar todos os dentes de André é só o início de uma noite muito longa de tortura.

Dezesseis minutos se passaram. Sem querer, acabei marcando o tempo, pois deixei os números verdes luminosos do relógio de Fredrik, pousado na mesa, prenderem minha atenção. Era melhor do que assistir a Fredrik arrancando os dentes de André. Mas André ainda não cedeu. Lágrimas e suor escorrem de seu

rosto, misturando-se com o sangue. Seu corpo, amarrado na cadeira, parece fraco, capaz apenas de se enrijecer quando Fredrik está lhe causando mais dor. Contudo, assim que Fredrik se afasta, o corpo de André desiste de lutar e derrete sobre o couro. Sua cabeça cai exausta para um lado, seus punhos cerrados se abrem, permitindo que os dedos escapem das palmas das mãos.

— O-o que é isso? — pergunta André, assustado e com a gengiva destruída.

Fredrik pega um estojo redondo de plástico, fazendo-o girar entre o polegar e o indicador. Uma agulha prateada brilhante sai de uma extremidade e ele a segura com cuidado entre os dedos, deixando o estojo na mesa.

— Onde está Edgar Velazco? — pergunta Fredrik mais uma vez, ainda sem nenhuma emoção na voz.

Ele segura a mão esquerda de André, abre seus dedos à força e prende a mão sobre o braço da cadeira. André arregala os olhos. Desesperado, ele tenta tirar a mão e fechar o punho de novo, mas as amarras e o peso que Fredrik exerce sobre os nós de seus dedos tornam inútil todo esse esforço.

Com a mão livre, Fredrik encosta a agulha no dedo mindinho de André e segura a ponta afiada sobre sua pele.

Começo a ficar zozna. Não sei como consegui aguentar enquanto os dentes de André eram arrancados, mas a ideia de Fredrik enfiando agulhas debaixo das unhas dele é demais para mim.

Victor me olha e percebo que não estou escondendo meu desconforto tão bem quanto eu queria.

— Vou perguntar mais uma vez — insiste Fredrik. — Onde está Edgar Velazco?

O corpo de André começa a tremer, suas narinas se abrem e o branco de seus olhos se torna muito mais visível do que estava momentos atrás. Sua mandíbula está cerrada, suas bochechas se mexem como se ele as mordesse por dentro, tentando passar parte da dor para outras regiões do corpo. Mas ele continua sem responder. Gostaria que ele respondesse. Só quero que ele ceda para se salvar. Pouco me importa o que vai acontecer com ele, mas não tenho estômago para tortura. Preferiria que Fredrik acabasse com o sofrimento dele de uma vez.

Um grito de gelar o sangue sai dos pulmões de André quando Fredrik enfia a agulha debaixo de sua unha. Não consigo me segurar e minhas mãos tapam os ouvidos enquanto fecho os olhos com força, me curvando. Sinto um toque no meu ombro e me viro, aproveitando a oportunidade para olhar em qualquer direção que não seja a de André.

— Por que você não vai esperar lá no escritório? — sugere Victor, segurando meu cotovelo com delicadeza, pronto para me levar até lá.

— Ele é o meu pai! — ouço André gritar. — Não me peça para entregar o meu pai! Por favor!

Victor e eu nos viramos ao mesmo tempo.

— Tire ela daqui — pede Fredrik, e ele nunca me pareceu tão ameaçador e persistente. Antes, ele parecia estar curtindo aquilo, parecia gostar que eu visse aquele lado sombrio. Mas agora ele assumiu uma atitude profissional. E não quer mais plateia.

Sem ter como argumentar, sigo Victor de volta para o escritório. Assim que a porta se fecha, os gritos de André se espalham pelo galpão de novo. Posso não estar mais assistindo, mas a imagem ainda está lá, nítida como se eu estivesse presente. Não consigo tirar a cena da cabeça, e a cada grito ela é gravada mais fundo na minha memória, como as agulhas que Fredrik está enfiando sob as unhas de André.

Em menos de cinco minutos, após André suportar tudo o que foi capaz, eu o ouço entregando o pai. Ele conta tudo. Uma localização na Venezuela tão precisa que ele informa não só detalhes importantes das redondezas e de como chegar lá, mas também o endereço. Ele também entrega o irmão, David, diz onde ele está em Nova Orleans e revela todos os seus contatos.

Trinta minutos se passam e continuo no escritório. Nesse tempo, Fredrik entrou uma vez e falou com Victor para verificar a localização de David em Nova Orleans.

— E agora? — perguntei, logo antes de Fredrik sair do escritório.

— A gente espera — respondeu ele ao sair.

— Espera o quê? — perguntei a Victor.

— Espera para saber se o nosso contato vai retornar a ligação e dar o sinal verde — explicou ele. — Precisamos ter certeza de que o André estava dizendo

a verdade sobre onde encontrar o irmão, antes de prosseguir.

— Prosseguir?

Victor assentiu, mas não respondeu. Nem precisava. Eu já sabia o que aconteceria a seguir.

Minutos depois, tudo cai em um silêncio sombrio. Não ouço mais os gemidos de André nem o rangido da cadeira revestida de couro na qual ele lutava para se libertar das amarras.

Olho para Victor com uma expressão de dúvida e preocupação no rosto.

— Você está bem? — pergunta ele, com voz calma.

Faço que sim, mas não estou tão bem quanto gostaria de estar. Minha pele continua arrepiada e a base das minhas unhas formiga e dói.

— Estou ótima. — Engulo em seco e vou até a porta.

Victor põe a mão na velha maçaneta prateada antes de mim.

— Talvez seja melhor você esperar Fredrik terminar de limpar tudo.

— Limpar tudo... o quê, exatamente?

Já sei a que ele se refere, mas de certa forma quero ouvi-lo dizer, só que não lhe dou oportunidade.

— Já falei que estou ótima — repito, baixinho, garantindo que, mesmo depois de sair por aquela porta, não importa o que eu veja, *ainda* estarei ótima.

E sei que vou estar.

Victor solta a maçaneta, e eu a giro.

Quando saio do escritório e me aproximo da luz fraca que cobre a área onde Fredrik está, vejo o corpo sem vida de André ainda sentado na cadeira. Fios espessos de sangue escorrem do couro do assento para o chão, formando uma poça escura que mancha o imundo piso de concreto. Meus olhos sobem do sangue para as mãos de André, agora completamente abertas, seus dedos mortos pendendo dos braços da cadeira, sem mais nenhuma função muscular que lhes permita o menor movimento.

Os olhos. São sempre os olhos...

Os de André estão abertos, parecendo me observar do outro lado da sala, mas vazios. Completamente vazios. Há um corte profundo cruzando a frente do seu pescoço, de uma orelha à outra.

Fredrik começa a soltar as amarras quando me aproximo.

— Achei que você só matasse quando necessário — comento, olhando apenas para o cadáver nem um pouco traumatizada por isso. Era a tortura do corpo vivo que eu não conseguia suportar.

Fredrik tira o pino da fivela da última correia de couro.

Ele endireita as costas e se vira para me encarar.

— Eu precisei matá-lo.

Um tanto perplexa por seus critérios, que para mim indicavam que ele só mataria em legítima defesa, apenas olho para Fredrik, desesperada por respostas. Ele me dá as costas e continua “limpando a sujeira”.

— Mas ele contou o que você queria saber.

— A gente não podia deixá-lo vivo — intervém Victor, chegando perto de mim. — Ele ia avisar Velazco e o irmão. Velazco iria se mudar antes que a gente chegasse à Venezuela. E o irmão dele sairia de Nova Orleans antes que a gente tivesse chance de capturá-lo.

— Vocês vão atrás dele também? — pergunto, ainda confusa com a ordem dos acontecimentos.

Victor assente.

— Se as informações de André e do irmão baterem, saberemos que a localização que eles deram está correta. Vamos manter o irmão vivo até encontrar Velazco, e então ele vai ser eliminado, junto com o resto da família.

Ele vai até a mala que está no caixote.

— A gente vai capturar o irmão hoje — explica ele, destravando os fechos e abrindo a mala.

Fredrik mexe em uma grande bolsa de viagem largada no canto mais próximo, na sombra, e desenrola um saco comprido e preto no chão, longe das manchas de sangue. Ele abre o zíper no meio.

— Cadê o gravador? — pergunta Victor a Fredrik.

Fredrik enfia a mão no bolso da calça preta e lança o pequeno aparelho para ele. Victor pega o gravador no ar. Ouve os gritos horripilantes de André Costa e as informações que ele revelou antes de guardar o aparelho com segurança em sua mala.

Victor, então, enfia as mãos em um par de luvas brancas de látex e vai até o corpo de André, segurando-o sob as axilas. Fredrik o segura pelos pés, eles levantam o cadáver da cadeira e o colocam no saco mortuário aberto no chão. Fredrik fecha o zíper em seguida.

— O que vocês vão fazer com ele? — pergunto, muito curiosa.

Ouçõ a borracha estalando quando Victor tira as luvas. Fredrik continua com as suas e começa a limpar a sala, borrifando a cadeira e a mesa com alguma solução transparente de uma garrafa de plástico com um bico longo e vermelho. Ela tem um cheiro forte de água sanitária.

— Alguém vai passar aqui para buscá-lo dentro de uma hora — responde Victor. — Precisamos ir embora.

— Mas... Para onde vão levar o corpo?

— Para os pântanos — explica Fredrik com calma, enquanto limpa o sangue da cadeira com um trapo branco. Então ele ergue o olhar para mim e acrescenta, com aquele sorriso diabólico por trás dos olhos que estou muito acostumada a ver: — Jacarés adoram tartarugas.

Reviro os olhos e rio.

Antes de voltar para o carro com Victor, me viro e olho para Fredrik.

— Tem alguém que você nunca conseguiu dobrar?

No mesmo instante, o sorriso dele desaparece e o clima do ambiente muda. Eu me arrependo da pergunta mesmo sem saber a resposta.

Noto que a garganta de Fredrik se move quando ele engole em seco. Ele cerra os dentes. Seus olhos escurecem, como se a lembrança o torturasse mais do que tudo o que ele fez com André Costa alguns minutos antes.

— Minha esposa — responde ele.

Inspiro em silêncio e engulo o nó que se formou na minha garganta. Contudo, em vez de ficar enojada pela verdade, em vez de sentir apenas repulsa e raiva de Fredrik, meu coração começa a sentir pena dele. Não sei por quê, mas só consigo sentir dor.

CAPÍTULO DEZENOVE

Sarai

A caminho de um hotel onde vou me hospedar enquanto Victor e Fredrik procuram David, Victor me conta sobre Fredrik.

— Meu Deus... Victor, por que ele torturaria a própria *mulher*? — pergunto do banco do passageiro. — Eu... eu não consigo imaginar por quê...

— Ele não teve escolha — interrompe Victor. — Anos atrás, Fredrik era só um contato. Nunca interrogava nem matava ninguém. Cuidava de um abrigo em Estocolmo. E foi assim que ele conheceu Seraphina.

— Ela era uma agente?

Victor assente.

— Trabalhava para Vonnegut, como eu — continua ele, virando na rua Canal. — Depois de alguns anos de visitas de Seraphina, eles se apaixonaram. Mas, por estarem na Ordem, como você sabe, não podiam deixar que ninguém soubesse dos sentimentos que tinham um pelo outro. Casaram-se em segredo, não no cartório, é claro. Então, depois de dois anos juntos, Fredrik começou a desconfiar que Seraphina estava enganando Vonnegut.

— Mas, se Fredrik a amava, por que contaria para Vonnegut? — pergunto, presumindo que é isso que Victor ia dizer em seguida.

— Ele não contou. Fredrik confrontou Seraphina. Ele queria primeiro fazê-la parar, salvá-la de ser eliminada pela Ordem. Ela admitiu que tinha sido empregada por outra organização e estava trabalhando contra Vonnegut. Como Fredrik não conseguiu fazê-la mudar de ideia, em vez de denunciá-la, porque amava muito a esposa, acreditou nas mentiras dela e começou a trabalhar *com* ela.

Meu coração afunda até o estômago, sabendo no que essa história vai dar. Os pedaços do quebra-cabeça chamado Fredrik Gustavsson enfim começam a se encaixar.

— Ela traiu Fredrik — digo, desta vez sabendo que estou certa.

— Sim. Seraphina começou a usar Fredrik para transmitir informações falsas sobre suas missões a Vonnegut. Então, pelo que entendi, ela começou a visitar Fredrik cada vez menos. Resumo da história: ele levou seis meses para descobrir aonde ela estava indo. Ele a encontrou em outro abrigo. Com outro homem. O resto você deve imaginar.

Balanço a cabeça, pensativa, tentando entender esse buraco no coração que sinto por Fredrik.

Seguimos até o fim da rua Poydras e estacionamos perto de um hotel à beira do rio. Victor desliga o motor e nós ficamos sentados na penumbra por um momento.

— Como estava cego de fúria e dor pela traição de Seraphina, Fredrik... — Victor olha pelo para-brisa, perdido nas lembranças daquele dia. — Foi como se alguém tivesse acionado um interruptor no cérebro dele. — Victor olha para mim, tentando não se apegar aos detalhes da lembrança para conseguir continuar a história. — Ele interrogou e torturou os dois. Matou o homem na frente dela, esperando que isso bastasse para fazê-la ceder, porque não queria matá-la. Mas Seraphina não cedeu. Era mais leal a seu empregador do que a Fredrik, o homem que ela dizia amar. Ela o destruiu. Ele nunca mais foi o mesmo. Isso foi há muito tempo.

Olho para baixo, ainda com o rosto de Fredrik na mente, e balanço a cabeça de novo, sem querer acreditar em nada daquilo.

— Por isso ele é daquele jeito? — Olho para Victor enquanto ele tira a chave da ignição.

— Acho que isso teve um papel importante na transformação dele. Seraphina foi a primeira pessoa que ele interrogou, além da primeira e única que ele não foi capaz de dobrar. Depois daquele dia, quando Fredrik contou a Vonnegut sobre a traição de Seraphina e garantiu seu lugar na Ordem, ele pediu para realizar missões de campo, em vez de ser só o contato em um dos abrigos. Vonnegut concordou, e, alguns anos depois, Fredrik era oficialmente um interrogador.

— Eu não sabia que os interrogadores dominavam habilidades tão mórbidas — digo, rindo de maneira desconfiada. — Ele mencionou que às vezes ajuda

em suicídios também. Kevorkian? Isso é mórbido.

Victor dá uma risadinha.

— Fredrik é cheio de surpresas mórbidas — diz ele, e então abre a porta do carro. Ele sai com a maleta na mão e dá a volta até o meu lado. — Preciso que você fique no quarto até eu voltar. Mas acho que isso só deve acontecer amanhã.

Saio do carro e ele fecha a porta.

— Você não vai me deixar atrair David?

— Não. Ele já conhece seu rosto e sabe que você e André saíram juntos. A esta altura, você deve ser a única pessoa desta cidade que ele *quer* encontrar.

Antes de entrarmos no saguão do hotel, paro Victor em frente às portas altas de vidro.

— O que aconteceu com Seraphina?

Victor olha para além de mim, pensando.

— Não sei. Fredrik se recusa a falar sobre o assunto, o que me leva a crer que no fim ele a matou.

Victor não voltou para o hotel até o fim da manhã do dia seguinte. Fiz exatamente o que ele mandou e não saí do quarto, nem para comprar uma bebida na máquina que vimos no corredor ao subir. Chamei o serviço de quarto e pedi que deixassem a comida no chão, em frente à porta. Assisti à TV, tomei banho e olhei da janela do 15^o andar para a fervilhante cidade de Nova Orleans lá embaixo, sem parar de me perguntar o que Victor estaria fazendo. Se ele e Fredrik encontraram David e se David estava sofrendo o mesmo destino do irmão.

Quando Victor voltou, continuava tão limpo quanto estava no dia anterior: nem uma gota de sangue no terno. Claro que eu sabia que isso não significava nada.

Ele e Fredrik conseguiram a informação de que precisavam de David, e ela batia com a que André Costa forneceu. David foi mais fácil de dobrar. Victor me contou que Fredrik não precisou nem usar as agulhas. Uma parte de mim ficou feliz por isso. Eu só não queria pensar a respeito.

Fredrik ficou com David e Victor me levou de volta para Albuquerque.

— Achei que a gente já tinha resolvido isso, Victor. Por que você está me deixando aqui?

— Porque você não está pronta para me acompanhar em missões. — Ele está guardando com cuidado algumas peças de roupa em uma mala marrom ao pé da cama. — Com certeza não para ir até a Venezuela. Fica muito mais difícil se esconder quando se atravessa fronteiras.

Eu me sento na cama e então me deito, deixando as pernas pendendo para fora do colchão. Olho para o pé-direito alto e arqueado.

— Por quanto tempo você vai ficar lá?

— Até terminar o serviço — responde ele, e ouço os fechos da mala estalando.

— E o que eu devo fazer enquanto você está lá?

— O que você quiser. Só não se meta em encrencas. — Seu sorriso torto lhe garante perdão instantâneo.

— Bom, eu não posso ficar com Dina em Oklahoma? Ou será que ela não pode vir para cá ficar comigo? Vou ficar doida aqui sozinha.

— Você vai ficar bem — afirma Victor. — De qualquer maneira, ainda é cedo demais para arriscar uma visita à sra. Gregory. Quando Fredrik estiver livre, ele vem para cá ficar com você.

Levanto as costas da cama e me apoio com os cotovelos no colchão. Estreito os olhos para Victor.

— Fredrik. Você vai me deixar com *Fredrik*? — Sei que Victor confia nele, mas não completamente.

Não entendo esse raciocínio. Victor dá um leve sorriso.

— Está com medo de que ele enfie agulhas debaixo das suas unhas?

Pisco algumas vezes. É tão óbvio assim?

— Como eu disse, você vai ficar bem. — Victor sai do pé da cama e se agacha na minha frente. Ergo o corpo e o olho de cima.

A expressão dele está diferente: o sorriso sumiu, deixando somente uma expressão suave de dúvida e preocupação no rosto. Essa mudança de humor me deixa ansiosa e pouco à vontade.

— Sarai — diz ele, pondo as mãos sobre os meus joelhos —, lembre-se de tudo o que eu falei sobre confiança. Lembre-se de *tudo* o que eu já falei para você.

— Por que está dizendo isso? — Inclino a cabeça para um lado, e rugas de confusão e preocupação surgem em volta dos meus olhos. — Não gosto dessa conversa.

Ele fica de pé.

— Sempre confie nos seus instintos. — Ele pega a mala ao meu lado e vai para a porta.

— Espere — chamo, indo atrás dele.

Ele para e se vira para me olhar.

— Por que os meus instintos estão me dizendo agora que você está escondendo alguma coisa importante de mim?

Ele apoia a mala de novo no chão e se aproxima de mim, me envolvendo em seus braços. Sua boca toca a minha, sua língua quente abrindo os meus lábios com delicadeza. Ele me beija com fome, enfiando as mãos no meu cabelo, e, por mais que eu queira me deliciar com a paixão do momento, não consigo deixar de me perguntar se esse é um beijo de despedida.

Ele se afasta de mim com relutância e toca a ponta do meu queixo com o dedo indicador.

— Porque eles estão certos — responde Victor, enfim. Pisco, atordoada por sua confissão. — Vamos torcer para que você não perca esses instintos.

Sem mais uma palavra, Victor sai da casa rumo a algum aeroporto para pegar um voo para a Venezuela.

CAPÍTULO VINTE

Sarai

Dois dias já se passaram sem novidades, e estou cada vez mais inquieta sozinha neste casarão, com as altas paredes amarelas e o chão de terracota como minhas únicas companhias. Não consigo passar muito tempo vendo TV, embora após gastar a maior parte da juventude presa no México, apenas com novelas mexicanas como diversão, fosse de esperar que a TV americana me parecesse um luxo bem-vindo. Mas me cansei dela em pouco tempo, depois que comecei minha vida temporária com Dina no Arizona, oito meses atrás. Tampouco tenho costume de ouvir rádio, o que faço muito de vez em quando. Mas eu tinha começado a tocar mais piano. Sempre vou amar piano. Eu até gostaria que Victor tivesse um aqui na casa, para que eu pudesse tocar.

Ando descalça pelo casarão, verificando mais uma vez se todas as portas e janelas estão trancadas. Mas é a última vez que verifico, pois me recuso a ficar paranoica, mesmo em nome de Victor e de sua às vezes peculiar, mas sempre incessante, preocupação comigo. Só que não posso negar que gosto disso nele.

Penso muito no que Victor me disse antes de viajar. Quero mais do que tudo, neste momento, entender o significado daquelas palavras enigmáticas. Sinto que ele está me testando de novo. Por isso meus instintos estão gritando comigo. Mas o que mais me preocupa é que, lá no fundo, sei que este teste tem muito a ver com Fredrik. Estou começando a me perguntar até onde Victor é capaz de chegar para me treinar.

E estou começando a me perguntar quanto ele realmente confia em mim...

Horas depois, no fim da tarde, quando decido que vou ceder e suportar uma horinha de TV, ouço um carro estacionando lá fora, na frente da casa, pequenos pedaços de brita estalando sob os pneus. Corro para a janela para ver quem é.

Meu coração pula quando vejo a maçaneta em forma de alavanca da porta da frente girar ao ser destrancada por fora. Só consigo pensar em por que Victor deu uma chave para Fredrik.

— Aí está você, gata — diz Fredrik ao entrar na sala, o cabelo escuro e volumoso sempre arrumado como se ele tivesse acabado de sair do cabeleireiro.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, fingindo não saber e fracassando ao tentar esconder o nervosismo na voz.

Lanço um olhar rápido para o sofá, onde escondi uma 9mm debaixo de uma almofada, e para perto do corredor, onde um pequeno aparador esconde um .38 na gaveta. São algumas das várias armas que espalhei pela casa. Todas carregadas. Nesta vida, não existe isso de trava de segurança.

— Victor não explicou? — pergunta Fredrik, abrindo os botões dos punhos de sua camisa social e arregaçando as mangas até os cotovelos. — Vou ficar com você até ele voltar. Você deixa a calefação muito forte, está muito calor aqui. — Ele passa o dedo indicador por dentro do colarinho, afastando o tecido do pescoço com uma expressão de desconforto.

— Sinto muito. Eu fico resfriada com facilidade.

Fredrik sorri, passa por mim e vai para a sala de estar. Eu o sigo, de olho em cada movimento. Sinto que não devo confiar nele, mas a verdade é que *confio*, sim. Minha insegurança me deixa confusa.

— Você podia pelo menos abrir umas janelas — sugere ele.

Fredrik dá a volta no sofá de couro marrom-amarelado e abre os trincos da janela alta atrás dele. Uma brisa leve entra, fazendo flutuar a cortina bege e diáfana que a cobre. Depois faz o mesmo com a janela ao lado.

Ele está usando uma calça informal marrom-escura e uma camisa branca cujo tecido fino deixa transparecer o contorno dos músculos do peito e dos braços. Um par de mocassins de couro marrom calça seus pés sem meias. O cabo de uma arma sai da parte de trás da calça, presa com firmeza pelo cinto.

Talvez o teste seja esse, se de fato for um teste; tenho cada vez menos certeza das coisas. Mas não parece ser do feitio de Victor se dar a todo este trabalho para saber se vou dormir com outro homem. Por outro lado, se este for o caso, quem pode ser melhor do que Fredrik, um lindo exemplar masculino e

intrigantemente sombrio, para me tentar? Mas não sou uma garota doente e desequilibrada. Considero meio nojenta e bárbara a habilidade de Fredrik para torturar e assassinar pessoas não-tão-inocentes... Tudo bem, talvez o que ele fez com André Costa não tenha me causado tanta repulsa quanto deveria. Talvez eu ainda devesse estar traumatizada pelo que vi, considerando que foi só a alguns dias. Talvez eu devesse ficar mais desconfortável perto dele, neste momento, me sentir enjoada ou nervosa e minhas mãos tremessem. Mas estou perfeitamente à vontade e... Ok, talvez eu *seja* doente e desequilibrada. Victor deve perceber isso. Por qual outro motivo decidiria usar Fredrik, logo Fredrik, para me tentar?

— Eu sei o que Victor está fazendo — aviso, cruzando os braços e mordendo a parte interna da bochecha. Eu me sento no sofá e acomodo as pernas nuas na almofada que esconde a arma. Dobro os joelhos e arranjo uma posição confortável, tomando cuidado para que meu shortinho de algodão não suba demais, expondo mais do que o necessário. — Nem perca seu tempo.

Fredrik inclina a cabeça, com ar curioso, termina de dar a volta no sofá e vai até a poltrona de couro ao lado.

— Perder meu tempo fazendo o quê? — Ele parece mesmo não fazer ideia do que estou falando.

Ele se senta, apoiando o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo, com os longos braços estendidos nos apoios da poltrona, as pontas dos dedos tocando nos rebites dourados que afundam no couro.

— Não importa quanto você é bonito, não vai conseguir me seduzir.

Fredrik ri baixinho, balançando a cabeça. Seus ombros relaxam e um suspiro profundo sai de seus pulmões.

— Não vim para cá com esse objetivo, gata. — Seu sorriso é acentuado pelos olhos azuis brilhantes, emoldurados pelo cabelo espetado e quase preto. — Victor só pediu que eu ficasse de olho em você.

— Mas eu não preciso que ninguém fique de olho em mim — digo em tom tranquilo, porém obstinado. — Sou perfeitamente capaz de me cuidar sozinha.

Fredrik não para de sorrir, embora agora isso apareça mais em seus olhos do que na boca.

— Disso eu não tenho dúvida. Mas, mesmo assim, Victor pediu que eu ficasse aqui. E, sinto muito, mas os pedidos dele vêm antes dos seus.

Estreito os olhos para ele, mas não estou nem um pouco ofendida. Sei que ele tem razão, mas não vou dar o braço a torcer tão facilmente.

— Qual é o seu lance com Victor, afinal? — pergunta ele.

— Como assim?

— Ora, por favor. — Ele balança a cabeça, sorrindo para mim. — Você enfeitiçou o cara. E com muita facilidade, para dizer a verdade. Você é mais perigosa do que eu jamais poderia ser. Para o Victor, pelo menos. — Ele abre um sorriso.

Sinto a testa se franzir.

Fredrik ri baixinho e dá um tapinha nas pernas, para depois alisar o tecido da calça. Ele volta a apoiar os braços na poltrona.

— Se você está insinuando que eu quero seduzi-lo com algum tipo de falsa intenção, está enganado. — *Estou* ofendida desta vez, e isso transparece na minha voz.

— Não insinuei nada disso. — Ele inspira com tranquilidade de novo e reclina as costas na poltrona, relaxando o corpo. — Conheço Victor há muitos anos, Sarai, e posso dizer, embora talvez não devesse, que nunca vi o cara do jeito que está desde que conheceu você.

Sinto um frio na barriga por um momento. Afasto essa sensação. Não sou muito do tipo que sente frio na barriga. Ou pelo menos tento não ser, como se isso, de alguma forma, me tornasse fraca. Mas tampouco posso negar que, quando penso em Victor, me vejo “afastando a sensação” com frequência. Engulo em seco e levanto o queixo.

E então mudo de assunto.

— Peço desculpas se isso parecer indelicado...

— Gosto de gente indelicada — interrompe Fredrik, abrindo outro sorriso. — É um bom jeito de evitar o papo-furado.

Aceno que sim.

— Bom, você sente prazer torturando gente? — pergunto, como se fosse exatamente o que penso. — Ou matando pessoas?

Fredrik ajeita o enorme relógio prateado no pulso direito. Então estende mais uma vez as mãos sobre os braços da poltrona.

— Isso vindo de alguém que não vê a hora de cortar a garganta de um homem — diz ele, com o sorriso ainda intacto —, é uma acusação forte. Quase hipócrita.

— Pensei que você gostasse de gente indelicada — observo, deixando claro que ele se esquivou da minha pergunta.

Ele entende bem depressa.

— Se você quer dizer “sentir prazer” de maneira sexual, então não, não sinto. Mas, sim, como uma espécie de castigo, eu sinto *muito* prazer.

— Castigo?

— Com certeza. Gente como André Costa e o irmão dele, David, merece o que recebe. E eu fico feliz em fazer as honras. — Ele ri baixinho e acrescenta: — Claro que não sou santo. E, quando chegar a hora de inverterem os papéis e eu estiver sentado naquela cadeira, vou saber lidar com isso. Mas ninguém *jamais* vai me dobrar... Não de novo.

Eu me pergunto o que significa essa última parte. E tenho a sensação de que não foi um comentário dirigido a mim.

Imagens das agulhas e da crueldade com que foram enfiadas debaixo das unhas de André surgem na minha mente por um momento. Estremeço e fico arrepiada. Minha nuca fica úmida e minhas mãos, pegajosas.

Enojada, eu o encaro por cima da mesinha de centro.

— Mas as... coisas que você faz. — Tento tirar a imagem da cabeça. Mais um calafrio percorre minhas costas. — Por que *agulhas*?

Um sorriso fraco aparece nos cantos da boca de Fredrik, que reconheço imediatamente como uma tentativa de abrandar a imagem que tenho dele e não se vangloriar por dentro sobre o desconforto que me causa.

— O método é bem eficaz, como você viu.

— É, mas... — As palavras me fogem. — Como você aguenta?

O sorriso dele desaparece, substituído por uma expressão neutra quando ele olha para além de mim.

— Na verdade, nem eu sei — responde ele, e tenho a sensação de que essa resposta o incomoda de alguma forma.

Com a mesma rapidez, seu sorriso volta e ele cruza as mãos sobre a barriga, entrelaçando os dedos longos e bem-cuidados.

— Quanto tempo você acha que Victor vai demorar para voltar? — pergunto.

Fredrik balança a cabeça.

— Até terminar o serviço.

Eu sabia que ele me daria a mesma resposta que Victor, mas valeu a tentativa. O que quero, na verdade, é saber mais sobre Seraphina, mas tenho medo de perguntar. Acho que Victor me contou tudo aquilo sobre Fredrik e Seraphina em segredo. E não quero que Fredrik saiba da nossa conversa.

Mas a curiosidade está me matando.

Tiro as pernas do sofá e apoio os pés no chão. Fico de pé e cruzo os braços, olhando para Fredrik, que me observa com uma certa curiosidade. Ando de uma ponta à outra da mesinha de centro e então paro.

— Como você... Bom, o que fez você ficar assim? — pergunto, evitando com cuidado as coisas que já sei e que espero que ele mesmo me conte.

Ele me olha de lado, inclinando a cabeça, pensativo.

— O que você quer saber mesmo é como Seraphina me deixou do jeito que eu sou. Ou Victor ainda não contou sobre ela? — Ele sorri, conivente.

Por um momento, não consigo olhá-lo nos olhos. Passo a mão pelos braços algumas vezes e então me sento na borda da mesinha de centro, bem na frente dele. Enfio as mãos no tecido folgado da barra da minha camiseta cinza.

— Ele contou para você que eu sei?

Fredrik assente.

— Victor perguntou se eu me importava que ele contasse. Ele me respeita o suficiente para perguntar primeiro. É uma conversa muito delicada.

— Ela deve ter magoado muito você — digo, cuidadosa.

— Apesar do que Victor acha — diz ele, erguendo as costas da cadeira e enfiando as mãos entre os joelhos —, Seraphina foi só parte do motivo para eu ter ficado assim. Uma pequena parte. Ela foi, como meu analista indicado pela Ordem dizia, o estopim. A faísca em uma sala cheia de gás. Mas havia algo

errado comigo já bem antes de conhecê-la. — Ele ri um pouco, mas não vejo humor nisso. Algo me diz que ele também não, na verdade.

De repente, Fredrik se levanta e vai até a janela aberta atrás do sofá. Eu me levanto também, deixando que meus olhos o sigam para não perdê-lo de vista, mas continuo perto da mesa. Como Fredrik está agora de costas para mim, e não consigo mais ver seu rosto, não posso ter certeza, mas sinto que o clima do ambiente ficou mais sombrio. Ele mantém os braços inertes, a brisa leve da janela balançando seu cabelo escuro.

Mas Fredrik não revela nada, e fico só imaginando que cenas terríveis o torturam, que lembrança insuportável o assombra neste momento. E só o que posso fazer é ficar ali e esperar que passe.

Fredrik

Vinte e cinco anos atrás...

O homem de cabelo ruivo e desgrenhado, cujo nome eu não era digno de saber, me deu um tapa no rosto com tanta força que um clarão branco encobriu minha visão. Minhas pernas nuas, ossudas e desnutridas, cederam e caí na calçada de pedra. O sangue jorrou da minha boca no momento em que a ponta da bota dele atingiu meu queixo.

— Garoto idiota! — sibilou o homem, cuspiendo de ódio. — Você me custa mais do que vale! Garoto insolente!

Gritei e me curvei ao sentir a dor queimando minhas costelas.

— O que você está fazendo? — Ouvi Olaf dizer com severidade de algum lugar atrás de mim.

Eu quase não conseguia me mexer, apenas envolvi minhas costelas com os braços esqueléticos, esperando protegê-las de novos golpes e tentando amortecer a dor. Mal conseguia respirar. A bile se agitava no estômago, e eu me esforçava ao máximo para não vomitar, pois sabia que, como da outra vez, isso só faria minhas costelas doerem ainda mais.

— Você nunca vai conseguir vender o garoto se danificá-lo — disse Olaf.

Eu odiava Olaf tanto quanto odiava todos os homens que me mantinham naquele lugar, mas quase fiquei feliz quando ele chegou. Ele impediria que os outros me espancassem. Que me violentassem. Olaf também fazia o que queria comigo, mas era delicado e nunca me machucou. Eu o odiava e queria vê-lo morto, assim como o resto deles, mas ele era meu único conforto no inferno que era minha vida.

O homem de cabelo ruivo e desgrenhado cuspiu no chão ao meu lado, tão perto que senti uma gotícula na minha bochecha, que estava encostada na pedra fria.

— Então resolva você — grunhiu ele. — Eu lavo minhas mãos com este aí. É um idiota! Não é tão desafortado, mas é idiota. Quatro meses e ainda não aprendeu nada!

Eu me recusava a abrir os olhos. Queria só ficar no chão, encolhido em posição fetal e sozinho, para morrer ali. Sentia cheiro de fezes, urina e vômito vindo do banheiro no corredor. Dava para sentir a brisa úmida da janela quebrada ali perto, roçando as pedras e meu rosto. Pensei na minha mãe, embora ela não fosse minha mãe de verdade. Era um animal horrível em forma de mulher, que administrava o orfanato que cuidava de mim. O orfanato que havia me vendido àqueles homens três meses antes, dois dias depois que eu completei 7 anos, segundo disseram. Como Olaf, eu odiava a Mãe. O modo como ela batia na minha bunda com a vara até sangrar. Odiava o modo como ela me mandava para a cama sem me dar comida por três, às vezes quatro noites seguidas. Mas eu daria tudo para voltar aos cuidados dela e não estar com aqueles homens.

— Talvez o problema seja o professor — acusou Olaf, com voz calma. — Você é duro demais com ele. Ele é mais frágil do que os outros. A raspa do tacho, como Eskill diz.

— Ele não come! — gritou o ruivo.

Eu o via agitando as mãos, suas grandes narinas se dilatando de fúria, acentuando a cicatriz do lado esquerdo do nariz. Via o vermelho vibrante de suas bochechas, que sempre parecia uma urticária quando ele se zangava.

— Ele não consegue segurar a comida — disse Olaf. — O dr. Hammans examinou o garoto ontem, antes que você voltasse. Disse que o garoto está sofrendo de estresse emocional.

— Estresse?! — exclamou o ruivo, soltando uma risada esganiçada.

— Sim — confirmou Olaf, mantendo a expressão calma. — Acho que é melhor que eu assuma o caso dele, daqui por diante.

Minhas pálpebras se abriram um pouco, apenas o suficiente para ver o semblante do ruivo debruçado sobre mim. Ele estava sorrindo, mas me apavorava.

Fechei os olhos de novo assim que percebi que ele olhava na minha direção.

— Você acabou de dizer que não queria mais cuidar do garoto — disse Olaf.

— Algum problema?

Seguiram-se alguns segundos de silêncio.

— Não — disse o ruivo. — Pode levá-lo. Talvez você consiga fazer mais do que eu.

Os dois não trocaram mais nenhuma palavra.

Olaf me carregou até seu carro e me deitou com cuidado no banco de trás.

— Eu vou cuidar de você — sussurrou ele, do banco da frente.

Eu tremia incontrolavelmente com a dor nas costelas e na cabeça. Lágrimas, catarro e sangue escorriam para a boca.

— Vou ser gentil com você, garoto — disse Olaf, ao tirar o carro do estacionamento do prédio. — Até que você não me deixe escolha.

Ele me levou para um lugar que eu nunca tinha visto antes. E eu fiquei lá, sob os cuidados dele, aprendendo a superar meu medo dele, dos outros homens e da vida que fui obrigado a levar. Até que o envenenei enquanto dormia, cinco anos depois, e fugi.

Sarai

— Fredrik? — chamo, preocupada com seu silêncio longo e misterioso.

Ele vira de costas para a janela e abre um sorriso suave.

— Você está bem? — pergunto, me aproximando.

Fredrik assente, e aquele sorriso diabólico que sempre vou associar a ele se espalha pelo rosto.

— Está preocupada comigo, gata? — provoca ele, brincando, e sinto que estou corando.

Dou de ombros.

— Um pouquinho, talvez. Mas não fique muito convencido com isso.

Ele sorri, e vejo apenas sinceridade e admiração naquele sorriso.

Vou para a cozinha, mas paro antes de entrar e sumir de vista.

— Você está com fome?

— Você sabe cozinhar? — pergunta Fredrik de volta, ainda tirando sarro de mim.

— Não como aquela sua empregada. Mas faço um sanduíche de geleia com pasta de amendoim que é uma delícia.

— Para mim, está ótimo — diz ele, e sorrio antes de desaparecer na cozinha.

CAPÍTULO VINTE E UM

Sarai

Saio de manhã cedo, usando o carro que Victor deixou na garagem para o caso de eu precisar em uma emergência. Ir até a academia de krav maga de Spencer e Jacquelyn em Santa Fé não é exatamente uma emergência, mas mesmo assim é importante para mim. E não posso mais ficar parada em casa desse jeito, quando poderia estar praticando.

Estou treinando com Spencer há meia hora. Odeio o fato de ele pegar leve comigo, mas acho que ao mesmo tempo me arrependeria de pensar assim caso ele decidisse me bater com aquele punho que parece um tronco de árvore.

— Acompanhe os movimentos dos ombros — orienta Spencer, movendo-se em círculos ao meu redor, nós dois meio curvados, com os braços em guarda alta à frente. — Soque. Um. Dois. Esquerda. Direita. — Ele demonstra enquanto fala, lançando seus punhos imensos no ar diante dele.

Faço exatamente o que ele manda, de novo e de novo, para aperfeiçoar a técnica. E então o golpeio com força, mas ele intercepta e se defende com facilidade de todas as minhas tentativas.

Ele me ataca e, por instinto, me esquivo e ando ao redor dele, longos fios do meu cabelo que escaparam do rabo de cavalo presos entre meus lábios e grudados no nariz. O suor escorre da minha nuca e desce pelas costas, grudando na pele o tecido fino da camiseta preta de um jeito nojento.

Spencer me ataca de novo e eu uso algo que já aprendi, golpeando-o no meio da garganta, um lugar vulnerável, o que o faz perder o equilíbrio no mesmo instante. Parto para cima dele com velocidade antes que ele consiga se recuperar e seguro sua nuca, curvando-o para baixo e enfiando o joelho em seu rosto, uma, duas, três vezes seguidas.

Ele cambaleia para trás, apertando a mão sobre o nariz. Se Spencer quisesse me machucar de verdade, não teria parado. Teria lutado contra a tontura e a

dor e continuado a me bater até me matar.

— Cacete, garota — diz ele, misturando riso à voz grave, abafada pela mão.
— Acho que você quebrou meu nariz.

Balanço a cabeça para ele, decepcionada por ele ter parado, embora tenha aprendido semanas atrás a aceitar que ele sempre vai parar.

— Não, acho que ele já era torto — rebato, brincando.

Ele ri de novo e tira a mão do rosto para apontar para mim com um ar ameaçador, com o olho direito mais fechado que o esquerdo.

Vou até a borda do tatame preto, onde minha toalha está jogada, e a uso para enxugar o suor do rosto. Puxando a gola da camiseta, tento me refrescar, contente por estar usando uma calça de malha preta aderente que reduz o suor.

Fredrik passa pela porta alta de vidro na entrada da academia. Não parece feliz.

Ele atravessa o tatame usando um jeans escuro, camiseta cinza bem justa e um All Star branco novinho em folha com cadarços vermelhos. Não consigo decidir o que é mais imperativo: explicar para ele o que estou fazendo ou perguntar se ele acordou de manhã achando que era outra pessoa.

— Como você me encontrou? — Jogo a toalha molhada no tatame, ao lado dos meus tênis pretos.

— Por que você saiu? — pergunta ele, por sua vez.

Reviro os olhos e balanço a cabeça, olhando para Spencer, não muito longe, que observa Fredrik e a mim com curiosidade, os enormes braços cruzados rigidamente sobre o peito maciço. A mulher dele, Jacquelyn, entra no prédio pela mesma porta por onde Fredrik acaba de entrar.

Eu me viro para Fredrik.

— Quantos anos você tem? Vinte? — pergunto, correndo os olhos pelas roupas dele.

Ele fica bem nelas, admito, mas duvido que um dia eu vá me acostumar a vê-lo usando qualquer coisa além de terno. É que não consigo imaginá-lo torturando um homem até a morte usando All Star. Afasto essa imagem estranha da minha mente.

— Respondendo perguntas com perguntas — observa Fredrik, um pouco irritado. — Eu encontrei você depois de ligar para Victor. Ele me falou que

você poderia estar aqui.

— Ele ficou bravo? — Sinto meu rosto murchando. Espero que ele não esteja chateado.

Fredrik balança a cabeça.

— Não — diz ele, como se essa verdade o decepcionasse. — Ele disse que não tinha problema você vir aqui hoje. — Ele me encara com ar autoritário. — Mas você deveria ter pelo menos me avisado em vez de sair escondida. Quantos anos *você* tem? Quinze?

Dou um sorrisinho para ele.

— Está tudo bem aí? — pergunta Spencer, aproximando-se e olhando com frieza para Fredrik. Jacquelyn desaparece no escritório do outro lado da sala.

— Sim, está tudo bem. Spencer, este é Fredrik. Fredrik, este é Spencer, meu treinador.

Os olhos castanho-escuros de Spencer se voltam para mim em sua cabeça imóvel, depois passam a observar Fredrik.

— Ele é alguém que Victor conhece? Victor me deu ordens específicas para não deixar ninguém visitar você aqui, além dele. — Spencer estreita os olhos para Fredrik, e parece pronto para derrubá-lo a qualquer momento.

Fredrik, por outro lado, está sorrindo, com as mãos cruzadas à frente e uma postura elegante. Fredrik pode não ser capaz de derrotar Spencer na luta corpo a corpo, mas na verdade estou mais preocupada com Spencer, porque sei do que Fredrik é capaz.

Eu me posiciono entre os dois.

— Victor conhece Fredrik. Só que ele não esperava que Fredrik precisasse vir aqui.

Os dois se examinam em silêncio, e então Spencer assente e me diz:

— Tudo bem, mas se você precisar de alguma coisa...

— Eu sei. Obrigada. — Sorrio.

Spencer se afasta. Ele desaparece no escritório com Jacquelyn e alguns alunos entram no prédio, deixando as mochilas no chão, perto da parede oposta.

— Victor volta hoje à noite — informa Fredrik, abaixando a voz e olhando por cima do ombro depois.

Eu me afasto mais das pessoas que se preparam para treinar.

— Estou surpresa por você ter conseguido falar com ele. Tentei ligar uma vez, ontem, mas a ligação não completou.

Fredrik assente.

— Onde ele estava não tem sinal de celular a maior parte do tempo.

Olho por cima do ombro.

— Então ele... terminou o serviço? — pergunto, em um sussurro.

— Sim. Já fez o que precisava com Velazco. Eu vou cuidar do outro filho hoje à noite.

— Você vai matá-lo? — sussurro ainda mais baixo, olhando o tempo todo ao redor para me assegurar de que ninguém está perto o suficiente para ouvir nossa conversa tão criminosa.

Fredrik arregala os olhos só um pouco, para indicar que ele prefere não dizer nada mais comprometedor neste lugar. Ele me pega pelo braço, segurando com cuidado meu cotovelo, e me leva até a porta. Só quando estamos lá fora, na calçada, ele se sente seguro para conversar.

— Ele merece morrer — garante Fredrik, e tenho a sensação de que ele achou que eu poderia discordar disso.

Talvez eu discorde, de certa forma. Só agora me dou conta.

— Bom, o que... — Hesito, respirando fundo. — O que, exatamente, David fez para merecer morrer? O que André Costa fez? Eu sei que o pai deles, Velazco, fez muito mal a muita gente, mas só que... Sei lá, parece que você está castigando os dois com a mesma brutalidade de Velazco pelas coisas que só Velazco fez.

Fredrik balança a cabeça para mim, melancólico.

— Não. Os filhos de Velazco e os homens que trabalham para ele são quem põe a mão na massa de verdade. São eles que realizam os sequestros, que executam a maioria dos assassinatos e estupros. Cada um deles merece o que vai receber.

— Mas como você sabe que André Costa e David sequestraram, estupraram ou mataram alguém?

— Tenho minhas fontes — afirma Fredrik. — É só isso que você precisa saber.

— Achei que eu fazia parte desse esquema — respondo, um pouco ofendida.

— Não é você quem vai matar os caras. — Fredrik enfia as mãos nos bolsos do jeans. — Se um dia você precisar matar alguém, aí vai poder fazer quantas perguntas quiser.

Não gosto dessa resposta, mas aceito e deixo por isso mesmo. Suspiro, vou até a parede e me encosto nela, cruzando os braços e apoiando um pé na parede atrás de mim para manter o equilíbrio.

— Por falar em matar pessoas, sinto que Hamburg e Stephens estão cada vez mais distantes. Estou cansada de esperar. Quero matar os dois. Quero fazer isso de uma vez.

Fredrik se aproxima, apoiando as costas na parede também.

Olhamos para a rua, observando os carros passarem no sinal verde.

— O que você vai fazer quando eles estiverem mortos? Vai parar por aí? Acabar com eles, se vingar e então tocar a vida?

— Não — respondo, sem olhar para Fredrik, a voz distante porque minha mente está dispersa, pensando em tudo. — Não, eles não vão ser os últimos.

Percebo que isso é algo que ainda não contei nem para Victor. Não porque queira esconder dele, mas porque só agora eu mesma me dei conta. Surpresa por minha própria resposta, me perco em pensamentos, olhando para o cruzamento e para os carros que entram e saem de foco.

— Você não é muito diferente de mim. Sabe disso, não sabe? — pergunta Fredrik.

Enfim, inclino a cabeça para o lado e olho para ele. Observo sua silhueta alta e ameaçadora, seu semblante calmo, que sei ser só um disfarce para esconder muito bem o homem perigoso que na verdade habita aquele corpo, não muito abaixo da superfície. Vejo um homem que, embora eu não tenha a menor ideia de por que ou como se tornou o que é, além do que Seraphina fez, sei que passou por algo muito pior do que qualquer coisa que ela pudesse ter feito. Sinto isso. Percebo isso. E, de maneira muito perturbadora, sinto que de alguma forma posso me identificar.

— Pode ser — assumo, desviando o olhar. — Mas quando se trata da maneira como... a gente lida com as pessoas... você e eu não temos nada em comum.

— Ah, não sei ao certo se isso é verdade — retruca Fredrik, com um sorriso na voz.

Talvez o fato de eu não discutir com ele de imediato seja a prova de que ele pode ter razão.

Felizmente, Fredrik muda de assunto.

— Já tomou café da manhã?

— Não estou com muita fome.

Ele desencosta da parede, tirando as mãos dos bolsos e se colocando à minha frente. Acena com a cabeça e diz:

— Vamos, estou morrendo de fome. Tem uma padaria aqui na rua. Faz tempo que não como um doce decente.

Minha primeira reação é recusar o convite, mas então decido ir com ele. Inclino a cabeça para dentro da academia, com metade do corpo para fora, e grito para Spencer e Jacquelyn, do outro lado da sala, informando aonde vou e que volto mais tarde. Spencer, com aquele olhar desconfiado, discute comigo por um segundo, dizendo que eu não deveria perder mais nenhum treino. Ele tem razão, mas sei que me ver saindo da academia com Fredrik é o que o preocupa de verdade.

Momentos depois, entro no carro de Fredrik para irmos à padaria, a alguns quilômetros dali.

— Fredrik, por que você acha que Niklas traiu Victor daquele jeito?

Fredrik entra na rodovia.

— Não sei. Por inveja, talvez. Niklas sempre viveu à sombra de Victor dentro da Ordem. Desde que conheço os dois.

— Certo, mas... — Suspiro, olho de relance para ele e depois mantenho os olhos fixos na estrada. — Eu não entendo por que ele fez isso, tipo... — Encaro Fredrik, formulando o que eu quero dizer. — Niklas tentou me matar para proteger Victor. Ele *atirou* em mim. Acho que minha dificuldade é

entender o que o levou a trair o irmão, depois de tudo o que ele fez para protegê-lo. Como alguém pode mudar tanto assim.

Viramos à direita no Paseo De Peralta, e logo vejo a grande placa oval vermelha da padaria quando nos aproximamos.

— Eu trabalhei com eles por muitos anos — conta Fredrik, observando o trânsito. — Niklas sempre foi meio desequilibrado. Faria qualquer coisa pelo irmão, mas sempre tive a impressão de que ele era uma bomba prestes a explodir. — Fredrik olha para mim e nossos olhares se cruzam por um breve momento. — Para ser sincero, acho que você teve muito a ver com o motivo para Niklas ter traído Victor.

Engulo em seco e olho para baixo por um momento, entrelaçando os dedos nervosamente. Também especulei muitas vezes sobre isso, parte de mim quase convencida de que tudo foi minha culpa, mas eu não apenas não queria acreditar nisso, como também me sentia idiota por me imaginar capaz de abrir tamanho abismo entre duas pessoas. Não sou tão importante assim. Não tenho todo esse poder, nem mesmo sobre Victor.

Com certeza não...

— Por que você acha isso? — pergunto, esperando que nenhuma resposta dele consiga me convencer. Que a resposta seja ridícula, até.

— Porque, de certa forma, Victor escolheu você em vez do irmão.

Todas as minhas expectativas desmoronam ao meu redor. A resposta de Fredrik não é nada ridícula, faz total sentido. E me odeio por isso.

— Victor decidiu sair da Ordem depois que conheceu você — explica Fredrik. — Ele podia ter algumas desavenças com Vonnegut antes, mas, no fim das contas, você foi o estopim. E, mesmo antes de Victor sair, ele estava arriscando a posição que tinha na Ordem e a própria vida para ajudar você. Niklas tentou evitar que Victor se destruísse. Matar você, pensava ele, era a única maneira de fazer isso, porque conversar com Victor a seu respeito não funcionava. Victor até mentiu para Niklas sobre você. — Fredrik me olha de novo. — Na visão de Niklas, Victor escolheu você em vez dele, *substituiu* o próprio irmão.

Chegamos ao estacionamento da padaria, mas, em vez de entrar, percebo que Fredrik está olhando pelo retrovisor, concentrado nele e na estrada à frente ao mesmo tempo.

Com a sensação clara de que ele está olhando para alguma coisa atrás de nós, faço menção de me virar.

— Não — pede ele depressa.

Tudo naquela palavra me faz estremecer até o âmago. Mas a expressão de Fredrik, seu semblante e o modo como ele continua a guiar de maneira despreocupada, com as mãos na parte de baixo do volante, parecem indicar que não há nada de errado.

— O que foi? — pergunto, incapaz de mascarar como ele a preocupação na voz.

— Estamos sendo seguidos.

Meu coração dá um salto e paro de respirar por um momento. Estou louca para olhar para trás, mas opto em vez disso por olhar pelo retrovisor do meu lado, sem fazer nenhum movimento drástico. Uma SUV preta, que parece um Navigator, está na nossa cola.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Sarai

Minhas mãos estão apertadas nos cantos do banco de couro vermelho onde estou sentada. Não tiro os olhos do espelho retrovisor nem paro de pensar na possibilidade de ser quem estou pensando e de que vai acontecer o que imagino. Não consigo ver o passageiro nem o motorista através dos vidros escuros da SUV.

— Tem certeza? — pergunto.

Fredrik liga a seta e nós viramos à esquerda na esquina seguinte. Ele mantém o carro abaixo do limite de velocidade e parece evitar que os ocupantes do veículo de trás saibam que ele está ciente da presença deles. Só espero que ele esteja errado.

— Eles estão nos seguindo desde que saímos da academia — explica Fredrik, e meu coração afunda. — Estavam nos espionando, estacionados no terreno do outro lado da rua.

— Então foi por isso que você decidiu tomar café.

Fredrik assente e vira à direita no semáforo seguinte.

Estou me torturando por dentro. Eu me sinto insignificante e inexperiente por não ter sido esperta o bastante para notar essas coisas. Não observei direito ao meu redor para saber que estávamos sendo vigiados o tempo todo. Mas este não é o lugar nem o momento de ficar frustrada comigo mesma. Só espero que haja tempo para isso mais tarde.

— O que a gente vai fazer? — pergunto, nervosa.

Fredrik afunda o pé no acelerador, e de repente estamos a 80 quilômetros por hora em uma via de 55, seguindo direto para a rampa de acesso à rodovia. A SUV está bem próxima e continua no nosso encalço. Agarro o cinto de segurança, aperto-o com mais força e volto a me segurar no banco.

— Vamos despistar esses caras — responde Fredrik, aumentando a velocidade de 80 para 110 quilômetros por hora em poucos segundos ao pegarmos a estrada.

Estou me segurando, desesperada, com o coração na garganta, enquanto nosso carro costura loucamente, entra e sai do tráfego, corta outros veículos e até os ultrapassa pelo acostamento. Mas a SUV continua na nossa cola, abrindo espaço pelo mesmo caminho que fazemos. Buzinas ecoam barulhentas, furiosas conosco ao passarmos a toda a velocidade.

— SE SEGURA! — grita Fredrik.

No mesmo segundo, Fredrik faz uma curva brusca, passando da faixa do meio para a da direita, a poucos centímetros do para-choque da frente de um carrinho branco, e sou jogada contra a janela lateral. Ouço os pneus cantando, os nossos e os do carro branco, e então sou arremessada para o outro lado do assento quando ele endireita o veículo com um golpe do volante.

Desajeitada, me viro no banco da frente, com o cinto de segurança ainda preso ao corpo e tentando me segurar no lugar, vendo a SUV surgir de trás de um carro azul. O carro patina para a esquerda, tentando sair do caminho, e bate no carro branco que acabamos de ultrapassar. Os dois automóveis giram com violência no meio da rodovia, e o branco para com uma freada brusca na faixa da esquerda, quase batendo na barreira de concreto que separa uma pista da rodovia da outra. Os pneus soltam fumaça. O carro azul capota de lado. Solto um gemido e levo as mãos à boca.

A rodovia fica toda parada, do ponto do acidente para trás, todos menos nós e a SUV, que nos segue de perto. À frente, as pessoas, vendo o que está acontecendo, já abrem caminho para passarmos. Seguimos como foguetes a 140 quilômetros por hora, obrigando uma fila de carros a parar no acostamento.

Quanto mais nos afastamos do acidente, mais numerosos são os carros à nossa frente, e voltamos à mesma situação anterior, costurando em meio aos veículos, com buzinas tocando e meu corpo batendo na porta e na janela a cada virada mais brusca.

Fredrik passa depressa para a faixa da esquerda, a faixa mais rápida.

— A gente precisa sair da rodovia!

— Precisamos despistar os caras antes!

— Como é que a gente vai fazer isso, cacete? — pergunto, olhando para trás de novo. Eles ainda estão perto de nós, os para-choques a centímetros de distância.

Fredrik não responde. Ele está vigiando tudo, mantendo os olhos na estrada em frente, nos carros ao redor e na SUV atrás. Depois de alguns minutos, começo a achar que ele está montando um plano na cabeça.

De repente, no último segundo, Fredrik sai da faixa rápida, atravessa três faixas e pega a saída da rodovia a 110 quilômetros por hora, passando a centímetros da parede de concreto e dos barris laranja que separam a saída da rodovia. Foi tudo tão rápido que a SUV não teve tempo de prever o que Fredrik ia fazer e pegar a saída atrás de nós. Bato a cabeça na janela lateral. Há um semáforo no fim da estrada, mas Fredrik está indo rápido demais para parar e passa com tudo. Felizmente, essa estrada não parece muito movimentada, e nenhum carro bate no nosso.

— Que porra foi essa? — grito com a mão no peito, tentando controlar meus batimentos cardíacos.

Ele não responde até estarmos bem longe da saída, depois de cruzar várias ruas. Ambos continuamos olhando em todas as direções, procurando a SUV.

— Se eu ficasse na pista da direita — explica ele —, o cara ia entender que eu queria pegar a primeira saída.

Por mais que aquilo quase tenha me matado de medo, não posso negar que o plano louco de Fredrik funcionou.

— Você podia ter matado a gente!

— Até parece que isso é novidade para você — provoca ele.

Eu rio alto.

Fredrik retorna para a rodovia na direção oposta, de volta para a academia de krav maga. Contudo, antes de chegarmos perto do destino, ele vira em uma rua que não conheço.

— Aonde a gente está indo?

— De volta para Albuquerque — responde ele. — Pelo caminho mais longo. Só por segurança.

Seis horas de vigilância obstinada pelas janelas da casa, e o carro de Victor enfim estaciona na entrada da garagem. Fredrik e eu ficamos de pé assim que ouvimos as pedrinhas estalando e se partindo debaixo dos pneus.

Victor deixa a chave na bancada da cozinha primeiro e vem para a sala, pondo a maleta na mesinha de centro.

— Algum sinal deles? — pergunta ele a Fredrik antes de falar qualquer outra coisa.

Ele me olha, e não consigo decifrar sua expressão, o que, como aprendi, em geral significa que ele tem coisas demais na cabeça e está tentando se manter concentrado.

Antes que Fredrik responda, Victor me pergunta:

— Você está bem? Está ferida?

— Não, não estou ferida. — Desvio o olhar para a parede quando ouço Fredrik falando.

— Não fui seguido até aqui. Garanti que isso não acontecesse. Fiz um desvio de uma hora do caminho só para ter certeza. E não tem nenhum sinal de que alguém esteve aqui, só alguns carros na estrada, mas nada suspeito.

Victor dá a volta na mesinha de centro, senta-se nela do jeito que eu mesma muitas vezes faço e me encara quando me sento no meio do sofá, também olhando para ele. Parece preocupado. E furioso. Não comigo, mas com quem estava naquela SUV, acho.

— Antes que você diga qualquer coisa...

— Como falei para Fredrik — interrompe ele, com calma, pondo as mãos entre as coxas e apoiando os cotovelos nas pernas —, eu não esperava que você ficasse aqui, enfiada nesta casa durante toda a minha ausência. Não peça desculpas por ter saído.

Surpresa com essa tolerância, fico sem palavras por um momento.

— Eu não iria para qualquer outro lugar — digo, enfim, ainda sentindo que fiz besteira de novo. — Achei que, como eu já tinha passado tanto tempo lá treinando com Spencer, não faria diferença se eu decidisse ir hoje ou esperasse até você voltar.

— E você estava certa — afirma Victor. Ele coloca as mãos nos meus joelhos. — A questão não é você ter saído. — Ele olha para Fredrik, que se

senta no lugar vazio. — A gente precisa descobrir como eles sabiam onde você estava.

Vejo algo no rosto de Victor que Fredrik não consegue ver, algo que me deixa tensa. Victor tem o ar de um homem que desconfia de alguém, que desconfia de Fredrik. Olho para um e para outro, tentando entender os pensamentos de Victor. Será que estamos revivendo o que aconteceu com Samantha no Texas? Será que Victor depositou muito da pouca confiança que tem na pessoa errada mais uma vez? Esse era o teste, então? Deixar Fredrik sozinho comigo?

Cerro os punhos e minhas unhas afundam na pele das mãos. Victor me usou para testar a lealdade de Fredrik?

— Já andei pensando nisso — diz Fredrik. — E espero estar errado, mas tenho a sensação de que sei como encontraram Sarai.

Era algo que Fredrik e eu já havíamos discutido antes de Victor chegar. Mas agora... agora que estou vendo a desconfiança nos olhos de Victor, não consigo deixar de me perguntar se nesse tempo todo, enquanto esperávamos a volta dele, Fredrik não estava apenas enchendo minha cabeça de mentiras para nos despistar da possibilidade de ter sido ele.

Agora não confio em nenhum dos dois. Eu me sinto uma prisioneira de novo, presa entre homens perigosos dos quais sei que não posso fugir.

E meu coração dói.

Victor tira as mãos dos meus joelhos e dirige sua atenção para Fredrik. Continuo calma e imóvel, fazendo o que sei fazer melhor: fingindo.

— Acho que a gente deveria ir para Phoenix quanto antes — continua Fredrik. — Eu tentei ligar para Amelia, imaginando que talvez ela soubesse de alguma coisa, mas ela não atendeu nem retornou minhas ligações. Não é do feitio dela.

Victor se levanta da mesinha de centro e se senta ao meu lado, curvando-se para abrir sua maleta. Ele tira o laptop e passa o dedo em um sensor para destravá-lo.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Verificando meus equipamentos de vigilância na casa de Amelia — explica ele, abrindo algum programa na área de trabalho. — Não faço isso

desde que tiramos a sra. Gregory de lá.

Alguns minutos depois de vasculhar vários vídeos (um deles claramente relevante, no qual homens entram na casa de Amelia e a capturam), ele balança a cabeça e fecha o laptop.

— O que foi? — pergunta Fredrik.

Victor guarda o laptop na maleta.

— Eles estiveram lá. O vídeo é cortado logo depois. Devem ter achado um dos dispositivos que eu plantei na noite em que levei Sarai para ver a sra. Gregory.

Fico em pânico pensando no que Stephens pode ter feito com Amelia, ou mais ainda com o que ela pode ter contado a eles.

— Fredrik tem razão — digo. — A gente precisa ir para Phoenix.

— Então vamos. — Ele estende a mão para mim.

Com relutância, seguro sua mão e fico de pé com ele. O que quero, na verdade, é lhe dar um belo tapa na cara.

— Victor? — chamo quando ele me dá as costas, na direção da porta.

Ele para e se vira a fim de me olhar.

— Nada disso estaria acontecendo se Hamburg e Stephens já estivessem mortos.

Phoenix, Arizona – 1h

Pegamos um voo para Phoenix e um táxi até a casa de Amelia. Ao que tudo indica, uma viagem de seis horas de carro estava fora de cogitação, pois Victor quer respostas já, sem perder mais tempo. Temo que Amelia esteja morta, uma vez que não respondeu às ligações de Fredrik. Acho que ele pensa a mesma coisa. Quando ainda estávamos em Albuquerque, cada vez que ligava e ela não atendia, Fredrik ficava mais frustrado. Preocupado, até. Eu achava aquilo estranho vindo de alguém como ele, que parece usar as mulheres para sexo e não tem a capacidade de gostar de nenhuma delas. Mas agora não consigo deixar de acreditar que aquilo era tudo teatro, que ele só estava fingindo se preocupar com ela, quando, na verdade, ele mesmo deve ter matado Amelia.

Em todo caso, fico feliz por termos tirado Dina da casa antes de isso acontecer.

O táxi nos deixa a uma quadra da casa de Amelia, e andamos o resto do caminho sob o manto da escuridão. A luz da varanda está acesa, revelando o revestimento branco e sujo da lateral da casinha e os degraus de concreto rachado que levam até a porta. Outra luz fraca brilha na janela da sala de estar, onde sombras se movem em um espaço pequeno e dão a impressão de que a luz vem da TV ligada. Quando subimos os degraus de concreto e ficamos diante da porta, Victor gira a lâmpada quente acima da nossa cabeça, apagando a luz.

Fredrik vai até a janela e olha para dentro.

Victor fica na minha frente e tenta me empurrar discretamente para trás dele com o intuito de me proteger, mas afasto sua mão. Ele vira de lado e olha meu rosto, zangado. Cerro os dentes e balanço a cabeça, revelando que estou furiosa e que é melhor ele não me tocar.

Ele desvia o olhar, mantendo a atenção em Fredrik.

— Não estou vendo Amelia — sussurra Fredrik. — Nenhum sinal de luta.

Victor saca sua 9mm das costas, põe a mão na maçaneta e tenta virá-la. Está trancada. Fico nervosa quando Fredrik puxa a arma também. Victor fica para trás e acena para que Fredrik entre na frente dele. Parece que ele quer que Fredrik bata na porta, mas acho que a ideia é ficar de olho nele.

Fredrik bate três vezes e nós esperamos. Victor não olha mais para mim, nem eu esperava que fizesse isso, em uma hora dessas. Também fico mais interessada nos gestos de Fredrik, esperando que ele nos ataque a qualquer momento.

Há movimento lá dentro. A cortina da janela perto da porta se mexe, e então ouvimos o som de um corpo pressionando a própria porta enquanto quem está lá dentro espia pelo olho mágico. Desta vez, Victor me força a ficar atrás dele, e não discuto, mais preocupada com quem está lá dentro do que com meu ressentimento em relação a ele.

Ouçõ a correntinha deslizando, depois o clique de um trinco, e então o som da maçaneta virando devagar. Quando a porta se move, abre apenas alguns

centímetros, e um rosto bonito olha pela fresta, com o longo cabelo louro desgrenhado ao redor dos olhos inchados.

— Fredrik? — chama Amelia, em voz baixa e ríspida. — Você não deveria estar aqui. — Vejo que ela olha para todos os lados, nervosa, espiando a rua atrás de nós.

Victor fica na frente de Fredrik e empurra a porta com a palma da mão. O cheiro de um *pot-pourri* de canela e café queimado invade minhas narinas. Amelia dá um passo para trás, enfiando as mãos entre os braços cruzados, cobertos por um roupão de banho azul que vai até pouco acima dos tornozelos. O lado esquerdo do rosto tem muitos hematomas e há sangue no branco do seu olho. Seu lábio parece estar se recuperando de um corte.

Victor me empurra para dentro da casa com ele e Fredrik nos segue, fechando e trancando a porta em seguida. Antes que qualquer um fale, Victor e Fredrik vasculham cada cômodo da casa, de armas em punho, certificando-se de que ninguém está à espreita.

Eles voltam para a sala ao mesmo tempo, enfiando as armas na cintura.

— O que aconteceu com você? — pergunta Fredrik a Amelia. — Por que não atende ao telefone?

Ela está tiritando, os braços tremem dentro do roupão.

Victor olha para tudo, menos para ela. Ele começa a vasculhar a sala, mas sei que também está prestando atenção em cada palavra que ela diz.

— Não atendi porque sabia que era você — explica ela para Fredrik. — E você não deixou nenhum recado. Nunca deixa recado. Eles grampearam meu telefone, Fredrik. Eu não podia correr o risco de atender.

Fredrik segura Amelia com delicadeza pelo cotovelo e vai com ela até o sofá. Ele se senta ao lado dela.

— Me conte o que aconteceu — insiste ele.

Eu me sento na borda da poltrona do canto, com as costas encurvadas, as mãos cruzadas entre as pernas.

Amelia olha para Victor, que está passando os dedos por uma estante, procurando alguma coisa.

— Eles acharam todas aquelas coisas — anuncia ela. — Quando entraram aqui, três homens reviraram a porra da minha casa, colocaram tudo de cabeça para baixo, procurando aqueles aparelhos, ou sei lá o quê, escondidos pela casa toda.

Ele volta a vasculhar, mas se mantém no nosso campo de visão. No meu campo de visão.

Amelia se volta para Fredrik. Ela está sentada com as mãos entre os joelhos, a perna direita inquieta, batendo o pé no tapete cor de ferrugem.

— Eles vieram três dias depois que vocês foram embora — continua ela. — Me amarraram em uma cadeira da cozinha. Me espancaram. Ameaçaram minha família...

— O que você contou para eles? — interrompe Victor, parado na frente de Amelia.

— Eu não tinha *nada* para contar — diz ela, o medo cada vez mais evidente em sua voz trêmula. — Eles queriam saber onde *ela* estava. — Amelia olha para mim. Agora que estamos na sala com a luz da TV, noto como sua pele está amarela ao redor do olho. — Mas eu não sabia. Não podia contar o que eu não sabia. Merda! Eles também queriam saber onde Dina estava. Isso eu também não sabia. Eles não acreditaram, por isso me espancaram mais! — Ela respira fundo e tenta se controlar, talvez para não chorar. Parece prestes a cair no choro.

— Mas você deve ter contado alguma coisa para eles — sugere Fredrik, ao lado dela. Sua voz tem urgência, mas não é totalmente acusadora. — *Pense*, Amelia.

Amelia olha para as mãos trêmulas e afasta o cabelo louro desalinhado do rosto.

— E-eu não aguentava mais — conta ela, envergonhada, sem conseguir olhar Fredrik nos olhos. Ela olha para o tapete. — Achei que eles fossem me matar, me espancar até a morte. E-eu só contei que Dina a chamava de Sarai e que me falava dela, às vezes. — Amelia encara Fredrik, preocupada, esfregando os cantos dos olhos vermelhos. — Mas não era nada que eu achasse que eles poderiam usar.

— O que você contou? — pergunta Victor, com severidade.

Ela olha para ele.

— E-eles pediram informações recentes, qualquer coisa que Dina tenha me dito sobre Sarai, ou Izabel, ou sei lá qual o nome dela. Queriam alguma coisa atual. Eu pensei muito nas conversas que Dina e eu tivemos sobre ela, e o que me lembrei foi de quando vocês estiveram aqui. Ela falou de treinar. Maga ou qualquer coisa assim.

Pisco e balanço a cabeça. Lembro que contei a Dina que eu estava aprendendo krav maga.

Dou um salto da poltrona.

— Porra, eu não aguento mais! — grito. — Victor, desculpa. E-eu só faço merda. Você tinha razão. Essa vida não é para mim. Eu queria muito que fosse, mas não dá mais. Todo mundo vai morrer por minha causa!

Por um momento, esqueci que ele parece ter me usado para testar a lealdade de Fredrik. Talvez não tenha esquecido, mas deixei isso de lado por enquanto, porque minhas atitudes idiotas são mais imperdoáveis do que o comportamento de Victor.

Victor segura minha mão e faz com que eu me sente de novo.

— Você contou para Dina Gregory onde estava treinando? — pergunta ele, com voz calma.

— Não — respondo, olhando para ele. — Tomei o cuidado de não dar informações detalhadas. Nem contei onde eu estava morando. Nós três estávamos só conversando na cozinha. Dina queria saber o que eu andava fazendo. Foi uma conversa casual.

Fredrik olha para Victor.

— Stephens deve ter posto homens para vigiar todas as academias de krav maga daqui até a Flórida desde aquele dia. Isso explicaria por que eles levaram quase três semanas para descobrir em qual delas Sarai estava treinando.

— Espere aí... — intervém Amelia, como se tivesse acabado de pensar em algo horrível. — Dina está bem? Por favor, me digam que ela está bem. Eu queria minha casa de volta só para mim, mas gostava muito daquela mulher. Ela era gentil comigo.

— Dina Gregory está ótima — responde Victor, e tanto Amelia quanto eu ficamos aliviadas.

Amelia solta um suspiro de gratidão, mas seu corpo volta a ficar tenso e ela encara Fredrik com desespero no olhar, esticando o pescoço na direção dele.

— Ma-mas vocês não podem ficar aqui. Precisam ir embora. — Ela olha para nós. — Todos vocês.

— Esta era a minha próxima pergunta — observa Victor. — Por que eles não mataram você?

— Eles esperavam que vocês voltassem — explica Amelia. — Ou ao menos que tentassem me ligar. — Seus olhos correm para Fredrik de novo. — Eu não podia atender.

Fredrik assente, aceitando a explicação e as desculpas e deixando claro que a entende.

Amelia se vira para Victor.

— Depois de um tempo, fingi que odiava todos vocês — continua ela. — Reclamei de estar com raiva de Fredrik por desovar aquela velha coroca no meu colo daquele jeito. Aí falei um monte de merda sobre você. — Amelia se volta para Fredrik. — Quando enchi a cabeça deles de baboseiras, eles acharam que podiam me usar para encontrar vocês, para atrair vocês até aqui. Eu era só uma mulher desprezada que queria se vingar de Fredrik. Era isso que eu queria, ganhar a confiança deles para que não me matassem. Eu estava com *medo*, Fredrik. Acho que eles me matariam se eu não fizesse isso.

Fredrik assente de novo. Noto que ele quer pôr a mão no joelho dela para acalmá-la, mas não consegue porque o gesto o deixa constrangido. Em vez disso, ele oferece mais palavras de consolo.

— Você fez a coisa certa — afirma ele, com gentileza. — E tem razão, eles iam mesmo matar você.

Ele fica de pé e olha para Victor.

— A única pergunta sem resposta — afirma Fredrik — é como eles souberam que deveriam vir até *aqui*. — Ele levanta as mãos em um gesto de rendição. — Juro que não fui eu.

Meu corpo fica tenso. Olho de um para outro, tentando interpretar suas expressões. A tensão na sala aumenta, quase me afogando, mas logo percebo que a tensão é toda minha, pois estou me preparando para algum tipo de enfrentamento entre os dois. Contudo, quanto mais olho, mais sinto que Fredrik está dizendo a verdade e que Victor acredita nele.

— Eu sei que não foi você — diz Victor, enfim.

Fico atordoada. E confusa. E um pouco incomodada com a confiança imediata de Victor.

— Como é que você sabe? — pergunto, com rispidez.

— Porque, se Fredrik fosse entregar você, não faria sentido contar para eles onde Dina Gregory já *esteve*. Semanas atrás.

Rosno e cruzo os braços.

— Você me usou para testá-lo — disparo. — Você me deixou sozinha com Fredrik para ver se ele ia trair você e contar a Stephens onde me encontrar. — Eu o fuzilo com os olhos de maneira acusadora e implacável. Não é a hora nem o lugar de confrontá-lo com isso, mas não consigo mais me segurar.

Victor se aproxima e estende as mãos, querendo segurar meus braços. Tento me afastar, mas a poltrona está no caminho. Suas mãos quentes tocam minha pele, aqueles dedos longos segurando meus bíceps. Ele olha nos meus olhos e eu vejo sinceridade e determinação em seu rosto.

— Não foi isso que eu fiz — insiste Victor. — Você precisa confiar em mim quanto a isso. E precisa confiar em Fredrik. O inimigo não é ele.

— É tão fácil julgar e confiar — digo, irritada. — Então por que você me deixou sozinha com ele daquele jeito? O que significou aquela conversa antes de você ir embora sobre confiar nos meus instintos?

As mãos de Victor me soltam.

— A gente precisa sair daqui — diz ele.

Ele se vira para Fredrik, e me sinto ao mesmo tempo furiosa com a falta de explicações e apreensiva com o tom de urgência.

— Fredrik — continua Victor —, a decisão é sua. Pode levá-la para um abrigo ou deixá-la à própria sorte aqui.

Amélia, alerta e apavorada, arregala os olhos inchados e vermelhos. Ela se levanta do sofá em um salto, deixando abrir o roupão na cintura e revelando uma camisola branca por baixo.

— O que isso quer dizer? — pergunta ela, aterrorizada, mexendo na faixa do roupão para fechá-lo de novo. Ela encara Fredrik. — O que ele está dizendo, Fredrik?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Victor

Sarai se culpa por muitas coisas, e em alguns casos com razão. Foi tolice falar do treinamento com Spencer — mesmo que de maneira tão vaga — para Dina e Amelia. Mas ela tomou cuidado com as informações que decidiu divulgar. Foi cuidadosa, mas não o suficiente. Sarai é jovem. Inexperiente. No entanto, está aprendendo, e aprender do jeito mais difícil, no fim das contas, é de fato a *única* maneira.

— Você não vai aprender a nadar lendo um livro — digo a ela, na viagem de volta para Albuquerque. Desta vez, achei melhor pegarmos um carro para voltar, em vez de nos arriscarmos em aeroportos de novo. — É a melhor maneira, Sarai. Para aprender com os erros, você precisa *errar*. De verdade. Nenhum tempo de treinamento, nenhuma situação ensaiada vai ensinar melhor do que a vida real.

Sarai está sentada em silêncio no banco do passageiro, olhando pela janela. Ela não quer olhar para mim. Mal disse uma palavra desde que saímos da casa do meu contato perto de Phoenix, meia hora atrás. A lua está baixa no céu da madrugada, parecendo enorme sobre a extensão escura da paisagem do deserto.

— Isso não é desculpa — diz ela, enfim, embora com voz distante.

— *É* uma desculpa — rebato. — Aqui não é Hollywood, Sarai. Você não vai aprender as coisas que quer no tempo em que acha necessário. Você cometeu erros. Vai cometer muitos outros...

Ela se vira de repente para mim.

— Eu *disse* que não é desculpa. — Ela pronuncia as palavras entre os dentes, com os olhos arregalados e implacáveis. Implacáveis para si própria, não para mim. — Fui eu que me meti nisso. Eu escolhi esta vida. Falei para você que era o que eu queria. Implorei para você me ajudar. — Ela aponta com severidade o indicador para si mesma, hesita e cerra os dentes. — Eu *escolhi*

esta vida. Não sou criança, Victor. Você não pode me dizer que o que fiz não tem problema, que tenho o direito de errar. Porque, nesta vida, erros causam mortes.

Eu a admiro mais agora do que antes. Porque ela entende. Ela se recusa a pegar a saída mais fácil, aceitando o salvo-conduto que lhe ofereço. Ela se recusa a receber a permissão de errar, embora eu saiba que vai errar mesmo assim, porque é humana. E Sarai vai aprender com os erros mais depressa do que alguém que opta por aceitar as desculpas. Ela é uma garota desafiadora. Ela é durona, impulsiva e destemida até demais. Mas é determinada e forte. Apesar da falta de disciplina e de ainda não ter assimilado completamente o raciocínio criminoso e assassino, que é crucial para se manter viva, sei que ela pode dar certo nesta vida.

— Você se arrepende? Você se arrepende da vida que escolheu?

— Não — diz ela, com voz neutra, honesta, com os olhos observando o asfalto negro da estrada ser engolido pelo capô do carro. — Não me arrependo. E não quero desistir.

Ela ergue as costas do banco e me encara de novo.

— Eu quero matar Hamburg e Stephens — afirma, com determinação. — E aí, depois disso... — Ela faz uma pausa, mas não tira o olhar determinado do meu. Só desvio os olhos pelo tempo suficiente de olhar a estrada. — Preciso contar isso para você. É uma coisa que contei para Fredrik. Depois que Hamburg e Stephens estiverem mortos, não quero que eles sejam os últimos.

Desde o momento em que Sarai me disse que queria matá-los pessoalmente, soube que eles seriam apenas os primeiros em uma longa série de futuros assassinatos. Dava para ver essa resolução nos olhos dela, a sede de vingança, a fome de sangue. A morte de Javier Ruiz por obra de Sarai foi o que selou o destino dela. O primeiro assassinato é sempre o estopim, o instante na vida no qual tudo muda, no qual o caráter da pessoa assume uma forma nova e mais sombria. Sei que ela pensa em matar Hamburg todo santo dia, desde a noite em que o conheceu. Sei porque lembro o rosto do *meu* segundo alvo, o modo como o cacei durante uma semana como um assassino em série caçaria sua próxima vítima. Eu só conseguia enxergar o rosto dele. Tudo o que eu queria

era acabar com sua vida miserável do modo como acabei com a do meu primeiro alvo. Porque fui gerado e treinado para isso. Ansiava pelos elogios que Vonnegut me dirigiu depois da minha primeira missão bem-sucedida, aos 13 anos. Vê-lo sorrir com orgulho como sempre quis que meu pai sorrisse. Eu ansiava por saborear a admiração que os outros garotos da Ordem sentiam por mim. Assim, do meu primeiro assassinato em diante, dediquei a vida ao trabalho, abrindo mão do ressentimento por ter sido separado à força da minha mãe. Matei para agradar Vonnegut pela maior parte da minha vida, até que comecei a ver que ele tirava de mim mais do que me dava.

Agora, mato porque é a única coisa que sei fazer.

Sarai e eu matamos por motivos diferentes, somos movidos por necessidades muito distintas, mas, no fim das contas, somos ambos assassinos, e sei que isso nunca vai mudar. Não podemos recuar diante disso, e a maioria dos que matam mais de uma vez não quer.

Volto a olhar para a estrada.

— Isso incomoda você? — pergunta ela, sobre a verdade que acaba de revelar. — Que não quero que eles sejam os últimos?

— Não — respondo, baixinho. — Não me incomoda.

Noto que ela desvia o olhar e o silêncio preenche o carro, restando apenas o som dos pneus se movendo com velocidade na estrada.

— O que vai acontecer com Amelia? — pergunta ela.

— Fredrik vai levá-la para um abrigo ou matá-la.

Eu esperava que ela tomasse um susto e virasse a cabeça ao ouvir isso, mas Sarai nem se sobressalta. Ela assente, aceitando o fato de maneira tão casual quanto eu.

Sarai já está ficando mais dura. Já é inflexível quanto aos próprios erros e não deixa que eles a definam. E, para ter certeza de que não os repetirá, abandona as únicas coisas que lhe restam.

Sua humanidade.

Sua consciência.

Já é fim de tarde quando chegamos em casa. Achei que Sarai fosse dormir a maior parte do caminho, mas ela não pregou os olhos. Está acordada há mais de 24 horas, mas continua alerta, sem exibir nenhum sinal de cansaço. É a adrenalina. Estou bem familiarizado com os efeitos dessa substância sobre a mente. No momento, contudo, estou tão exausto pela viagem que me tornarei inútil se não dormir logo.

Verifico a casa com cuidado antes de considerá-la segura o bastante para relaxar, embora eu tenha conferido as câmeras pelo laptop antes de chegarmos. Não tenho nenhum motivo para crer que Stephens e seus homens saibam onde estamos, mas, como sempre, não posso abaixar a guarda. Ainda é um mistério como Stephens descobriu a existência de Amelia McKinney e Dina Gregory. Não importa o que pareça, sei que Fredrik não teve nada a ver com isso. No entanto, por mais que essa brecha me preocupe, agora ela não importa. Neste momento, sei que vou ter que abandonar meus planos de treinar Sarai por meses ou até anos, dando tempo para que ela talvez mudasse de ideia. Ou decidisse me deixar fazer o trabalho para ela. Sei agora que nada vai fazê-la desistir, e, por mais que eu tente convencê-la, ela nunca vai aceitar que eu faça o serviço.

Talvez eu devesse matá-los assim mesmo...

— Victor?

Sou arrancado de repente da minha reflexão.

Sarai está diante da porta de vidro, olhando para a paisagem infinita do deserto. O sol está se pondo no horizonte, iluminando as grossas faixas de nuvens com um cor-de-rosa profundo.

— Tem uma coisa que eu preciso lhe dizer.

Ando até ela devagar, curioso, impaciente e até preocupado com o que ela vai falar.

— O que é? — pergunto, chegando mais perto.

Ela não se vira para me encarar, em vez disso mantém os olhos no vidro alto e impecavelmente limpo. Seus braços estão cruzados, os dedos pousados nos bíceps.

— Tomei uma decisão — começa ela, com voz baixa e em tom de desculpas. Minhas entranhas estão começando a se revirar. — Só espero que

você entenda.

Ela enfim me olha, virando só a cabeça. Seu cabelo castanho, longo e macio, desce em cascatas pelo meio das costas, deixando os ombros à mostra. Ela usou uma blusinha branca de tecido fino durante a viagem de volta. Adoro vê-la de branco. Faz com que pareça angelical, para mim. Um anjo que carrega a morte no bolso.

— Conte — peço, com voz relaxada, embora não esteja nada relaxado, no momento, e não saiba por quê. — Que decisão?

Seus olhos escuros se desviam dos meus, e esse pequeno gesto insignificante parece uma tragédia.

Ela umedece os lábios, mordendo seu suculento lábio inferior por um momento.

— Depois que Hamburg e Stephens estiverem mortos... Eu vou embora. — Ela se vira para me encarar. Meu coração parou de bater. — Vou levar Dina comigo para algum lugar e ficar por minha conta.

Mal consigo organizar meus pensamentos, muito menos formar uma frase mais complexa.

— ... Não entendo.

Sarai inclina a cabeça para um lado e descruza os braços, deixando-os pender soltos em toda a sua elegância. Ela se aproxima de mim. Quero tomá-la nos braços e beijá-la, mas não consigo.

Por que eu não consigo, porra?

— Victor, eu entendo agora que não consigo viver assim. Pelo menos não com você. E com Fredrik. Vocês dois são profissionais, e eu não posso manter essa ilusão de achar que algum dia serei capaz de acompanhar um de vocês, muito menos os *dois*. — Ela levanta uma das mãos como se eu fosse retrucar, e, embora eu não esteja pronto para falar, percebo que ela deve estar lendo a discordância crescente no meu rosto. — Olha, não estou fazendo isso para chamar atenção. Nem para você me dizer que estou errada. Eu sei que, por mais que eu queira ficar com você, isso não é possível. Se eu não acabar morrendo, vou acabar causando a *sua* morte. E sei que jamais conseguiria conviver com isso.

— Bom, eu *realmente* acho que você está errada — digo, com dificuldade, desejando poder explicar melhor.

— Não — rebate ela. — Não estou. E você sabe disso.

— Mas aonde você iria? O que iria fazer? — Meu tom de voz se torna urgente. — Sarai, você já tentou levar uma vida normal. Você tentou, e veja o que aconteceu.

Por que estou dizendo essas coisas? Eu deveria estar comemorando o fato de ela finalmente cair em si.

Ela dá um suspiro suave. Vejo seus ombros delicados se erguendo e baixando.

— Não faça isso — pede Sarai, balançando a cabeça. — Não finje que isso incomoda você, ou que quer que eu mude de ideia. Por favor. Você sabe que isso é o certo, tanto quanto eu sei agora. Se eu tivesse escutado você há mais tempo, se tivesse desistido dessa vingança idiota contra Hamburg e seguido com a minha vida, estaria em casa no Arizona com Dina e Dahlia, e até com Eric...

— Mas você não o amava.

Por que eu disse isso? Entre todas as coisas que eu poderia ter dito, todos os tópicos que poderia ter explorado, por que tinha que ser logo esse?

— Não, não amava. — Ela me olha nos olhos, pensativa. — Mas ele era normal. Era o que você queria para mim, mas na época fui egoísta demais para entender que você estava certo. Aquele tipo de vida era o certo.

Dou um passo para trás.

— Espere — digo, erguendo a mão por um momento e passando a ponta do dedo pela boca, olhando para baixo. — Então você está dizendo que *quer* uma vida normal agora?

— De jeito nenhum — responde ela, balançando a cabeça. — Eu jamais conseguiria voltar para aquilo. Só estou dizendo que, se eu não tivesse insistido no meu plano de matar Hamburg, as coisas não estariam tão ruins como estão agora.

Inclino a cabeça para o lado, com uma expressão confusa no rosto cada vez mais sério.

— Então o que você está dizendo, exatamente? O que vai fazer? Começar a matar gente por conta própria?

Isso é quase risível para mim, mas não deixo minha opinião transparecer. Sei que Sarai tentaria. Sei que ela mataria e talvez até conseguisse se safar algumas vezes, mas não para sempre. Não sem os recursos que tenho.

— Ainda não decidi — responde ela.

Sarai coloca a mão no puxador da porta de vidro e a desliza, deixando a brisa suave do fim de tarde entrar na casa. Ela sai para o pátio dos fundos.

Estou lá fora ao lado dela antes que minha mente alcance o movimento apressado das minhas pernas.

— Você não está falando coisa com coisa.

Sarai entra no alcance do sensor de movimento, e a luz inunda o pátio de concreto. Ela fica no limite do feixe brilhante, deixando só parte do rosto coberto pela penumbra do sol quase extinto.

— Eu tenho pendências no México — esclarece ela, e fico atordoado. — Hamburg não é a única pessoa que pensei em matar nos últimos oito meses, Victor. — Ela olha para a paisagem plana de novo. Só consigo olhar para ela. — Quando você e Fredrik me contaram que os irmãos de Javier estão no comando da operação, isso só inflamou meu ódio. Eles precisam morrer. Todos eles. Cada um daqueles babacas envolvidos. Todos os Andrés e Davids. — Ela me olha. — Ainda há muitas garotas com eles. Eu sei que havia 21 quando fugi escondida no seu carro. Dezenove agora, sem Lydia e Cordelia. Que tipo de pessoa eu seria se seguisse com a minha vida sabendo que lá no México há uma fortaleza onde um monte de garotas das quais aprendi a gostar estão sendo mantidas à força? Sendo estupradas, espancadas e mortas?

Faço menção de tocá-la, mas paro no último instante.

Não sei por que isso é tão difícil para mim... Por que há tanto conflito dentro de mim...

Sarai sai do alcance do sensor e a luz se apaga, imergindo-nos na meia-luz. Uma brisa leve balança o cabelo dela, fazendo-o dançar suavemente nas costas.

— Isso é tolice, Sarai — digo, enfim encontrando palavras que acho adequadas. — Mesmo com a minha ajuda, fazer uma coisa dessas levaria muito

tempo. O que faz você crer que conseguiria sozinha? Como encontraria a fortaleza sem a minha ajuda, para começar?

— Eu *consigo* fazer isso sozinha — retruca ela, com calma, mas com uma determinação inabalável. — Quer dizer, posso pelo menos *tentar*, e isso é melhor do que não fazer nada. E você não me dá o crédito que mereço, Victor. Sou tão capaz de somar dois mais dois quanto você. Posso pegar o que aprendi, informações às quais tive acesso, e encontrar o caminho para lá. Não deve ser difícil encontrar Cordelia. Sei que ela mora na Califórnia. Sei que ela é filha de Guzmán e que você foi enviado para a fortaleza por ele para encontrá-la e matar Javier Ruiz por tê-la raptado. Até sem você sou capaz de descobrir a localização da fortaleza. Vou começar com Cordelia e Guzmán.

Minha garganta está seca. Meu estômago parece um bloco de concreto.

Ela tem razão, não lhe dei o crédito que merecia. Sarai é muito mais esperta do que eu imaginava. Sabia que ela era inteligente, mas com certeza fiquei surpreso.

Ela não sorri nem se gaba de tudo isso, só fica ali me olhando concentrada, com intensidade e o tipo de determinação que me assustam tanto. A fúria assassina e vingativa de Sarai é muito mais profunda do que eu pensava, mais profunda do que ela me revelou.

Como não percebi isso?

— E também tem os ricaços que Javier me levava para visitar, me exibindo para que quisessem comprar as outras garotas — conta ela, com desprezo. — Eu lembro o que você me contou. John Gerald Lansen, você disse que ele é o diretor-executivo da Balfour Enterprises. — Sarai assente, confirmando o nome no meu rosto. — É, eu me lembro de muita coisa. E passei muito tempo na casa da Dina antes de ir a Los Angeles para matar Hamburg, pesquisando esses homens. Lembrando aos poucos os nomes, os rostos, somando dois mais dois para descobrir quem eles são, onde moram, quanto dinheiro têm. Quando eu não estava pensando em você, estava mergulhada neles, aprendendo tudo o que podia sobre esses caras com o objetivo de matá-los aos poucos, um por um. — Ela fica na minha frente e me olha nos olhos. — E é isso o que pretendo fazer.

— Você não vai conseguir sem mim.

Estou ficando furioso. Como Sarai pode dizer essas coisas, tomar uma decisão dessas sem me envolver?

Minhas mãos estão tremendo.

Desvio o rosto, sabendo que, se olhar demais, vou me perder nas profundezas daqueles olhos verdes.

— Tolice — digo, pronto para dar a noite por encerrada e acabar com aquela conversa absurda. — Vou tomar banho e dormir. Pode vir comigo se quiser.

Quero que ela aceite.

Sinto que ela não vai aceitar...

— Eu não vou com você. Estou falando sério. Quando isto acabar, quando os dois estiverem mortos, eu vou embora.

Eu me viro para ela com as mãos fechadas, sentindo os punhos da minha camisa branca mais apertados nos meus pulsos.

— Você não vai a lugar nenhum. Não desse jeito. Não vou deixar. — Dou uma risada seca. — Meu Deus, Sarai, você tem *mesmo* muito a aprender. Estou chocado por você não perceber a *idiotice* que isso é!

— Idiotice? — repete ela, com desprezo. — Não... Tudo bem, talvez você tenha razão, mas o que é ainda mais idiota é achar que eu poderia ter algum tipo de vida com você. Eu me odeio pelo que fiz você passar, pelo que fiz Dina passar. E estou aqui, como uma órfã abandonada à sua porta, esperando que você cuide de mim, me alimente e me ensine como levar uma vida fora do convencional e não morrer fazendo isso. Você não pediu por isso, eu nunca deveria ter me jogado na sua vida como fiz.

De tanto tempo cerrando com força os dentes sem perceber, eles estão começando a parecer plástico. Meu peito sobe e desce com a respiração profunda, furiosa e até apavorada. Sinto que não pisco há minutos, meus olhos estão começando a secar com a brisa incessante que os atinge. Parece que meu coração quer sair do peito.

Nunca me senti assim antes... pelo menos não desde criança. Nunca estive tão furioso e... assustado.

— Sinto muito ter feito você passar por isso, Victor — repete Sarai, com calma e sinceridade. — Quero agradecer por tudo o que você fez para me ajudar. Duvido que qualquer coisa que eu possa fazer ou dizer retribuirá a sua ajuda. Eu sei. Mas o mínimo que posso fazer é deixar você em paz para viver a sua vida do jeito que você sabe. Você não precisa de alguém fazendo merda o tempo todo.

Ela me dá as costas e começa a se afastar.

— Sarai! — grito, e ela para no mesmo instante. Tento acalmar minha voz. — Espere... espere só um minuto.

Ela se vira para me olhar.

Estou tropeçando nas palavras que se formam na minha cabeça, tentando escolhê-las na minha confusão e juntá-las de forma adequada para que façam sentido. Mas é difícil. É difícil pra cacete!

— Eu... — Olho para os meus sapatos, para a cadeira de ferro batido do pátio, para seus cachos agitados sobre os ombros nus e macios. De novo olho para os meus sapatos. — Eu não quero que você vá embora.

— Mas eu preciso ir, Victor — insiste Sarai, com tanta ternura e compreensão na voz que quase racho ao meio. — Você sabe que preciso. É o melhor para nós dois.

— Não — digo com severidade, erguendo o queixo e me recompondo. Não vou aceitar isso. — Você vai ficar comigo. Eu posso manter você segura. Não vamos mais falar disso. Agora vamos para cama.

Estendo a mão para ela.

— Não, Victor. Sinto muito.

Pego a mão de Sarai e a puxo para perto de mim. Ela não resiste nem se encolhe, tampouco parece surpresa. Seguro seu rosto com as mãos e a admiro, seus olhos quase infantis, embora tão sagazes. Uma pequena loba se esconde dentro daquela corça. *Minha* loba.

— E-eu quero que você fique comigo.

— Por quê?

— Porque é isso que eu quero.

— Mas isso não é motivo, Victor.

— Não importa, Sarai, você precisa ficar comigo.

— Mas eu não vou ficar.

Eu a sacudo, ainda segurando seu rosto.

— VOCÊ NÃO PODE IR EMBORA! — Minha alma está tremendo. Não consigo suportar essas emoções.

Ela ainda não reage, mas vejo seus olhos começando a marejar.

Sarai balança a cabeça nas minhas mãos com delicadeza.

— Eu vou embora e não tem nada que você possa fazer para mudar isso.

— NÃO, SARAI! EU PRECISO DE VOCÊ NA MINHA VIDA!

De repente, eu a solto e olho para minhas palmas, abertas à frente, como se de alguma forma elas tivessem me traído. Meu peito se agita em um turbilhão, como se emoções que estavam adormecidas durante a vida toda tivessem enfim acordado e eu não soubesse mais o que fazer.

Querendo apenas me esconder no quarto para tentar entender o que acaba de acontecer comigo, giro sobre os calcanhares e sigo para a porta de vidro.

— Victor. — Eu a ouço chamar baixinho atrás de mim.

Paro. Não tenho forças para me virar.

Sinto que Sarai se aproxima por trás, sinto o calor de sua presença, o aroma doce da sua pele.

— Olhe para mim — pede ela, com a voz leve como a brisa.

Eu me viro devagar.

Ela se aproxima e segura meu rosto com as mãos, com mais delicadeza do que quando segurei o dela. Inclina a cabeça para um lado e depois para o outro, me encarando com os olhos cheios de lágrimas. Ela fica na ponta dos pés e me beija de leve na boca.

— Não reprima nada — diz ela, com uma urgência suave. — Diga tudo o que está sentindo agora. Neste exato momento. Por mais errado, constrangedor ou esquisito que pareça, diga assim mesmo. Por favor...

Não notei quando minhas mãos se ergueram e seguraram os pulsos dela, com a mesma delicadeza com que seus dedos tocam minhas bochechas. E me examino por dentro, tentando entender o que Sarai está fazendo comigo. O

que ela *fez* comigo. Penso no que ela disse e, contrariando minha aparência tão dura, só quero lhe dar o que ela deseja.

— Eu... Sarai, eu nunca me senti assim antes. — Não consigo olhá-la nos olhos, mas ela me força a isso mesmo assim.

— Conta tudo. Eu *preciso* ouvir.

O desespero na voz dela é apaixonado e condiz com o que sinto por dentro. Examino o rosto dela. Seus olhos. Sua boca, os lábios tão suavemente entreabertos que fazem a boca parecer inocente e convidativa. As maçãs do seu rosto. Seu queixo. A linha elegante do seu pescoço.

Mas os olhos dela...

— Sarai, você é importante para mim — digo, desesperado, em um murmúrio urgente. — Você é mais importante para mim do que qualquer coisa ou qualquer *pessoa*. Ter você aqui comigo não é um fardo. Eu *quero* treinar você. Pelo tempo que for necessário. *Quero* acordar todo dia com você ao meu lado. *Preciso* de você na minha vida mais do que jamais precisei ou quis qualquer outra coisa.

Faço uma pausa e olho para baixo. E então me afasto dela. Suas mãos abandonam meu rosto.

Engulo em seco.

— Não vou forçar você a ficar comigo — obrigo-me a dizer, apesar do que sinto. — Mas saiba de uma coisa... Se você partir, você *vai* se tornar um fardo. Se você acha que ficando aqui vai foder a minha vida, nem faz ideia de como isso vai ser verdade se tentar ir embora e ficar sozinha. Porque eu vou passar cada momento de cada dia da minha vida tentando proteger você! — Meu coração está disparado. — Não vou conseguir dormir sabendo que você está por aí, tentando se encaixar em uma vida que não passa de uma sentença de morte para quem não tem um treinamento adequado! Sarai... ISSO VAI ME MATAR! SERÁ QUE VOCÊ NÃO ENTENDE? VOCÊ VAI ME MATAR SE DECIDIR IR EMBORA! — Estou tremendo todo, meu corpo todo abalado por dor, medo e angústia.

Em um segundo, Sarai está diante de mim novamente, a poucos centímetros do meu peito, seus dedos dançando no meu rosto como instantes atrás. Ela parece calma. Mas há algo mais em seus olhos, agora, algo que não

estava lá há pouco. Alívio? Felicidade? Não consigo decifrar a emoção, quando tudo o que quero é puxá-la para perto de mim e abraçá-la até morrermos.

Ela passa a ponta do dedo indicador sob meu olho. Uma lágrima.

Uma lágrima?

Consumido pela confusão, não consigo falar nem me mexer. Olho primeiro para a mão dela e vejo o que resta da lágrima brilhando em seu dedo. Volto a fitar seus suaves olhos verdes, que estão sorrindo para mim, não com arrogância, mas com ternura.

Lobinha esperta...

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Victor

— Desculpa — pede ela, com nada além de ternura. — Mas eu precisava saber o que você sentia de verdade, Victor.

Eu me sento na cadeira de ferro preto do pátio, esticando as pernas. Colocando o cotovelo no braço da cadeira, apoio a cabeça exausta nas pontas dos dedos.

Sarai se ajoelha na minha frente, no meio das minhas pernas estiradas.

— Ficar com você significa mais para mim do que fazer parte do seu trabalho. Eu precisava saber que você quer de mim a mesma coisa que quero de você. E... quando estamos juntos, sempre sinto que sou mais parte do seu trabalho do que do seu coração.

Ela tenta encontrar meu olhar, mas estou concentrado demais no chão de concreto. Ouço cada palavra que Sarai diz, mas ainda estou muito perplexo com as emoções que ela arrancou de mim para olhá-la nos olhos.

Sinto que não consigo encará-la. Não por estar com raiva dela, mas por vergonha.

— Você tem sido impenetrável desde o dia em que nos conhecemos — continua ela, segurando minha mão. — A única situação em que sinto uma ligação *emocional* de verdade com você é quando dormimos juntos. Eu ficava muito frustrada. Porque sabia que, por baixo de todas essas suas camadas, *isto*, isto *aqui*... — ela aperta meus dedos enfatizando essas palavras — ... que você acabou de me mostrar estava lá o tempo todo, só querendo ser libertado. Eu... Victor, por favor, olha para mim.

Relutante, levanto a cabeça e a olho nos olhos.

— Eu não quero ser o seu trabalho. Quero trabalhar com você. Quero aprender com você. Mas quero sentir que sou importante do ponto de vista emocional quando o trabalho não estiver interferindo. Victor, eu sei que não é

culpa sua. Sei que você não pode mudar seu jeito, o modo como você se isola emocionalmente do mundo. Mas eu precisava tentar ajudar a desfazer o que Vonnegut e a Ordem fizeram com você.

— Você me manipulou — afirmo, sem dizer mais nada.

Ela abaixa o olhar.

— Desculpa.

— Não peça desculpas. — Ergo as costas da cadeira, inclinando o corpo para a frente e enfiando as mãos sob os braços de Sarai. Eu a levanto e a ponho no meu colo. — *Nunca* peça desculpas.

Com uma das mãos, viro o queixo dela na minha direção, para fazê-la me olhar.

— Você fez o que precisava fazer — digo, e espero que ela se lembre disso mais tarde. — Não posso culpar você.

— Não está bravo? — pergunta ela.

Balanço a cabeça.

— Não. Acho que “grato” é um termo melhor.

Ela sorri. Eu também sorrio e a beijo.

— Parece que estamos ajudando um ao outro.

Ela inclina a cabeça, pensativa, e presta atenção.

— Sarai, eu estou ajudando você a se tornar o que quer ser, a viver a vida que *escolheu* viver. Você nunca teve direito de escolha antes. E você está me ajudando a recuperar o tipo de vida que tiraram de mim, me mostrando como é ser algo mais do que um assassino, a *sentir* algo mais do que a necessidade de matar. E, por isso, eu *já* poderia ficar bravo com você.

Ainda acomodada na minha perna esquerda, ela se curva e me beija de leve no canto da boca. Seguro sua cintura com as duas mãos, entrelaçando os dedos. Ficamos assim em silêncio por alguns momentos. O sol já sumiu do horizonte e as estrelas estão acordadas na escura imensidão do céu que paira acima de todos nós, em uma exuberância de tirar o fôlego.

— Então, quanto daquilo era verdade? — pergunto a ela.

— Tudo — responde Sarai. — Menos a parte sobre eu ir embora.

Balanço a cabeça, distraído, pensando muito em todas as coisas que ela me revelou esta noite.

— Você sabe que ninguém vai nos pagar para voltar ao México. Seria só um acerto de contas.

— Eu sei. — Ela assente. — Mas é importante para mim. Aquelas garotas são importantes para mim.

Passo a mão esquerda pelas costas dela e a apoio em sua nuca. Puxando-a na minha direção, aninho sua cabeça no meu ombro.

— Então é importante para *mim*. Pode levar meses, até um ano ou dois, para juntar todas as informações de que precisamos, todos os recursos, mas vamos conseguir. E vamos conseguir juntos. Mas você precisa me prometer que vai ser paciente e vai...

— Eu dou a minha palavra — interrompe ela. — Não importa quanto tempo leve. E vou seguir os seus comandos e as instruções em cada passo. Não vou cometer os mesmos erros de novo.

Logo depois da nossa conversa no pátio, levo Sarai para o banheiro e lavo o cabelo dela, sentada entre as minhas pernas na banheira.

Conversamos por um longo tempo sobre a vida como era antes. Sobre quando ela morava com a mãe, antes que a mãe descobrisse as drogas e os homens. Quando elas se sentavam juntas para assistir a desenhos animados na TV nas manhãs de sábado. Falamos sobre a minha vida antes que eu fosse capturado pela Ordem. Sobre como eu jogava *Dosenfussball* (futebol com latinha) e *Verstecken* (pique-esconde) com Niklas quando eu tinha 6 anos, na Alemanha.

Ficamos tão perdidos nas lembranças de quando nossas vidas eram mais simples e mais inocentes que esquecemos como as coisas estão agora.

Também esqueço, só por um momento, que as coisas entre nós não estão completamente definidas.

E pode ser que nunca estejam.

Sarai

Acordo na manhã seguinte e encontro o lado de Victor da cama frio e vazio. Aperto o travesseiro dele contra o peito e o seguro perto de mim. Ele tinha uma reunião às oito com um contato em Bernalillo. Queria que eu fosse junto, mas fico exausta com as viagens, sobretudo quando não são de avião.

Já que a localização da academia de krav maga foi “comprometida”, como Victor diz, ele acha melhor sairmos do Novo México quanto antes. Meu objetivo do dia é fazer as malas, levando tudo o que eu puder da casa. Isso, contudo, não deve ser tão difícil, já que o guarda-roupa e os pertences de Victor não são iguais aos de uma pessoa normal. Ele não tem uma “gaveta de cacarecos” onde joga vários itens que vão ficar lá, sem serem usados, pelo resto da vida. Os armários não são cheios de caixas velhas de sapatos e pilhas de documentos guardados só por segurança, ou roupas que ele não veste há cinco anos. Os armários da cozinha não são cheios de jogos caros de porcelana que só são retirados do lugar nos feriados e em ocasiões especiais. Não há retratos de família pendurados em uma bela fileira na parede do corredor, nem enfeites organizados em uma estante, recebidos de pessoas importantes, dos quais ele não consegue se desfazer por razões sentimentais. Algumas caixas devem bastar. Os ternos dele. Minha coleção cada vez maior de roupas, perucas, joias, maquiagens e um zilhão de sapatos. Parece que vou encaixotar só as minhas coisas.

Aperto um botão no controle remoto e a TV de LCD da sala ganha vida. Deixo em um dos canais de notícias só para fazer barulho de fundo. O sol atravessa a porta de vidro que emoldura a vista do Novo México atrás da casa. Observo a paisagem só por um momento, sentindo que preciso mudar de ares. Depois de passar a maior parte da minha vida no México, rodeada de areia,

árvores retorcidas, grama seca e calor... bem, fico feliz em me mudar. Victor disse que a nova casa vai ser em Washington ou Nova York. Qualquer uma das duas cidades está ótima para mim, ambas bem diferentes daquilo com que estou acostumada.

Vou saber com certeza amanhã.

Tomo um café da manhã simples, um ovo mexido e uma fatia de torrada acompanhados por um copo de leite. Faço meus exercícios matinais e tomo um banho rápido, vestindo um short preto e um top apertado de algodão da mesma cor. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo, separo em duas metades e puxo, para deixá-lo mais firme. De pé diante do enorme espelho do banheiro, começo a me maquiar, mas percebo que estou com muita preguiça para isso no momento e volto a cuidar da mudança. Enquanto pego os ternos de Victor do armário, um por um, e os guardo em capas compridas com zíper, sinto alguma coisa sob a minha mão ao ajeitar uma manga sobre o peito do paletó. Afasto a manga na cama e desabotoo o paletó. Enfio a mão no bolsinho interno e pego um pequeno envelope. É meio grosso, mais ou menos 1 centímetro.

Antes de tirá-lo todo do bolso, penso em guardá-lo de novo, minha consciência me dizendo que aquilo não é da minha conta. Mas olho mesmo assim.

O envelope está velho e surrado, com as bordas esgarçadas e amarelado. É pequeno, mais quadrado do que retangular, e deveria ser de algum cartão de aniversário ou convite. Há fotografias dentro. Fotografias antigas. Tiro a aba de dentro do envelope e o abro, despejando a pequena pilha na mão. A primeira foto é de um homem de cabelo claro e queixo forte. Ele usa camisa branca e gravata marrom. Está sentado em uma poltrona de couro, rodeado por paredes revestidas com um papel cafona que imita tapeçaria. Um garotinho de cabelo castanho e uma menina ainda mais nova com cabelo louro bem claro estão de pé ao lado dele, dando um sorrisão para a câmera.

A foto seguinte é também do menino e da menina, posando com uma mulher loura, de cabelo longo e ondulado, linda, ao ar livre, no que parece ser um parque.

Todas as fotos são velhas, alaranjadas e com rachaduras nas bordas, onde elas foram dobradas ao longo dos anos. Olho cada uma delas e leio o verso.

Versalhes, 1977; Paris, 1977; e Versalhes, 1976, rabiscados no canto esquerdo e quase ilegíveis, pois a tinta começou a desbotar. Nas fotos seguintes, o menino está mais velho, talvez com uns sete ou oito anos, e está de pé com o braço sobre o ombro de outro menino. Munique, 1981, e Berlim, 1982. Meu coração afunda quando me dou conta de que todas aquelas fotos são de Victor e Niklas, com quem acredito serem seu pai e a mãe de Victor. A menina deve ser uma irmã.

Parte meu coração saber que ele carrega essas fotos assim. É mais uma prova de que Victor não é desprovido de emoções, de que no fundo de sua alma há um homem que ficou escondido do mundo, forçado a carregar as únicas lembranças da infância dentro de um bolso.

É a prova de que ele é humano, um ser humano perdido e traumatizado que quero desesperadamente curar.

Viro a cabeça ao ouvir passos dentro da casa.

Deixo as fotos na cama e pego a 9mm do criado-mudo, tirando o pente para verificar se está cheio. Insiro o pente na arma de novo e, descalça, corro em silêncio pelo quarto, com as costas coladas na parede, na direção da porta. Mantenho a arma na altura da cabeça, segurando-a com as duas mãos, e paro para escutar. Nada. Quer dizer, nada além da porcaria da televisão, que me arrependo de ter ligado.

Começo a achar que só pode ser Fredrik, mas não vou me arriscar.

Ainda com as costas na parede, contorno o batente e vou para o corredor ao ver que está vazio. Uma sombra se move no piso de terracota na outra extremidade do corredor, e eu fico imóvel. Sinto o coração pulsar nas pontas dos dedos, coçando para apertar aquele gatilho com toda a força. Continuo imóvel, com gotículas de suor surgindo na nuca, e fito o chão por um longo momento, sem piscar, temendo perder algum outro movimento. Ouço os passos de novo, mais distantes desta vez, e ando com cuidado pelo corredor na ponta dos pés.

Ao chegar perto do fim, paro a centímetros do canto e encho os pulmões de ar. Expiro devagar e em silêncio antes de prestar atenção de novo. As vozes do noticiário falando sem parar sobre o “Obamacare” me dão nos nervos, pois se

sobrepõem a quaisquer vozes ou passos que eu poderia ouvir e saber de que direção estão vindo.

Finalmente, *ouço* vozes murmurando:

— Verifique os quartos — diz um homem. — Ela deve estar escondida debaixo de uma cama ou dentro de um armário.

Não, babaca, estou esperando que você venha pelo corredor para meter um tiro na sua cara.

Um homem de terno preto surge no canto, de arma em punho, e eu atiro no mesmo instante em que ele aparece no fim do corredor. O tiro ecoa nos meus ouvidos, e o homem cai no chão, o sangue esguichando do ferimento na lateral do pescoço. Ele tosse e sufoca, tentando cobrir o ferimento com as mãos, agora cobertas de sangue.

Dou a volta no corpo dele, ignorando os perturbadores sons de gargarejo que ele faz, e viro a quina da parede, atirando mais três vezes. Consigo atingir mais um homem antes que uma dor cegante atravesse minha nuca. Enquanto caio, vejo o segundo homem em quem atirei caindo à minha frente. E vejo Stephens, de pé ao lado do cadáver, em toda a sua glória ativa e sombria. Minha arma não está mais em minhas mãos, e estou tão desorientada pelo que bateu na minha nuca, seja lá o que for, que demoro um pouco para me dar conta de que estou deitada no chão frio, com a bochecha encostada em uma fenda do assoalho. Apalpo minha nuca e sinto sangue nos dedos quando toco o cabelo.

Stephens se agacha ao meu lado, com um sorriso ameaçador criando rugas profundas ao redor de sua boca dura. Seu cabelo grisalho parece mais escuro, ele parece maior, a covinha no centro de seu queixo, mais pronunciada. Ele me olha de cima, apoiando os cotovelos nas coxas, com as mãos enormes relaxadas entre as pernas, o pulso direito adornado com um grosso relógio de ouro. Ele tem um cheiro forte de colônia e charutos.

— Você é difícil de achar, garota — observa Stephens.

— Vai se foder — digo, tão casualmente quanto se estivesse comentando que o tempo está bom.

Stephens abre um grande sorriso com a boca fechada, e é a última coisa que vejo antes que tudo fique preto.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Sarai

Acordo devagar com um zumbido baixo e profundo, bem acima de mim, acompanhado por um som rápido e constante de vento. Minha visão está embaçada e enxergo apenas uma luz fraca e acinzentada, que de início se curva e se distorce ao atingir meus olhos. O ar parece muito úmido, as costas da minha camiseta e o espaço entre os meus seios e minhas axilas estão empapados a ponto de me fazerem sentir um calafrio terrível quando a brisa estranha me atinge. Minhas mãos estão amarradas atrás das costas, como amarrei as mãos de Izel quando ela veio atrás de mim depois que fugi no carro de Victor. Penso nela por um momento, no modo como ela olhou para mim naquele dia, como seu cabelo escuro e suado grudava no rosto. Imagino que eu deva estar parecida com ela agora, só que meu cabelo ainda está preso em um rabo de cavalo.

Logo percebo que meus tornozelos também estão amarrados.

Forço meus olhos a se abrirem completamente e luto para pôr minha visão em foco. Estou sentada em uma cadeira no meio de uma sala enorme, escura e empoeirada, em uma espécie de galpão velho.

Rio por dentro, pois vejo o rosto de André Costa na cabeça, como ele estava naquele galpão em Nova Orleans.

Tudo o que vai volta, suponho. E a vingança por todas as mortes que causei ou das quais participei está chegando mais cedo do que eu esperava.

A brisa estranha e o som de vento acima de mim, percebo agora, estão vindo de um grande ventilador industrial construído na parede, perto do teto alto. As paredes são feitas de concreto, e o teto de trilhos de metal que vão de uma ponta à outra é sustentado por pilastras compridas também de concreto. O lugar tem um cheiro forte de solvente, cola e outros produtos químicos que fazem mal aos pulmões.

Minha garganta está tão seca que dói. Meu primeiro impulso é pedir água, mas, assim como soltar a corda que prende meus pulsos e tornozelos, sei que nada que eu pedir será concedido.

Olho para baixo, sinto o peito dos pés ardendo e vejo que a pele dos dedos dos pés está dilacerada, indicando que em algum momento devo ter sido arrastada.

Passos ruidosos, como de solas duras, ecoam pelo espaço amplo quando Stephens se aproxima de mim.

Prendo um riso do ridículo daquela situação.

— Posso perguntar o que é tão engraçado? — indaga Stephens, com sua voz grave e também parecendo achar graça.

Sorrio em desafio quando ele para diante de mim, com as mãos nas costas.

— Pensei que você e aquele maluco de merda para quem você trabalha queriam me matar. — Eu rio. — Isto aqui é um pouco exagerado, não acha? — Abro um sorrisinho para ele.

Stephens dá um sorriso frio que imediatamente me lembra a expressão no rosto de Fredrik quando ele prendeu André Costa naquela cadeira de dentista. Em vez de responder, Stephens vira para a direita e vê outro homem se aproximar, trazendo uma cadeira. As pernas de madeira raspam um pouco no concreto quando ela é colocada no chão, ecoando pelo pequeno espaço que nos separa. Stephens se senta, ajustando de maneira despreocupada seu belo terno preto, puxando a lapela e espanando uma poeira invisível da perna.

— É sério isso? — pergunto, balançando a cabeça. — Deixe eu adivinhar... Hamburg ainda quer seu showzinho. Não conseguiu comigo e com Victor no quarto dele na mansão. Não conseguiu com o guarda-costas dele no escritório do restaurante. A propósito, fiquei feliz em saber que aquele merda morreu. Era seu amigo? — Meu sorriso fica mais evidente.

Os olhos de Stephens sorriem. Ele cruza a perna e põe as mãos com delicadeza no colo. É muito enervante como ele parece calmo e imune às minhas palavras. Mesmo assim, não deixo que ele perceba que isso me incomoda.

— Acredite, Izabel, Sarai ou qualquer que seja o seu nome, se dependesse de mim, eu teria matado você naquela casa, em vez de trazê-la para cá.

— É claro, você é só o criadinho dele, ajoelhado aos pés de Hamburg, esperando que ele peça o próximo boquete.

O teto surge no meu campo de visão por um instante quando alguém puxa meu cabelo, meu pescoço tão forçado para trás que não consigo respirar. Outro homem está de pé atrás de mim, olhando nos meus olhos arregalados. Tento engolir, mas não consigo. Começo a engasgar e tossir, em vez disso.

— Pode soltar — ouço Stephens dizer.

O homem me solta e minha cabeça cai para a frente. O peso do meu corpo faz a cadeira tremer e balançar um pouco até se estabilizar. Fico aliviada por conseguir respirar de novo. Levanto a cabeça e fuzilo Stephens com o olhar enquanto ele continua sentado diante de mim, a apenas meio metro. Começo a correr os olhos pela sala procurando uma saída, tentando formular um plano que sei que jamais vai se materializar. Mesmo se eu tivesse alguma chance de sair desta sala, não sei como poderia me soltar das amarras. Meus pulsos estão tão presos que a circulação parece ter sido cortada. As fivelas nos meus tornozelos estão muito apertadas também, mas sinto que posso movê-los um pouquinho, esmagando-os nas pernas da cadeira. Mas não vou a lugar nenhum. A não ser para o inferno, talvez, e logo.

Não tenho medo de Stephens, não tenho medo do que ele vai fazer comigo. Não tenho medo de ser torturada. Só tenho medo do quanto vai durar.

— Por que você não acaba logo com isso? — sugiro, com rispidez, ódio e vingança evidentes na voz. — Não ligo para o que você vai fazer comigo, ou para o que Hamburg vai fazer, então ande logo.

— Ah, mas você não está aqui por causa de Hamburg. — Stephens abre um sorriso de gelar o sangue. — E, não, eu não quero que isto acabe. — Ele se inclina para a frente, aproximando seu queixo quadrado de mim. Sinto o cheiro de sua loção pós-barba. — Espero que você não fale ao menos por alguns dias, porque estou muito ansioso para passar esse tempo com você.

Engulo meu medo de saber o que essas palavras significam: que ele vai me torturar e por muito tempo. Tento amenizar a preocupação, torcendo para que ele não detecte o menor sinal de pavor no meu rosto.

— O que eu poderia saber que você precisasse me fazer revelar, afinal? — Rio, desafiando-o. — E que loção é essa? Fede como se você tivesse

mergulhado de cabeça no meio das coxas de uma viciada em crack.

Os olhos de Stephens se movem para a pessoa atrás de mim, estreitando-se, e percebo que ele acaba de impedir o homem de puxar meu pescoço para trás de novo, ou talvez de me dar um tapa. Ele ignora meu insulto.

Stephens se reclina na cadeira de novo. E não diz nada. Odeio isso. Preferiria que ele andasse ao meu redor fazendo um monólogo canastrão a não dizer absolutamente nada. E acho que ele sabe quanto isso me incomoda. A expressão satisfeita dos seus olhos me confirma isso.

— Ok, então, se eu não estou aqui por causa de Hamburg, qual é o motivo?

Outros passos atrás de mim atravessam a sala. Tento olhar para trás, mas não consigo esticar muito o pescoço.

Enfim a figura dá a volta e consigo vê-la.

— Você está aqui por minha causa — afirma Niklas, jogando uma bituca de cigarro no chão e apagando-a com sua bota de couro preta.

Suspiro sem fazer ruído. Meu corpo todo fica rígido na cadeira. Procuro me concentrar na minha respiração, tentando recuperar o controle do meu corpo, mas por um longo tempo não sou nada mais do que uma casca imóvel.

— Niklas... — digo enfim, mas não consigo falar mais nada.

A raiva assoma dentro de mim, e minha necessidade de matar Stephens de repente é ofuscada pela necessidade de dizer a Niklas tudo o que está entalado na garganta.

Diferente de Stephens, Niklas não sorri nem sente a necessidade de me atormentar com ameaças. Sinto algo diferente nele, algo muito mais sombrio do que em Stephens, algo mais ameaçador do que as palavras podem descrever. Olhando aquele homem alto de cabelo castanho-claro arrepiado, os olhos azuis ferozes emoldurados por um rosto perfeitamente redondo, porém bonito, vejo alguém mais afeito à vingança do que eu jamais conseguiria ser.

E, por fim, fico apavorada.

Niklas chega mais perto até ficar bem na minha frente, sem se importar com a proximidade. Stephens ficou pelo menos meio metro longe de mim, como se temesse que eu pudesse cuspir nele, ou me soltar e agarrá-lo. Mas

Niklas, não. Sinto que ele está me desafiando a me mexer. Ele *quer* que eu tente algum movimento.

Engulo em seco, empino o nariz de forma arrogante e tento continuar forte para encarar meu destino.

— Você sabe o que eu quero — diz Niklas, com uma voz tranquila e o mesmo sotaque alemão, ainda evidente na voz. — Ou precisamos discutir a questão em detalhes? — Ele inclina a cabeça para o lado.

Ele se parece tanto com Victor que me pergunto como podem ser tão diferentes por dentro.

— Você vai ter que explicar. É sobre o Victor? — Olho rapidamente para Stephens. — Esse merda estava na casa dele agora há pouco. Você já sabe onde encontrar o Victor. E não que isto me surpreenda muito, mas o que você está fazendo com *eles*?

Flagro Stephens olhando para Niklas, que, no entanto, não tira os olhos de mim. Ele se agacha na minha frente, no meio das minhas pernas abertas, e me olha com um rosto tão calmo e ameaçador que sinto um calafrio percorrendo a nuca. Dá para sentir o cheiro do couro de sua jaqueta preta e o fraco odor de fumaça de cigarro que persiste na camisa cinza-escura que ele usa por baixo.

— Estou procurando Victor há meses — começa Niklas, e ouço com atenção, mantendo os olhos grudados nele. — Ele sem dúvida contou a você que saiu da Ordem, que traiu a mim, a Vonnegut...

Arregalo os olhos e meu queixo cai em um ofegar.

— Traiu *você*? — interrompo, incrédula. — Não pode estar falando sério. *Você* traiu *Victor*! Foi você que...

Ele estende as mãos fortes e aperta com firmeza minha garganta, me fazendo engasgar e tossir. Eu me agito na cadeira, incapaz de erguer as mãos para tentar tirar as dele. Meus olhos viram para cima quando ele aperta mais forte.

Ele me solta.

Ofego e tento recuperar o fôlego, com os cantos dos olhos molhados por lágrimas de exaustão e dor. Estou apavorada, mas não o suficiente para chorar ou implorar pela minha vida. Prefiro morrer a implorar por qualquer coisa.

— Meu irmão me traiu muito antes de sair da Ordem — diz Niklas, com um pouco mais de emoção na voz do que antes: ressentimento. — Ele me traiu quando se voltou contra tudo o que acreditávamos e ajudou você. Ele me traiu quando *mentiu* para mim sobre ajudar você. Ele mentiu, Sarai, porque sabia que isso era errado. — Niklas fica na ponta dos pés, pondo-se a poucos centímetros do meu rosto. — Ele quase me *matou* por sua causa. E ia me matar, se você não tivesse impedido. Foi *ele* quem *me* traiu!

Minhas mãos começam a tremer nos braços da cadeira. Meu coração está no meu estômago, revirando-se, perdido e apavorado. Não posso negar, o que Niklas disse é verdade.

Não posso negar...

Ele se afasta alguns centímetros até eu não conseguir mais sentir seu hálito de pasta de dente, mas ainda está muito perto. Um quilômetro seria perto demais.

— Niklas — digo, em uma voz um pouco desesperada, só o suficiente para convencê-lo a me ouvir. — Victor só ia matar você porque era errado *me* matar. Você não entende? Ele teria feito isso por qualquer um. Não só por mim.

Um sorrisinho aparece em um canto de sua boca, e fico ao mesmo tempo intrigada e preocupada com o significado disso. Niklas fica de pé, vira de costas para mim e se aproxima de Stephens. E então se vira de novo.

— Você não conhece meu irmão tão bem quanto imagina. Não, ele não teria feito isso por qualquer um. Parece que meu irmão é humano, no fim das contas, com isso de ter se apaixonado por você e tudo o mais.

Balanço a cabeça e desvio o olhar.

— Por que eu estou aqui, Niklas? Diga logo o motivo de ter me trazido para cá. Não vou mais lhe dar o prazer da minha conversa.

Stephens se levanta da cadeira, parecendo um gigante perto de Niklas. Ele é bem alto, com ombros largos e cabeça grande e quadrada.

— Detesto admitir — diz Stephens —, mas concordo com essa puta. Vamos logo com isso. — Ele me olha com frieza. — Você está viva porque Niklas precisa de você primeiro, mas quando ele terminar eu vou meter uma

bala nessa sua cabecinha linda, cumprindo meu contrato com Arthur Hamburg.

Olho para Niklas.

— Você precisa de mim para *quê*? — Há veneno na minha voz.

— Você vai me contar tudo o que sabe sobre o meu irmão e sua nova... organização. Quero saber os nomes dos associados, a localização de todos os abrigos e quem toma conta deles. — Noto dentes rangendo atrás das bochechas. — E quero saber até que ponto Fredrik Gustavsson está envolvido nos negócios de Victor.

Balanço a cabeça.

— Bom, antes de mais nada, quem é esse Fredrik Gustavsson? Segundo: eu não sei nada sobre a *organização* de Victor, seja lá o que isso significa. Ele me disse que saiu da Ordem, sim. E me disse que você o traiu ao continuar na Ordem e aceitar a missão de Vonnegut para matá-lo. Mas não me contou mais nada. Ele disse que era melhor eu não saber.

Os olhos de Niklas se abrandam com um sorriso ténue. Sem mover a cabeça, ele olha para o homem atrás de mim. De repente, a cadeira é puxada, meus pés saem do chão e sinto como se estivesse caindo para trás. Por instinto, lanço meu corpo para a frente quanto posso para evitar que minha cabeça bata no chão de concreto atrás de mim. Sou arrastada pela sala; para onde, acho que não quero saber.

Tudo para. Os pés dianteiros da cadeira voltam a atingir o chão, e então mais três homens, além daquele que me arrastou, seguram meus braços e pernas. Eles começam a me desamarrar, mas, assim que as amarras se soltam, eles me seguram com firmeza pelas mãos e pés. Por mais que lute para me desvencilhar, não consigo me mexer.

— ME SOLTEM! — Esperneio e contorço o corpo, tentando atingi-los com pontapés, arrancar meus braços de suas mãos. — NIKLAS! ME SOLTA!

Ele não responde. Fica ali, no azul-acinzentado do prédio empoeirado, ao lado de Stephens, enquanto meus braços são forçados acima da cabeça e amarrados de novo pelos pulsos com correias de couro penduradas do teto. O mesmo acontece com meus tornozelos. Ouço um rangido e o som da estrutura

à qual estou amarrada se encaixando, antes que minhas mãos sejam esticadas bem acima de mim e meus pés descalços sejam erguidos do chão.

— PUTA QUE PARIU! EU VOU MATAR TODOS VOCÊS! ME SOLTEM! — Cerro os dentes com tanta força que sinto uma pontada de dor no maxilar inferior.

Niklas está de pé na minha frente de novo. Não o vi se mover, estava ocupada demais tentando atingir o homem mais próximo à minha esquerda.

— Por que você está trabalhando com eles? — grito na cara de Niklas. — Explica isso! Achei que você trabalhasse para Vonnegut!

Niklas junta as mãos atrás das costas.

— Se quer mesmo saber, tudo bem. Eu conto.

Ele anda de um lado para outro diante de mim e para no mesmo lugar. Mas não consigo deixar de notar Stephens no fundo, o brilho de uma lâmina prateada em sua mão. Ele continua pronto, segurando um punhal na altura do quadril com a expressão de quem está louco para me atacar.

— Quando eu descobri o que aconteceu em Los Angeles, sabia que, se você ainda estivesse viva, Hamburg ia querer garantir que isso não durasse muito tempo — começa Niklas. — Você escapou. Não havia sinal de você no restaurante, nem entre os corpos que foram encontrados no hotel. — Uma imagem do rosto de Eric e Dahlia atravessa minha mente como um soco no estômago. — Você escapou e eu sabia que devia ser porque Victor a ajudou. De repente, Hamburg, Stephens e eu tínhamos algo em comum. Eu queria encontrar o meu irmão. Eles queriam encontrar você. Eu sabia que vocês estariam juntos, então eis o denominador comum.

Meus pulsos erguidos pelas correias já estão doendo, o peso do meu corpo põe muita pressão sobre eles. Sinto meu rosto repuxando enquanto ele fala.

— Por que você não podia achar o Victor sozinho? — pergunto, tentando disfarçar meu desconforto. — Ou por que eles não podiam me achar sem a sua ajuda?

— Eles tinham informações sobre você que eu não tinha — explica Niklas. — Estavam vigiando você havia meses, desde a noite em que você e Victor saíram da mansão.

Rio alto, jogando a cabeça para trás.

— Isso é uma mentira de merda. Se for verdade, por que eles não me mataram antes?

Stephens se aproxima por trás de Niklas.

— Porque Victor Faust ameaçou Arthur Hamburg naquela noite — conta Stephens. — Ele não quis fazer nada que provocasse um novo ataque de Victor Faust. Eu vigiava você só por segurança. Sabia onde você morava, pois é fácil encontrar e seguir uma pessoa que sai de um hospital de Los Angeles depois de levar um tiro. E sabia onde você trabalhava. Com quem andava. Os lugares que frequentava. Pesquisei o passado de Dina Gregory e descobri tudo o que havia para saber sobre a família dela. Também não foi difícil localizá-la, mais tarde.

Meu nariz e minha boca se retorcem em um rosnado.

— Isso ainda não explica por que vocês se juntaram para nos encontrar — observo, com frieza, pensando mais no que ele estava dizendo sobre Dina. E a verdade é que não me importa muito por que eles estão trabalhando juntos. Só estou tentando enrolá-los, prolongando a conversa pelo maior tempo possível.

Stephens e Niklas trocam de lugar, e então Stephens se aproxima de mim. Ele segura a lâmina entre os dedos diante dos meus olhos, para que eu a veja e me sinta intimidada por ela.

Ele me encara de lado, estreitando os olhos.

— Você deve se lembrar do que Victor Faust fez com a mulher de Arthur Hamburg. Com certeza não acha que ele ia simplesmente esquecer isso. — Stephens se curva mais para perto do meu rosto, e seu hálito de vinho barato e charuto me deixa zozza de nojo. — Meu empregador quer ver Faust morto desde a noite em que ele matou a sra. Hamburg. Nós sabíamos onde você estava o tempo todo, mas não fazíamos ideia de onde Faust estava e não tínhamos motivos para crer que você soubesse. E com certeza não sabíamos que ele dava a mínima para você. Acho que ele não se importava, na verdade, caso contrário jamais teria deixado você sozinha daquele jeito. — Um sorriso provocador surge em seu rosto.

Quando ele se afasta, lanço a cabeça para a frente, esperando acertá-lo com os dentes, mas ele foge do meu alcance rápido demais. Fecho os dedos ao redor das correias acima de mim e ergo o corpo por um momento para aliviar a pressão nos meus pulsos. Caio de novo com violência, agitando a estrutura.

Niklas sorri.

Cuspo nele, mas não chego nem perto de atingi-lo.

— Eles não conseguem encontrar Victor sem mim — diz Niklas. — E eu não consigo encontrá-lo sem você. — Ele chega perto de mim de novo, e, embora saiba que conseguiria cuspir nele sem errar, não o faço. A expressão daqueles olhos azul-escuros me deixa submissa de medo. — Por isso entramos em um acordo. Eles me ajudam a encontrar você e eu mato meu irmão para eles.

— VAI SE FODER! — Jogo a cabeça para trás e lhe dou uma cabeçada na testa. A dor penetra minhas têmporas e meu maxilar, e minha visão fica embaçada por um momento.

Niklas se afasta de mim, claramente atordoado pelo golpe, mas não revida. Ele se vira para Stephens, e é este quem faz as honras. Começo a espernear quando ele se aproxima de mim com o punhal.

— Willem — chama Niklas, atrás dele, em um tom estranhamente despreocupado.

Stephens não se vira para olhá-lo, mas para.

— Eu preciso dela viva — afirma Niklas. — Lembre-se disso. Lembre-se do nosso acordo. Eu descubro o que preciso saber, e depois você pode fazer o que quiser com ela.

Balanço a cabeça e rio deles sem emitir som.

— Eu não vou contar nada para você — digo, com rispidez. — Você não vai conseguir me dobrar, seu merda. Você acha que consegue, mas está *muito* enganado. Você nem faz ideia. — Minha voz está calma, o que me surpreende.

— Bom, isso nós vamos ver — rebate Niklas.

Ele gira sobre os calcanhares e se afasta, o som de seus sapatos pisando no concreto ecoa pelo galpão e some quando ele desaparece do outro lado de uma porta de metal.

O sorriso de Stephens está maior, agora que Niklas foi embora.

E acabo de ficar com mais medo dele.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Victor

Dois dias depois...

Da tela do laptop, a imagem congelada do rosto suado e ensanguentado de Sarai me encara. Assisti milhões de vezes ao vídeo em que Stephens aparece batendo nela e meu irmão tenta em vão fazê-la falar. É uma agonia ver Sarai desse jeito, observar aquele homem, que logo estará morto, machucando-a. É uma agonia também não poder fazer nada a respeito.

Ainda não.

— Ela não vai falar — diz Fredrik, atrás de mim, com uma profunda preocupação com o bem-estar de Sarai em suas palavras.

Ele está à porta do escritório da minha casa em Albuquerque, agora livre dos cadáveres depois que demos um jeito neles. Eu me recuso a abandonar esta casa. Se Stephens me quiser, pode mandar seus homens para cá à vontade. Meu irmão, por outro lado, quer informações primeiro, e todos eles sabem que não conseguirão isso de *mim*.

— Victor — chama Fredrik de novo, com urgência e até certa súplica. — Você precisa fazer alguma coisa. A gente não pode ficar parado aqui. Eles vão matar Sarai.

— Não tem nada que a gente possa fazer — repito, pois já expliquei isso para ele. E, por mais que me machuque fazer isso, explico tudo de novo. — Não faço ideia de onde ela esteja, Fredrik. Niklas não vai revelar a localização deles enquanto não obtiver a informação que quer. *Conheço* o meu irmão. Ele é esperto. Não vai arriscar me enfrentar. Não desse jeito. Vonnegut quer mais do que a minha cabeça, ele quer informações. Niklas vai tirar o que precisa de Sarai, e depois me mandar outra mensagem me dizendo onde encontrá-la. Irei

atrás dela, e ele sabe disso. E aí ele vai me pegar. Vai ter a mim e todas as informações sobre você, sobre a nossa operação e sobre os nossos contatos.

— E daí?!

Eu me levanto da cadeira da escrivaninha, fazendo-a deslizar pelo chão e bater na parede mais próxima.

— VOCÊ ACHA QUE EU ESTOU *GOSTANDO* DISSO? — Aponto para ele e depois para o chão.

Me acalmo, controlo a respiração e olho para meu reflexo impreciso nos meus sapatos pretos de verniz.

— Victor, eu não entendo. Por que *você* não dá a eles o que querem?

Não entendo por que Fredrik, o mestre dos interrogadores, queira tanto que Sarai fale, que sua preocupação com ela esteja me revelando outro lado dele.

Isso também me preocupa.

— Não é tão simples assim. — Levanto os olhos para ele. — Mesmo se eu contar a Niklas o que ele quer saber, Sarai vai morrer. Aliás, ela vai morrer muito antes se eu ceder, se eu entregar você e todos os envolvidos na nossa operação. Quanto mais ela resistir, e quanto mais eu resistir, mais ela vai viver. Até eu pensar no que fazer.

Fredrik se apoia no batente da porta, cruzando os braços. Ele suspira.

— Mas já faz dois dias. Ela não vai aguentar muito mais tempo.

— Ela vai aguentar — digo, confiante.

Eu me viro e olho para o vídeo pausado na tela, as pontas dos meus dedos apoiadas na borda da escrivaninha.

— Então como a gente vai encontrar Sarai?

Olho para o rosto dela por um momento longo e tenso, então fecho o laptop.

— Eu vou encontrá-la.

Sarai

O fedor da minha urina no chão, no canto desta sala escura onde estou trancada há dois dias, está se tornando insuportável. Eu me deito no concreto frio e sujo, com a bochecha apoiada no chão áspero e granulado. Minhas costas ardem, queimam como se as feridas infligidas pelo chicote que Stephens usou para me bater estivessem infeccionando. Aconteceu na noite passada, quando Niklas me deixou sozinha nesta sala. Quando ele voltou, Stephens já tinha me espancado tanto que desmaiei por um tempo com a dor e acordei deitada em uma poça de vômito. Ouvi Niklas e Stephens discutindo fora da sala, do outro lado da porta alta de metal. Niklas não aprovava o modo como Stephens estava me tratando e deixou isso claro.

— EU PRECISO DELA VIVA, PORRA! — gritou Niklas com Stephens. — VOCÊ VAI MATAR SARAI, BATENDO TANTO ASSIM!

Odeio Niklas pelo que ele fez. Comigo. Com Victor. Pelo que está fazendo agora, mantendo-me neste lugar. Mas uma pequena parte de mim está grata por ele não tolerar a brutalidade de Stephens. Não importa, para mim, que ele só esteja sendo intolerante porque me quer viva para revelar informações. Aceito qualquer ajuda que vier.

Ouçõ o trinco deslizar na porta de metal da minha cela. A porta se abre, raspando um pouco no chão.

Niklas entra. Está trazendo um prato de comida e uma garrafa de água. Outro homem fecha a porta e a tranca.

— Nem se incomode — digo do meu lugar no chão, quando ele se aproxima. — Já que você não me mata nem deixa Stephens me matar, talvez eu morra mais rápido de desidratação.

Niklas põe a comida no chão ao meu lado. Levanto o corpo do chão e a jogo longe com um tapa. Apoiando as mãos na parede, eu me sento, tentando não apoiar as costas por causa dos ferimentos. Minhas costelas também doem. E meu pulso esquerdo. Meu lábio inferior parece inchado. Sinto gosto de sangue na boca. Metálico. Nojento.

— Por que não fala de uma vez? — sugere Niklas, com ar de resignação. Ele está cansado de tudo isso, do tempo que está perdendo. — Você pode encerrar esta noite agora mesmo, é só me contar o que eu quero saber.

Não digo nada.

Niklas se senta no chão diante de mim. Ele sabe que estou fraca demais para resistir. Já tentei, e isso só tornou a dor nas costelas e nas costas mais insuportável.

— É melhor eu olhar as suas costas — sugere ele.

— Por que você se importa, caralho? Ah, esqueci, porque precisa descobrir o que eu sei. — Inclino a cabeça para perto dele, com os olhos cheios de um ódio inabalável. — A verdade é que eu sei *tudo*. Sei com quem Victor está envolvido, quem está ajudando, onde ficam seis abrigos dele. Sei *tudo*, Niklas, e não vou contar *nada*!

Faço uma careta e cubro as costelas com os braços quando uma pontada de dor atravessa meu corpo.

— Muito bem. — Ele fica de pé.

Ele vai até a comida, coloca tudo de volta no prato (um sanduíche destruído, alguns pickles e um punhado de batatas fritas) e pega a garrafa d'água do chão. Ele volta e coloca tudo perto dos meus pés.

Então se agacha na minha frente.

— Ele não vem salvar você, Sarai — afirma Niklas, com tranquilidade.

Estendo o braço com o pouco de força que me resta para agarrá-lo, mas paro de repente, querendo ouvir o que ele tem a dizer. Não importa que eu não vá acreditar. Quero ouvir mesmo assim.

Seus olhos azuis parecem se suavizar.

— Mandei dois vídeos de você para o meu irmão. Dei a ele a localização de onde estamos, disse onde você estava. Era uma chance de se entregar. De

revelar as informações. Mas ele não respondeu. — Então Niklas abre a mão, com a palma para cima, e mostra a sala com um gesto enquanto apoia os braços nas pernas. — E você pode ver que ele não está aqui. Dois dias e nada. — Ele baixa a mão. — Victor não vem salvar você. Quer saber por quê? Vou contar. Porque o trabalho sempre vai ser a prioridade na vida dele. Ele nunca vai cometer os mesmos erros que Fredrik Gustavsson cometeu por causa de uma mulher.

Levanto o queixo.

— Ah, mas isso não é verdade — digo, com desdém. — Ele traiu você por minha causa, lembra? Você mesmo disse isso. Saiu da Ordem por minha causa. Ele quase matou o próprio irmão por minha causa. Lembra, Niklas? — Cutuco a ferida, fitando seus olhos furiosos enquanto tento resistir à dor física.

Niklas abre um sorriso malicioso.

— Sim, ele fez tudo isso. Mas eu via no meu irmão o desejo de se libertar de Vonnegut bem antes de você entrar na vida dele. E ele não está mais na Ordem agora. Está livre de tudo, e, sim, você foi uma parte importante disso, do motivo para ele sair. Você deu o empurrão de que ele precisava, acho. — Ele volta a me olhar com uma expressão severa. — Mas você não vê o que não mudou? Pense, Sarai. Em vez de se libertar de uma vida de assassinatos, como qualquer um em seu juízo perfeito faria, como qualquer um que tivesse uma consciência faria, ele cria sua própria Ordem. Ainda pensa apenas no trabalho. Apenas em matar para ganhar a vida. Porque é só o que ele sabe fazer, e nunca vai aprender outra coisa. — Niklas balança a cabeça para mim, como se sentisse pena da minha ignorância por não ter visto as coisas que ele viu.

Desvio o olhar.

Uma parte de mim, uma parte envergonhada e culpada, não consegue deixar de acreditar nele, no fim das contas.

Niklas se levanta novamente.

— Acredite no que quiser, Sarai — continua ele, baixinho. — Mas você sabe tão bem quanto eu que, se ele viesse salvar você, já teria chegado.

Niklas vai até a porta de metal, bate duas vezes e o homem do outro lado abre. Ele sai e eu fico no escuro de novo, rodeada por paredes escuras, um teto

escuro e pensamentos escuros, que estão partindo meu coração em mil pedaços minúsculos.

Não importa.

Se as coisas que Niklas me disse são verdade e Victor não vier me buscar, mesmo assim vou morrer sem contar nada.

Vou morrer aqui.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Sarai

Terceiro dia

Estou recusando comida e água há quase 63 horas. Só sei disso porque Niklas fica me lembrando. Estou fraca, meu corpo e minha mente estão exaustos. Stephens não me bate desde que Niklas o impediu da outra vez. É só por causa de Niklas que ainda estou viva. Afinal, ainda não revelei nenhuma informação. Apenas que ele é um babaca traidor que não merece o ar que respira. Já disse a ele muitas e muitas vezes que vou morrer antes de entregar Victor. Acho que ele sabe que é verdade, que eu não posso ser dobrada.

A não ser... Talvez por meus pensamentos.

Meus pensamentos são tudo o que tenho nesta prisão escura e úmida cujas paredes bloqueiam toda luz, à noite ou de dia, sem nenhuma janela e só uma porta de metal que não deixa passar nem uma nesga de luz por baixo. Aquela voz em minha cabeça, aquela à qual nunca damos ouvidos até que não sobre mais nada para silenciá-la, tem sido muito cruel comigo. *Niklas tem razão e você sabe*, a voz me diz. *Já se passaram três dias, e se o que Niklas falou sobre Victor saber onde você está for verdade, por que ele não apareceu? Por que, Sarai, Victor não se entregou por você e não contou a Niklas o que ele quer saber para salvar a sua vida?*

Grito a plenos pulmões no espaço vazio e confinado, levando as mãos à cabeça. Lágrimas de raiva escorrem dos cantos dos olhos. Meu cabelo está encharcado de suor. Meu short e meu top preto parecem colados à pele. Meus joelhos nus estão arranhados, minhas pernas, cobertas de sujeira. Minhas costas ardem sempre que me posiciono do jeito errado e as crostas que estão se formando sobre os ferimentos racham e começam a sangrar de novo. Fico deitada no chão, de lado ou de barriga para baixo.

Ouço o eco da porta de metal raspando no chão ao se abrir atrás de mim, mas nem me dou ao trabalho de me virar para ver quem é.

— Se você não vai beber — ouço Niklas dizer, de pé ao meu lado —, então vou forçar a água na sua garganta.

Sou levantada do chão imundo de concreto para os braços dele e carregada para fora da sala. Não resisto. Não olho para ele enquanto sou carregada pelo corredor, mas a luz fluorescente do teto acima de mim é tão brilhante que faço uma careta e fecho os olhos. Em silêncio, aproveito o conforto do ar renovado que roça a minha pele. Sinto minhas pernas sobre os braços de Niklas, seu braço esquerdo segurando a minha nuca. Viramos à esquerda, depois à direita e descemos uma escada de metal.

Momentos depois, minha cabeça está sendo imersa em água e mantida ali.

Meu instinto me trai e abro a boca para gritar, tragando ainda mais água para meus pulmões. Meu corpo se retorce com violência, meus braços se agitam sem controle, tentando se segurar na borda grossa de plástico do recipiente onde estou sendo enfiada. Mas estou fraca demais para tirar a cabeça da água, e Niklas me segura ali com facilidade. A água queima na minha garganta e nos meus pulmões mesmo depois que consigo fechar a boca e prender a respiração. E no instante em que penso que vou me afogar, que enfim vou morrer e ficar em paz, Niklas ergue minha cabeça e a segura.

Meus instintos me traem mais uma vez e me fazem arfar em desespero por ar e tossir a água dos pulmões. Eu realmente preferiria morrer de uma vez e acabar logo com aquilo, mas meu corpo tem vontade própria, outra coisa que me vejo incapaz de controlar. Meu coração bate com tanta força que sinto meu peito roçando na borda de plástico do que reconheço ser um contêiner de 200 litros. Pingos caem do meu cabelo, da ponta do nariz, do queixo e dos cílios para a superfície da água, a poucos centímetros do meu rosto. *Plop. Plop. Plop-plop.* É surreal como isso é a única coisa que ouço.

— Quem está trabalhando com o meu irmão? — A voz de Niklas é controlada.

Não digo nada.

Ele segura um pouco mais forte o cabelo da minha nuca.

— Você foi vista com Fredrik Gustavsson em Santa Fé. Qual é o relacionamento dele com meu irmão? Eles estão conspirando contra a minha Ordem?

Nenhuma resposta.

Um fluxo de água atinge meu rosto quando ele empurra minha cabeça para dentro do contêiner. Minhas narinas e meu esôfago queimam como fogo quando a água é forçada para dentro de mim. Esperneio de novo, tentando agarrar qualquer coisa. Até que encontro a borda circular, mas ainda não tenho força suficiente para me empurrar contra as mãos de Niklas para fora da água.

Ele me puxa para fora de novo, eu engasgo, tentando respirar.

— Fale alguma coisa, Sarai. *Qualquer coisa.*

Estou fraca e exausta demais até para provocá-lo. Ainda assim, não digo nada, embora queira muito mandá-lo se foder.

Niklas só consegue uma coisa de mim antes de me carregar para fora da sala, vários minutos depois; engoli mesmo aquela água de que ele falou.

Quarto dia

Raios finos de sol, cheios de poeira, entram pelas janelas perto do teto do galpão, criando manchas de luz cor de marfim no chão à minha frente. Estou de volta à cadeira na sala maior, cercada por pilastras de concreto e aquele irritante ventilador industrial ininterrupto acima de mim. Meus pulsos e tornozelos não estão amarrados, mas seria desnecessário, pois mal consigo ficar de pé sozinha. Não estou completamente sem força física. Conseguiria andar se tentasse. Poderia jogar a cadeira para o outro lado da sala, embora só alguns metros, se quisesse. Mas não me importo mais.

Apenas não me importo mais.

Stephens está sentado diante de mim na mesma cadeira na qual estive quatro dias atrás. Uma perna está cruzada sobre a outra e suas grandes mãos descansam sobre o joelho. Há uma expressão ameaçadora em seus olhos escuros e profundos; ela revela que ele está cansado de esperar. Que *hoje* é o dia. Que

não importa o que eu diga ou deixe de dizer, não importa qual seja o acordo que ele tem com Niklas, hoje ele vai me matar.

Niklas entra no galpão por uma porta lateral, inundando-o por um instante com o sol forte da manhã. Ele havia saído com os outros quatro homens que pelo visto trabalham para Stephens. Eu os ouvi conversando algo sobre ficar de olho em qualquer sinal de “visitas indesejadas”. De coração, espero que isso tenha a ver com Niklas ter motivos para crer que Victor está vindo. Mas aquela voz cruel na minha cabeça faz meu coração afundar de novo.

Estamos sozinhos naquele galpão imenso. Só nós três. Eu, o Diabo e um dos lacaios do Diabo, embora na verdade eu não saiba qual é qual.

Levanto a cabeça.

Abro um sorriso fraco para eles, fixando minha atenção sobretudo em Niklas.

— Esta é a sua última oportunidade — anuncia ele, de pé ao lado de Stephens, com uma arma na mão direita, junto ao corpo. — Não vou nem me dar ao trabalho de mandar outro vídeo de você sendo interrogada para o meu irmão. É evidente que ver você sentindo tanta dor não basta para fazer o desgraçado sair da toca.

— Me mata — peço, ainda sorrindo. — É isso que você vai ter que fazer.

O peito de Niklas infla e desinfla, mas seus olhos não abandonam os meus. Olho para eles, buscando qualquer resquício de que ele ainda possa ser como o irmão, o homem... pelo qual acho que estou me apaixonando.

O homem que achei, por um breve momento, que poderia sentir a mesma coisa.

O tempo parece parar. Não há som, movimento ou ar ao redor, só um infinito silêncio suspenso no último momento da minha vida.

E, quando sinto meus olhos se fechando, no mesmo ínterim, Niklas levanta a arma de lado e puxa o gatilho. O tiro ecoa e o sangue esguicha do outro lado da cabeça de Stephens. A cadeira debaixo dele cai de lado quando o peso de seu corpo enorme desaba sobre ela.

Stephens cai no chão. Morto.

Sinto meus cílios enfim roçarem no rosto quando os olhos se fecham, e o meu corpo, inundado pelo alívio e exausto de tudo, começa a cair também.

Niklas encaixa os braços por baixo dos meus, me segurando antes que eu bata no chão.

— Peguei você. — Eu o ouço dizer. — Peguei você. — Sua voz parece mais distante agora, embora eu sinta que estou encostada no peito dele, e que o vento roça meu rosto quando ele me carrega pelo galpão.

— Passe ela para mim — escuto Victor dizer lá de fora, e é a última coisa que escuto.

Victor

A trama — Três semanas atrás...

Niklas está sentado diante de mim à longa mesa coberta por documentos espalhados, manchas de café e fotos de alvos futuros. Seu cabelo castanho está desgrenhado e as bordas dos seus olhos, vermelhas, pois ele bebeu demais na noite passada. Ele passa as mãos pela pilha de várias fotos de Edgar Velazco, um famigerado chefe de quadrilha venezuelano que fomos contratados para matar.

Niklas balança a cabeça, contrariado, e se reclina na cadeira, erguendo as mãos e passando-as pelo rosto.

— A gente não pode adiar isso — afirma ele, olhando para mim por cima da mesa. — Temos o paradeiro de André Costa. Precisamos resolver isso agora.

Não ergo o olhar do texto que está à minha frente.

— As coisas mudaram — digo, sem levantar a voz. Passo para a próxima folha. — Sarai é a minha prioridade. Foi inesperado, eu sei, mas não posso mudar o que ela fez. — Olho bem nos olhos dele, torcendo para que Niklas entenda e não discuta comigo. — Niklas, não vou abandonar nem prejudicar o que estamos fazendo aqui. O contrato de Edgar Velazco vai ser cumprido. Antes do prazo.

Ele suspira de novo e baixa os olhos por um momento. Depois tira um cigarro do maço na mesa diante dele. Pondo-o entre os lábios, ele o acende com um estalo do isqueiro.

Niklas sabe que não gosto quando ele fuma aqui dentro, mas acho que preciso dar uma folga ao meu irmão, considerando tudo o que ele fez por mim e por Sarai nos últimos meses.

— Sem querer desrespeitar você, irmão — começa Niklas, com a fumaça saindo de seus lábios —, mas o que vai fazer com ela? Você não pode levar uma vida dupla e sabe disso. E a gente não pode usar nossos recursos eternamente para fazer serviço de babá, não para alguém como ela, que não é fácil acompanhar. Ela é tão impulsiva quanto eu era com 23 anos.

Concordo com um aceno.

— Sim, nisso você tem razão. Ela é mais parecida com você do que eu gosto de admitir.

Niklas sorri e bate as cinzas do cigarro no cinzeirinho de plástico.

— Ah, vamos lá, irmão, eu não sou tão ruim assim, sou?

Não preciso responder a essa pergunta, e Niklas sabe.

Ele dá mais uma tragada rápida no cigarro e o deixa na borda do cinzeiro.

— Então o que você vai fazer?

Niklas relaxa as costas na cadeira novamente e entrelaça os dedos atrás da cabeça.

— Tem certeza de que quer saber a resposta?

Isso parece atíçar sua curiosidade.

— Porra, claro que quero. — Ele tira as mãos da nuca e se inclina para a frente, apoiando os braços no tampo da mesa, com ar preocupado. — O que você fez?

Espero um minuto e respondo:

— Enquanto estávamos na casa de Fredrik, depois de muitas súplicas, e das ameaças de Sarai sobre sua segurança, concordei em ajudar a treiná-la.

— *O quê?*

— Sim — confirmo, pois ele parece precisar disso. — Ela está determinada a matar Hamburg e Stephens com as próprias mãos. Eu poderia fazer isso, mas...

— Você *deveria* fazer isso, Victor.

— Não — retruco, balançando a cabeça. — Dei a ela minha palavra...

— E daí, caralho? — rebate Niklas. — Victor, isso é suicídio. Onde é que você estava com a cabeça?

Ele pega o cigarro de novo e dá um trago mais longo, como se estivesse precisando da nicotina para acalmar os nervos. Esticando o pescoço, ele solta uma fumaça espessa dos lábios.

— Já pensei nisso antes, bem antes que ela inventasse essa confusão com Hamburg, bem antes que ela me desse o ultimato. Eu a quero *comigo*, Niklas. Quero treiná-la. Acho que ela é capaz de conseguir. E ela se recusa a ser tratada como uma criança. Por qualquer um. Especialmente por mim.

— E se ela *não* conseguir? — Niklas olha para mim, com uma expressão sincera e preocupada. Preocupação comigo, não necessariamente com Sarai. — Victor, você está se metendo em uma vida de sofrimento. Apaixonar-se por alguém. — Ele ri com desprezo, embora mais de si mesmo, eu sei. — Eu já me apaixonei uma vez, você lembra, e veja como acabei. Como *ela* acabou. Ela acabou morta e eu, destruído por causa disso. — Ele balança a cabeça. — E preciso lembrar o que aconteceu quando Fredrik se apaixonou? Não, achei que não precisava mesmo.

Ele fica de pé e apaga o cigarro no cinzeiro.

— Sinto muito, Victor, mas acho que essa ideia é ruim pra caralho.

— Mas é a única ideia — digo, sem perder a calma. — E espero que você a respeite o suficiente para não termos uma repetição do incidente de Los Angeles.

Eu sabia que minhas palavras iriam incomodá-lo. Usar o incidente no qual ele atirou nela em um hotel, um incidente que ele considerava já superado. Niklas me encara com ressentimento e dor no olhar.

— *Sério*, irmão? — pergunta ele, descrente, apoiando as mãos na borda da mesa e se curvando para a frente. — Depois de tudo o que fiz nestes meses para ajudar a *proteger* essa garota? Depois que dei minha palavra de irmão, de *sangue do seu sangue*, de que nunca mais iria fazer nada para machucá-la? Se eu quisesse, já poderia ter matado Sarai mil vezes. Você *sabe*, Victor. Achei que a gente já tivesse superado isso.

Abaixo o olhar, deixando a culpa que sinto fazer o que quiser comigo. Niklas é leal a mim. Sempre foi. Quando atirou em Sarai em Los Angeles e tentou matá-la, foi só por causa de seu amor e lealdade a mim. Porque ele sabia

que a forma como ela me afetou seria minha perdição, que eu acabaria morrendo por esse motivo. E, embora eu não justifique o que ele fez e jamais vá perdoá-lo por isso — e ele sabe —, entendo os motivos, de qualquer forma.

Em uma vida como a nossa, às vezes precisamos fazer coisas terríveis com quem amamos a fim de abrir um caminho para novos começos. Meu irmão, por mais insuportável que seja, não é exceção. Aliás, ele é um exemplo claro dessa regra.

E hoje as coisas estão diferentes. Ele não vai matar Sarai, mas não vai hesitar em matar *por* Sarai.

— Eu confio em você, Niklas. Espero que acredite nisso.

Ele assente devagar, aceitando minhas desculpas e parecendo absorto em pensamentos.

— Não estou pedindo que você prove isso, Victor. Mas tem uma coisa que precisa ser feita. Pelo bem do nosso negócio. Pelo bem da nossa vida. — Ele começa a andar de um lado para outro na frente da mesa.

— O que é? — pergunto, olhando-o da minha cadeira.

Ele para ao lado da mesa, cruza os braços e me encara com desconforto no rosto.

— Se Sarai vai se envolver nas nossas operações de qualquer maneira — começa ele, com cuidado —, você sabe que ela precisa passar pelo mesmo nível de testes que qualquer outra pessoa que trabalha para nós enfrentaria. Só porque você sente algo por ela não significa que essa regra deva mudar.

— O que você está sugerindo?

Sei exatamente do que ele está falando, mas o que quero saber, na verdade, é até onde ele quer ir com isso. Niklas não costuma fazer nada pela metade. Ele continua:

— Eu estou dizendo que sei que você não quer passar pelo que Fredrik passou com Seraphina. E sei que você não quer lidar com outra Samantha. A lealdade de Sarai a você precisa ser testada. Não digo isso como forma de me vingar dela nem porque quero que ela traia você para provar alguma coisa. — Ele ergue as mãos. — Só quero ter certeza de que a gente pode confiar nela, de que, se um dia ela for capturada, não vai ceder e entregar a gente.

— Eu confio nela. Sei que ela não me trairia. Confio nela.

Não importa quantas vezes eu diga essas palavras em voz alta ou na minha cabeça. *Confio nela. Confio em Sarai. Confio nela.* Sei que Niklas tem razão. Há muita coisa em jogo. Nossos negócios no mercado negro, nossa vida e a vida de muitas pessoas que trabalham para nós. E com Vonnegut e a Ordem atrás de mim, não posso me arriscar.

— O que você propõe? — pergunto, aceitando a verdade.

Niklas balança a cabeça, aliviado com a minha cooperação e compreensão.

Ele respira fundo e se prepara para explicar.

— Vou abordar Hamburg. Ganhar a confiança dele fingindo que estou vendendo você para ele. Ele vai acreditar que sou só um irmão que não perdoa e que foi incumbido pela minha própria Ordem de matar você, já que saiu da organização e traiu a nós todos. Tudo pelo amor de uma garota. Uma garota que, não é segredo, Hamburg agora quer ver morta mais do que nunca.

Concordo antes que ele termine de explicar, com uma imagem nítida da situação na minha mente. Niklas continua o raciocínio:

— Na hora certa, vou levar os homens de Hamburg até Sarai...

Niklas continua a explicar a trama para iniciar Sarai e ao mesmo tempo ter Hamburg e Stephens onde queremos que eles estejam.

— Mas não quero que ela se machuque. Se fizermos isso, você precisa me dar a sua palavra de que não vai deixar ninguém ir longe demais. Que *você* não vai longe demais. — Estreito o olhar para ele.

— Quanto ela aguenta? — pergunta Niklas.

— Ela aguenta muito. É forte. Mas, antes que isso aconteça, quero que ela treine o máximo que puder. Posso levá-la para Spencer e Jacquelyn, em Santa Fé. A experiência vai fortalecê-la um pouco mais. Deixe-me prepará-la o máximo possível no curto tempo que temos antes de começar essa história.

— Certo — concorda Niklas.

— Sabe que ela vai odiar você ainda mais quando tudo isso acabar.

Niklas assente.

— É, imagino que sim. Mas não me importa quanto ela me odeie. Não sou eu quem tem que dormir com ela. — Ele ri, baixinho. — É um risco que estou

disposto a correr em nome de tudo. A verdadeira preocupação é: quanto ela vai odiar *voce*, depois que tudo isso acabar.

Desvio o olhar e fito a parede.

— É um risco que eu também estou disposto a correr — digo, distraído.

— Talvez ela entenda — comenta Niklas, tentando acalmar os pensamentos preocupados que estampam meu rosto. — Se ela se juntar a nós, se vai se juntar a *voce*, vai precisar saber como e quando separar a relação entre o trabalho de vocês e o relacionamento afetivo.

— Sim. Ela vai precisar aprender isso.

Ele bate de leve na mesa.

— E, se ela é tão forte quanto você diz, vai entender e superar.

Fico em silêncio.

— Então está combinado. Vou para Los Angeles à noite. Tenho mesmo uma reunião com Fredrik.

— Presumo que ele ainda não tenha falado nada a meu respeito para você.

— Não — confirma Niklas. — O cara é tão firme quanto um católico em um confessionário. Ele não vai trair você, Victor. Por que ainda tem medo de que ele faça isso? — Niklas pega o maço de cigarro e a chave do carro de cima da mesa. — Ele passou no seu teste há meses. Quanto tempo o prenderam naquela sala? Seis dias? Fredrik é leal. Ninguém dobra esse cara.

— Não tenho tanta certeza — digo, olhando para os veios da madeira da mesa. — Você parece esquecer qual é a especialidade de Fredrik. Ele tortura as pessoas com brutalidade e sente prazer nisso. Acho que se alguém pode passar por um interrogatório sem ceder, esse alguém é Fredrik Gustavsson.

Niklas me olha de lado.

— O que você está pensando? — pergunta ele, intrigado com meu raciocínio.

Olho para ele.

— Tenho mais um teste que preciso fazer com Fredrik. Se eu o deixar a sós com Sarai, ele vai acreditar que confio nele cem por cento. Vai parecer que eu abaixei a guarda. — Eu me levanto e vou até a estante, refletindo sobre o novo plano que acabo de elaborar. — Se ele entrar em contato com você e contar

que está com Sarai, então saberemos que sua lealdade na verdade está com a Ordem. Sarai é a isca perfeita. Qual é a melhor maneira de permitir que Vonnegut me atraia do que usar a garota pela qual eu...

Ficamos em silêncio. Sinto o olhar inquisidor de Niklas nas minhas costas.

— A garota pela qual você está se apaixonando?

Faço uma pausa.

— Sim...

CAPÍTULO VINTE E OITO

Sarai

Não falo com Victor há horas. Três, pelo menos. Deixei que ele me despisse, me desse banho e cuidasse dos meus ferimentos. Eu o ouvi “se explicar”, mas de uma maneira que só alguém tão travado para relacionamentos quanto Victor Faust poderia fazer. Não implorou para que eu falasse com ele, para que acabasse com o gelo. Ele só falou. Tão calmo quanto em qualquer outra conversa que já teve comigo, embora dessa vez o papo tenha sido bem unilateral. Mas detectei a preocupação em sua voz, ainda que ele a tenha disfarçado bem. Senti, quando me tocou enquanto escovava meu cabelo e limpava a sujeira das feridas nas minhas costas, que ele queria me tocar com mais carinho. Queria me puxar para perto e me abraçar. Mas eu sabia que ele não queria passar dos limites.

E foi esperto em não passar, porque levaria um soco na cara.

Ao anoitecer, embora exausta e ainda dolorida da cabeça aos pés, estou bem o suficiente para andar pela casa sozinha, mas com cuidado, porque minhas costas estão bem detonadas. Victor me deixou sozinha no quarto da casa em Albuquerque. Eu precisava de um tempo para pensar em tudo o que aconteceu, pelo que ele e Niklas me fizeram passar. Precisava de tempo para refletir sobre os motivos de Victor. Eu estava cagando e andando para os motivos de Niklas ou para o papel que ele teve naquilo. Niklas não merece meu tempo, muito menos meus pensamentos. Victor, por outro lado... Parte de mim quer se sentir traída, como se essa fosse a reação normal. Sinto que deveria me encolher no chão e chorar, esmurrar as paredes, chafurdar na autopiedade, também apenas porque essa tende a ser a reação esperada. Mas não sou assim. E não sou normal. E nada na minha vida ou na vida de Victor chega *perto* de ser normal.

Sei que Victor está se perguntando o que estou pensando. Ele se preocupa com o tamanho da raiva que sinto dele, se ela é tão profunda que eu nunca mais vou conseguir perdôá-lo. Sei que ele deve estar convencido de que meu silêncio é a única resposta que vou lhe dar.

Mas ele está enganado.

Ele entra no quarto para pegar algo em sua maleta, e eu o intercepto.

— Foi ideia de Niklas? — pergunto, da cama.

Torço muito para que tenha sido.

Victor para diante da porta, de costas para mim. Em vez de abrir por completo, ele a fecha. Deixando a pasta preta que tirou da maleta na cômoda alta perto da porta, ele se aproxima de mim. Sua camisa preta está para fora da calça. As mangas compridas estão arregaçadas até os cotovelos, expondo a virilidade de seus antebraços e a força de suas mãos.

Desencosto os ombros da cabeceira e me sento na beirada da cama, pondo os pés no chão. Estou usando uma blusinha vermelha folgada e fina que não adere muito às minhas costas e um short de ginástica.

— Sim, tecnicamente, foi.

— *Tecnicamente?* — pergunto, franzindo o cenho.

Ele se senta ao meu lado, com os braços sobre as pernas e as mãos nos joelhos.

— Ninguém está isento dos testes. Niklas apenas teve que me lembrar disso, no seu caso. É uma questão de confiança...

— Você já não confiava em mim?

— Sim, confiava — assume ele, olhando para a frente. — Mas o que fizemos você passar era necessário, Sarai. Você queria fazer parte. *Eu* queria que você fizesse parte. Para isso acontecer, teria que ser feito de acordo com as regras, ou sempre haveria um conflito com os outros membros. Meu juízo seria sempre questionado. Você estaria sempre sob suspeita. Ninguém está isento. Fredrik não estava. Aquele homem nos fundos do restaurante de Hamburg, que ajudou você a fugir. O homem que leva a sra. Gregory para os nossos abrigos.

— E Amelia? Ela não sabia nada sobre o que você e Fredrik fazem, pelo que você me contou. Ou isso também era mentira? *Ela* foi espancada como eu fui?

— Não — responde ele, olhando para mim. — Não era mentira. E, não, ela não passou por nada do que você passou. Testamos de outras maneiras a confiabilidade de Amelia e de outros como ela, aqueles que não sabem nada sobre o que fazemos. Mas, para aqueles que estão por *dentro*, que sabem tanto quanto *você* sabe sobre nós, os testes são mais... extensivos.

Desvio o olhar.

— Você mandou Stephens para a casa de Amelia? — pergunto, baixinho.

— Não — responde Victor, e me viro para encará-lo à minha esquerda, desconfiada.

— Então como eles sabiam sobre ela? Como sabiam que Dina esteve lá? — A raiva aumenta na minha voz. — Você pôs Dina em risco? Por favor, diga a verdade!

Victor balança a cabeça antes mesmo que eu termine de perguntar.

— É verdade. Talvez a gente nunca saiba ao certo como Stephens descobriu sobre Amelia, ou que a sra. Gregory estava escondida lá. Quem poderia responder a essa pergunta agora está morto. Mas posso garantir que nem eu nem Niklas nem mesmo Fredrik tivemos qualquer coisa a ver com isso. Podem ter acontecido várias coisas, Sarai. A sra. Gregory pode ter entrado em contato com algum parente em algum momento. — Ele gesticula ao falar. — Pode ter acessado sua conta bancária, revelando sua localização.

— Stephens poderia ter me *matado* — digo, com amargura, pulando de um assunto para outro. — Ele queria tanto me matar que teria atirado em mim, se Niklas não tivesse atirado nele primeiro. E se ele tivesse me matado dias antes? E se Stephens tivesse me espancado até a morte? — Meu peito sobe e desce enquanto tento conter minha raiva.

Victor suspira e olha para as mãos, passando os dedos da direita nas costas da esquerda, constrangido.

— Sinto muito por isso — diz ele, arrependido, e então ergue os olhos devagar. — Sim, era possível que Stephens matasse você, não nego, mas eu sabia que Niklas faria de tudo para que isso não acontecesse.

Rio com descrença e desdém.

— *Niklas?* — pergunto, incrédula. — O mesmo que *atirou* em mim? Você está me dizendo que botou fé em alguém que me quer morta desde a primeira vez que me viu? — Começo a levantar a voz, e Victor passa a demonstrar sinais de constrangimento.

— Talvez eu nunca consiga fazer você entender — reflete ele, ainda controlado. — Mas sei que Niklas nunca vai machucá-la. Nós dois passamos por muita coisa desde que saí da Ordem. Chegamos a um entendimento. Ele aceita você...

— Eu não *preciso* que ele me aceite! — Fico de pé em um salto e o encaro de cima, com os punhos cerrados. — Niklas é a última pessoa da Terra de quem necessito qualquer tipo de aprovação! Ele tentou me *matar*!

Ergo os punhos cerrados diante de mim e prendo a respiração, rangendo os dentes. Meu corpo enrijece, crispado de ressentimento.

Victor fica de pé e segura meus ombros. Hesitante, expiro e me acalmo, mas não consigo olhá-lo nos olhos. A sensação é a mesma de antes, quando queria me sentir traída porque seria a reação normal. Agora, quero odiá-lo pelo mesmo motivo. Mas não odeio. Posso não entender por que ele foi confiar minha vida logo a Niklas, mas acho que o único motivo de não entender é porque não quero. *Quero* sentir raiva. *Quero* ser inflexível. Porque é mais fácil do que aceitar a verdade impensável: a de que Niklas merece uma chance. Porque, se eu fosse ele e estivesse tentando proteger meu irmão da Ordem, provavelmente teria atirado em mim também.

Victor afasta o cabelo do meu rosto, prendendo-o atrás das orelhas. Ele me olha por um momento como se estivesse evocando uma lembrança que tenho certeza de que me envolve de alguma forma. Como poderia não envolver? Essa expressão pensativa e encantada de seus olhos verde-azulados, o modo como ele fez questão de tocar meu rosto ao afastar meu cabelo. Quero gritar a plenos pulmões com ele, mas só consigo ficar ali e observar aqueles lindos olhos sombrios me examinando.

Ele olha para o quarto ao redor.

— Na noite em que encontrei você no meu carro — diz ele, sem olhar para mim —, na mesma hora a vi como uma ameaça. Eu queria me livrar de você. Rápido. Levar você de volta para a fortaleza, abandoná-la na estrada. Eu queria muito matar você.

Como já sabia de tudo isso, não fico surpresa, mas continuo curiosa para saber por que ele está tocando nesse assunto agora. Fico em silêncio, cruzo os braços e faço uma cara de dor quando o movimento repuxa a pele das costas.

— Eu poderia, e muitas vezes pensei que deveria ter matado você — continua Victor. — Tive todas as oportunidades. Mas não consegui.

— Você precisava de mim. Como moeda de troca. Talvez, se eu não tivesse dado essa ideia, avisado sobre o modo como Javier negociava, você *tivesse* me matado.

— Não — responde ele, em voz baixa, balançando a cabeça de leve. Então sinto seu olhar em mim e me viro. — Eu não precisava usar você como moeda de troca, Sarai. Sabia, quando saí daquele encontro com Javier Ruiz, que, quando eu contasse da recompensa que Ruiz me oferecera para matar Guzmán, no fim só seria contratado para matar Ruiz. Porque a oferta de Guzmán era mais alta do que a dele. Receber ou não a outra metade do dinheiro de Ruiz era irrelevante. Eu não precisava usar você como moeda de troca, afinal.

— Não entendo aonde você está querendo chegar — digo, e é verdade.

Victor inspira e desvia os olhos novamente.

— Naquela manhã, quando Izel estava vindo buscar você naquele hotel, antes de você acordar, minha intenção era lhe entregar para ela. Cheguei até a contar a eles onde a gente estava. Mas quando você acordou... — Ele para no meio da frase e ergue os olhos para o teto, soltando o ar dos pulmões mais uma vez, concentrado. Então Victor baixa o queixo e me olha nos olhos. — Se você não tivesse acordado, ainda estaria com Javier Ruiz, neste momento.

Com os braços cruzados, dou alguns passos na direção dele e inclino a cabeça para o lado, pensativa.

— O que você está dizendo? Eu estou aqui com você agora porque acordei antes de Izel chegar? Não entendi.

— Eu não consegui. Foi como atirar em um inocente, qualquer um que tem consciência não consegue fazer isso olhando nos olhos da pessoa. Quando você acordou, eu não consegui entregá-la.

Ainda não tenho certeza do que Victor está tentando dizer, mas sei que não foi por causa de algo ridículo como amor à primeira vista. Contudo, ao estudar seu olhar perturbado, entendo aos poucos que ele está aprendendo algo extraordinário a respeito de si próprio. Deixo que ele fale, pois parece que Victor precisa pôr aquilo para fora, exteriorizar para talvez se entender por completo.

— Batalhei a cada passo do caminho enquanto você estava comigo, dizendo a mim mesmo que precisava me livrar de você. Você era uma ameaça para mim, para o meu emprego, para a minha vida, e mais tarde ameaçou minha relação com meu irmão. Eu soube disso assim que a vi pelo retrovisor, quando você estava apontando a arma para a minha nuca, com aquela cara desesperada e assustada. Você ameaçava *tudo*. Mas, pela primeira vez na vida, fui contra tudo o que eu era: um assassino treinado com uma consciência reprimida... — Seu rosto endurece e ele se aproxima de mim. — Eu poderia ter abandonado você há muito tempo, mas não abandonei. Não queria abandonar então, e não quero abandonar *agora*.

Um calafrio percorre meus braços quando Victor esfrega as mãos neles, para baixo e para cima.

— Sinto muito por tudo o que você passou — diz ele, baixinho. — Quero que você fique, mais do que tudo, mas, se não quiser ter mais nada a ver comigo, eu vou entender. — Ele pressiona os lábios no alto da minha cabeça e vai até a porta, pegando a pasta preta do gaveteiro.

— Victor? — chamo, baixinho, antes que ele toque a maçaneta.

Ele olha para trás.

Começo a dizer “Fico feliz que você não tenha me abandonado”, mas paro e engulo as palavras. Por mais que eu queira revelar que aquela história me tocou, que não consigo imaginar a vida sem ele, ainda estou furiosa pelo que ele fez comigo, e não posso desculpá-lo. Ainda não. Não com tanta facilidade assim.

— Era só isso? — pergunto, no lugar do que ia dizer. — O teste que eu fiz? Foi o último? Foi a única vez que vou ter que passar por algo assim? Preciso ser sincera, não quero acordar todo dia achando que vou ser sequestrada, espancada ou afogada. Não quero *não* confiar em você...

Ele põe a mão na maçaneta e a vira. A porta se abre.

Olhando para trás, ele diz:

— Não, tem só mais uma coisa.

Meu coração endurece como uma pedra quente. Por essa eu não esperava.

— O maior teste é saber se você consegue ou não trabalhar com meu irmão — diz Victor. — Mas pode confiar em mim. E pode confiar em Niklas. Você nunca mais vai passar por nada assim.

Ele faz uma pausa e completa:

— Espero que você fique.

Então sai do quarto, fechando a porta.

Algum tempo passa, e fico sozinha para pensar em tudo. Sei que *neste momento*, não ontem nem no dia em que fugi da fortaleza no carro de Victor, mas *neste momento* é que o resto da minha vida está começando.

E sei que só há uma escolha certa.

Saio do quarto e vou encontrar Victor, Fredrik e Niklas na sala. Eles estão falando que Fredrik não sabia de nada e que passou em todos os testes de Victor e Niklas. Fico escutando sobretudo os comentários de Fredrik e Niklas, pois Victor parece mais calado do que de costume.

Os três me olham quando entro na sala, interrompendo a conversa no meio de uma frase.

— Ah, aí está ela — comenta Fredrik, com um sorriso largo e lindo. Ele me chama com um gesto. — Vem sentar com a gente. Estávamos discutindo qual o próximo passo para nós quatro. — Percebo que Fredrik não tem tanta certeza da minha decisão quanto finge que tem.

Niklas apenas acena com a cabeça para mim.

Victor fica de pé e estende a mão, oferecendo o lugar ao lado dele para eu me sentar.

— Antes, preciso dizer uma coisa.

Ele põe as mãos atrás das costas e dá um passo para o lado, esperando pacientemente.

Olho para os três, um por um, e paro em Victor.

— Se eu vou ficar aqui, há algumas coisas que preciso deixar bem claras.

Um lampejo de esperança passa pelos olhos verde-azulados de Victor.

Olho para Fredrik e Niklas de novo e continuo, falando com todos:

— Eu faço o que eu bem entender. Vou seguir as ordens de Victor como vocês dois seguem, vou treinar até sangrar e não conseguir andar direito. Conheço o meu lugar. Mas não porque sou mulher ou mais jovem do que vocês. Nem porque vocês acham que vou me “machucar” — continuo, fazendo aspas com os dedos. — É *claro* que vou me machucar, mas não preciso de nenhum de vocês... — meus olhos pousam em Victor de novo — correndo para pegar uma porra de um curativo cada vez que eu cair.

Fredrik ri baixinho.

— Ei, nada contra isso — afirma ele, erguendo as mãos e deixando-as cair nos joelhos.

Olho para Niklas. No entanto, não demonstro nenhuma emoção enquanto o encaro. Acho que ainda não tenho certeza de quais deveriam ser essas emoções.

Ele abre um sorrisinho, embora eu saiba que é completamente inocente.

— Acho que você sabe que *eu* não vou correr para ajudar cada vez que você cair.

Só reviro os olhos e encaro Victor.

— Sarai... — começa Victor, mas levanto o dedo indicador para ele.

— Isso é outra coisa. Sarai Cohen morreu há muito tempo. Ela morreu quando eu tinha 14 anos e passei a primeira noite naquela fortaleza no México. — Baixo a mão e olho para cada um deles. — Quero ser chamada de agora em diante de Izabel Seyfried.

Todos se entreolham e depois balançam a cabeça, me observando.

— Izabel? — pergunta Victor, continuando de onde o interrompi.

Eu o olho nos olhos.

— Vou entender se você jamais me perdoar, mas...

— Você *me* perdoaria se fosse o contrário? — pergunto, tentando usar um argumento que ele entende na hora. — Victor, você fez o que precisava fazer, como na noite em que manipulei você para... — Paro de falar antes de revelar demais sobre nossa relação para Niklas e Fredrik. Mas percebo, pela expressão de compreensão nos olhos de Victor, que ele sabe a que me refiro.

— Mas isso está longe de ser a mesma coisa.

— Não importa. Quero dizer, só para constar, bem na frente do Bonitão e do Advogado do Diabo, que o inferno que eu enfrentei não só é perdoável, mas também foi totalmente necessário. Eu *sei* no que estou envolvida. Nós *matamos* gente, alguns de nós para ganhar a vida, outros por vingança. Não estou trabalhando em um *banco*. Muito mais do que uma pesquisa de antecedentes e uma análise de crédito precisa ser levado em conta, se vou fazer parte desse esquema. E, para ser sincera, eu me sinto muito mais segura perto de todos vocês, sabendo que são capazes de chegar a extremos assim para ter certeza de que todo mundo nesta sala é confiável. Que qualquer um que se juntar a nós mais tarde vai passar pelo mesmo inferno.

Meus olhos pousam em Victor mais uma vez.

— Não tem nada para perdoar — repito, e a expressão dele se abrandando.

Niklas se levanta da poltrona de couro.

— Sar... *Izabel* — corrige-se ele, aproximando-se de mim. — Olha, preciso dizer uma coisa. Sinto muito por atirar em você em Los Angeles. De verdade. Nunca mais vou tentar machucar você.

— Acredito em você — digo, e, pelas expressões no rosto de cada um, ninguém esperava isso. — Acho que posso afirmar com segurança que vai ser difícil para mim até ficar na mesma sala que você, Niklas. Neste momento, por exemplo, não estou gostando. Sinceramente, eu preferia nem ter que ver muito a sua cara. Acho você um babaca, um doido psicopata que deveria estar em um manicômio judiciário. Nunca vou gostar de você e duvido que um dia eu tenha algum respeito pela sua pessoa. Mas você é irmão do Victor, e quando implorei para ele não matar você foi por um motivo, e não me arrependo. Mas nunca vou gostar de você e estou avisando para não cruzar a porra do meu caminho.

Ele levanta as mãos em um gesto de rendição e dá um passo para trás.

— Ok, ok, entendi. Não cruzar o seu caminho. — Ele ri baixo.

É mais teatro do que qualquer outra coisa. Sei que ele ainda tem problemas comigo (é tão teimoso quanto eu), mas por amor a Victor vai me tolerar tanto quanto eu a ele. Desprezo aquela expressão sempre pretensiosa no rosto dele. Desprezo a sua autoconfiança e arrogância e prevejo que Niklas e eu vamos bater de frente muitas vezes. Mas, por Victor, vou aguentar.

Niklas vira de costas para mim e se dirige à poltrona.

— Niklas — chamo.

Ele para e me olha. Eu me aproximo.

— Só tem mais uma coisa que quero dizer.

— Pois não?

Ele se vira e me olha com curiosidade, esperando. Quando ele está ao alcance do meu braço, levanto o punho e o golpeio na lateral do rosto, bem na altura do maxilar. A força do soco causa um tremor doloroso na minha mão. Tento aliviar a dor abrindo e fechando os dedos, mas ela só piora.

— *Aaaaiii, caralho!* Qual é o seu problema, porra? — Niklas põe a mão no canto da boca. — Tudo bem. Entendi. Eu atirei em você e agora estamos quites. Eu mereci. — Com a mão ainda sobre a boca, como se estivesse tentando colocar o queixo no lugar, ele termina o caminho até a poltrona e se joga sobre ela.

— Isso não foi porque você atirou em mim — retruco, ríspida. — Foi por matar Stephens. Ele era *meu*. — Aponto para ele. — E o *único* jeito de estarmos quites por você ter atirado em mim é se eu atirar em você. Por isso, como já falei, não cruze o meu caminho.

Niklas olha para Victor, de pé atrás de mim, como quem diz: *Essa garota existe?* Victor não diz nada, mas quando olho para ele por um instante noto que está sorrindo.

Fredrik está jogado no sofá, com os braços no encosto e um enorme sorriso.

No fim, seguro a mão de Victor e aceito me sentar. Estou dolorida demais para ficar de pé sozinha por muito tempo. Ele me leva até o sofá e me ajuda a sentar nas almofadas macias, segurando minha mão até eu me ajeitar. E então se senta ao meu lado.

Fredrik se curva e olha para mim do outro lado de Victor, com seu sorriso sombrio e encantador intacto.

— Fico feliz que tenha se juntado a nós. Claro que ainda vai ter que treinar muito, de acordo com Faust. — Ele aponta para Victor. — Mas algo me diz que você tem um talento natural. — Ele dá uma piscadinha. — Teimosa. Imprudente. Desbocada. *Nada* delicada. Mas acho que eu não ia gostar muito de você se não fosse todas essas coisas.

— Obrigada, Fredrik — digo com sinceridade e um sorrisinho irônico.

Niklas relaxa na poltrona, apoiando seu coturno preto no joelho. Não sei por quê, mas reparo nesse detalhe. Coturnos? Eu o olho de alto a baixo. Jeans escuro. Camiseta cinza que contorna seus bíceps. Cabelo desgrenhado.

Meus olhos vão e vêm entre ele e Victor, sempre sofisticado, e não consigo deixar de me perguntar se não estou deixando passar algo importante. Olho para Fredrik do lado direito de Victor, e, como Victor, Fredrik está usando as roupas de sempre, sapatos e um terno refinado.

— Por que ele está vestido assim? — pergunto para Victor, indicando Niklas com um aceno da cabeça.

Victor olha por um instante, mas é Niklas quem responde.

— Porque prefiro isto a usar esses ternos ridículos. E, como não estou mais na Ordem, acho que posso me vestir do jeito que eu quiser.

Surpresa, volto a olhar para Victor sem mexer a cabeça.

Victor assente algumas vezes, confirmando o que Niklas disse.

— Ele saiu há alguns dias. Fredrik é o único que continua lá dentro.

— Mas... por quê? Isto é, não seria melhor que Niklas continuasse de olho em Vonnegut, sobretudo no que se refere a *você*?

— Saí porque precisei — conta Niklas. — Eu estava demorando demais para matar Victor.

— E, como era de esperar — acrescenta Victor —, Vonnegut estava começando a questionar a lealdade de Niklas. Vonnegut pode não saber que Niklas e eu somos irmãos, mas nós tivemos uma relação muito próxima de trabalho por muitos anos. Estava demorando muito e ficando arriscado demais.

Solto um suspiro preocupado e tento me reclinar no sofá, até me lembrar das minhas costas.

Olho para Fredrik.

— E você? A Ordem sabe da sua relação com Victor? Ou com Niklas, aliás?

Fredrik sorri para Victor.

— Viu? Ela já entrou de cabeça no trabalho — observa ele, com uma risadinha, e então volta a olhar para mim. — A Ordem sabe que trabalhei com Victor algumas vezes no passado, mas não mais do que qualquer outra pessoa com quem ele já trabalhou. Quanto ao irmão dele, quando Victor saiu da organização, eu fui abordado por Niklas para ajudar a encontrá-lo, agora todos sabemos disso. Eu achava que Niklas seria meu superior depois desse episódio.

— Mas Vonnegut nunca soube do meu envolvimento com Fredrik — intervém Niklas.

— Então, por enquanto — acrescenta Victor —, Fredrik está seguro na Ordem.

— E represento os únicos olhos e ouvidos deles lá dentro — intervém Fredrik.

— Uau — comento, balançando a cabeça, tentando absorver tudo isso e o que significa para nós.

— Está ficando com medo? — pergunta Niklas, abrindo um sorriso.

— Nem um pouco — respondo, sorrindo também. — Só estou tentando decidir qual serviço é mais urgente, a fortaleza no México ou eliminar a Ordem para eles pararem de caçar a gente.

Niklas sorri e parece que, ao perceber o que fez, desvia o olhar de mim.

— Acho que estou apaixonado pela sua mulher — diz Fredrik para Victor, brincando.

— Por algum motivo, duvido que você seja capaz disso — rebate Victor, despreocupado.

Ele olha para mim.

— Eu sei qual serviço é mais urgente. — Ele dá um sorrisinho e segura a minha mão.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Izabel

Poucos convidados circulam no corredor, e seus passos são fracos. Saltos altos. Sapatos elegantes. Vozes ricas fingindo estar intrigadas, dramatizando demais as coisas insignificantes da vida. Risadas artificiais. Música clássica — Bach, acho — vem do andar de baixo, tão nítida, elegante e sofisticada que me sinto em uma festa para a rainha da Inglaterra, e não sentada em um quarto escuro, com meu punhal favorito na mão. Eu o chamo de *Pérola*.

O cheiro deste quarto é o mesmo da última vez em que estive aqui: colônia demais, suor, *pot-pourri* velho e lençinhos umedecidos. Uma pesada mesa quadrada de mármore está do outro lado do quarto. Eu me lembro dessa mesa. Nunca vou esquecer o modo como Victor me curvou sobre ela, ou o porco nojento que ficou olhando quando minha calcinha desceu até os tornozelos.

Está escuro lá fora, passou das nove da noite, e o luar que entra pela varanda atrás de mim inunda a maior parte do quarto. Fiz questão de deixar as portas abertas para sentir o ar noturno na pele. Está muito quente com estas roupas apertadas. Preto do pescoço para baixo. Botas, parecidas com as de Niklas, só que as minhas têm facas escondidas no couro. Uma arma está acomodada em um coldre na minha cintura, mas só está ali para o caso de eu precisar. Gosto do meu punhal.

Eu me sento em uma cadeira no centro do quarto espaçoso, fora da suave luz acinzentada que vem da varanda. Minha perna direita está cruzada sobre a esquerda. Minhas mãos repousam no colo, o cabo de pérola do meu punhal encaixado com firmeza na mão. Bato a fina lâmina de prata na minha coxa.

Já se passaram 26 minutos desde que me sentei. Mas sou paciente. Disciplinada. Tanto quanto consigo ser, acho. Prometi a Victor que esperaria. Que ficaria sentada aqui, praticamente imóvel, até a hora certa. Eu disse que

conseguiria, que aguentaria sem correr para o andar de baixo e resolver o assunto ali. E pretendo provar. Embora admita que é difícil.

Olho para Niklas, de pé em uma sombra perto das portas da varanda, com as mãos entrelaçadas. Ele sorri para mim, achando graça da minha crescente frustração. Sorrio de volta e olho para a porta do outro lado do quarto.

Trinta e dois minutos.

Ouçõ as vozes dos dois seguranças sempre postados do lado de fora do quarto. Eles estão falando com Arthur Hamburg.

Segundos depois, a porta se abre e um clarão vindo do corredor inunda o quarto, mas não me alcança. E, com a mesma rapidez, a luz some quando o segurança fecha a porta depois que Hamburg entra. Ele não me nota ao passar pela grande cama e pela mesa de mármore.

— O que você achou do cabelo? — pergunto.

Hamburg fica imóvel na hora.

Eu me inclino para a frente na cadeira, entrando no alcance da luz.

— Preto retinto — digo, despreocupada. — Ainda me acha deslumbrante com qualquer peruca? — Uso a mão livre para tocar o penteado e exibi-lo.

As luzes do quarto se acendem quando Hamburg diz: *Acender luzes.*

— Como você entrou aqui? — pergunta ele, desesperado, seu olhar correndo pelo quarto em busca da resposta e de qualquer sinal de mais alguém.

Quando Hamburg nota Niklas e Victor de pé perto da entrada da varanda, atrás de mim, com as armas nas mãos ao lado do corpo, ele chama os guarda-costas. Mas então uma forte pancada é ouvida do lado de fora. E depois outra. Hamburg para a centímetros da entrada, sem saber mais se é seguro abri-la.

Ele me olha de novo.

Sorrio e bato com a lâmina na minha perna mais uma vez.

A porta atrás dele se abre, e Fredrik está de pé ali, segurando dois colarinhos brancos. Ele arrasta os corpos dos seguranças pelo chão de mármore e os larga. As cabeças batem ruidosamente no mármore.

Hamburg olha para Fredrik, de olhos arregalados como um peixe, seu corpo balofo imóvel, seus dedos roliços mal se mexendo sobre a calça, nervosos, como

se ele estivesse procurando por uma arma que costuma carregar e não quisesse acreditar que não está com ela quando mais é necessária.

Fredrik fecha e tranca a porta. Ele vai até os corpos, pegando-os pelos colarinhos de novo e arrastando-os pelo quarto. Não há sinal de sangue neles. Ele deve ter usado sua arma favorita, uma seringa cheia de algo letal e que não deixa vestígios.

Olho para Hamburg.

— S-sim... você fica bem de cabelo preto — afirma ele, agitado. — P-por que estão aqui? Willem está desaparecido. Eu-eu não sei onde ele está. Juro. Não o vi nem tenho notícias dele há mais de uma semana.

Sorrio e inclino a cabeça para o lado.

— É porque ele está morto — digo, sem rodeios.

Hamburg olha para Victor atrás de mim. E para Niklas. Depois para Victor de novo.

— Olhem, eu-eu disse a ele para esquecer o assunto — diz Hamburg, ainda gaguejando. — Não fui eu que mandei. Fa-falei para não procurar nenhum de vocês.

O suor brota em seu rosto rechonchudo, brilhando no queixo duplo. As axilas de sua camisa branca estão empapadas, a umidade se espalhando depressa pelo tecido. O colarinho da camisa muda de cor ao absorver o líquido como uma toalha de papel barata.

Fico de pé.

— Você é um mentiroso. — Ando devagar na direção dele. — Mas não importa. Não estou aqui por causa de Willem Stephens. Estou aqui por sua causa.

Hamburg anda para trás conforme me aproximo, seu rosto inchado e enrugado contorcido de pavor, suas mãos grossas tateando atrás de si, procurando a porta ou uma parede.

Fredrik fica na frente da porta, bloqueando o caminho de Hamburg, que para. Vejo sua garganta se mover quando ele engole em seco. O medo em seus olhos é cada vez maior.

Ele continua olhando para Victor e Niklas atrás de mim, sempre concentrando sua atenção em Victor por último.

Victor se afasta da varanda e vem para o meu lado.

— Olhem aqui, eu cumpri minha promessa, cacete! — grita Hamburg, aprofundando as rugas ao redor dos olhos. Ele aponta um dedo gordo para nós, adornado por um grosso anel de ouro. — Nunca fui atrás de nenhum de vocês depois que mataram minha esposa! Cumpri minha promessa! — Ele aponta para mim. — Foi você que veio atrás de *mim*! V-você começou tudo isso!

Balanço a cabeça e sorrio para ele, rindo do desespero e do medo. Só isso já me dá alguma satisfação, vê-lo se retorcer, ver o modo como está implorando por sua vida sem fazê-lo de forma explícita.

Eu me aproximo mais um pouco.

Hamburg não se mexe porque não consegue. Fredrik está atrás dele.

— Ah, isso não tem nada a ver comigo — diz Victor para Hamburg. — Eu cumpri minha promessa. Nunca fui atrás de você. Izabel, por outro lado... — Victor está provocando, do jeito relaxado que é sua marca registrada. — Bom, você não fez nenhum acordo com ela, para a sua infelicidade. E eu não sou o dono dela. Nunca fui. Ela está aqui por vontade própria, e não há nada que eu possa fazer a respeito.

Hamburg olha diretamente para mim, a raiva em seu rosto se transformando em algo mais patético.

— P-por favor... eu faço o que você quiser. Dou o que você quiser. Meu dinheiro. Minha casa. É só pedir, é tudo seu. Eu tenho milhões.

Chego perto dele e sinto o cheiro fétido de seu suor. Ele me olha nos olhos, com uma expressão cheia de ódio e horror. Seu corpanzil treme a centímetros do meu, e sei que, se ele achasse que poderia sair impune, me agarraria agora e me estrangularia até a morte.

De repente sua expressão muda, combinando melhor com as palavras ríspidas:

— Você não vai fazer isso — provoca ele, desdenhando de mim com frieza e me encarando. — Não é capaz de matar a sangue-frio. Você matou meu segurança em legítima defesa. Não vai me matar. Não assim. — Há humor em seus olhos.

Fico alerta diante dele, com o indicador apoiado na lâmina do meu punhal, encostado na minha perna. Não digo nada. Só o observo, com um sorriso tênue, mas óbvio, achando graça de suas tentativas inúteis de salvar a própria vida.

Ele dá um passo para a esquerda e começa a se afastar. Eu deixo.

— Vou servir uma bebida para vocês — diz ele, levantando um dedo. Ele tira o paletó gigante e o coloca nas costas da poltrona de couro perto da mesa de mármore. Então começa a desabotoar a camisa.

Chego por trás dele como um fantasma, passando a lâmina em sua garganta antes que ele consiga tirar os dedos do último botão. Um som arrepiante de gargarejo se espalha pelo quarto, seguido por Hamburg se engasgando com o próprio sangue. Ele ergue as mãos como se estivesse tentando escapar de um saco plástico. O vermelho espirra da lateral do seu pescoço, e ele cai de joelhos pressionando o corte com as mãos. O sangue escorre por entre todos os dedos e empapa sua camisa.

Eu o observo. Não com horror, arrependimento ou tristeza, mas com um sentimento de vingança. Meus olhos parecem se abrir ainda mais, atingidos pela brisa que vem da varanda. Não consigo parar de olhar. Não consigo virar a cabeça. Mas posso sentir os olhos de Victor, Fredrik e Niklas em mim, observando como me regozijo no momento do meu primeiro assassinato oficial a sangue-frio.

Hamburg engasga e chora, lágrimas caindo, enquanto vou para diante dele e me agacho. Eu o examino, o modo como seu rosto se contorce, o modo como o vermelho do sangue faz contraste com o branco da camisa. Vejo o terror em seus olhos, o medo do desconhecido tomando conta dele bem depressa.

Um sorrisinho aparece no canto da minha boca.

Hamburg cai para a frente no chão, seu corpo pesado tremendo e estremeando só por alguns momentos antes de ficar imóvel. Ele jaz com a bochecha encostada no piso de mármore, a boca aberta, assim como os olhos. Eles olham para o nada, estão cheios de nada. O sangue empoça ao redor da cabeça e do peito, encharcando as roupas.

Ainda agachada diante dele, me apoio nas pontas dos pés e me aproximo do corpo, com os antebraços apoiados nas pernas.

— É isso que aquelas pessoas que você matou estranguladas sentiram — sussurro para o cadáver de Hamburg.

Fico de pé e dou um passo para trás, antes que o sangue empoçando no chão chegue à minha bota. Um por um, olho para Fredrik, Niklas e depois Victor, e todos manifestam a mesma aprovação silenciosa. Mas é nos olhos de Victor que vejo muito mais. Um elo eterno entre nós, criado não por este momento, mas por aquela noite em que nossos caminhos se cruzaram no México. Jogados um na vida do outro por um capricho do destino e mantidos unidos pelas nossas raras semelhanças e nossa necessidade de ficarmos juntos.

Somos um só.

CAPÍTULO TRINTA

Izabel

Um ano depois...

Victor entra no banheiro da nossa casa em Nova York e me encontra relaxando em um banho de espuma. Despreocupada, eu o vejo tirar a arma da parte de trás da calça e deixá-la na bancada. Meu cabelo está preso no alto da cabeça em um coque desalinhado. Estou deitada na banheira com os braços estendidos nas laterais, um joelho fora da água, parcialmente coberto pela espuma. Foi um dia cheio. Matei John Lansen, presidente da Balfour Enterprises e estuprador de primeira linha, e ainda tenho o sangue dele debaixo das unhas.

Fecho os olhos e relaxo.

— Onde você estava? — pergunto para Victor, sem levantar a nuca da banheira.

— Limpando a sua sujeira — responde ele, calmo.

Compelida a olhá-lo depois dessa acusação, abro os olhos novamente e o vejo de pé ao meu lado.

— Como assim? Foi um serviço limpo.

Ele ergue uma sobrancelha e olha para as minhas mãos.

— É mesmo? — pergunta ele, em tom acusatório. — Limpo significa sem sangue. Sem digitais. Sem deixar nada para trás, nem o seu cheiro.

Suspiro e fecho os olhos.

— Victor — digo, fazendo gestos dramáticos por cima da borda da banheira. — Eu não deixei nada para trás. Limpei tudo depois. Não ficou nada. Pergunta para o Fredrik. Ele estava lá. Verificou tudo depois.

Sinto o corpo de Victor mais perto quando ele se senta na borda da banheira.

— Mas quais são as ordens que eu dei, Izabel? — questiona ele, com tanta calma quanto antes. — Antes de começar essa missão com Fredrik, o que eu pedi?

— Nada de sangue — respondo, ainda de olhos fechados. — Envenene o cara, para parecer um ataque cardíaco.

Abro os olhos de novo e encontro seu olhar dominador, o verde de seus olhos mais escuro do que de costume.

— Veneno é o lance do Fredrik, não o meu.

— Você desafiou minhas ordens. E vai ser a última vez.

Sorrio para Victor e afundo as mãos na água para sentir a espuma na pele. Sei que Victor não está bravo de verdade comigo. Isso se tornou um jogo que fazemos: às vezes faço o contrário do que ele manda, e ele me castiga. É o tipo de jogo em que ambos ganhamos. Eu jamais teria desafiado as ordens dele em uma missão importante. John Lansen era só uma ponta solta, e mais uma das minhas missões de treinamento.

— O que você vai fazer comigo, Victor? — pergunto, com um brilho sedutor nos olhos. Tiro a perna esquerda da água e a apoio na borda da banheira, atrás de onde ele está sentado. — Vai me castigar?

Com a manga já arregaçada acima do cotovelo, sua mão direita percorre lentamente o comprimento da minha perna e mergulha na água. Gemo quando seus dedos me encontram.

— Vou tirar você do trabalho de campo até aprender a se controlar — diz ele, pondo dois dedos entre meus lábios inferiores.

Minha nuca pressiona com mais força a borda da banheira e minhas pernas se abrem mais.

— E se eu nunca conseguir me controlar? — pergunto, ofegante, mal capaz de me concentrar na conversa, com seus dedos se movendo entre minhas pernas daquela maneira.

Ele é um canalha. E eu o amo pra caralho por isso.

Dois dedos entram em mim e minhas pernas começam a enrijecer e formigar quando seu polegar esfrega com força meu clitóris em um movimento circular.

— Abra os olhos — manda ele em voz baixa, mas imperiosa.

Abro, só um pouco, pois está cada vez mais difícil controlar minhas pálpebras. Solução, gemo e mordo meu lábio inferior com tanta força que dói.

— Se você não conseguir se controlar, então não terei escolha.

— Não terá escolha... do quê? — Meu peito nu sobe e desce. Mexo na água procurando sua mão, fechando os dedos em volta do seu pulso forte e descendo até os dele, que continuam se movendo em círculos.

Então ele para.

Ele tira a mão da água, fica de pé e enxuga o braço com minha toalha, pendurada na porta do boxe.

Olho para ele sem entender.

Ele sai do banheiro e me deixa sentada lá, sozinha, insatisfeita e sexualmente frustrada.

— Ei! — grito para ele. — Aonde você vai, cacete?!

Nenhuma resposta.

— *Victor!*

Nada.

Rosno baixo, fico de pé e saio da banheira. Pego a arma de Victor com minha mão molhada e ensaboada e vou para o nosso quarto. Ele está de costas para mim, perto da nossa cama king-size, tirando a camisa com uma graça casual e desinteressada, o que só me deixa mais frustrada.

Chego por trás dele, ensopada, pingando água e espuma no chão, e começo a apontar a arma para suas costas. Mas Victor é rápido demais e se vira, tirando a arma da minha mão e enfiando-a sob o meu queixo, tudo em dois segundos, que passam por mim como um borrão.

O cano frio toca minha pele. A intensidade nos olhos dele provoca uma onda de calor no meu corpo e entre minhas coxas. Meus seios estão pressionados no seu tórax duro e quente, sua mão livre posicionada no meio das minhas costas, com seus longos dedos abertos.

— Nenhuma disciplina, Izabel. — Ele estuda o meu rosto com um movimento faminto e calculado dos olhos. Ele lambe o canto da minha boca e enfia mais a arma na minha garganta. — Você nunca vai aprender.

Tento beijá-lo, procurando sua boca com a minha, mas ele me rejeita, me provocando com a distância de seus lábios, a 2 centímetros dos meus.

Ele me lambe de novo. E então me joga na cama e se encaixa no meio das minhas pernas nuas, ainda vestido da cintura para baixo com a calça preta. Estremeço quando sinto sua ereção me pressionando sob a calça. Meu corpo se desfaz em calafrios quando ele passa a ponta da língua de baixo para cima entre os meus seios.

Ele beija um lado do meu queixo, depois outro.

— Talvez você devesse se livrar de mim — sussurro nos lábios dele.

— Nunca — diz Victor, me beijando de leve uma vez. — Você é minha enquanto respirar. — A boca dele cobre a minha, faminta.

Foi assim que me tornei o que sou, uma escrava sexual transformada em assassina. E foi o início não só de um caso de amor entre mim e Victor, mas também de um novo círculo clandestino de assassinos, tão secreto que nem tem nome.

Quatro viraram cinco seis semanas atrás, quando recebemos o diabo louro de olhos castanhos, Dorian Flynn, no nosso grupo. E, embora haja muitos que trabalham para nós, espalhados por vários países, nós cinco somos o centro de toda a operação, com ninguém menos do que Victor Faust no comando de tudo.

Niklas continua um canalha insuportável, que adora dinheiro, mulheres e me deixar puta. De maneira indireta, é claro, mas ele sabe o que está fazendo. Mesmo depois de um ano, ele e eu praticamente nos desprezamos. Talvez eu o despreze um pouco mais do que ele a mim, mas nós nos suportamos, por Victor. A maior parte do tempo, evitamos cruzar o caminho um do outro. Ainda preciso ficar quite com Niklas e atirar nele. Mas essa hora vai chegar. Um dia.

Quanto a Fredrik, as mulheres ainda o adoram, mas desisti de tentar entendê-lo há muito tempo. Entender por que as mulheres praticamente tiram a calcinha quando o veem. Concluí que a única maneira de saber seria dormir com ele. Mas, como isso nunca vai acontecer, decidi manter o mistério. Mas

Fredrik é como um irmão para mim, e, como Victor, não consigo imaginar ficar sem ele na minha vida. Sem perceber, ele tenta correr atrás de mim com aqueles malditos curativos de vez em quando, seja depois de uma sessão brutal de treinamento com Victor, seja na noite em que levei uma facada no ombro durante uma missão. Preciso lembrar a Fredrik, usando minha voz mais inclemente de Izabel Seyfried, de não me tratar como uma garotinha frágil. Lá no fundo, contudo, gosto de ver como ele é protetor comigo. Só que nunca vou contar isso a *ele*.

Dina, a mãe que eu deveria ter tido há 24 anos, agora mora em Fort Wayne, Indiana. Nós a instalamos em um abrigo tão pequeno e modesto quanto sua casa em Lake Havasu City. Victor tentou convencê-la a morar em um lugar grande e imaculado porque queria que ela tivesse o melhor, mas ela recusou. “Gosto das coisas simples”, disse ela naquele dia.

Dina ainda não sabe tudo sobre o que fazemos, mas é mais seguro assim, e ela aceita isso. E quanto ao abrigo dela, só é aberto para mim e para Victor. Eu a visito uma vez por mês. Mas a saúde dela está piorando. Eu me preocupo mais com ela do que comigo mesma ou com Victor. Mas ela é uma velha forte, e acho que ainda vai viver por muitos anos.

Quanto a Amelia McKinney, Fredrik não a matou. Matar mulheres inocentes não é o estilo dele. Ele a instalou em outro abrigo do outro lado do país, em algum lugar de Delaware. Nova identidade. Novo tudo. Mas ele nunca a visita. A última coisa que ele quer é uma mulher achando que ele está interessado em algo mais do que sexo.

Essa é a história da vida de Fredrik.

Conforme o prometido, depois que terminamos com Hamburg e Stephens, começamos a bolar uma estratégia para matar os irmãos de Javier Ruiz e libertar as garotas aprisionadas na fortaleza mexicana. Passei por seis meses de treinamento massacrante — treinamento *de verdade*, não apenas ser largada em algum lugar para estranhos me ensinarem — antes de partirmos para a missão. Infelizmente, a maioria das garotas da fortaleza que eu conhecia já tinha sido vendida ou estava morta quando chegamos lá. Matei Luis e Diego Ruiz, cortei a gargantas deles como fiz com Hamburg, depois que Victor, Niklas e Dorian

derrubaram os guardas ao redor e dentro da fortaleza com uma chuva de balas. Não sou tão boa com armas de fogo e ainda preciso treinar muito. Por anos. Mas consigo fazer o serviço com minha coleção cada vez maior de punhais. E estou aprendendo mais a cada dia.

Quando a missão no México acabou e salvamos quem era possível — seis garotas, no total, tão traumatizadas que, mesmo livres, imagino que não consigam muita coisa na vida —, fomos atrás dos homens que as compravam. E ainda hoje, como amanhã e daqui a um ano, nós os procuramos e os eliminamos. Vai ser um longo caminho até localizarmos todos eles e lhes dar o que merecem, mas não vou parar enquanto não terminar.

Mais importante do que tudo, sobretudo para mim, é eliminar a Ordem. Vai demorar muito tempo até que eu possa de fato dormir tranquila à noite, sabendo que há homens procurando Victor a cada hora do dia. É uma empreitada muito mais perigosa e complexa do que provavelmente qualquer missão que realizaremos.

A Ordem é imensa, com milhares de membros, e é uma das mais antigas organizações de assassinos ainda existente. Vai levar algum tempo. Mas vai ser feito, mesmo que seja a última coisa de que eu participe.

Victor é a minha vida e eu vou morrer ajudando a protegê-lo.

Mas essa missão vai continuar a ser uma empreitada difícil, agora que Fredrik precisou sair por causa das suspeitas e não temos mais olhos e ouvidos confiáveis lá dentro. Temos novos informantes infiltrados na Ordem, mas eles ainda não provaram ser confiáveis como Fredrik.

E Victor... Victor continua pensando só no trabalho. Ainda é o assassino de aluguel e a sangue-frio, com nenhuma ou quase nenhuma consciência, quando o assunto é cumprir uma missão. Ele ainda parece desprovido de emoções, impiedoso e mortal em todos os sentidos. A portas fechadas, no entanto, quando estamos a sós, ele é outro homem. Ele me ama sem precisar dizer. Ele me adora sem ter que provar. Quando ele me toca, sei o que está pensando, o que realmente sente por trás daquela máscara que usa diante dos outros. Sou a única alma que ele já deixou entrar em sua vida completamente. E a única que ele nunca irá abandonar.

Ele se tornou o meu “herói”, no fim das contas. Minha alma gêmea que jamais vai deixar que nada de ruim aconteça comigo. Confio minha vida a ele, por mais que ele me diga para sempre confiar primeiro nos meus instintos. A verdade é que tudo o que fazemos é arriscado. Dar um passo para fora da porta. Dar um telefonema. Comer um pãozinho em uma lanchonete. Todos com quem cruzamos são ameaças até que provem o contrário. Qualquer um de nós pode morrer a qualquer momento. Mas pelo menos sei que Victor vai me pôr sempre em primeiro lugar e fazer tudo o que pode para me manter a salvo, como sempre vou fazer por ele.

Ficar um passo à frente da morte é o nosso estilo de vida. É o *meu* estilo de vida, e acredito que era para ter sido assim desde sempre. Contudo, por mais estranho que pareça, me sinto perfeitamente segura na companhia de assassinos.

Fredrik Gustavsson não conhecia
o sentido da palavra amor até encontrar
Seraphina. Conheça a história deles em

O CISNE

E O *Chacal*